LEGENDS

STAR WARS™

TIMOTHY ZAHN

HERDEIRO DO IMPÉRIO

Timothy Zahn

Star
Wars
Herdeiros do Império

Trilogia Thrawn • Volume 1

Best Seller

Timothy Zahn

HERDEIROS DO IMPÉRIO

Guerra Nas Estrelas

Tradução de
CELSO NOGUEIRA

Formatação de
LEYTOR

Título original: *STAR WARS: HEIR TO THE EMPIRE*

EDITORA BEST SELLER
uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda.
Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 - CEP 01410-901 - Caixa Postal 9442
São Paulo, SP

CIRCULO DO LIVRO
Caixa postal 7413 01051 São Paulo, Brasil
Fotocomposto na Editora Nova Cultural Ltda. Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

A HISTÓRIA FUTURISTA EXTREMAMENTE HUMANA, NUM GENIAL CENÁRIO DE AVANÇO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

A milhares de anos-luz de distância, o último guerreiro do Império assume o comando da frota e descobre segredos capazes de abalar a frágil República que se inicia, com o apoio do jovem herói Jedi, Luke Skywalker. O resultado é Herdeiros do Império, um épico alucinante, em que Timothy Zahn mescla ação, criatividade e mistério, num espetáculo em escala galáctica.

Um mestre da ficção científica, Timothy Zahn. retoma a consagrada saga de *Guerra nas Estrelas* nesta fábula da era espacial, brilhante por seu estilo ágil e espetacular por sua incrível originalidade.

TIMOTHY ZAHN,
UM CONSAGRADO MESTRE DA FICÇÃO CIENTÍFICA, O GENIAL CRIADOR DE *GUERRA NAS ESTRELAS*.

1

— Capitão Pellaeon? — a voz ecoou, vinda do acesso dos tripulantes a bombordo, sobrepondo-se ao ruído das conversas.

— Mensagem da sentinela: as naves de busca, encarregadas da missão, acabam de sair da velocidade da luz.

Pellaeon, debruçado por cima do ombro do oficial que controlava o monitor da ponte do *Quimera,* ignorou o grito.

— Investigue este setor para mim — ordenou, tocando com a caneta o diagrama exibido na tela.

O engenheiro olhou para cima, sem entender.

— Senhor?...

— Eu já ouvi — Pellaeon retrucou. — Dei uma ordem, tenente.

— Sim, senhor — o oficial obedeceu, iniciando a localização solicitada.

— Capitão Pellaeon? — a voz se fez ouvir, desta vez mais próxima.

Concentrado no monitor, Pellaeon esperou até escutar o som dos passos.

Então, com a imponência adquirida em cinqüenta anos de serviços prestados à frota imperial, empertigou-se e encarou o tripulante.

O jovem oficial, em seu passo duro, deteve-se abruptamente.

— Bem, senhor... — Olhou para Pellaeon e sua voz sumiu. Pellaeon deixou que o silêncio pairasse no ar pelo tempo necessário para atrair a atenção dos mais próximos.

— Não estamos na feira pecuária de Shaum Hii, tenente Tschel — declarou friamente, mantendo a voz calma. — E sim na ponte de comando de um destróier estelar do Império. Ninguém deve gritar informações de rotina na direção do destinatário. Ninguém, entendeu bem?

Tschel engoliu em seco.

— Sim, senhor.

Pellaeon o encarou por alguns segundos ainda, e, com um movimento quase imperceptível da cabeça, ordenou:

— Agora, seu relatório.

— Sim, senhor. — Tschel engoliu em seco outra vez. — Recebemos uma mensagem das naves senti nelas, senhor: as naves de busca retornaram da missão de levantamento no sistema Obroa-skai.

— Muito bem — Pellaeon disse. — Algum problema?

— Nada sério, senhor. Os nativos naturalmente melindraram-se com o acesso não autorizado a seu sistema central de informação. Segundo o comandante da esquadrilha, conseguimos despistar a tentativa de perseguição.

— Assim espero — Pellaeon disse lacônico.

Obroa-skai situava-se numa posição estratégica na região de fronteira, e os relatos da inteligência indicavam que a Nova República

investia pesadamente para conquistar seu apoio. Se encontrassem naves diplomáticas armadas no momento da visita... Bem, ele logo saberia.

— Ordene ao comandante da esquadrilha que compareça à ponte para relatar os fatos assim que as naves pousarem — disse a Tschel. — E, coloque a linha de sentinela em alerta amarelo. Dispensado.

— Sim, senhor. — Dando meia-volta, numa imitação razoável do movimento militar, o tenente dirigiu-se ao console das comunicações.

O *jovem* tenente... metido nisso, refletiu Pellaeon, algo amargurado. Aí residia todo o problema. Nos velhos tempos — no auge do poder do Império — seria inconcebível encontrar um rapaz como Tschel servindo na ponte de comando de uma nave como a *Quimera.* Agora...

Ele fitou outro jovem, responsável pelo monitor. Agora, em contraste, a bordo só via moças e rapazes.

Lentamente, Pellaeon percorreu a ponte com a vista, sentindo no estômago as pontadas dos velhos ódios e rancores. Sabia muito bem que não faltaram na Frota comandantes militares que consideraram a *Estrela da Morte* original, no Império, como uma tentativa descarada de concentrar poderes militares imensos nas mãos do Imperador, a exemplo do que ocorrera com o poder político. Ignorar a óbvia vulnerabilidade da estação de combate e insistir na construção da segunda *Estrela da Morte* apenas reforçou tal suspeita. Poucos, nos altos escalões da Frota, realmente lamentariam sua perda... caso não tivesse arrastado, nos estertores finais, o Super destróier estelar *Executor.*

Mesmo depois de cinco anos, Pellaeon sofria ao lembrar da cena: o *Executor,* descontrolado, colidindo com a *Estrela da Morte* inacabada, para se desintegrar totalmente quando da explosão da imensa estação de combate. A perda de uma nave, em si, já teria sido péssima; perder o *Executor,* todavia, foi trágico. Aquele destróier estelar, em especial, servira como nave pessoal de Darth Vader, e apesar dos caprichos lendários — e por vezes mortíferos — do Senhor das Trevas, servir ali sempre fora considerado o caminho mais rápido para uma promoção.

Quando o *Executor* desapareceu, portanto, levou consigo um número considerável de oficiais e tripulantes de alto nível.

A Frota jamais se recuperou de tamanho fiasco. Com a morte da liderança, a bordo do *Executor,* a batalha rapidamente escapou do controle. Vários outros destróieres se perderam, antes que a ordem de retirada fosse finalmente dada. Pellaeon mesmo, assumindo o comando quando o antigo comandante do *Quimera* morreu, fez o melhor possível para manter o controle; mas, apesar de todos os seus esforços, jamais recuperaram a iniciativa no combate aos Rebeldes. Pelo contrário, foram firmemente rechaçados... até que chegaram

onde estavam agora.

Ali, no passado apenas os confins do Império, mantinham no máximo um quarto dos sistemas sob controle imperial, segundo os mapas. Ali, vivia a bordo de um destróier estelar tripulado quase que exclusivamente por jovens inexperientes, muitos convocados em seus planetas de origem com o recurso da força ou de ameaças. Ali estavam sob o comando do maior gênio militar que o Império já vira.

Pellaeon sorriu — um sorriso crispado, lupino — e novamente varreu a ponte com o olhar. Não, o fim do Império ainda tardaria. E a Nova República, como a chamavam com arrogância, logo descobriria isso.

Consultou o relógio. Duas e quinze. O Grande Almirante Thrawn meditava neste momento, em sua cabine de comando... E se o protocolo imperial condenava gritos na ponte de comando, desaconselhava mais ainda que se interrompesse a meditação de um Grande Almirante pelo intercomunicador. Com ele, falava-se pessoalmente, ou não se falava.

— Prossiga na verificação daquelas linhas — Pellaeon ordenou ao jovem tenente antes de rumar para a porta. — Volto em seguida.

A nova cabine de comando do Grande Almirante situava-se a dois níveis abaixo da ponte, em um espaço que antes abrigava a luxuosa suíte de entretenimento do antigo comandante. Quando Pellaeon descobriu Thrawn — ou melhor, quando o Grande Almirante o descobriu — uma de suas primeiras providências foi transformar a suíte numa segunda ponte de comando, na prática.

Uma segunda ponte, uma sala de meditação... e talvez algo mais. Não constituía segredo, a bordo da *Quimera,* que, desde o término da reforma, o Grande Almirante passava boa parte de seu tempo ali. O segredo estava no que fazia exatamente, durante estas longas horas.

Ao aproximar-se da porta, Pellaeon ajeitou a farda e empertigou-se. Talvez descobrisse agora.

— Capitão Pellaeon solicita permissão para ver o Grande Almirante Thrawn — anunciou. — Tenho informa...

A porta se abriu antes que ele terminasse a frase. Preparando-se mentalmente, Pellaeon penetrou no vestíbulo mal iluminado. Olhou em volta, não viu nada de interessante, e seguiu até a porta da sala principal, cinco passos adiante.

Um sopro de ar em sua nuca foi o único sinal de alerta.

— Capitão Pellaeon — a voz profunda, felina, soou próxima à seu ouvido.

Pellaeon deu um pulo, e meia-volta, amaldiçoando tanto a si mesmo quanto a criatura baixa e peluda a menos de meio metro de distância.

— Diabos, Rukh — resmungou. — O que pretende com isso? Por

um momento, Rukh apenas o observou, e Pellaeon sentiu um filete de suor escorrer por suas costas. Olhos negros descomunais, mandíbula projetada, deixando à mostra os dentes pontiagudos, faziam de Rukh um pesadelo, mais ainda na penumbra do que sob as luzes normais.

Especialmente para alguém como Pellaeon, que sabia a razão da presença do noghri Rukh, sempre junto a Thrawn.

— Faço meu serviço — Rukh disse finalmente. Apontou, quase descontraído, para a porta, e Pellaeon vislumbrou a faca assassina antes que ela sumisse entre as dobras do traje do noghri. A mão se fechou, abrindo-se novamente sob o comando dos músculos poderosos que se flexionavam debaixo da pele cinzenta. — Pode entrar.

— *Muito* obrigado — Pellaeon rosnou. Ajeitando a túnica mais uma vez, dirigiu-se à porta, que se abriu. Ele entrou...

Em um museu de arte suavemente iluminado.

Parou assim que se viu dentro da sala, e olhou em volta, atônito. As paredes e o teto abobadado eram cobertos de quadros e telas, alguns vagamente humanos na aparência, a maioria claramente alienígena. Diversas esculturas preenchiam os espaços restantes, soltas ou sobre pedestais. No centro via-se um duplo círculo de reproduções holográficas, sendo o círculo externo ligeiramente mais alto do que o interno. Ambos, observou Pellaeon, também continham obras de arte.

No centro dos círculos, sentado numa duplicata da poltrona de Grande Almirante instalada na ponte, esperava-o o Grande Almirante Thrawn.

Ele se mantinha imóvel, os cabelos azuis quase negros brilhavam na luz difusa, a pele azul pálida parecia fresca, descolorida e deslocada naquela figura, humana em todos os outros aspectos. Seus olhos semicerrados deixavam entrever apenas um mínimo de reflexo vermelho entre as pálpebras. A cabeça repousava no encosto alto.

Pellaeon umedeceu os lábios, repentinamente inseguro por ter invadido os aposentos de Thrawn daquela forma. Se o Grande Almirante se zangasse...

— Aproxime-se, capitão — Thrawn disse, interrompendo com a voz calma e modulada os pensamentos de Pellaeon. Os olhos permaneciam quase fechados, mas ele gesticulou, em um movimento preciso e contido da mão.

— O que acha?

— Tudo... muito interessante, senhor — foi a única resposta que Pellaeon conseguiu formular, ao passar pelo círculo externo.

— Apenas hologramas, claro. — Thrawn deixou escapar certa decepção.

— Tanto as esculturas quanto as telas. Alguns se perderam, muitos encontram-se hoje em planetas ocupados pela Rebelião.

— Sim, senhor. — Pellaeon balançou a cabeça em concordância. —

Imaginei que gostaria de ser informado, almirante, que as naves de busca retornaram do sistema Obroa-skai. O comandante da esquadrilha, em poucos minutos, se apresentará para fazer seu relatório.

Thrawn meneou a cabeça.

— Conseguiram entrar no sistema da biblioteca central?

— Pelo menos obtiveram parte das informações. Eu ainda não sei se chegaram a copiar todos os arquivos. Consta que houve uma tentativa de perseguição. O comandante, contudo, acredita que os despistou.

Thrawn permaneceu em silêncio por um momento.

— Duvido disso. Em especial se os perseguidores pertencem à Rebelião.

— Respirando fundo, empertigou-se na poltrona, e pela primeira vez, desde a entrada de Pellaeon, abriu os brilhantes olhos vermelhos.

Pellaeon encarou-o sem piscar, sentindo uma pontada de orgulho por sua firmeza. Muitos, dentre os comandantes e conselheiros do Imperador, jamais se sentiram à vontade ao fitar aqueles olhos. Ou qualquer outra parte de Thrawn, para dizer a verdade. Talvez por isso o Grande Almirante tivesse passado a maior parte de sua carreira nas Regiões Inóspitas, lutando para estender o controle imperial àquelas áreas ainda selvagens da galáxia. Seu estrondoso sucesso resultou no título de Senhor da Guerra, o que lhe valeu o direito de usar o uniforme branco de Grande Almirante — o único não- humano a quem o Imperador concedeu tal honraria.

Ironicamente, isso o tornara ainda mais indispensável nas campanhas de fronteira. Pellaeon com freqüência se perguntava qual teria sido o desfecho da Batalha de Endor, caso Thrawn, e não Vader, comandasse o *Executor*.

— Sim, senhor. Ordenei que as sentinelas entrassem em alerta amarelo. Devo passar para o alerta vermelho?

— Ainda não — Thrawn disse. — Dispomos de mais alguns minutos. Diga-me, capitão, a arte o interessa?

— Bem... não muito. — Pellaeon hesitou, confuso com a mudança de assunto. — Nunca me sobrou tempo suficiente para apreciá-la.

— Deveria se esforçar para aprender mais a respeito da arte. — Thrawn gesticulou, apontando para um setor do círculo interno, à sua direita. — Pinturas Saffa — disse, identificando as obras. — Cerca de 1550 a 2200, data pré-imperial. Note que as alterações de estilo — bem aqui — mostram o contato com Thenqora. E ali — apontou para a parede à esquerda —, encontramos belos exemplos da arte extrassa de Paonidd. Perceba as semelhanças com o estilo inicial Saffa, e também com as esculturas planas da metade do século dezoito, pré-imperial, de Vaathkree.

— Sim, percebo — Pellaeon disse, sem muita convicção. — Almirante, não deveríamos...

Não terminou a frase, cortado pelo ruído agudo do alarme.

— Ponte ao Grande Almirante Thrawn — ecoou a voz ríspida do tenente Tschel, pelo intercomunicador. — Senhor, estamos sob ataque!

Thrawn acionou o interruptor.

— Thrawn falando — disse inalterado. — Acione o alerta vermelho e diga o que temos na tela. Com calma, se for possível.

— Sim, senhor. — As luzes vermelhas começaram a piscar, e Pellaeon percebeu, distantes, as sirenes disparadas na área externa da sala. — Os sensores identificaram quatro fragatas de ataque da Nova República — Tschel prosseguiu, a voz tensa relativamente bem controlada agora. — E pelo menos três esquadrilhas de caças asa-X. Formações simétricas em "V", penetrando no setor de nossas naves de busca que retornam.

Pellaeon praguejou baixinho. Um único destróier estelar, tripulado por garotos, contra quatro fragatas de ataque e suas esquadrilhas de caças...

— Motores a toda força — ordenou pelo intercomunicador.

— Preparar o salto para a velocidade da luz. — Ele deu um passou em direção à porta.

— Cancele a ordem de salto — Thrawn disse, ainda glacialmente calmo.

— Tripulantes dos caças TIE em seus postos; ativar escudos defletores.

Pellaeon virou-se para ele.

— Mas, almirante...

Thrawn o cortou, erguendo a mão num gesto firme.

— Venha até aqui, capitão — ordenou o Grande Almirante.

— Venha ver uma coisa.

Ele tocou um interruptor. De repente, todas as obras de arte haviam desaparecido. A sala tornou-se uma miniatura da ponte de comando, com leme, motor, monitores de armamentos nas paredes e pedestais. As telas vazias transformaram-se em canais para visores holográficos de combate tático. No canto, uma esfera piscava, indicando a posição dos invasores. O monitor na parede mais próxima indicava uma estimativa ETA de doze minutos.

— Felizmente, as naves de busca não correm perigo, em função da vantagem conseguida — Thrawn comentou. — Vamos ver com o que estamos lidando, exatamente. Ponte: ordene que as três naves de sentinela mais próximas ataquem.

— Sim, senhor.

Na outra ponta da sala, três pontos azulados deslocaram-se da

linha de sentinela, assumindo a forma de vetores de interceptação. Com o canto do olho Pellaeon viu que Thrawn debruçava-se na poltrona, para ver que as fragatas de ataque e respectivos caças asa-X reagiam ao contra-ataque. Um dos pontos azuis piscou e sumiu da tela...

— Excelente — Thrawn disse, recostando-se na poltrona. — Já basta, tenente. Chame as duas naves restantes, e providencie para que a linha do Setor Quatro embaralhe o curso dos invasores.

— Sim, senhor — Tschel disse, mostrando-se um tanto confuso. Pellaeon compreendia bem a perplexidade do rapaz.

— Não deveríamos pelo menos alertar o resto da Frota? — sugeriu, notando a tensão na voz. — A *Face da Morte* poderia se unir a nós em vinte minutos, e a maioria das outras naves em menos de uma hora.

— A pior coisa a fazer, no momento, seria concentrar nossas forças aqui, capitão — Thrawn retrucou, encarando Pellaeon com um sorriso débil nos lábios. — Afinal, *poderia* haver sobreviventes, e não queremos que a Rebelião saiba nada a nosso respeito, certo?

Sem esperar pela resposta, ele se concentrou novamente nos monitores.

— Ponte: quero uma rotação de vinte graus a bombordo, que nos leve direto ao curso dos invasores, com a superestrutura apontada para eles. Assim que atingirem nosso perímetro, a linha de sentinelas do Setor Quatro deve retomar sua formação, atrás deles, e embaralhar todas as transmissões.

— Sim, senhor. Mas?...

— Não precisa entender, tenente — Thrawn falou, rispidamente. — Apenas obedeça.

— Sim, senhor.

Pellaeon tomou fôlego quando os monitores mostraram a lenta rotação da *Quimera,* conforme as ordens dadas.

— Temo que eu também não tenha compreendido a manobra, almirante — ele arriscou. — Virar a superestrutura para eles...

Mais uma vez, Thrawn ergueu a mão para interrompê-lo.

— Observe e aprenda, capitão. Muito bem, ponte: interrompa a rotação e mantenha esta posição. Desligue os escudos defletores da área de atracação, aumente ao máximo a potência dos demais escudos. Esquadrões de caça TIE: atacar assim que for possível. Avancem em linha reta, por dois quilômetros, depois executem manobra de varredura, em formação aberta. Velocidade de ataque, marcação por zona.

Ao receber a confirmação, ele olhou para Pellaeon.

— Entende agora, capitão? Pellaeon mordeu o lábio.

— Temo que ainda não — admitiu. — Vejo agora o motivo para virar a nave. Quer proteger a retirada dos caças. Mas o resto não passa

de uma manobra Marg Sabl de emboscada. Eles não vão cair numa armadilha tão simples.

— Pelo contrário — Thrawn corrigiu-o friamente. — Não apenas cairão, como serão totalmente destruídos. Observe, capitão. E aprenda.

Os caças TIE decolaram, afastando-se da *Quimera,* e mudaram de direção no espaço, abrindo um leque amplo, como o jato de uma fonte exótica. As naves invasoras perceberam o ataque, e mudaram seu curso.

Pellaeon piscou.

— Mas o que eles vão tentar?

— Eles tentam a única defesa que conhecem contra uma Marg Sabl — Thrawn afirmou com indisfarçável satisfação. — Ou, para ser mais exato, a única defesa de que são psicologicamente capazes de adotar. — Indicou a esfera luminosa. — Como pode ver, capitão, há um comandante elom naquela força... e os elomins não conseguem lidar adequadamente com o perfil de ataque desestruturado de uma Marg Sabl bem executada.

Pellaeon acompanhou a derrota dos invasores, que assumiram uma posição defensiva inteiramente inútil... e compreendeu a atitude de Thrawn.

— O ataque das naves sentinelas há poucos minutos permitiu que soubesse que enfrentávamos uma força elomin?

— Estude arte, capitão — Thrawn disse em tom de devaneio. — Quando compreendemos a arte de um povo, compreendemos a mente deste povo. Empertigando-se na poltrona, ordenou: — Ponte: preparar ataque pelo flanco. Vamos entrar na batalha.

Uma hora depois, encerrava-se a batalha.

A porta da sala fechou-se atrás do comandante da esquadrilha, e Pellaeon consultou o mapa no monitor.

— Ao que tudo indica, Obroa-skai é um beco sem saída — lamentou. — De modo algum poderíamos deslocar para lá as tropas necessárias para a pacificação.

— Por enquanto, talvez — Thrawn concordou. — Mas no futuro pode haver mudanças.

Pellaeon franziu o cenho, do outro lado da mesa. Thrawn brincava com o cartão de dados, distraidamente, com o polegar e o indicador, enquanto observava as estrelas, pela vigia panorâmica. Um sorriso enigmático assomou a seus lábios.

— Almirante? — perguntou cautelosamente.

Thrawn virou a cabeça, pousando os olhos brilhantes em Pellaeon.

— Temos aqui a segunda peça do quebra-cabeças, capitão — ele afirmou suavemente, exibindo o cartão de dados. — A peça pela qual procuro há mais de um ano. Abruptamente virou-se para o

intercomunicador, acionando-o. — Ponte, fala o Grande Almirante Thrawn. Avise o capitão Harbid, no *Face da Morte,* que abandonaremos a Frota temporariamente. Ele deve prosseguir na missão de mapeamento tático dos sistemas locais, penetrando os sistemas de informação onde for possível. E depois orientar sua rota para um planeta chamado Myrkr. O computador de bordo possui as coordenadas exatas.

A ponte confirmou o recebimento da mensagem, e Thrawn retomou o diálogo com Pellaeon.

— Parece desorientado, capitão. Presumo que nunca tenha ouvido falar em Myrkr.

Pellaeon balançou a cabeça, fracassando na tentativa de ler a expressão do Grande Almirante.

— Deveria?

— Provavelmente não. Só o conhecem contrabandistas, desajustados e outros membros da escória da galáxia. — Fez uma pausa, sorvendo com elegância o líquido na caneca a seu lado. Cerveja forte, de forvish, a julgar pelo odor — e Pellaeon controlou-se para não dizer mais nada. Caso o Grande Almirante pretendesse compartilhar seus planos com ele, faria isso quando, como e se quisesse. — Tropecei numa referência ao local, há uns sete anos — Thrawn prosseguiu, recolocando a caneca na mesa. — Minha atenção foi atraída pelo abandono a que foi relegado nos últimos trezentos anos, embora conte com uma população razoável. Nem a Velha República se importou com o planeta, nem os Jedis daquela época puseram os pés nele. — Ergueu ligeiramente a sobrancelha azulada. — O que deduz, capitão?

Pellaeon deu de ombros.

— Trata-se de um planeta longínquo, talvez distante demais para atrair a atenção.

— Muito bem, capitão. Esta foi minha primeira impressão, também. Mas é incorreta. Myrkr, na verdade, não fica a mais de cento e cinqüenta anos-luz daqui, próxima a nossa linha de confronto com a Rebelião, e dentro dos limites da Velha República. — Baixou a vista, fixando-a no cartão em suas mãos. — Não, a verdadeira explicação é muito mais interessante. E útil.

Pellaeon também olhou para o cartão.

— E esta explicação seria a primeira peça de seu quebra-cabeças?

Thrawn sorriu.

— Mais uma vez, capitão, meus parabéns. Sim. Myrkr... ou, mais precisamente, um de seus animais nativos, foi a primeira peça. A segunda encontra-se num mundo chamado Wayland. — Gesticulou com o cartão. — Um mundo agora localizado, graças aos obroanos.

— Congratulações, senhor — disse Pellaeon, repentinamente

aborrecido com o jogo. — Poderia perguntar qual é exatamente o quebra-cabeças?

Thrawn sorriu um sorriso capaz de gelar Pellaeon até a medula.

— Ora, o único quebra-cabeças que vale a pena solucionar — o Grande Almirante declarou calmamente. — A destruição completa, total e absoluta da Rebelião.

2

— Luke? — a voz chamou com suavidade, mas também determinação.

Parando na paisagem familiar de Tatooine — familiar, embora estranhamente distorcida — Luke Skywalker virou-se para olhar. Uma figura igualmente familiar o observava.

— Alô, Ben — Luke disse, a voz soando bizarra a seus próprios ouvidos.

— Faz muito tempo.

— Sem dúvida. — Obi-wan Kenobi respondeu gravemente.

— E temo que a próxima vez tardará ainda mais. Vim para dizer adeus, Luke.

A paisagem pareceu tremer. De repente, parte da mente de Luke se deu conta de que ele estava dormindo. Sonhando com Ben Kenobi, na suíte do Palácio Imperial.

— Não se trata de sonho — Ben garantiu, respondendo à pergunta formulada por Luke apenas em pensamento. — Mas as distâncias que nos separam tornaram-se grandes demais para permitir que eu apareça de outro modo. Agora, não contarei mais até mesmo este último recurso.

— Não — Luke disse para si mesmo. — Não pode nos deixar, Ben. Precisamos de sua ajuda.

As sobrancelhas de Ben ergueram-se ligeiramente, e um traço de seu antigo sorriso coloriu os lábios.

— Não precisa de mim, Luke. Você é um Jedi, e tem a Força.

— O sorriso esmaeceu e, por um momento, os olhos fixaram-se em algo que Luke não conseguia ver. — De qualquer modo — prosseguiu calmamente —, a decisão não cabe a mim. Eu já passei tempo demais aqui, não posso mais adiar minha jornada desta vida até o que há depois dela.

Uma lembrança voltou: Yoda em seu leito de morte, e Luke pedindo a ele que não morresse.

— *A Força em mim é intensa* — declarou o mestre Jedi. — *Mas nem tanto assim.*

— Todas as formas de vida se transformam, é a lei natural — Ben afirmou. — Você também empreenderá esta jornada, um dia. — Novamente a atenção do velho se voltou para algum outro local e retornou. — Você tem a Força, Luke, e com perseverança e disciplina, conseguirá torná-la mais intensa. Só não deve baixar a guarda, jamais. O Imperador morreu, mas o lado negro ainda é poderoso. Nunca se esqueça disso.

— Não me esquecerei — Luke prometeu.

A expressão de Ben suavizou-se, e ele sorriu outra vez.

— Enfrentará grandes perigos, Luke. Mas encontrará também

novos aliados, em locais e momentos inesperados.

— Novos aliados? — Luke repetiu. — Quem seriam? A visão se vaporizava, enfraquecia.

— Agora, adeus — Ben disse, como se não tivesse escutado a pergunta.

— Eu o amo como a um filho, discípulo, e amigo. Até que nos vejamos novamente, que a Força esteja com você.

— Ben!

Mas Ben virou-se, a imagem sumiu, e, em seu sonho, Luke soube que ele se fora.

Agora estou sozinho, disse a si mesmo. *Sou o último Jedi.*

Ele teve a impressão de ouvir uma última frase de Ben, distante e indistinta.

— Não o último dos Jedi, Luke. O primeiro de uma nova era. A voz deu lugar ao silêncio. Luke acordou. Permaneceu quieto por um momento, olhos fixos nas luzes fracas do teto, sobre sua cama na Cidade Imperial, lutando contra os sentimentos perturbados pelo sono. A desorientação e a imensa tristeza o oprimiam, enchendo seu coração. Primeiro tio Owen e tia Beru foram assassinados; depois Darth Vader, seu verdadeiro pai, que sacrificou a vida por Luke. Agora, até mesmo o espírito de Ben Kenobi o abandonara.

Pela terceira vez, ficou órfão.

Com um suspiro, afastou as cobertas para apanhar o robe e o chinelo. A suíte dispunha de uma pequena cozinha, e em poucos minutos preparou uma bebida, uma receita exótica ensinada por Lando, em sua mais recente visita a Coruscant. Em seguida, atando o sabre-laser ao robe, seguiu para o telhado.

Opusera-se veementemente à mudança da sede da Nova República para Coruscant, onde se encontrava agora. E sua oposição fora ainda maior contra a instalação do recém-criado governo no antigo Palácio Imperial. A simbologia estava errada, em primeiro lugar. Principalmente para um grupo que, em sua opinião, já dava importância demasiada aos símbolos.

Apesar de todos os contras, ele era obrigado a admitir que a vista do alto do Palácio deslumbrava qualquer pessoa.

Durante alguns instantes, ele permaneceu na beirada do mirante, debruçado sobre o parapeito alto de pedra, apreciando a brisa fresca da noite que agitava seus cabelos. Mesmo no meio da noite a Cidade Imperial continuava ativa, as luzes dos veículos e das ruas, emaranhadas, criavam uma espécie de obra de arte em movimento. No alto, iluminadas pelas luzes da cidade e pelos holofotes das naves que as cortavam, as nuvens baixas, como um teto, estendiam-se em todas as direções, intermináveis como a própria cidade. Ao longe, ao sul, conseguia distinguir vagamente os montes Manarai, os picos

nevados, como as nuvens, iluminados pelos reflexos urbanos.

Ele observava as montanhas quando, a vinte de metros de distância, a porta do palácio abriu-se mansamente.

Num gesto automático, a mão moveu-se até o sabre-laser. Mas interrompeu o gesto, a meio caminho. Identificara a criatura que se aproximava.

— Estou aqui, Threepio.

Ao virar o rosto, acompanhou a aproximação de C-3PO, que percorria o terraço superior, em sua direção, transmitindo sua costumeira mistura de alívio e apreensão. O dróide disse, olhando a xícara nas mãos de Luke:

— Lamento profundamente perturbá-lo.

— Não faz mal — Luke disse. — Eu só estava relaxando um pouco.

— Tem certeza? — Threepio perguntou. — Não quero ser impertinente.

Apesar de seu estado de espírito, Luke não pôde evitar o sorriso. As tentativas de Threepio de ser ao mesmo tempo solícito, curioso e educado nunca davam certo. Sempre assumiam um caráter cômico.

— Estou apenas um pouco deprimido, creio — disse ao dróide, voltando os olhos para a cidade novamente. — Pôr em funcionamento um governo de verdade é muito mais difícil do que eu esperava. A maioria dos membros do Conselho concorda comigo, neste ponto. — Ele hesitou. — E, acima de tudo, sinto falta de Ben, esta noite.

Threepio manteve-se em silêncio, por um momento.

— Ele sempre foi muito gentil comigo — disse finalmente. — E com Artoo, também.

Luke levou a xícara aos lábios, ocultando o sorriso.

— Você tem uma visão muito peculiar do universo, Threepio. Com o canto do olho, notou a tensão de Threepio.

— Espero que não o tenha ofendido, senhor — o dróide disse, inseguro.

— Certamente esta não foi minha intenção.

— Não me ofendeu — Luke tranqüilizou-o. — Na verdade, acabo de receber a última lição de Ben, graças a você.

— Como assim?

Luke tomou outro gole da bebida.

— Governos e planetas são importantes, Threepio. Mas quando pensamos melhor, vemos que, no fundo, neles só há pessoas.

Houve uma pausa breve.

— Sei — Threepio disse.

— Em outras palavras, um Jedi não pode se envolver nos assuntos de importância galáctica, a ponto de permitir que interfiram em suas preocupações com as pessoas, consideradas individualmente. — Olhando para Threepio, Luke sorriu. — Ou com os dróides, também.

— Compreendo, senhor. — Threepio baixou os olhos para a xícara de Luke. — Com sua permissão, senhor... posso indagar o que está bebendo?

— Isso? — Luke ergueu a xícara. — Uma receita que aprendi a preparar com Lando, há algum tempo.

— Lando? — Threepio repetiu, traindo sua desaprovação. Programado para ser cortês ou não, o dróide jamais conseguira ocultar sua antipatia por Lando. Não chegava a ser surpreendente, dadas as circunstâncias de seu primeiro contato com ele.

— Sim. Apesar de sua origem suspeita, trata-se de uma bebida deliciosa. Chama-se chocolate quente.

— Entendo. — O dróide empertigou-se. — Muito bem, senhor. Se não há problemas, peço licença para me retirar.

— Claro. Mas o que o trouxe aqui?

— Fui enviado pela princesa Leia, claro — Threepio respondeu, surpreso com a pergunta. — Ela estava preocupada com seu estado de espírito.

Luke sorriu, balançando a cabeça. Leia sempre sabia como animá-lo, nos momentos difíceis.

— Exibida — murmurou.

— Como, senhor? Luke ergueu a mão.

— Leia está apenas exibindo suas novas habilidades de Jedi. Provando que, no meio da noite, sabe como eu estou me sentindo.

Threepio moveu a cabeça.

— Mas parecia realmente preocupada com o senhor.

— Sem dúvida — Luke concordou. — Estou brincando.

— Sei. — Threepio hesitou. — Devo dizer que está tudo bem, então?

— Claro. E aproveite para pedir que pare de se preocupar comigo e durma. Os enjôos matinais já a incomodam o bastante, e pioram quando dorme pouco.

— Darei o recado, senhor.

— E diga que eu a amo — Luke acrescentou baixinho.

— Sim, senhor. Boa noite, mestre Luke.

— Boa noite, Threepio.

Ele acompanhou a saída do dróide com os olhos, lutando contra a nova onda de depressão que ameaçava dominá-lo. Threepio jamais poderia entender, claro. Ninguém no Conselho provisório o entendia, tampouco. Mas no que dizia respeito a Leia, grávida de três meses, passar a maior parte do tempo ali...

Ele arrepiou-se, e não por causa do ar frio da noite. *Este local conserva a força do lado negro.* Yoda dissera isso da caverna de Dagobah — a caverna onde Luke penetrara para travar o duelo de sabre-laser contra um Darth Vader que, no final, era ele mesmo.

Durante as semanas seguintes, a recordação do imenso poder e da presença do lado negro assombraram seus pensamentos. Só muito tempo depois concluiu que o motivo básico para o exercício de Yoda fora mostrar o longo caminho ainda a percorrer.

Mesmo assim, sempre meditava sobre as razões para a existência de uma caverna daquela espécie. Talvez algo ou alguém do lado negro, com grande poder, tivesse vivido lá.

Assim como o Imperador, antes, vivera ali...

Um novo arrepio o percorreu. O que mais o perturbava era não sentir nenhuma concentração dos poderes do mal no Palácio. O Conselho preocupara-se em perguntar a este respeito, quando analisavam a possibilidade de mudar a sede do governo para a Cidade Imperial. Ele foi obrigado a dobrar a língua e dizer que não havia efeitos residuais da presença do Imperador.

Mas sua incapacidade de pressentir o mal não garantia que este estivesse ausente.

Sacudiu a cabeça. *Pare,* ordenou firmemente a si mesmo. Lutar contra as sombras só serviria para aumentar sua paranóia. Os pesadelos recentes e a insônia provavelmente não passavam de reflexos da tensão reinante. Leia e os outros batalhavam para que uma rebelião de cunho militar resultasse em um governo civil. Certamente Leia jamais concordaria em se aproximar do Palácio, caso tivesse dúvidas a respeito.

Leia.

Com esforço, Luke provocou o relaxamento da mente e deixou que os poderes de Jedi fluíssem. No setor superior do Palácio, sentia a presença sonolenta de Leia. E dos gêmeos que levava no ventre.

Por um instante manteve um contato parcial, ligeiro, para não acordá-la, deslumbrando-se com a sensação estranha de ter dentro de si duas crianças por nascer. Elas manteriam a linhagem Skywalker; só o fato de poder senti- las revelava que nelas a Força se manifestava intensamente.

Pelo menos, presumia isso. Gostaria que Ben pudesse esclarecer este ponto.

Mas perdera a oportunidade de perguntar.

Lutando contra as lágrimas, desfez o contato. A xícara fria em sua mão lembrou-o de tomar o resto do chocolate, enquanto dava a última olhada em torno. A cidade e as nuvens e, com os olhos da mente, as estrelas que se encontravam no além. Estrelas cercadas de planetas, onde moravam pessoas. Bilhões de pessoas. Muitas delas ainda aguardavam a liberdade e a luz que a Nova República lhes prometera.

Cerrou os olhos para as luzes e a esperança. Não havia mágica capaz de tornar as coisas mais fáceis.

Nem mesmo para um Jedi.

Threepio retirou-se e Leia Organa Solo, suspirando, recostou-se novamente nos travesseiros. *Meia vitória já é melhor do que uma derrota,* pensou.

Mas não acreditou nisso nem por um instante. Meia vitória, em seu modo de pensar, significava meia derrota.

Suspirou novamente, sentindo o toque da mente de Luke. O encontro dele com Threepio aliviara a tensão, como Leia calculara; mas, com a saída do dróide, a depressão ameaçava dominá-lo mais uma vez.

Talvez fosse melhor ir falar com ele pessoalmente. Daria um jeito de fazê-lo contar o que o atormentava tanto, há semanas. Seu ventre estremeceu, ligeiramente.

— Está tudo bem — ela murmurou, passando a mão de leve na barriga.

— Tudo bem. Preocupo-me com seu tio Luke, apenas.

Os movimentos cessaram. Leia apanhou o copo ao lado da cama e bebeu o conteúdo, tentando não fazer careta. Leite quente não era nem de longe sua bebida favorita, mas resolvia as crises periódicas de enjôo. Os médicos afirmavam que as náuseas desapareceriam logo, agora que passara do terceiro mês de gestação. Tomara que tivessem razão.

Leves, no outro quarto, ouviu os passos. Rapidamente Leia devolveu o copo ao criado-mudo e, com a outra mão, puxou as cobertas até o queixo. A lâmpada de cabeceira permanecia acesa. Tentou apagá-la sem se mover, usando a Força.

A lâmpada nem piscou. Apertando os dentes, tentou outra vez, mas nada. Ainda não controlava a Força para realizar tarefas específicas, como apagar uma luz. Livrando-se das cobertas, esticou o braço.

Do outro lado do quarto, a porta lateral se abriu para a entrada de uma mulher alta, vestindo robe.

— Alteza? — ela perguntou docemente, afastando os cabelos brancos da testa. — Tudo bem?

Leia suspirou e desistiu da tarefa.

— Entre, Winter. Há quanto tempo está escutando atrás da porta?

— Não estava escutando nada. — Winter avançou um passo, ofendida com a insinuação. — Vi a luz acesa por debaixo da porta e pensei que poderia precisar de ajuda.

— Estou ótima — Leia disse, pensando que a mulher sempre a surpreendia. Acordada no meio da noite, usando um velho robe, de cabelos despenteados, ainda conservava o ar de realeza, mais do que Leia nos seus melhores momentos. Perdera a noção de quantas vezes, em Alderaan, quando eram crianças, os visitantes da corte do vice-rei a tomaram pela princesa Leia.

Winter também se lembrava, claro. Uma pessoa capaz de reproduzir conversas inteiras, jamais se esqueceria de quantas vezes fora confundida com uma princesa.

Leia com freqüência imaginava o que os outros membros do Conselho Provisório pensariam se soubessem que a silenciosa assistente, sentada a seu lado nas reuniões oficiais, ou atrás dela nas conversas informais de corredor, registrava cada palavra proferida. Alguns, suspeitava, odiariam saber.

— Quer mais leite, Alteza? — Winter perguntou. — Ou biscoitos?

— Não, obrigada. Meu estômago não me incomoda, no momento. E que... você sabe, Luke.

Winter balançou a cabeça.

— A mesma coisa que o atormenta há nove semanas? Leia franziu o cenho.

— Tanto tempo assim? Winter deu de ombros.

— A princesa tem andado ocupada — disse, valendo-se de sua costumeira diplomacia.

— Fale mais a respeito — Leia pediu, direta. — Não sei o que se passa, Winter, não mesmo. Ele disse a Threepio que sente saudades de Ben Kenobi, mas sei que isso não é tudo.

— Talvez tenha a ver com a sua gravidez — Winter arriscou.

— O período confere: nove semanas.

— Sim, eu sei — Leia concordou. — Mas também foi nesta época que Mon Mothma e o almirante Ackbar insistiram na transferência da sede do governo para cá, para Coruscant. E, na mesma época, começaram a chegar os relatórios das regiões fronteiriças, revelando que um misterioso gênio tático assumira o comando da Frota Imperial. — Ela ergueu as mãos espalmadas.

— Faça sua escolha.

— Suponho que precisará esperar até que ele esteja disposto a conversar — Winter sugeriu. — Talvez o capitão Solo consiga fazer com que se abra, ao retornar.

Leia fechou as mãos, tomada por uma onda de solidão e ressentimento. Pois Han saíra em mais uma de suas estúpidas missões de contato, deixando- a sozinha...

A raiva desapareceu, dando lugar à culpa. Sim, Han viajara novamente; mas, até quando estava presente, parecia que mal conseguia vê-lo. Seu tempo cada vez mais se consumia na tarefa monumental de consolidar o novo governo, o que não lhe permitia nem alimentar-se direito nos dias críticos. Ficar com o marido então, nem em sonhos.

Mas esta é a minha missão, ponderou. E só ela poderia realizá-la. Ao contrário de todos os outros, no comando da Aliança, ela estudara a fundo tanto a teoria quanto a prática política. Crescera na Casa Real

de Alderaan, aprendendo a exercer a liderança com seu pai adotivo — e tão bem que, ainda adolescente, já o representava no Senado Imperial. Sem seus conhecimentos, todos os planos iriam por água abaixo, dada a fragilidade da Nova República em seu estágio inicial. Mais alguns meses — poucos — e ela poderia reduzir o ritmo. Então, iria dedicar-se mais a Han.

Aliviada, percebeu que o sentimento de culpa desaparecia. Mas não a solidão.

— Acho melhor — disse a Winter — aproveitar para dormir um pouco. Temos muito a fazer amanhã.

Winter ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— E quando não temos? — ela retrucou, secamente, imitando os modos anteriores de Leia.

— Você ainda é muito jovem para bancar a cínica — Leia censurou-a, brincando. — Agora, falando sério: vá dormir.

— Tem certeza de que não precisa de mais nada?

— Sim. Pode ir.

— Certo. Boa noite, Alteza.

Winter saiu, fechando a porta. Deitada na cama, Leia ajeitou as cobertas e os travesseiros, buscando uma posição mais confortável.

— Boa noite para vocês também — falou, dirigindo-se aos bebês, enquanto acariciava suavemente a barriga. Han insinuara, mais de uma vez, que ela era meio maluca por conversar com a barriga daquele jeito. Han parecia acreditar que todos eram meio malucos.

Sentia tanta falta dele.

Com um suspiro, esticou o braço a apagou a luz. Depois de algum tempo, conseguiu dormir.

Num ponto distante da galáxia, Han Solo levou a caneca aos lábios e observou o caos quase ordeiro à sua volta, pensando em quantas vezes já passara por aquele local.

Em uma galáxia virada do avesso de tão conturbada, era consolador saber que certas coisas não mudavam nunca. Um conjunto diferente tocava no canto, e o estofamento do reservado perdera algo de sua maciez. Fora isso, a cantina de Mos Eisley mantinha a mesma aparência de sempre. Tudo do jeito que encontrara em seu primeiro contato com Luke Skywalker e Obi- wan Kenobi.

Sentia como se doze encarnações já tivessem transcorrido, desde aquele dia.

A seu lado, Chewbacca suspirou.

— Não se preocupe, ele virá. Conhece Dravis, ele nunca chega na hora. Han avaliou os fregueses discretamente. Havia algo de diferente na cantina: os contrabandistas, antes a maioria, não freqüentavam mais o local. O sucessor de Jabba the Hutt na organização transferira as operações para fora de Tatooine, sem dúvida. Focalizando a porta

dos fundos da cantina, decidiu inquirir Dravis a este respeito.

Ainda olhava para lá quando uma sombra cobriu a mesa.

— Olá, Solo. — A saudação foi em tom zombeteiro.

Han contou até três, antes de se voltar para encarar o sujeito.

— Olá, Dravis. Há quanto tempo! Vamos, sente-se.

— Com prazer — Dravis retrucou com um sorriso irônico. — Mas só depois de ver as mãos de vocês dois sobre a mesa.

Han o olhou magoado.

— Ora, deixe disso — falou, pegando a caneca com as duas mãos. — Pensa que me dei ao trabalho de vir até aqui só para matá-lo? Somos velhos amigos, lembra-se?

— Claro que sim — Dravis disse, avaliando Chewbacca ao sentar. — Éramos, pelo menos. Mas soube que você agora é um senhor respeitável.

Han deu de ombros.

— *Respeitável* é uma palavra meio vaga. Dravis piscou o olho.

— Bem, então vamos definir melhor a situação. Soube que entrou para a Aliança Rebelde, virou general, casou-se com uma princesa de Alderaan e vai ter gêmeos.

Han fez um gesto de pouco caso.

— Na verdade, abandonei o posto de general já faz alguns meses.

Dravis riu, irônico.

— Perdão. Mas afinal, o que deseja? Veio me ameaçar? Han franziu a testa.

— Como assim?

— Não banque o inocente, Solo — Dravis agora falava com gravidade.

— A Nova República substitui o Império. Ótimo, fico muito contente. Mas você sabe que, para os contrabandistas, isso não muda nada. Portanto, se veio trazer um pedido oficial para que abandonemos nossos negócios, desista. Espere até eu acabar de rir na sua cara e suma daqui. — Dravis ergueu-se.

— Não é nada disso. Pelo contrário, quero contratá-lo. Dravis parou, de queixo caído.

— O quê?

— Ouviu bem. Precisamos contratar alguns contrabandistas. Lentamente, Dravis voltou a sentar-se.

— Tem algo a ver com lutar contra o Império? Se for isso...

— Errou — Han o interrompeu. — Deixando de lado os aspectos mais problemáticos, posso dizer que, no momento, a Nova República enfrenta uma escassez de naves de carga, bem como de pilotos experientes. Se quiser ganhar dinheiro rápido, e honestamente, aproveite a chance.

— Ora ora — Dravis disse, recostando-se na poltrona para

perguntar a Han, desconfiado: — E qual é a jogada?

Han balançou a cabeça.

— Não tem nenhuma jogada. Precisamos de naves e pilotos para retomar os negócios interestelares. Vocês têm os dois. E só.

Pensativo, Dravis argumentou:

— Qual a vantagem em trabalhar para vocês, por uns trocados? Melhor contrabandear a mercadoria e ganhar mais.

— Esta opção só valeria a pena — Han explicou, sorrindo — se os envolvidos pagassem tarifas muito altas, capazes de tornar o contrabando mais vantajoso. E não é o caso.

Dravis o encarou.

— Ora essa, Solo. Um governo recente precisa desesperadamente de dinheiro, e você quer me convencer de que não haverá aumento um brutal nas tarifas?

— Acredite se quiser — Han disse com frieza. — Tente, também. Quando puser os pés no chão de novo, me procure.

Dravis mordiscou os lábios, sem tirar os olhos de Han.

— Sabe de uma coisa, Solo — declarou pensativo —, eu não teria vindo aqui, se desconfiasse de você. Claro, também fiquei curioso para saber qual era a jogada. Talvez eu acredite nisso o bastante para checar a história. Mas já vou avisando que os outros do meu grupo recusarão.

— Por quê?

— Porque você se tornou respeitável. Ora, não banque o ofendido. Faz tanto tempo que deixou os negócios que já se esqueceu de como funcionam as coisas. Contrabandistas correm atrás de lucros altos, Solo. Altos lucros e muita aventura.

— E o que pretendem fazer? Operar nos setores controlados pelo Império? — Han retrucou, tentando recordar-se das aulas de diplomacia que recebera de Leia.

Dravis deu de ombros, dizendo apenas:

— Vale a pena.

— No momento, talvez — Han argumentou. — Mas o território deles tem diminuído muito, nos últimos cinco anos, e vai diminuir mais ainda. Atingimos o equilíbrio em armamentos, como sabe. E nosso pessoal mais motivado recebe um treinamento melhor.

— Possivelmente. — Dravis ergueu a sobrancelha. — Mas nem sempre adianta. Ouvi boatos de que há um novo comandante. Alguém que tem causado muitos problemas a vocês. Como no sistema Obroa-skai, por exemplo. Soube que perderam uma força-tarefa elomin inteira, lá, não faz muito tempo. Uma pena, perder assim tantas naves de uma vez.

Han rilhou os dentes.

— Lembre-se de que qualquer um capaz de nos dar trabalho vai

complicar a sua vida também. — Han ergueu a mão. — E se pensa que a Nova República precisa de dinheiro, imagine o desespero do Império.

— Sem dúvida, é uma aventura — Dravis concordou, levantando-se. — Bem, gostei de revê-lo, Solo, mas preciso ir. Dê um beijo na princesinha.

Han suspirou.

— Pelo menos transmita o recado para o seu pessoal, está bem?

— Mas claro. Talvez alguns aceitem sua oferta. A gente nunca sabe.

Han concordou com um movimento de cabeça.

— Só mais uma coisinha, Dravis. Quem ficou no lugar de Jabba, dando as cartas?

Dravis o encarou, hesitante.

— Sabe... como não se trata de um grande segredo, vou contar. Aqui entre nós, o maioral agora é Talon Karrde.

Han franziu o cenho. Já ouvira falar de Karrde, claro, mas nunca imaginou que sua organização pudesse estar entre as dez mais. Ou Dravis mentia, ou Karrde mantinha uma liderança discreta demais.

— Onde posso encontrá-lo? Dravis sorriu astuto.

— Gostaria muito de saber, não é? Talvez eu conte, um dia.

— Dravis...

— Preciso ir. Até logo, Chewie.

Antes de dar-lhes as costas, Dravis parou.

— Ah, sabe de uma coisa? Pode dizer a seu guarda-costas que ele é a escolta mais escandalosa que já vi. — E, com um sorriso, foi embora.

Han acompanhou Dravis com os olhos, até que desaparecesse na multidão. Pelo menos o contrabandista dera as costas, ao se afastar. Outros, com quem já conversara, evitaram correr o risco. Já era alguma coisa.

A seu lado, Chewbacca rosnou um insulto.

— Bem, o que você esperava? O almirante Ackbar participa do Conselho. — Han deu de ombros. — Os calamarianos perseguiram os contrabandistas antes da guerra, como sabe. Não ligue, eles aceitarão, alguns, pelo menos. Dravis pode enfatizar os lucros fáceis e a aventura, mas nós temos a oferecer segurança e instalações, sem truques no estilo Jabba. E ninguém atirará neles. E interessante. Vamos embora.

Han levantou-se, dirigindo-se ao bar e à porta de saída, adiante. No meio do caminho, parou ao lado de uma mesa e falou a seu ocupante:

— Tenho um recado. Dravis mandou dizer que você é a escolta mais escandalosa que ele já viu.

Wedge Antilles sorriu, erguendo-se.

— Pensei que a idéia fosse essa — disse, passando a mão no cabelo

negro.

— E era, mas Dravis não sabia. — Em particular, Han admitiria imediatamente que Dravis tinha razão. O único lugar onde Wedge *não* dava na vista era no comando de um caça asa-X, destroçando naves TIE. — E Page, onde se meteu?

— Aqui, senhor.

Han ouviu a voz discreta, bem atrás de seu ombro. Virou-se. A seu lado surgiu um sujeito de estatura média, compleição média, perfeitamente comum. O tipo de pessoa na qual ninguém repara, capaz de passar despercebido em qualquer ambiente.

— Suspeita de algo? — Han perguntou. Page fez que não, com a cabeça.

— Não trouxe capangas, nem armas, fora a que portava. O sujeito confiou mesmo em você.

— Sei. Progredimos. — Han olhou pela última vez para o local. — Vamos embora daqui. Já nos atrasamos demais. E antes de voltar a Coruscant, quero passar pelo sistema Obroa-skai.

— Para investigar a perda da força-tarefa elomin? — Wedge perguntou.

— Isso mesmo — Han disse consternado. — Se soubermos o que aconteceu, poderemos ter uma idéia de quem fez aquilo.

3

A mesa dobrável em seu escritório particular estava arrumada, a comida pronta para ser servida, e Talon Karrde servia o vinho, quando bateram à porta. Como sempre, no momento exato.

— Mara? — perguntou.

— Sim — a moça confirmou, do outro lado. — Convidou-me para jantar.

— Isso mesmo. Entre, por favor.

A porta se abriu, e, com sua elegância felina, Mara Jade entrou na sala.

— Você não explicou... — os olhos verdes fitaram os sofisticados detalhes da mesa — o que desejava. — Ao terminar a frase, seu tom de voz sofreu sensível alteração. Os olhos fixaram-se nele, frios, analíticos.

— Não é nada do que você pensa — Karrde tranqüilizou-a, apontando para a cadeira em frente à sua. — Trata-se de um jantar de negócios, apenas.

Atrás da escrivaninha, uma mescla de rugido e ronronar chamou a atenção deles.

— Isso mesmo, Drang. Apenas um jantar de negócios — Karrde repetiu, olhando na direção de onde vinha o som. — Agora saia.

O vornskr saiu do esconderijo, arranhando o carpete com as garras, mantendo o focinho próximo ao chão, como se farejasse.

— Já disse, saia — Karrde insistiu com firmeza, apontando para a porta aberta atrás de Mara. — Vamos logo, seu jantar vai esfriar, na cozinha. Sturm o espera lá. E, a esta altura, deve ter devorado metade do seu prato.

Relutante, Drang esgueirou-se, rosnando tristonho ao dirigir-se para a porta.

— Não banque o coitadinho — Karrde zombou, pegando um pedaço de bruallki assado na travessa. — Tome, para se animar um pouco.

Ele atirou o bocado na direção da porta. A letargia do animal deu lugar à agilidade. Com um único salto, qual uma mola, ele abocanhou a comida no ar.

— Isso — Karrde disse. — Agora saia, e vá jantar. — Karrde voltou-se para Mara, assim que o vornskr retirou-se. — Muito bem. Onde estávamos, mesmo?

— Em um jantar de negócios — ela disse, instalada no outro lado da mesa, observando as travessas ainda desconfiada. — Trata-se do melhor jantar de negócios que já vi.

— Faço questão disso — Karrde afirmou, ao se sentar. — Precisamos nos lembrar sempre de que ser contrabandista não significa viver na barbárie.

— Ah! — Ela tomou um gole de vinho. — E o pessoal se sente muito grato quando *é* lembrado disso, certo?

Karrde sorriu. Tanta pompa não a impressionaria muito, deveria saber. Mara era diferente.

— Bem, precisamos comemorar. — Ele a encarou. — Afinal, trata-se de uma promoção.

Um lampejo de surpresa, quase imperceptível, passou pelo rosto da jovem.

— Uma promoção — repetiu cautelosa.

— Sim — ele confirmou, servindo-a com uma porção de bruallki. — A sua, para ser exato.

A desconfiança dominou novamente a expressão dela.

— Mas eu só entrei para o grupo há seis meses?

— Cinco e meio, para ser preciso — ele a corrigiu. — Mas o tempo de serviço nunca foi importante em nosso universo. Aqui valem mais os resultados e habilidades... e seu desempenho tem sido notável.

Ela deu de ombros, e o cabelo ruivo aloirado brilhou com o movimento.

— Dei sorte.

— Sem dúvida, a sorte ajudou. Por outro lado, cheguei à conclusão de que a sorte não passa de talento aliado à capacidade de tirar o melhor proveito das oportunidades que aparecem.

Ele colocou uma porção de bruallki em seu próprio prato.

— Você demonstrou habilidade pilotando uma nave espacial, sabe dar e receber ordens. — Sorriu, apontando para a mesa. — E consegue se adaptar a situação inusitadas e imprevistas. Muito talentosa, para uma contrabandista. — Ele fez uma pausa, mas ela permaneceu em silêncio. Evidentemente, aprendera também a não fazer perguntas na hora errada. Outra habilidade muito útil. — Conclusão: você é talentosa demais para ser desperdiçada em tarefas menores, Mara. Pretendo começar a treiná-la para se tornar, no futuro, a segunda em comando.

Ela não ocultou a surpresa, desta vez. Os olhos verdes arregalaram-se.

— Quais seriam minhas novas funções?

— Viajar comigo, para começar. — Ele tomou um gole de vinho. — Ajudar a criar novas oportunidades de negócios, conviver com os clientes mais tradicionais, para que eles se acostumem a tratar com você, coisas do gênero.

A desconfiança de Mara persistia. Suspeitava que a oferta não passava de cortina de fumaça para exigências mais pessoais.

— Não precisa responder agora — ele avisou. — Pense no assunto, consulte o pessoal que está há mais tempo na organização. — Ele a fitou fixamente. — Saberá que não engano meus companheiros.

Ela mordeu o lábio.

— Isso eu já sei. Mas lembre-se de que utilizarei o poder que me der. A estrutura da organização precisa passar por uma reformulação completa...

Ela foi interrompida pelo intercomunicador.

— Sim? — Karrde atendeu.

— Aves falando. Temos companhia. Um destróier estelar imperial entrou em nossa órbita.

Karrde olhou para Mara de relance, ao se levantar.

— Já sabem quem é? — ele perguntou, largando o guardanapo ao lado do prato antes de se dirigir à escrivaninha, para observar o monitor.

— Hoje em dia eles não mandam avisos — Aves disse. — E não conseguimos ler direito o nome, à distância. Mas Torve acredita que seja a *Quimera.*

— Interessante — Karrde murmurou. O Grande Almirante Thrawn em pessoa. — Fizeram alguma transmissão?

— Não pegamos nada ainda. Espere um momento. Parece que... isso mesmo, lançaram um transporte. Dois. Aterrissagem prevista na floresta.

De soslaio, Karrde notou a tensão de Mara.

— Tem certeza que não se dirigem a nenhuma das cidades?

— Karrde perguntou a Aves.

— Não, seguem mesmo para a floresta. A menos de cinqüenta quilômetros daqui, creio.

Karrde esfregou o indicador no lábio inferior, pensativo.

— Só dois transportes?

— Pelo menos até agora. — Aves mostrava-se nervoso. — Devo lançar um alerta?

— Nada disso. Vamos perguntar se precisam de ajuda. Abra um canal de comunicação.

Aves, boquiaberto, obedeceu, digitando algo no teclado.

— Pronto. Canal aberto.

— Obrigado. Destróier estelar *Quimera,* Talon Karrde falando. Posso ajudá-los?

— Sem resposta — Aves resmungou. — Acha que eles não querem ser vistos?

— Ninguém usa um destróier estelar para passar despercebido — Karrde observou. — Não, eles resolveram consultar antes os arquivos da nave. Seria interessante saber, um dia, o que consta lá a meu respeito, se é que existe algo. — Pigarreando, insistiu:

— Destróier estelar *Quimera,* aqui é...

Abruptamente, o rosto de Aves deu lugar ao de um senhor de meia- idade, exibindo a insígnia de capitão.

— Capitão Pellaeon, do *Quimera,* falando. O que quer? — perguntou sem rodeios.

— Apenas ser gentil — Karrde retrucou cauteloso. — Monitoramos dois transportes lançados há pouco. Imaginamos que o senhor, ou o Grande Almirante Thrawn, poderiam precisar de auxílio.

A pele em volta dos olhos de Pellaeon retesou-se ligeiramente.

— Quem?

— Entendi — Karrde disse, sorrindo de leve. — Como quiser. Nunca ouvi falar do Grande Almirante Thrawn, principalmente a bordo do *Quimera.* Também não sei de nada a respeito de missões de inteligência em diversos sistemas da região Paonnid/Obroa-skai.

A tensão Pellaeon crescia visivelmente.

— Conta com um bom sistema de informações, senhor Karrde. — A voz de Pellaeon, embora gentil, era ameaçadora. — Mas como um contrabandista de segunda conseguiria estes dados?

Karrde deu de ombros.

— Meu pessoal ouve muitos boatos. Eu junto as peças. Seu sistema de informações funciona do mesmo modo, creio. Bem, se os transportes pousarem na floresta, devo advertir que há inúmeras espécies de predadores perigosos por lá. E o alto teor de metal da vegetação torna os sensores praticamente inúteis para as tropas.

— Obrigado pelo alerta — Pellaeon disse friamente. — Mas eles não pretendem demorar muito por lá.

— Sei. — Karrde analisou as possibilidades. — Caçando um pouquinho, certo?

Pellaeon brindou-o com um sorriso indulgente.

— Informações sobre as atividades do Império são muito valiosas. Imaginei que uma pessoa em seu ramo de atividade saberia disso.

— Sem dúvida. — Karrde concordou, observando o outro atentamente, pelo monitor. — Mas, às vezes, temos algo a oferecer em troca. Andam atrás do ysalamiri, certo?

O sorriso desapareceu do rosto de Pellaeon.

— Não há o que negociar, neste caso, Karrde. E há muitos riscos. Para vocês, claro.

— Acredito — Karrde prosseguiu. — A não ser, é claro, que eu ofereça algo de muito valioso, também. Presumo que conheçam as características inusitadas do ysalamiri. Caso contrário, não viriam atrás dele. Posso supor que conheçam o único modo seguro de removê-los dos ramos das árvores? Pellaeon o estudou, desconfiado.

— Fui informado que os ysalamiris atingem no máximo cinqüenta centímetros, e não atacam ninguém.

— Não me referia à sua segurança, capitão — Karrde explicou. — E sim à dos animais. Não é possível tirá-los das árvores com vida. Um ysalamiri, quando cresce, torna-se séssil. As garras crescem e se

alongam, penetrando nos ramos, até atingir o centro do galho que habitam.

— E sabe como tirá-lo de lá com vida?

— Meu pessoal sabe — Karrde revelou. — Se quiser, posso mandar alguém para ajudá-los. A técnica não apresenta grandes dificuldades, mas exige uma demonstração no local.

— Claro — Pellaeon retrucou, irônico. — E a taxa para a demonstração seria...

— Não há taxa, capitão. Como disse antes, quero apenas ser gentil.

Pellaeon virou o rosto ligeiramente para o lado.

— Sua gentileza não será esquecida. — Por um momento ele encarou Karrde, e o duplo sentido da declaração não passou despercebido. Se Karrde os traísse, não seria esquecido. — Avisarei aos transportes para permitir o acesso de seu especialista.

— Ele chegará logo. Foi um prazer, capitão.

Pellaeon esticou o braço, fora da visão do monitor, e seu rosto deu lugar ao de Aves, outra vez.

— Sabe como agir? — Karrde perguntou. Aves fez que sim.

— Dankin e Chin já começaram a esquentar um dos *Skiprays*.

— Ótimo. Mantenha um canal aberto para eles. Assim que retornarem, quero vê-los.

— Certo. — A imagem sumiu da tela.

Karrde afastou-se um passo da escrivaninha, olhou para Mara de relance, e retomou seu lugar à mesa.

— Lamento a interrupção — disse em tom descontraído, conferindo sua reação com o canto do olho, enquanto servia mais vinho.

Os olhos verdes retornaram lentamente do infinito. Os músculos da face relaxaram, abandonando a rigidez implacável.

— Não vai mesmo cobrar nada pelo favor? — ela perguntou, esticando a mão ainda trêmula até a taça de vinho. — Eles cobrariam, se precisasse de algum serviço. No momento, o Império só pensa em dinheiro.

Ele deu de ombros.

— Meu pessoal os acompanhará, do instante do pouso até a decolagem.

Considero esse um pagamento adequado.

Ela o estudou.

— Não acredita que eles tenham vindo só para capturar os ysalamiris, não é?

— Acho que não. — Karrde saboreou um bocado de bruallki. — A não ser que os utilizem para propósitos que desconhecemos. Vir até aqui por causa dos ysalamiris parece uma atitude exagerada contra um único Jedi.

Os olhos de Mara novamente perderam-se no infinito.

— Talvez não seja por causa de Skywalker — murmurou. — Talvez tenham encontrado outro Jedi.

— Parece improvável — Karrde retrucou, atento às reações da moça. Seu tom de voz, ao mencionar Skywalker... — O Imperador acabou com eles, no início da Nova Ordem. A não ser... — acrescentou, ao imaginar uma outra possibilidade — que tenham localizado Darth Vader.

— Vader pereceu na *Estrela da Morte* — Mara lembrou. — Junto com o Imperador.

— Essa é a versão oficial, sem dúvida.

— Ele morreu. — Mara cortou, a voz subitamente ríspida.

— Claro — Karrde concordou. Após cinco meses de acompanhamento cuidadoso, finalmente identificara os temas capazes de abalar a moça. O falecido Imperador e o Império, antes de Endor, tinham prioridade em suas saudades. E, no extremo oposto do espectro emocional, Luke Skywalker.

— Mesmo assim — ele prosseguiu, pensativo —, se o Grande Almirante acha importante ter ysalamiris a bordo, vamos imitá-lo.

Abruptamente, os olhos de Mara fixaram-se nele.

— Para quê?

— Mera precaução. Você se incomoda?

Ele acompanhou a batalha íntima que se seguiu.

— Não, mas acho perda de tempo. Thrawn provavelmente se preocupa à toa. E como pretende manter ysalamiris vivos numa nave, sem transplantar as árvores?

— Aposto que Thrawn tem a solução para o problema — Karrde garantiu. — Dankin e Chin manterão olhos e ouvidos abertos, para descobrir os detalhes operacionais.

— Certo — ela concordou, admitindo a derrota. — Sem dúvida.

— Enquanto isso — Karrde disse, fingindo não notar a preocupação dela —, vamos voltar aos nossos negócios. Você tem idéias para agilizar a organização?

— Sim. — Mara respirou fundo, fechando os olhos. Ao abri-los, recuperara seu controle habitual. — Sim. Bem...

Hesitante no início, ganhou confiança aos poucos. Analisou, com perspicácia e conhecimento, os defeitos da organização. Karrde a ouviu atento, maravilhado com os talentos ocultos daquela mulher. Um dia, pensou, desenterraria os detalhes de seu passado, rasgaria o véu de segredos que ela cuidadosamente mantinha para se proteger. Descobriria de onde ela vinha, e quem era.

E saberia exatamente o que Luke Skywalker havia feito para provocar um ódio tão intenso.

4

O *Quimera* levou quase cinco dias, na velocidade Ponto Quatro, para vencer os trezentos e cinqüenta anos-luz entre Myrkr e Wayland. De qualquer maneira, os engenheiros precisaram deste tempo para criar uma estrutura portátil capaz de simultaneamente abrigar e alimentar os ysalamiris.

— Ainda não me convenci da necessidade de tudo isso — Pellaeon resmungou, olhando contrariado para o tubo recurvado e para a criatura escamosa, semelhante a uma salamandra, presa a ele. O tubo, a jaula e a criatura malcheirosa não o agradavam.

— Se o guardião que tanto espera foi designado para Wayland pelo próprio imperador, não vejo razão para temer problemas com ele.

— Digamos que se trata de uma precaução, capitão — Thrawn retrucou, apertando o cinto de segurança na cabine do transporte.

— Talvez ele não se convença facilmente de que falamos a verdade. Pode duvidar de nossa lealdade ao Império. — Lançou um olhar rápido ao monitor e ordenou ao piloto: — Prossiga.

Ouviu-se um ruído abafado e, com um pequeno solavanco, o transporte deixou o hangar do *Quimera,* descendo em direção à superfície do planeta.

— Seria mais fácil convencê-lo com a tropa de assalto — Pellaeon comentou, acompanhando as imagens no monitor a sua frente.

— Não gostaria de irritá-lo — Thrawn explicou. — O orgulho e a sensibilidade de um Jedi do Mal não devem ser desprezados, capitão. Além disso — ele olhou por cima do ombro —, Rukh está aqui para isso. Qualquer um, ligado ao Imperador, tem consciência do papel glorioso desempenhado pelos noghris, há muitos anos.

Pellaeon olhou de relance para a figura demoníaca, sentada ali perto.

— Tem certeza de que o guardião é um Jedi do Mal?

— Quem mais seria escolhido pelo Imperador para proteger seu depósito pessoal? — Thrawn argumentou. — Uma legião de tropas de assalto, talvez? Equipados com AT-ATs, e outros tipos de armamento tecnologicamente sofisticado, que poderiam ser detectados da órbita espacial, de olhos fechados?

Pellaeon sorriu maldoso. Pelo menos, não precisavam temer nada, neste ponto. Os detectores do *Quimera* não encontraram nada mais sofisticado do que um arco e flecha, na superfície de Wayland. Não servia de consolo.

— Só imaginei que ele pode ter sido removido de Wayland, para ajudar na luta contra a Rebelião.

Thrawn deu de ombros.

— Logo descobriremos.

O ronco sutil da fricção atmosférica contra o casco do transporte

aumentou, e o monitor de Pellaeon mostrava detalhes da superfície do planeta. A área diretamente abaixo compunha-se de florestas, pontilhadas, aqui e ali, por descampados. Adiante, ocasionalmente visíveis atrás das densas nuvens, uma montanha solitária erguia-se na planície. — Aquele é o monte Tantiss? — perguntou ao piloto.

— Sim, senhor — confirmou o tripulante. — Logo avistaremos a cidade.

— Certo. — Levando discretamente a mão à coxa, Pellaeon ajustou o desintegrador. Thrawn confiava nos ysalamiris e na lógica. Pellaeon, contudo, teria preferido mais poder de fogo.

A cidade espalhava-se pelo sopé do monte Tantiss, no lado sudoeste. Era maior do que se poderia prever em órbita — grande parte das construções baixas ocultava-se sob a densa vegetação. Thrawn ordenou que o piloto sobrevoasse a região por duas vezes, e depois pousasse na praça central da cidade, onde se erguia um majestoso palácio real.

— Muito interessante — Thrawn comentou, espiando pela escotilha enquanto prendia a jaula do ysalamiri nas costas. — Há pelo menos três estilos arquitetônicos aqui. Humano, e duas espécies alienígenas. Tal diversidade, em uma única região planetária, seria anormal. Numa única cidade, raríssima. O próprio palácio, à frente, incorporou elementos dos três estilos.

— Sim — Pellaeon concordou distraído, a atenção voltada para as escotilhas. Naquele momento os prédios não importavam, e sim, as formas de vida que os sensores detectaram atrás e dentro deles. — Sabem se as espécies alienígenas hostilizam os visitantes?

— Provavelmente — Thrawn disse, seguindo para a rampa de saída, onde Rukh já o aguardava. — Como a maioria das espécies alienígenas, aliás. Vamos?

A rampa baixou, com um ruído sibilante de gases. Mordendo o lábio, Pellaeon juntou-se aos dois. Com Rukh à frente, eles desceram.

Ninguém atirou quando chegaram ao solo. Afastaram-se alguns passos da nave transporte, sem ouvir gritos nem notar qualquer sinal de vida.

— Tímidos, não acha? — Pellaeon murmurou, conservando a mão na arma, enquanto estudava os arredores.

— Não me surpreendem — Thrawn disse, erguendo o disco amplificador de voz que levava no cinto. — Tentaremos persuadi-los a mostrar sua hospitalidade. — Levou o disco aos lábios, e falou: — Procuro o guardião da montanha. — A voz ecoou na praça, a última sílaba demorando a desaparecer por entre os prédios. — Podem me levar a ele?

O eco perdeu-se no silêncio absoluto. Thrawn baixou o disco e esperou, mas os segundos se passaram, sem resposta.

— Talvez não compreendam o Básico — Pellaeon sugeriu, cauteloso.

— Entendem, sim — Thrawn disse friamente. — Pelo menos os humanos entendem. Precisam de mais motivação. — Ele ergueu o megafone novamente: — Procuro o guardião da montanha. Se não me levarem até ele, a cidade inteira sofrerá as conseqüências.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando, sem aviso, uma flecha foi disparada contra eles. Acertou Thrawn no ombro, por pouco não perfurou o tubo do ysalamiri nas costas, e resvalou, inofensiva, na armadura oculta pelo uniforme branco.

— Espere — ordenou a Rukh, quando este sacou o desintegrador. — Localizou a origem?

— Sim — o noghri informou, apontando para um prédio quadrado, próximo ao palácio.

— Muito bem. — Thrawn ergueu o disco mais uma vez. — Um de seus habitantes atirou em nós. Observem as conseqüências. — Baixando o disco, ordenou a Rukh: — Agora.

Com um sorriso tenso, deixando à vista os dentes pontiagudos, Rukh obedeceu, demolindo o prédio com rapidez, precisão e eficiência.

Primeiro ele cuidou das portas e janelas, disparando uma dúzia de vezes contra elas, para evitar novos ataques. Depois desintegrou as paredes do térreo. Com vinte disparos, o edifício começou a tremer nas bases. Depois de mais alguns tiros contra o pavimento superior, o prédio ruiu estrondosamente.

Thrawn aguardou até que o som do desabamento diminuísse para erguer o megafone mais uma vez.

— Já viram o que acontece quando desobedecem minhas ordens. Pergunto, pela última vez: quem me levará ao guardião da montanha?

— Eu levarei — alguém, à esquerda, respondeu. Pellaeon virou-se imediatamente. O homem parado na frente do palácio era magro e alto, com cabelos grisalhos desalinhados e barba até a metade do tórax. Usava sandálias e um manto marrom gasto. Um medalhão brilhante, meio oculto pela barba, pendia no peito. O rosto enrugado, escuro, revelava uma nobreza que beirava a arrogância, concluiu Pellaeon ao estudá-lo. Nos olhos, trazia uma mistura de curiosidade e desdém.

— Vocês são forasteiros — disse num tom que combinava com o olhar, que agora observava a nave de transporte. — Estranhos de outro mundo.

— Isso mesmo — Thrawn admitiu. — E você?

Os olhos do velho desviaram-se para o monte de escombros produzido por Rukh.

— E destruíram um prédio. Não havia necessidade.

— Fomos atacados — Thrawn argumentou friamente. — O prédio era seu?

Os olhos do estranho relampejaram. A certa distância, Pellaeon não conseguiu definir sua reação.

— Eu comando — ele retrucou, com a voz calma e ameaçadora. — Tudo que existe aqui pertence a mim.

Durante alguns segundos, ele e Thrawn se encararam. O silêncio foi rompido por Thrawn.

— Sou o Grande Almirante Thrawn, Senhor da Guerra do Império, servo do Imperador. Procuro o guardião da montanha.

O velho curvou-se ligeiramente.

— Eu o levarei até ele.

Dando as costas, o velho caminhou em direção ao palácio.

— Fiquem próximos — Thrawn murmurou aos outros, ao segui-lo. — Pode ser uma cilada.

Nenhuma outra flecha foi disparada no trajeto até o pórtico em pedra lavrada que encimava as portas do palácio.

— Pensei que o guardião vivesse na montanha — Thrawn disse ao guia, que abria as portas, que cederam facilmente. O velho, concluiu Pellaeon, era mais forte do que aparentava.

— Antes, morava — o outro respondeu, sem se voltar. — Quando iniciei meu domínio, o povo de Wayland construiu este palácio para ele. — No centro de um salão luxuoso, a meio caminho de outro par de portas monumentais, ele parou. — Afastem-se — ordenou.

Por um momento Pellaeon pensou que o velho falava com ele. Antes que pudesse abrir a boca para recusar-se a sair, duas seções laterais da parede se abriram e dois soldados magros surgiram dos postos de sentinela ocultos. Vigiando em silêncio os visitantes do Império, levaram os arcos ao ombro e deixaram o salão. O velho esperou que desaparecessem para prosseguir até as portas internas.

— Entrem — disse, apontando para as portas, com um estranho brilho nos olhos. — O guardião do Imperador os aguarda.

Sem fazer o menor ruído, as portas se abriram, revelando um salão imenso iluminado por velas em centenas de candelabros.

Pellaeon examinou o velho, parado perto das portas, sentindo de repente um arrepio na espinha, pressentindo algo ruim. Tomando fôlego, seguiu Thrawn e Rukh.

Então entraram na cripta.

Não poderia ser diferente. Além das velas bruxuleantes, no salão existia apenas um bloco retangular de pedra escura, no centro.

— Entendi — Thrawn disse devagar. — Ele morreu.

— Morreu — o velho confirmou, atrás deles. — Vê as velas, Grande Almirante Thrawn?

— Sim, eu as vejo — Thrawn respondeu. — Uma bela homenagem.

— Homenagem? — O velho repetiu, em tom escarnecedor. — Não diria isso. As velas marcam os túmulos dos forasteiros que aqui pousaram, desde sua morte.

Pellaeon voltou-se para ele, sacando instintivamente o desintegrador. Thrawn esperou mais alguns segundos, antes de se virar.

— E como eles morreram? O velho sorriu.

— Eu os matei, claro. Assim como matei o guardião. — Ergueu as mãos vazias espalmadas em direção aos visitantes. — Assim como vou matá-los agora.

Sem aviso, relâmpagos azuis começaram a sair das pontas dos dedos.

E desapareceram no ar, a um metro dos forasteiros.

Tudo aconteceu tão depressa que Pellaeon nem teve a chance de piscar, quanto mais disparar. Erguendo o desintegrador, ele sentiu o calor dos raios azuis na mão estendida.

— Espere — Thrawn disse calmamente. — Contudo, como pode ver, guardião, não somos visitantes comuns.

— O guardião está morto! — O velho gritou, vencendo o ruído dos novos raios lançados. Mais uma vez, eles desapareceram no ar antes de atingir o alvo.

— Sim, o antigo guardião morreu — Thrawn concordou, gritando para ser ouvido. — E agora você *é o* guardião, encarregado de proteger a montanha do Imperador.

— Não sirvo ao Imperador! — o velho retrucou, lançando mais uma salva de raios inúteis. — Meu poder não tem dono.

Súbito como começou, o ataque cessou. O velho encarou Thrawn, as mãos ainda erguidas, com expressão intrigada e petulante no rosto.
— Você não é Jedi. Como consegue isso?

— Junte-se a nós e aprenderá — Thrawn sugeriu.

O oponente empertigou-se, revelando toda sua imponência.

— Sou um Mestre Jedi — rugiu. — Não me junto a ninguém.

— Entendo — Thrawn disse, balançando a cabeça. — Neste caso, permita que nos juntemos a você. — Seus olhos vermelhos brilhantes fixaram-se no guerreiro. — E deixe que eu revele o modo de ganhar mais poder do que se poderia imaginar. Um poder capaz de deslumbrar até a um Mestre Jedi.

Por um momento o velho encarou Thrawn, e uma dúzia de expressões distintas passou por seu rosto em sucessão rápida.

— Muito bem. Vamos conversar, então.

— Sou muito grato — Thrawn disse, inclinando ligeiramente a cabeça.

— Posso saber a quem tenho a honra de me dirigir?

— Claro. — O rosto do velho assumiu um ar nobre e, quando ele

falou, a voz ecoou no silêncio da cripta. — Sou o Mestre Jedi Joruus Cbaoth.

Pellaeon respirou fundo, sentindo novamente o frio na espinha.

— Joruus Cbaoth? Mas como é possível?

Não conseguiu falar mais nada. Cbaoth o fuzilou com o olhar, do mesmo modo como ele silenciava os jovens oficiais subalternos que faziam perguntas inoportunas.

— Vamos — disse, dirigindo-se a Thrawn. — Conversaremos. Ele mostrou a saída da cripta e voltaram à praça ensolarada.

Diversos grupos de pessoas nervosas espalhavam-se pelo local, mantendo-se distantes da cripta e do transporte, conversando.

Com uma exceção. A poucos metros, barrando o caminho, encontrava-se um dos guardas que Cbaoth dispensara, na cripta. Seu rosto revelava uma fúria quase descontrolada. Nas mãos crispadas havia uma besta.

— Destruíram sua casa — Cbaoth explicou. — E agora ele quer se vingar.

Mal proferira estas palavras quando o guarda ergueu a besta e disparou. Instintivamente, Pellaeon abaixou-se, sacando o desintegrador para...

A três metros dos visitantes do Império, a flecha parou no ar.

Pellaeon olhou para a seta de madeira e metal, o cérebro tardando a se dar conta do que ocorria.

— São nossos convidados — Cbaoth avisou o guarda, em voz alta o suficiente para chegar a todos os grupos reunidos na praça. — E serão bem tratados.

Estalando, a seta se partiu em pedaços, que caíram no chão. Relutante, o guarda baixou a arma, os olhos ainda faiscantes de raiva. Thrawn aguardou um segundo e fez um gesto para Rukh. O noghri ergueu o desintegrador e disparou...

Em um movimento rápido, uma pedra ergueu-se do solo e parou na linha de tiro, explodindo espetacularmente ao receber o impacto do desintegrador.

Thrawn fitou Cbaoth, surpreso e furioso.

— Cbaoth...

— Este é o meu povo, Grande Almirante Thrawn — o guerreiro o interrompeu, a voz cortante e baixa. — E não o seu. Se houver necessidade de punição, eu me encarregarei disso.

Os dois homens trocaram olhares severos durante algum tempo. Depois, num esforço supremo, Thrawn recuperou a compostura. — Sem dúvida, Mestre Cbaoth. Peço perdão.

Cbaoth moveu ligeiramente a cabeça.

— Melhor assim. Bem melhor. — Olhou para o guarda, dispensando-o com um sinal. — Vamos conversar — falou, voltando-

se para o Grande Almirante.

— Quero saber como se defendeu de meu ataque — Cbaoth indagou, apontando para as almofadas destinadas a acomodá-los.

— Em primeiro lugar, gostaria de explicar o motivo de minha visita — Thrawn disse, examinando o salão antes de se acomodar em uma das almofadas. Com certeza, Pellaeon concluiu, o Grande Almirante observava os objetos de arte ali existentes. — Creio que...

— Diga como se defendeu de meu ataque — Cbaoth insistiu.

Com um sorriso condescendente, logo reprimido, Thrawn disse:

— Foi muito simples, na verdade. — Ele olhou para o ysalamiri em suas costas, e com o dedo acariciou o longo pescoço do animal.

— Estas criaturas chamam-se ysalamiris. Vivem nas árvores de um planeta distante e irrelevante. Possuem, no entanto, uma característica peculiar, única. Elas repelem a Força.

Cbaoth franziu a testa.

— Como assim, repelem?

— A Força é incapaz de penetrar na área onde se encontram — Thrawn explicou. — Elas geram um campo, como uma bolha de ar. Um único ysalamiri consegue criar uma bolha de até dez metros. Um grupo como esse soma esforços, e amplia bastante a defesa.

— Nunca ouvi falar disso. — Cbaoth examinou o ysalamiri de Thrawn com curiosidade quase infantil. — Como pode existir tal criatura?

— Não faço a menor idéia — Thrawn disse. — Presumo que tal habilidade seja útil em seu meio, mas não imagino como. — Ergueu a sobrancelha. — Não importa. No momento, esta habilidade basta para meu objetivo.

O rosto de Cbaoth crispou-se.

— Sendo este objetivo minha derrota. Thrawn deu de ombros.

— Esperávamos encontrar o guardião do Imperador aqui. Eu precisava garantir que ele nos permitisse explicar a natureza de nossa missão. — Acariciou novamente o pescoço do ysalamiri.

— No entanto, a proteção contra o guardião foi apenas um bônus adicional. Tenho algo muito mais interessante em mente, para estes lindos animais.

— E seria...? Thrawn sorriu.

— Tudo em seu devido momento, Mestre Cbaoth. E apenas depois que nos permitir examinar o depósito do Imperador, no monte Tantiss.

Cbaoth mordeu o lábio.

— Então a montanha é seu verdadeiro objetivo.

— Preciso ir à montanha, sem dúvida. Espero encontrar algo lá.

— O quê?

Thrawn o estudou por um momento.

— Ouvi rumores, pouco antes da Batalha de Endor, que os

cientistas do Imperador haviam aperfeiçoado um escudo de camuflagem eficiente. Eu o quero. Além disso — acrescentou, após um instante de reflexão —, há outro equipamento. Um brinquedinho tecnológico trivial.

— E espera encontrar um escudo de camuflagem assim, na montanha?

— Creio que há lá um protótipo, ou pelo menos o projeto completo. Um dos objetivos do Imperador, ao construir o depósito, foi impedir a perda de tecnologias potencialmente úteis.

— Isso, e colecionar lembranças de suas conquistas gloriosas — Cbaoth acrescentou. — Há várias salas cheias de troféus do gênero.

Pellaeon ficou tenso.

— Esteve na montanha? — perguntou. Calculara que o depósito possuísse defesas intransponíveis.

Cbaoth o olhou com desprezo e complacência.

— Claro que estive na montanha. Matei o guardião, recorda-se?

— E, dirigindo-se a Thrawn: — Certo. Quer os brinquedos do Imperador. Mas agora pode simplesmente ir até a montanha e pegar o que quiser, com ou sem meu auxílio. O que espera?

— O conteúdo da montanha é apenas parte do que preciso — Thrawn explicou. — Também necessito do auxílio de um Mestre Jedi.

Cbaoth acomodou-se novamente nas almofadas, um sorriso cínico na face.

— Bem, finalmente chegamos ao que interessa. Vai me oferecer um poder capaz de deslumbrar até a um Mestre Jedi, agora.

Thrawn sorriu também.

— Realmente. Diga-me, Mestre Cbaoth, conhece os detalhes da desastrosa derrota da Frota Imperial, na Batalha de Endor, há cinco anos?

— Ouvi boatos. Um dos estrangeiros que aqui esteve comentou algo. — Os olhos de Cbaoth fitaram a cripta/palácio, do outro lado da praça. — Rapidamente.

Pellaeon engoliu em seco. Thrawn, contudo, não se abalou com a insinuação.

— Então deve ter se intrigado com a capacidade de algumas dúzias de naves Rebeldes em derrotar uma força imperial que os superava em dez para um.

— Não perco meu tempo com essas coisas — Cbaoth disse, seco. — Presumo que os Rebeldes lutem melhor.

— De certo modo, é verdade. Os Rebeldes lutaram melhor, mas não por causa de um treinamento mais eficiente. Eles derrotaram a Frota por que o Imperador estava morto. — Ele se voltou para Pellaeon. — Participou do combate, capitão. Deve ter notado isso. A súbita perda de coordenação entre tripulantes das naves. A ausência

de disciplina e eficiência. Em resumo, o desaparecimento da sutil qualidade a que chamamos de espírito de luta.

— Sim, houve muita confusão — Pellaeon concordou. Começava a entender onde Thrawn pretendia chegar, e não gostou nem um pouco. — Mas isso pode ser explicado pelas condições normais em que se trava uma batalha.

A sobrancelha azulada ergueu-se ligeiramente.

— Acha mesmo? A perda do *Executor,* a súbita incompetência dos caças TIE, no momento crucial, provocando a perda da *Estrela da Morte,* a destruição de outros seis destróieres estelares, em confrontos que deveriam ter vencido sem dificuldade... Acha que tudo isso se deve a condições normais em que se trava uma batalha?

— O Imperador não comandou a batalha — Pellaeon justificou com tanta veemência que ele mesmo se surpreendeu. — Eu estive lá, almirante, sei o que houve.

— Sim, capitão, esteve lá — Thrawn disse, a voz adquirindo um tom mais duro. — E chegou a hora de abandonar as ilusões e encarar a verdade, por mais dura que seja. Vocês não dispunham de ânimo para combater. A Frota Imperial havia perdido a coragem. O poder do Imperador os conduzia. A mente do Imperador lhes dava força, determinação e eficiência. Dependiam tanto de sua presença que mais pareciam borgs implantados em um computador de combate.

— Não é verdade — Pellaeon retrucou, sentindo um aperto no peito. — Não pode ser. Lutamos, mesmo depois da morte do Imperador.

— Claro — Thrawn concedeu, a voz carregada de desdém. — Lutaram como cadetes.

Cbaoth interferiu.

— Então *é* isso que pretende comigo, Grande Almirante Thrawn? — indagou revoltado. — Que transforme as naves em marionetes sob seu controle?

— De modo algum, Mestre Cbaoth — Thrawn disse, já mais calmo. — Escolhi cuidadosamente minha analogia com borgs implantados em computador. O erro fatal do Imperador foi ter assumido o controle pessoal, completo e constante da Frota Imperial inteira. Causou grandes danos, com o passar do tempo. Desejo apenas que me ajude a otimizar a coordenação entre as naves e as forças de ataque — e somente nos momentos críticos, em situações de combate cuidadosamente escolhidas.

Cbaoth olhou para Pellaeon.

— Com que finalidade?

— Para atingir o objetivo mencionado. Poder.

— Poder de que tipo?

Pela primeira vez, desde o pouso, Thrawn ficou atônito.

— A conquista de mundos, claro. A derrota final da Rebelião. O restabelecimento da glória da Nova Ordem Imperial.

Cbaoth balançou a cabeça.

— Você não entende nada de poder, Grande Almirante Thrawn. Conquistar mundos que ainda nem visitou não significa poder. Nem destruir naves e pessoas e rebeliões que não enfrentou pessoalmente. — Ele estendeu a mão num gesto, os olhos brilhando graças ao fogo interior que o animava.

— Isso, Grande Almirante Thrawn, é poder. Esta cidade, este planeta, esta gente. Cada humano, Psadan e Myneyrsh que vive aqui pertence a mim. *A mim.* — Seus olhos voltaram-se para a janela novamente. — Eu os ensino. Eu os comando. Eu os puno. Suas vidas e suas mortes estão nas minhas mãos.

— Eu ofereço exatamente a mesma coisa — Thrawn disse. — Milhões de vidas, bilhões, se preferir. Para fazer com elas o que bem entender.

— Não é a mesma coisa — Cbaoth retrucou, num tom de paciência paternalista. — Não me atrai exercer um poder distante sobre rostos anônimos.

— Pode comandar uma única cidade, então — Thrawn insistiu. — Grande ou pequena, a gosto.

— Já tenho uma cidade.

Os olhos de Thrawn se estreitaram.

— Preciso de sua ajuda, Mestre Cbaoth. Diga seu preço. Cbaoth sorriu.

— Meu preço? O preço por meus serviços? — De súbito, o sorriso sumiu do rosto. — Sou um Mestre Jedi, Grande Almirante Thrawn — ele declarou com voz ameaçadora. — Não um mercenário como seu noghri.

Lançou um olhar de desprezo para Rukh, que permanecia sentado no canto, quieto.

— Isso mesmo, noghri. Conheço você e sua gente. Servem como esquadrões da morte do Império. Vivem e morrem conforme os caprichos de homens ambiciosos como Darth Vader e o Grande Almirante aqui presente.

— Lorde Vader serviu ao Império e ao Imperador — Rukh rugiu, os olhos fixos em Cbaoth. — Assim como nós.

— Talvez. — Cbaoth voltou-se para Thrawn. — Tenho tudo que desejo e preciso, Grande Almirante. Deve deixar Wayland agora.

Thrawn não se moveu.

— Preciso de sua ajuda, Mestre Cbaoth — ele repetiu calmamente. — E vou consegui-la.

— Ou então vai fazer o quê? — Cbaoth rosnou. — Ordenará ao noghri que me mate? Seria um espetáculo e tanto. — Ele encarou

Pellaeon. — Ou talvez usar o poderoso destróier estelar para arrasar a cidade. Mas não pode correr o risco de danificar a montanha, certo?

— Meus canhões podem destruir a cidade sem afetar a grama de monte Tantiss — Pellaeon retrucou. — Se quiser uma demonstração...

— Calma, capitão — Thrawn interferiu. — Então prefere o poder face a face, Mestre Cbaoth? Sim, posso entender. Não há grandes desafios, hoje em dia, entretanto. Entendo... — Ele olhou pensativo através da janela. — Até mesmo um Mestre Jedi acaba por se cansar, e torna-se velho demais, desinteressa-se por tudo, a não ser tomar banho de sol.

O semblante de Cbaoth anuviou-se.

— Cuidado, Grande Almirante Thrawn — ele ameaçou. — Talvez eu me interesse pela sua destruição.

— Este não seria um desafio à altura, para um guerreiro com sua habilidade e poder — Thrawn reagiu, displicente. — Sugiro que enfrente os outros Jedis que aqui se encontram, sob seu comando.

Cbaoth franziu a testa, confuso com a mudança súbita de assunto.

— Outros Jedis? — repetiu.

— Claro. Sem dúvida um Mestre Jedi comanda guerreiros menos capacitados. Nada mais apropriado. Não há Jedis aqui para servi-lo? Que possa punir conforme sua vontade?

Uma sombra escureceu o rosto de Cbaoth.

— Não resta mais nenhum Jedi — ele murmurou. — O Imperador e Darth Vader caçaram e mataram todos eles.

— Nem todos — Thrawn informou malicioso. — Dois novos Jedis surgiram nos últimos anos: Luke Skywalker e sua irmã, Leia Organa Solo.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Posso colocá-los a seu dispor.

Por um longo tempo, Cbaoth o encarou, enfrentando o conflito entre a incredulidade e o desejo. Venceu o desejo. — Os dois?

— Os dois — Thrawn confirmou. — Leve em conta o que um homem com sua capacidade poder fazer com dois jovens Jedis. Disponíveis. Pode moldá-los, transformá-los, recriá-los à sua imagem. — Ele ergueu a sobrancelha. — E com eles virá um bônus especial... pois Leia Organa Solo está grávida. Gêmeos.

Cbaoth tomou fôlego.

— Gêmeos Jedis? — sussurrou.

— E têm potencial, segundo minhas fontes. — Thrawn sorriu. — Claro, seu destino final dependerá somente de sua vontade.

Os olhos de Cbaoth foram de Pellaeon a Thrawn. Lentamente, num movimento deliberado, ele se ergueu.

— Muito bem, Grande Almirante Thrawn. Em troca dos Jedis, colaborarei com suas forças. Leve-me para a nave.

— No momento oportuno, Mestre Cbaoth — Thrawn disse, levantando- se também. — Primeiro precisamos ir até a montanha do Imperador. Nosso acordo depende das coisas que preciso encontrar lá.

— Claro. — Os olhos de Cbaoth faiscaram. — Vamos torcer para que as encontre, então. Para seu próprio bem — encerrou, ameaçador.

A busca durou sete horas, pois a fortaleza era muito maior do que Pellaeon esperava. Mas, no final, localizaram os tesouros ambicionados por Thrawn. O escudo de camuflagem e o outro equipamento, um item quase trivial, em termos de tecnologia.

A porta para a sala de comando do Grande Almirante abriu-se. Adiantando-se, Pellaeon entrou.

— Podemos conversar, almirante?

— Certamente, capitão — Thrawn concedeu de sua poltrona, no centro do duplo círculo. — Aproxime-se. Temos novidades do Palácio Imperial?

— Nada, senhor, desde ontem — Pellaeon respondeu ao chegar ao círculo externo, ensaiando silenciosamente o que tinha a dizer. — Posso pedir um relatório, se quiser.

— Desnecessário, creio. Os detalhes da viagem a Bimmisaari já foram analisados. Só precisamos alertar um dos grupos de comandos, Grupo Oito, sugiro, para capturar nossos Jedis.

— Sim, senhor. — Pellaeon resolveu arriscar: — Almirante... devo preveni-lo de que, em minha opinião, lidar com Cbaoth não é uma boa idéia. Para ser honesto, suspeito de insanidade.

Thrawn ergueu a sobrancelha.

— A insanidade, no caso dele, é óbvia. Afinal, não se trata de Jorus Cbaoth.

O queixo de Pellaeon caiu.

— Como?

— Jorus Cbaoth está morto — Thrawn disse. — Era um dos seis Mestres Jedis engajados no projeto de conquista da Velha República. Não sei se, na época, sua posição lhe dava acesso a tais informações.

— Ouvi boatos — Pellaeon disse, franzindo a testa num esforço para se recordar dos fatos. — Houve uma tentativa de estender a autoridade da Velha República para além da galáxia, pouco antes da Guerra dos Clones. Eu não soube de mais nada a respeito.

— Por que não havia mais nada a saber — Thrawn disse, tranqüilo. — A nave foi interceptada quando deixou a área de influência da Velha República, e destruída.

Pellaeon o fitou, sentindo um frio na espinha.

— Como sabe?

Thrawn ergueu a sobrancelha.

— Eu comandava a força de ataque. Já naquela época o Imperador planejava o extermínio dos Jedis. Ter seis Mestres Jedis a bordo de

uma mesma nave era uma oportunidade boa demais para se desperdiçar.

Pellaeon umedeceu os lábios.

— Mas quem, então...?

— Quem se encontra agora a bordo do *Quimera?* — Thrawn concluiu a pergunta iniciada pelo capitão. — Pensei que fosse óbvio. Joruus Cbaoth — note a alteração na pronúncia de Jorus — não passa de um clone.

Pellaeon o encarou estarrecido.

— Um clone?

— Sem dúvida — Thrawn confirmou. — Criado a partir de um fragmento do original, provavelmente antes da morte do Cbaoth verdadeiro.

— No início da guerra, em outras palavras — Pellaeon disse, engolindo em seco. Os primeiros clones, ou pelo menos aqueles enfrentados pela frota, eram muito instáveis, mental e emocionalmente. Por vezes, de modo assustador. — E o senhor, deliberadamente, o trouxe a bordo de minha nave?

— Preferiria ter um Jedi do Mal de verdade, aqui? — Thrawn perguntou friamente. — Um novo Darth Vader, quem sabe, com a ambição e o poder capazes de levá-lo ao controle da nave? Agradeça aos deuses, capitão.

— Pelo menos um Jedi do Mal verdadeiro seria previsível — Pellaeon argumentou.

— Podemos controlar Cbaoth — Thrawn garantiu. — E, se ele sair da linha... — Com um gesto, apontou para a meia dúzia de jaulas em torno da área de comando. — Temos os ysalamiris para nos proteger.

Pellaeon fechou a cara.

— Continuo não gostando nem um pouco disso, almirante. Como podemos proteger a nave, se vamos entregar o coordenação dos ataques a ele?

— Há sempre algum risco envolvido — Thrawn concordou.

— Mas o risco faz parte da guerra. Neste caso, os benefícios potenciais ganham disparado dos perigos potenciais.

Relutante, Pellaeon concordou com um movimento de cabeça. Ele não gostava, jamais aceitaria aquele plano, mas Thrawn tomara uma decisão definitiva.

— Sim, senhor — resmungou. — Mencionou uma mensagem destinada ao Grupo Oito, não? Gostaria que eu a transmitisse agora?

— Não, cuidarei disso pessoalmente. — Thrawn sorriu irônico.

— O glorioso líder e tudo mais. Conhece a mentalidade noghri. Mais alguma coisa?

Estava dispensado, sem rodeios.

— Não, senhor. Se precisar de mim, estarei na ponte. — E deu

meia- volta para sair.

— Este plano nos levará à vitória, capitão — o Grande Almirante afirmou suavemente. — Controle seu medo e concentre-se nessa idéia.

Ou nos matará a todos, refletiu Pellaeon.

— Claro, senhor.

5

Han terminou o relatório, sentou-se e esperou a saraivada de críticas.

Esperou pouco tempo.

— Então, seus amigos contrabandistas mais uma vez evitam qualquer envolvimento — o almirante Ackbar disse, sem tentar ocultar a contrariedade. A cabeça alta balançou seguidamente, num gesto calamariano indecifrável, e os olhos enormes piscaram, em coordenação com o movimento. — Deve-se recordar de que me opus à idéia desde o início — completou, apontando Han com a mão membranosa.

Han olhou para Leia, do outro lado da mesa.

— Não se trata de evitar o envolvimento, almirante — Han argumentou.

— A maioria não vê qualquer vantagem real em deixar as atividades atuais e passar para o transporte regular de carga.

— Ou, então, trata-se de falta de confiança — interferiu uma voz alienígena melodiosa. — O que acham?

Han fez uma careta e conteve-se.

— Pode ser — disse, e com esforço encarou Borsk Fey'lya.

— Pode ser? — Fey'lya arregalou os olhos violeta, e o pêlo castanho eriçou-se ligeiramente. Assim os nativos de Bothan demonstravam educadamente sua surpresa, e Fey'lya abusava deste recurso. — Disse que *pode ser,* capitão Solo?

Han bufou baixinho. Desistia. Fey'lya iria manobrá-lo até que dissesse tudo.

— Alguns grupos com quem conversei não confiam em nós — admitiu. — Temem que nossa oferta seja uma cilada, com a finalidade de expor e reprimir as atividades ilegais.

— Por minha causa, aposto — Ackbar resmungou, enquanto o avermelhado normal de sua pele adquiria um tom mais escuro.

— Ainda não se cansou deste assunto, conselheiro Fey'lya?

Os olhos de Fey'lya arregalaram-se outra vez, e por um momento ele encarou Ackbar. A tensão na sala aumentou. Han sabia que eles se detestavam desde o dia em que Fey'lya articulou a adesão de uma parcela considerável do povo de Bothan à Aliança, após a batalha de Yavin. Desde o início Fey'lya lutava por cargos e poderes, promovendo conchavos sempre que possível, deixando mais do que clara sua expectativa de ocupar uma posição de grande destaque no novo sistema político que Mon Mothma procurava consolidar. Ackbar considerava tais ambições uma perda de tempo e esforço, principalmente pela situação precária da Aliança naquele momento, e, com sua típica franqueza, não fazia a menor questão de ocultar esta opinião.

Em conseqüência da reputação e dos sucessos freqüentes de Ackbar, Han calculara que Fey’lya acabaria relegado a algum cargo governamental subalterno, na Nova República. Errou, pois os bothans, sob as ordens de Fey'lya, foram os espiões responsáveis pela descoberta da existência e localização da nova *Estrela da Morte* do Imperador.

Preocupado na época com assuntos mais urgentes, Han não se inteirou de detalhes das manobras usadas por Fey'lya para transformar seu golpe de sorte em um assento no Conselho. E, para ser honesto, preferia não saber.

— Só procurei compreender a situação e esclarecer os fatos, almirante — Fey'lya disse, rompendo o silêncio constrangedor.

— Creio que não vale a pena desperdiçar um elemento valioso como o capitão Solo em missões de contato destinadas ao fracasso.

— Não estão destinadas ao fracasso — Han interferiu. Com o canto do olho, notou o sinal de alerta de Leia. Ignorou-o. — Os contrabandistas com quem lidamos adotam posturas conservadoras, em seus negócios. Eles não se engajam em nenhuma aventura sem pensar. Mas acabarão aceitando a proposta.

Fey'lya deu de ombros, eriçando o pêlo.

— E, neste meio tempo, desperdiçamos tempo e recursos, sem resultados palpáveis.

— Bem, não se pode...

Uma batida do martelo, discreta mas definitiva, cortou a discussão.

— Os contrabandistas aguardam o mesmo que o resto da galáxia — Mon Mothma afirmou calmamente, encarando os presentes, um a um. — Eles esperam o restabelecimento formal dos princípios e leis da Velha República. Esta é nossa principal tarefa, conselheiros. Criar uma Nova República de fato, e não apenas no nome.

Han olhou para Leia e, desta vez, foi ele quem lançou um alerta. Ela sorriu, mexeu discretamente a cabeça, e manteve-se quieta.

Mon Mothma deixou que o silêncio pairasse no ar por um momento, perscrutando os rostos em volta da mesa. Han a estudava, notando as rugas profundas em sua face, as mechas grisalhas nos cabelos negros, o pescoço cada vez mais grosso, com o passar do tempo. Envelhecera bastante desde o dia em que a conhecera, na época em que a Aliança procurava um modo de fugir da sombra lançada pela segunda *Estrela da Morte* do Império. Desde então, Mon Mothma assumira a terrível missão de estabelecer um governo viável, e pagava o preço de tanta tensão com sua aparência.

Contudo, apesar do efeito dos anos em seu rosto, os olhos ainda exibiam o mesmo fogo calmo de antes. O mesmo fogo, diziam as lendas, que a levou ao histórico rompimento com a Nova Ordem Imperial e à fundação da Aliança Rebelde. Ela era rija, inteligente e

sabia liderar. Ninguém ali se iludia quanto a isso.

Seus olhos encerraram o passeio e fixaram-se em Han.

— Capitão Solo, agradecemos por seu relatório, e também por seus esforços. A reunião está encerrada.

Batendo o martelo novamente, ela se ergueu. Han fechou a pasta e abriu caminho no grupo que se formara da outra ponta da mesa.

— Vamos sair logo daqui? — perguntou a Leia, baixinho. Ela respondeu com um murmúrio, enquanto guardava suas coisas:

— Quanto antes, melhor. Preciso apenas passar isso para Winter.

Han observou os presentes e baixou ainda mais a voz.

— Presumo que a reunião tenha sido tensa, antes mesmo de minha convocação.

— Como de costume — ela contou. — Fey'lya e Ackbar discutiram outra vez. O motivo foi o fiasco em Obroa-skai, onde perdemos a força elomin, e Fey'lya mais uma vez insinuou que o cargo de comandante-chefe é mais do que Ackbar dá conta. E, como sempre, Mon Mothma...

— Só mais uma coisa, Leia — Mon Mothma falou, atrás de Han.

Han virou o rosto, percebendo a tensão de Leia.

— Sim?

— Esqueci de perguntar se já conversou com Han sobre a ida a Bimmisaari — Mon Mothma disse. — Ele concorda?

— Sim — Leia respondeu, lançando um olhar culpado para Han. — Sinto muito, Han. Não tive chance de explicar. Os bimms enviaram uma mensagem ontem, pedindo que Luke me acompanhasse nas negociações.

— E mesmo? — Há um ano, Han ponderou, ficaria furioso se um cronograma rigoroso sofresse alterações de última hora. A paciência diplomática de Leia já o contaminava.

Ou, então, ele se tornou mais compreensivo.

— Deram algum motivo?

— Os Bimms valorizam muito os heróis — Mon Mothma explicou, antes que Leia pudesse dizer algo. Estudou a expressão de Han, tentando descobrir seu grau de contrariedade com a alteração dos planos. — E todos se lembram do papel de Luke na Batalha de Endor.

— Sei disso — Han retrucou, tentando não soar sarcástico. Não se incomodava com a posição de Luke no panteão dos heróis da Nova República, pois o rapaz a merecia. Mas, se ter um Jedi para exibir por aí era tão importante para Mon Mothma, ela deveria permitir que Leia prosseguisse com o treinamento, em vez de obrigá-la a desempenhar tantas missões diplomáticas. Naquele ritmo, uma lesma ambiciosa conseguiria se transformar em Jedi antes dela.

Leia segurou a mão dele, e Han aceitou o gesto de carinho para mostrar que não se sentia decepcionado. Ela já sabia disso, entretanto.

— Melhor ir andando — Leia disse a Mon Mothma, puxando Han

pela mão para afastá-lo da mesa. — Precisamos pegar os dróides antes de partir.

— Façam uma boa viagem — Mon Mothma disse gravemente. — E boa sorte.

— Os dróides já se encontram no *Falcon* — Han avisou enquanto se afastavam, desviando das rodas formadas pelos conselheiros e assessores. — Chewie os levou a bordo, quando vim para cá.

— Sei disso — Leia murmurou.

— Ótimo — Han disse, sem mais comentários. Ela apertou a mão do marido com mais força.

— Será bom, Han. Você, eu e Luke juntos, como nos velhos tempos.

— Claro — Han disse. Passar o dia sentado, na presença de alienígenas peludos e nanicos, enquanto Threepio, com sua voz precisa traduzia frases intermináveis, e eles tentavam aprofundar a compreensão da mentalidade de mais uma espécie, descobrindo o que os levaria a aderir à Nova República.

— Isso mesmo — disse emburrado. — Como nos velhos tempos.

6

As árvores alienígenas oscilantes afastaram-se como tentáculos gigantescos da área de pouso, e, com um solavanco, Han estacionou o *Millennium Falcon* no solo irregular.

— Muito bem, chegamos — anunciou, sem se dirigir a alguém em particular. — Bimmisaari. Destaque para peles e plantas moventes.

— Não zombe — Leia aconselhou, soltando o cinto na poltrona de trás para pôr em prática as técnicas Jedi de relaxamento ensinadas por Luke. Não achava difícil tratar de política com povos conhecidos. Missões diplomáticas entre espécies alienígenas desconhecidas eram outra história.

— Vai dar tudo certo — Luke disse, tocando seu braço. Han deu meia- volta.

— Gostaria que vocês dois não fizessem isso — queixou-se.

— É como escutar meia conversa.

— Lamento — Luke desculpou-se, deixando a poltrona para espiar pela janela frontal do *Falcon.* — O comitê de recepção já está chegando, ao que parece. Vou preparar Threepio.

— Desceremos em um minuto — Leia disse. — Han, tudo pronto?

— Sim — Han confirmou, ajustando o desintegrador no coldre.

— Ultima chance para mudar de idéia, Chewie.

Leia apurou os ouvidos para tentar entender a resposta lacônica de Chewbacca. Depois de tantos anos, ainda não conseguia se equiparar a Han na compreensão das sutis inflexões vocais do wookiee.

Embora não captasse alguns termos, o sentido geral não dava margem a dúvidas.

— Ora, deixe disso — Han insistiu. — Você já foi adulado antes. Lembra-se das condecorações na base de Yavin? Não ouvi queixas, na época.

— Chega, Han — Leia interferiu, antes da resposta de Chewbacca. — Se ele prefere ficar a bordo com Artoo e consertar o estabilizador, não faz mal. Os bimms não se ofenderão.

Han olhou pela janela frontal, vendo a delegação aproximar-se.

— Eu não me preocupava com os melindres deles — resmungou. — Só preferia ter uma escolta reforçada. Por precaução.

Leia sorriu, acariciando-lhe o braço.

— Os Bimms são um povo muito hospitaleiro e pacato — garantiu. —

Não haverá problemas.

— Já ouvi isso antes — Han retrucou secamente, retirando um intercomunicador do compartimento próximo do assento. Ia instalá-lo no cinto mas, a meio caminho, mudou de idéia. Prendeu-o no colarinho.

— Fica bem em você — Leia brincou. — E agora, vai prender a

antiga insígnia de general no cinto?

Ele fechou a cara.

— Muito engraçada. Mas o intercomunicador nesta posição permite que eu converse com Chewbacca sem muito alarde. Basta acionar discretamente o interruptor.

— Sei — Leia concordou. Era uma boa idéia, afinal de contas.

— Creio que você anda passando tempo demais com os comandos do tenente Page.

— Ando é passando tempo demais em reuniões do Conselho — ele reagiu, erguendo-se. — Depois de quatro anos observando escaramuças políticas internas, a gente descobre o valor da sutileza. Vamos, Chewie. Você precisa fechar a porta depois que passarmos.

Luke e Threepio os aguardavam na saída.

— Prontos? — Luke perguntou.

— Sim — Leia respondeu, respirando fundo. A escotilha se abriu com um silvo, e eles marcharam pela rampa, indo ao encontro das criaturas peludas em trajes amarelados.

A cerimônia de boas-vindas foi curta, e, em sua maior parte, ininteligível, embora Threepio se esforçasse ao máximo para traduzir as cinco partes em que se dividia a saudação. A canção terminou e dois dos Bimms adiantaram-se. Um deles continuou cantando, e outro ergueu um pequeno aparelho eletrônico.

— Ele saúda a distinta representante do Conselho, Leia Organa Solo — Threepio traduziu. — E deseja sucesso na conferência com o Conselho dos Anciãos. Além disso, solicita que o capitão Solo deixe sua arma na nave.

O dróide traduziu o pedido final de modo tão prosaico que retardou o efeito das palavras.

— Como é? — Leia perguntou.

— O capitão Solo deve deixar a arma na nave — Threepio explicou. — Armas e violência são proibidas na cidade. Não há exceções.

— Terrível — Han murmurou no ouvido de Leia. — Você não me contou nada a esse respeito.

— Eu não sabia — Leia retrucou, sorrindo para os dois Bimms.

— Ao que parece, não há alternativa.

— Diplomacia — Han resmungou, como se o termo fosse um palavrão.

Desafivelando o cinto, ele o enrolou cuidadosamente no coldre do desintegrador, e guardou o pacote na nave. — Satisfeita?

— Como sempre. — Leia fez um gesto para Threepio. — Diga a eles que estamos prontos.

O dróide traduziu. Os dois Bimms gesticularam na direção da comitiva de recepção.

Estavam a cerca de vinte metros do *Falcon* e o som da rampa fechada por Chewbacca ainda ecoava no ar quando, de repente, Leia se lembrou de um detalhe.

— Luke? — murmurou.

— Sim, eu sei — ele respondeu. — Devem ter pensado que faz parte do traje Jedi.

— Ou o detector de armamentos deles não acusa sabres-laser — Han comentou baixinho, ao lado de Leia. — De qualquer maneira, o que não conhecem não irá incomodá-los.

— Assim espero — Leia disse, assumindo uma postura pragmática. Afinal, os próprios Bimms não fizeram objeção alguma... — Minha nossa, olhem que multidão?

Eles aguardavam no ponto onde o caminho se abria em uma clareira, afastado das árvores. Centenas de Bimms, nos dois lados da trilha, todos vestindo o mesmo tipo de traje amarelo. O comitê oficial de recepção formou fila indiana e avançou, ignorando a multidão. Leia os seguiu.

Apesar de bizarra, ela não sentiu nenhum constrangimento com a atitude dos Bimms. Eles esticavam a mão à sua passagem, tocando de leve seus cabelos, braços e ombros. Sempre em absoluto silêncio, em perfeita ordem, com a aura de uma civilização perfeita.

Felizmente Chewbacca preferiu não descer. Ele odiava ser tocado por estranhos, reagindo com violência.

Atravessaram a multidão e o bimm mais próximo cantou algo. Threepio traduziu para Leia:

— Ele disse que a Torre da Lei fica logo adiante. Ali se reúne o conselho do planeta.

Leia espiou por cima da cabeça dos bimms. Lá estava a Torre da Lei. E, ao lado dela...

— Threepio, pergunte o que há ao lado dela. O que é aquele prédio que mais parece um domo em três andares, com as laterais e o teto cortados.

O dróide cantou, e o bimm respondeu.

— Trata-se do mercado central da cidade — Threepio revelou. — Eles preferem ficar ao ar livre, sempre que possível.

— O teto provavelmente pode ser fechado, cobrindo a estrutura quando chove — Han comentou, atrás dela. — Já vi este sistema em outros locais.

— Ele disse que vocês poderiam visitar o mercado, antes de partir — Threepio disse.

— Boa idéia — Han concordou. — Bom lugar para se comprar lembranças.

— Quieto — Leia o censurou. — Ou vai voltar para o *Falcon* e ficar com Chewie.

A Torre da Lei de Bimmisaari não se destacava muito, em comparação a outras sedes de conselhos planetários que conhecia. Superava em dois pisos os três do mercado. Depois de entrar, foram conduzidos a um grande salão, no térreo, decorado com tapeçarias imensas que cobriam as paredes. Outro grupo de bimms os aguardava, e três se levantaram para cantar quando Leia entrou.

— Eles acrescentam suas saudações àquelas proferidas na área de pouso, princesa Leia — Threepio traduziu. — E lamentam que as conversações não possam ter início imediato. O chefe da delegação adoeceu há poucas horas.

— Entendo — Leia falou, um tanto surpresa. — For favor, transmita nossos votos de pronto restabelecimento, e pergunte se podemos ajudar.

— Eles agradecem — Threepio disse, após a consulta. — Mas não será necessário. O chefe não corre perigo, trata-se apenas de um mal-estar. — O dróide hesitou, e acrescentou delicadamente: — Sugiro que não insista no assunto, Alteza. Ao que parece, o problema é de natureza bem pessoal.

— Compreendo — Leia disse séria, contendo o sorriso provocado pelo tom solene do dróide. — Bem, nesse caso, retornaremos ao *Falcon* e aguardaremos sua melhora.

O dróide traduziu, e um dos Bimms deu um passo à frente, para cantar.

— Ele sugere, Alteza, que o acompanhem em um passeio pelo mercado, enquanto esperam.

Leia consultou Han e Luke.

— Alguma objeção? O bimm cantou mais.

— Ele também sugere que mestre Luke e o capitão Solo visitem os andares superiores da Torre — Threepio traduziu. — Lá encontrarão relíquias interessantes, datadas do período intermediário da Velha República.

No fundo da mente de Leia, soou um alarme discreto. Pretenderiam os bimms separá-los?

— Luke e Han apreciarão o mercado, também — ela disse, cautelosa.

Mais uma troca de árias, e Threepio falou:

— Ele afirma que os dois se aborrecerão demais. Francamente, se for como os mercados que conheço...

— Adoro mercados — Han interferiu bruscamente, a voz carregada de suspeitas. — Você nem imagina o quanto.

Leia consultou o irmão.

— O que acha?

Os olhos de Luke estudaram os Bimms. Ele os avaliava com seus poderes de Jedi.

— Não representam perigo — disse lentamente. — E não noto qualquer duplicidade neles, além da que se encontra normalmente na política.

Leia assentiu, mais aliviada. Política normal não passava disso, claro. Possivelmente o bimm só queria uma chance para expressar seus pontos de vista em particular, antes que as negociações começassem.

— Nesse caso — ela disse, inclinando a cabeça para o Bimm —, aceitamos com prazer.

— O mercado ocupa este local há mais de duzentos anos — Threepio traduziu para Han e Leia, que acompanhavam o guia na subida da rampa suave entre o segundo e o terceiro piso da estrutura aberta. — Embora a forma tenha sido modificada, claro. Construíram a Torre da Lei aqui por se tratar de um ponto central.

— Nunca muda, não é? — Han comentou, aproximando-se de Leia para evitar que fosse atropelada por um grupo especialmente ansioso de consumidores. Já vira muitos mercados em diversos planetas, e aquele se destacava apenas pela multidão compacta.

A multidão não incluía apenas moradores locais. Espalhados no mar em trajes amarelos dos bimms — *será que nunca usavam outra cor?* — viu alguns humanos, um casal de baradas, um ishi tib, um grupo de yuzzumis, e um ser vagamente assemelhado a um paonnid.

— Dá para entender o valor deste planeta para a Nova República — Leia murmurou para ele.

— Sem dúvida — Han concordou, parando em uma banca para apreciar os artefatos de metal expostos. O dono cantou algo para ele, mostrando as facas entalhadas. — Não, muito obrigado — Han disse, recuando. O bimm continuou a cantar, agitando-se cada vez mais. — Threepio, quer fazer o favor de pedir a nosso guia para dizer que não estou interessado em comprar nada? Não houve resposta.

— Threepio? — insistiu, procurando o dróide. Threepio observava a multidão.

— Ei, ferro-velho, estou falando com você! Threepio aproximou-se.

— Lamento muito, capitão Solo, mas nosso guia desapareceu.

— Como assim, desapareceu? — Han perguntou, preocupado. Olhou em torno, lembrando-se que o Bimm usava um conjunto de broches vistosos nos ombros.

Nenhum broche à vista.

— Onde ele se meteu? Leia segurou-lhe a mão com força.

— Não estou gostando nem um pouco disso. Vamos voltar para a Torre.

— Isso mesmo — Han concordou. — Vamos, Threepio. Não se perca.

— Segurando a mão de Leia, deu meia-volta...

E parou. A poucos metros, como ilhas no mar amarelo, três alienígenas os encaravam. Baixos, pouco maiores que os bimms, de pele cinzenta, olhos escuros saltados e mandíbulas proeminentes. Nas mãos, prontas para uso, bastões stokhli.

— Encrenca à vista — murmurou para Leia, estudando os arredores, torcendo desesperadamente para que fossem só três.

Qual nada. Havia outros oito, pelo menos, formando um círculo irregular, a uns dez metros. Um círculo em cujo centro encontravam-se Han, Leia e Threepio.

— Han! — Leia alertou assustada.

— Já vi. Temos problemas, menina.

— Quem são? — ela perguntou.

— Não sei, nunca vi nada parecido antes. Mas não vieram fazer compras. Levam bastões stokhli, capazes de lançar uma rede aderente a duzentos metros, forte o suficiente para prender um gundark adulto. — De repente, Han notou que ele e Leia se moviam, afastando-se por instinto do grupo mais próximo de atacantes. Olhou por cima do ombro. — Eles querem nos forçar a descer a rampa — avisou-a. — Para nos pegar sem provocar pânico na multidão.

— Estamos perdidos — Threepio choramingou. Leia apertou a mão de Han.

— O que faremos?

— Vamos ver se nos vigiam com atenção.

Tentando observar todos os atacantes ao mesmo tempo, Han levou a mão livre ao intercomunicador preso ao colarinho.

O alienígena mais próximo ergueu o bastão stokhli, ameaçador. Han parou, baixando a mão devagar.

— Não adianta — ele sussurrou. — Creio que é melhor chamar Luke.

— Ele não pode nos ajudar.

Han a encarou, deparando-se com um rosto preocupado e olhos ausentes.

— Por que não? — perguntou, adivinhando a resposta e sentindo um arrepio na espinha.

Ela suspirou.

— Eles o cercaram, também.

7

Mais sensação do que palavra, o chamado ecoou na mente de Luke, claro como um grito:

Socorro!

Ele recuou, ignorando a tapeçaria que até o momento apreciava, e seus sentidos de Jedi entraram em alerta de combate. Em torno, o andar superior da Torre encontrava-se do mesmo jeito: deserto, a não ser por um punhado de bimms que perambulavam entre as imensas tapeçarias penduradas nas paredes e vitrines com relíquias. Nenhum perigo ali, no momento. *O que houve?,* perguntou telepaticamente, dirigindo-se à sala adjacente, para descer a escada.

Vislumbrou a mente de Leia, identificando as figuras alienígenas, e uma nítida impressão da contração do nariz. Enviou uma mensagem: *Espere. Estou a caminho.* Quase correndo, chegou à porta que dava no salão da escada, segurou a maçaneta e começou a abrir...

Parou abruptamente. Entre ele e a escada, formando um semicírculo irregular, sete figuras cinzentas silenciosas o aguardavam.

Luke ficou imóvel, a mão ainda segurando a maçaneta, a meia galáxia de distância do sabre-laser que levava na cintura. Não conhecia os bastões que os atacantes apontavam, e preferiu manter-se ignorante quanto a sua serventia. Por enquanto, pelo menos.

— O que desejam? — perguntou, elevando a voz.

O alienígena no centro do semicírculo — o líder, Luke concluiu — gesticulou com o bastão. Luke, por cima do ombro, olhou para o salão que deixara.

— Querem que eu volte para lá?

O líder repetiu o gesto e Luke se deu conta do erro tático quase insignificante.

— Está certo — concordou, calmo. — Nenhum problema.

— Mantendo a vista fixa no atacante, e as mãos longe do sabre-laser, recuou.

Eles o encurralaram na outra extremidade do salão e o forçaram a seguir para outro ambiente, onde ainda não estivera.

— Se disserem o que pretendem, poderemos chegar a um acordo — Luke sugeriu, enquanto recuava. Sons débeis indicavam a presença de alguns bimms, provável motivo para a demora do ataque alienígena. —

Poderíamos dialogar, pelo menos. Não há motivo para que vocês saiam machucados.

Em um ato reflexo, o polegar direito do líder se moveu. Pouco, apenas o suficiente para chamar a atenção de Luke. Gatilho no polegar, concluiu.

— Se desejam tratar de algum assunto comigo, estou às ordens — assegurou. — Não precisam atacar meus amigos no mercado por causa

disso.

Ele estava quase debaixo da passagem em arco. Faltavam apenas dois passos. Se conseguisse impedir que atirassem...

E conseguiu. Quando sentiu o arco de pedra sobre sua cabeça, forçou o relaxamento dos músculos e perguntou:

— E agora, para onde?

O líder novamente gesticulou com o bastão e, no meio do movimento, este deixou de apontar para Luke, colocando-se na direção dos dois companheiros.

Valendo-se da Força, Luke acionou o gatilho. Com um som sibilante, o bastão, ainda nas mãos do dono, lançou uma espécie de fina teia pela ponta, num jato.

Luke não esperou para conferir o efeito exato do jato. A manobra provocou meio segundo de confusão, e não poderia se dar ao luxo de desperdiçá-lo. Recuando e saindo de lado, entrou na sala atrás de si, procurando a proteção do arco de pedra e da parede lateral.

Conseguiu, por pouco. Assim que saiu debaixo do arco, uma súbita saraivada de silvos encheu a passagem com uma estranha teia de fios semi- sólidos translúcidos. Ele recuou mais enquanto outro silvo ejetou nova teia porta adentro, formando um espiral onde a névoa fina se transformava em líquido e depois num cilindro sólido, no ponto exato onde se encontrava há um segundo.

Já com o sabre-laser na mão, acionado com um estalo sibilante também, ele se preparou para a entrada dos atacantes. Não precisava mais de sutileza alguma. Quando eles entrassem...

Luke lembrou-se, cerrando os dentes, do rápido confronto com Boba Fett, uma recordação distante. Preso pela corda do caçador de recompensas, ele escapara ao conseguir desviar um disparo do desintegrador. Mas não havia desintegradores ali para repetir o truque.

E não poderia garantir a eficiência do sabre-laser contra o jato fino do bastão. Equivaleria, talvez, a cortar uma corda que continuamente se emendava.

Ou melhor, sete cordas assim.

Ouviu os passos apressados dos oponentes em direção ao salão onde se encontrava, enquanto as teias lançadas pela porta o mantinham a distância, impedindo que Luke os emboscasse quando entrassem. Esta técnica militar consagrada mostrava que não lidava com amadores.

Ele ergueu o sabre, arriscando uma olhada em torno, rápida. O salão era decorado com tapeçarias antigas e relíquias, como os outros. Nenhuma cobertura à vista. Seus olhos percorreram as paredes, procurando a saída que, pela lógica, deveria estar em algum lugar. Mas agia assim por puro reflexo. A saída, se existisse, estaria distante

demais para que pudesse usá-la.

O silvo dos jatos parou, e ele se voltou bem a tempo de ver que os alienígenas entravam no salão. Eles o localizaram, viraram para apontar os bastões...

E, com o auxílio da Força, Luke soltou uma das tapeçarias da parede, atirando-a por cima deles.

Só um Jedi conseguiria realizar um feito semelhante, com condições de sucesso. Os sete alienígenas encontravam-se no salão quando ele soltou a imensa tapeçaria, e os sete estavam sob o pesado tapete quando ele iniciou sua queda. De algum modo, quando bateu no chão, amontoando-se numa imensa pilha, todos os sete haviam conseguido se livrar a tempo.

Atrás da pilha os bastões sibilaram, e Luke agachou-se involuntariamente, até se dar conta de que as teias não o visavam. As fina cordas grudavam-se nas paredes, longe dele.

No início pensou que as armas haviam disparado acidentalmente, quando os alienígenas escaparam da tapeçaria que desabava sobre suas cabeças. Mas bastou uma fração de segundo para que compreendesse sua atitude. Eles deliberadamente prendiam as tapeçarias restantes nas paredes, evitando a repetição do truque. Intrigado, Luke tentou lançar o tapete que se encontrava no solo contra os atacantes, mas descobriu que este também estava solidamente preso ao chão.

Os jatos sibilantes cessaram, e um único olho negro espiou, por detrás da montanha formada pelo tapete. Sentindo-se estranhamente melancólico, Luke concluiu que não lhe restava outra opção. Agora, só havia um modo de acabar com aquilo e salvar Han e Leia.

Ele deixou o sabre-laser ligado, relaxou a mente, usando os sentidos Jedi para localizar as sete figuras, formando sua imagem com os olhos do espírito. O alienígena que o vigiava ergueu a arma, por detrás do tapete...

Erguendo o braço, Luke atirou o sabre-laser com toda a força.

A espada de luz saiu girando, em direção ao tapete, como um predador estranho e feroz. O atacante o viu, agachou-se instintivamente... e morreu, quando o sabre varou o tapete e cortou o alienígena ao meio.

Os outros deviam ter concluído, no mesmo instante, que também estavam condenados a morrer. Mesmo assim, não desistiram. Atacaram, lançando um grito selvagem aterrorizante. Quatro contornaram a barreira, os outros literalmente saltaram sobre ela, tentando atirar.

Não fez diferença alguma. Guiado pela Força, o sabre girava, cortando os inimigos um a um.

Não demorou um segundo, e estava tudo acabado.

Luke tomou fôlego. Conseguira. Não do modo planejado, mas vencera. Agora só desejava ter sido rápido o bastante. Atraindo o sabre-laser de volta à mão, lançou-se numa corrida frenética, pulando por cima dos corpos dos alienígenas retalhados. Chamou, usando a Força: *Leia!*

As colunas decoradas que ladeavam a rampa de descida já estavam visíveis, atrás de duas fileiras de bancas, quando Han percebeu que Leia tremia.

— Ele está livre — ela avisou. — E a caminho.

— Ótimo — Han disse. — Ótimo. Só espero que chegue antes de nossos amigos ali resolverem atacar.

Mal pronunciara estas palavras quando, em um movimento bem coordenado, os alienígenas que formavam o círculo ergueram os bastões stokhli e começaram a abrir caminho na multidão de bimms.

— Tarde demais — Han disse entre os dentes. — Eles vão atacar agora.

Leia agarrou-se ao braço dele.

— Posso tentar desarmá-los.

— Nunca conseguiria desarmar os onze — Han disse, olhando à sua volta, desesperado, buscando inspiração. Seus olhos concentraram-se em uma banca próxima, cheia de caixas com jóias... Era o jeito. Talvez. — Leia, vê aquelas jóias ali? Pegue um pouco.

Ele percebeu que Leia hesitava.

— O quê?

— Obedeça! — falou, acompanhando a aproximação dos inimigos. — Pegue um pouco e jogue para mim.

Com o canto do olho ele notou que uma das caixas vibrava com a Força concentrada por Leia para movê-la. De repente, com um solavanco, a caixa pulou e caiu em suas mãos, espalhando alguns colares pelo chão, antes que Han conseguisse segurá-la.

Abruptamente, a gritaria do mercado foi vencida por um grito lancinante. Han virou-se na direção do grito, a tempo de ver o dono da mercadoria roubada apontar dois dedos acusadores para o ponto onde estava.

— Han! — Leia gritou no meio da confusão. .— Abaixe-se — ele ordenou.

E literalmente desapareceu no meio da multidão de bimms enfurecidos que se amontoaram sobre ele, derrubando-o no chão como suspeito do roubo.

Quando os corpos formaram uma barreira de proteção contra os bastões stokhli, ele largou as jóias e acionou o intercomunicador.

— Chewie! — berrou no aparelho.

Luke ouviu o grito, mesmo no andar superior da Torre. Identificando a agitação na mente de Leia, percebeu instantaneamente que jamais chegaria a tempo no mercado.

Ele parou; a mente, porém, corria alucinada, em busca de uma saída. Na extremidade oposta do salão, uma janela grande dava para o mercado em forma de domo. Mas saltar em segurança, do quinto andar, era demais mesmo para um Jedi. Examinou o salão, avaliando as opções... e seus olhos pousaram em uma das armas alienígenas, visível do outro lado do arco.

Arriscar um disparo a distância era a melhor opção. Projetando a Força, atraiu o bastão, que voou até suas mãos, estudando os controles enquanto corria para a janela. Simples: tipo e pressão do jato, e gatilho. Ajustou o mecanismo para pressão máxima e jato estreito, encostou no beirai da janela, mirou a cobertura parcial do mercado, em forma de domo, e disparou.

O bastão dava um coice maior do que esperava, quando o jato jorrava, mas o resultado coincidiu com sua expectativa. O jato atingiu o teto do mercado, como pretendia, prendendo-se ali, enquanto o restante se solidificava sem perder a flexibilidade, entre os dois prédios. Luke manteve o gatilho acionado, contou até cinco e o soltou. Com a Força, impediu que a teia produzida se soltasse da ponta do bastão. Aguardou alguns segundos, até que endurecesse e ficasse bem preso ao teto do mercado, onde formou uma espécie de montículo irregular. Tomou fôlego, agarrou a corda assim improvisada com as duas mãos, e pulou.

Um vento forte como furacão colou roupas ao corpo e cabelos à cabeça, quando ele se projetou para baixo e para a frente. A meio caminho do mercado, viu a massa amarelada de bimms e o punhado de figuras cinzentas, tentando abrir caminho até Han e Leia. Um relâmpago, visível até sob o sol forte, derrubou um bimm. Se estava morto ou apenas atordoado, Luke não sabia. O chão aproximava-se veloz. Ele se preparou para o pouso...

E, com um ronco capaz de fazer vibrar as janelas nos quarteirões vizinhos, o *Millenium Falcon* apareceu acima de sua cabeça.

A onda de choque atirou Luke ao solo, e ele caiu em cima de dois bimms, de braços abertos. Ao erguer-se, concluiu que Chewbacca havia chegado em boa hora. A cerca de dez metros, os dois alienígenas hostis voltaram as cabeças para o alto, apontando as armas para o *Falcon,* prontos para atirar quando a nave passasse novamente. Desembainhando o sabre- laser, Luke pulou por cima de meia dúzia de bimms assustados, cortando ao meio os dois atacantes, antes mesmo que eles percebessem sua presença.

No alto, ouviu de novo o ronco dos motores. Desta vez, Chewbacca não passou direto pelo mercado. Manobrando os jatos, parou o *Falcon*

no ar. Pairando acima dos companheiros encurralados, projetou o canhão desintegrador e disparou.

Os bimms não eram estúpidos. Han e Leia mexeram num vespeiro, mas as vespas logo demonstraram que não pretendiam esperar pelo castigo dos céus. Logo a massa amarelada se dissolveu, os bimms desistiram do ataque e fugiram do *Falcon,* apavorados. Abrindo caminho na multidão, usando os bimms sempre que possível para se ocultar, Luke avançou contra o círculo inimigo.

Seu sabre-laser e o desintegrador do *Falcon* deram conta de todos, e depressa.

— Você está num estado terrível — Luke disse, balançando a cabeça.

— Lamento, mestre Luke — Threepio desculpou-se, a voz quase inaudível, abafada pelas camadas de rede que cobriam a parte superior do corpo, como se ele fosse um presente bizarro. — Sempre acabo criando problemas.

— Não é verdade, sabe disso — Luke o consolou, estudando a pequena coleção de solventes espalhados a sua frente, na mesa do *Falcon.* Nenhum deles, até o momento, surtira efeito contra a teia. — Tem sido de grande valia, para nós, há anos. Só precisa aprender a se abaixar na hora certa.

Ao lado de Luke, Artoo interferiu.

— Incorreto. O capitão Solo *não* ordenou que eu agachasse — Threepio retrucou contrariado, dirigindo-se ao outro dróide.

— Na verdade, ele disse: "preparem-se para agachar." Creio que a diferença é patente, mesmo para você.

Artoo insistiu, mas Threepio o ignorou.

— Muito bem, vamos tentar isso aqui — Luke sugeriu, apanhando outro solvente. Tentou achar um pano limpo na pilha, quando Leia entrou na sala.

— Vai ficar bom? — ela perguntou, examinando Threepio.

— Não se preocupe — Luke a tranqüilizou. — Talvez precise esperar até chegarmos a Coruscant, porém. Han explicou que os bastões stokhli são usados por caçadores, em planetas distantes, e a teia se compõe de uma mistura bem exótica. — Ele apontou para os frascos de solvente.

— Os bimms poderiam ajudar — Leia disse, lendo o rótulo de um dos frascos. — Perguntaremos a eles, quando pousarmos.

Luke franziu a testa.

— Vamos voltar? Ela o encarou, séria.

— É preciso, Luke, e sabe disso. Trata-se de uma missão diplomática, e não de um passeio turístico. Pega mal fugir depois que uma de nossas naves disparou em pleno mercado central do planeta.

— Os bimms deveriam ficar felizes, pois nenhum deles morreu na

confusão — Luke retrucou. — Além disso, o problema aconteceu por culpa deles, pelo menos em parte.

— Não se pode culpar uma sociedade inteira pelas ações de alguns indivíduos — Leia disse com severidade excessiva, na opinião de Luke. — Em particular quando um único elemento descontente tomou a decisão incorreta.

— A decisão *incorreta?* — Luke repetiu revoltado. — Foi assim que classificaram a cilada?

— Foi assim mesmo — Leia confirmou. — Subornaram o Bimm que nos conduziu ao mercado. Ele não fazia idéia do que aconteceria depois.

— E suponho que também não sabia qual o efeito da substância usada para provocar o mal-estar no chefe da delegação, tampouco.

Leia deu de ombros.

— Não há provas conclusivas de que alguém envenenou o chefe. Embora, nas atuais circunstâncias, eles admitam esta possibilidade.

Luke não escondeu o aborrecimento.

— Quanta generosidade. O que Han acha de voltar lá?

— Han não tem escolha — Leia afirmou. — Trata-se da minha missão.

— Isso mesmo — Han concordou, entrando na sala. — Da sua missão. E da minha nave.

Leia o encarou, atônita.

— Você não teria coragem!

— Claro que teria — ele disse calmamente, ocupando uma das poltronas.

— Já tive. Há menos de dois minutos, passamos para a velocidade da luz. Próxima parada, Coruscant.

— Han! — ela disparou, furiosa como Luke jamais a vira. — Eu disse aos bimms que voltaríamos em seguida.

— Diga a eles que haverá um pequeno atraso — Han sugeriu. — O bastante para preparar uma esquadrilha de caças asa-X, ou um cruzador estelar, para servir de escolta.

— E se eles ficarem ofendidos? — Leia indagou. — Tem idéia de quanto tempo precisamos para preparar esta missão?

— Sim, posso imaginar — Han disse, severo. — E também sei muito bem o que poderia acontecer se nossos falecidos amigos cinzentos tivessem reforços escondidos, com bastões stokhli.

Leia o encarou por algum tempo, e Luke notou que a raiva cedia, aos poucos.

— Não deveria ter partido sem me consultar.

— Tem razão — Han cedeu. — Mas eu não podia perder tempo. Se houvesse mais alienígenas hostis, com certeza teriam uma nave também. — Ele arriscou um sorriso. — Não dava tempo de formar

uma comissão para discutir o assunto.

Leia sorriu também.

— Não sou uma comissão.

Com isso, a rusga perdeu o sentido e a tensão sumiu. Um dia, Luke prometeu a si mesmo, perguntaria aos dois onde estava a graça do último comentário enigmático.

— Vocês perguntaram aos bimms se eles conheciam os atacantes?

— Os bimms não faziam a menor idéia — Leia disse, balançando a cabeça. — Nunca vi a espécie na vida.

— Podemos checar os arquivos do Império, em Coruscant — Han sugeriu, sentindo uma pontada no rosto, onde se formara uma mancha roxa.

— Deve haver registros, em algum lugar.

— A não ser que o Império os tenha descoberto nas Regiões Desconhecidas — Leia lembrou.

Luke a encarou.

— Acredita que o Império estava por trás do ataque?

— Quem mais poderia ser? — ela retrucou. — Só falta descobrir o motivo.

— Seja lá qual for o motivo, ficarão desapontados — Han comentou, erguendo-se. — Preciso voltar à cabine, para seguir uma rota alternativa. Não quero correr nenhum risco.

Uma lembrança veio à mente de Luke: Han e o *Falcon* surgindo no meio da batalha contra a primeira Estrela da Morte para abater os caças de Darth Vader, que o perseguiam.

— Difícil acreditar que Han Solo não quer correr riscos — comentou.

Han apontou o dedo para ele.

— Antes de bancar o engraçadinho, lembre-se de que minha missão é proteger você, sua irmã e seu sobrinho. Entendeu bem?

— *Touché* — Luke disse, admitindo a derrota com uma saudação de sabre-laser imaginário.

— E por falar nisso — Han prosseguiu —, já não está na hora de providenciar um sabre-laser para Leia?

Luke assentiu.

— Posso preparar um quando ela pedir. Certo, Leia? Leia hesitou.

— Não sei — confessou. — Nunca me senti muito à vontade com isso.

— Consultou Han com o olhar. — Mas suponho que chegou a hora de fazer um esforço nesse sentido.

— Concordo — Luke disse. — Seus talentos caminham em outro sentido, mas precisa, de qualquer maneira, aprender os procedimentos básicos. Pelo que sei, quase todos os Jedis da Velha República usavam o sabre-laser, até mesmo os professores e médicos.

Ela se deu por vencida.

— Está bem. Começarei a treinar, assim que minha atividade diplomática permitir.

— Antes que sua atividade diplomática permita — Han insistiu. — Falo sério, Leia. Sua incrível capacidade de negociação não servirá para nada, se acabar presa e interrogada numa masmorra do Império.

Relutante, Leia assentiu outra vez.

— Tem razão. Quando voltarmos, pedirei a Mon Mothma que me libere de algumas missões. — Sorriu para Luke. — Creio que as férias acabaram, professor.

— Sem dúvida — Luke disse, tentando ocultar a tensão. Leia interpretou mal seu nervosismo.

— Ora, deixe disso — brincou. — Não sou uma aluna tão ruim assim. E, algum dia, precisará ensinar tudo aos gêmeos.

— Eu sei — Luke retrucou suavemente.

— Muito bem — Han intrometeu-se. — Está tudo combinado, então. Vou para a cabine. Vejo vocês mais tarde.

— Até logo — Leia disse e voltou-se para Threepio. — Vejamos o que pode ser feito com este coitado.

Recostando-se em sua poltrona, Luke observou as tentativas de Leia de remover a teia, sentindo um aperto no peito. *Eu me encarreguei,* Ben Kenobi dissera, referindo-se a Darth Vader, *a treiná-lo como jedi. Pensei que poderia instruí-lo tão bem quanto Yoda. Eu estava enganado.*

As palavras ecoaram na mente de Luke, durante toda a jornada até Coruscant.

8

O Grande Almirante Thrawn permaneceu sentado em silêncio em sua poltrona durante algum tempo, rodeado pelos hologramas de obras de arte. Pellaeon manteve a posição de sentido, olhos fixos no rosto impassível do líder, tentando não pensar no destino comum dos portadores de más notícias, na época de lorde Vader.

— Todos mortos, menos o coordenador do ataque, certo? — Thrawn perguntou finalmente, com um brilho estranho nos olhos vermelhos.

— Sim, senhor — Pellaeon confirmou. Olhou de relance para o outro lado da sala, onde Cbaoth apreciava um quadro na parede, e baixou a voz. — Ainda não sabemos direito o que saiu errado.

— Instrua a Central a interrogar detalhadamente o coordenador — Thrawn disse. — E o relatório de Wayland?

Pellaeon calculara que Cbaoth não seria capaz de ouvir a conversa, àquela distância. Equivocou-se.

— Então é isso? — Cbaoth intrometeu-se, aproximando-se da poltrona de comando de Thrawn. — Os noghris fracassaram. Que pena, logo numa missão tão importante. Grande Almirante Thrawn, onde estão os Jedis que me prometeu?

Thrawn o encarou friamente.

— Eu prometi os Jedis, e você os terá. — Deliberadamente, voltou-se para Pellaeon. — E o relatório de Wayland? — repetiu.

Pellaeon engoliu em seco, tentando se convencer de que Cbaoth não possuía nenhum poder ali, devido aos ysalamiris espalhados pela sala. Pelo menos no momento era inofensivo.

— A equipe de engenharia encerrou a análise, senhor — informou a Thrawn. — Concluíram que os planos para o escudo de camuflagem estão completos. A fabricação de um equipamento operacional exigirá muito tempo. E custará uma fortuna, pelo menos para proteger uma nave do tamanho da *Quimera*.

— Felizmente não precisamos começar por um escudo tão grande — Thrawn disse, entregando um cartão de dados a Pellaeon. — Eis as especificações para o escudo de camuflagem necessário a Sluis Van.

— Os estaleiros? — Pellaeon franziu o cenho, guardando o cartão. O Grande Almirante costumava guardar mais segredo sobre seus objetivos e estratégias de ataque.

— Sim. Também precisaremos de equipamento de mineração sofisticado. Naves mineradoras conhecidas informalmente como tatuzões, creio. Ordene à Inteligência que inicie uma busca nos arquivos. Necessitamos de no mínimo quarenta.

— Sim, senhor. — Pellaeon anotou o pedido. — Mais uma coisa, senhor.

— Ele espiou Cbaoth de esguelha. — Os engenheiros também

revelaram que perto de oitenta por cento dos cilindros Spaarti existentes encontram-se em bom estado. Com um mínimo de trabalho, voltarão a funcionar.

— Cilindros Spaarti? — Cbaoth ergueu a sobrancelha. — O que é isso?

— O outro equipamento que eu esperava encontrar na montanha — Thrawn explicou, lançando um olhar de alerta a Pellaeon. Nem precisaria preocupar-se; Pellaeon já decidira, por si, que comentar os cilindros Spaarti com Cbaoth seria desaconselhado. — Certo. Oitenta por cento. Excelente, capitão. Excelente. — Seus olhos vermelhos brilharam. — Quanta gentileza do Imperador em deixar o equipamento necessário para a reconstrução do Império. E quanto aos geradores e defesas da montanha?

— Em sua maior parte, operacionais — Pellaeon esclareceu.

— Três dos quatro reatores já foram religados. Há problemas nos sistemas mais sofisticados de defesa, mas o que funciona já garante a segurança do depósito.

— Excelente, repito. — Thrawn balançou a cabeça, e logo o breve lampejo de emoção se foi. Voltou à frieza costumeira: — providencie para que os cilindros possam entrar em operação logo. O *Face da Morte* deve chegar dentro de dois ou três dias, com os especialistas adicionais, bem com os duzentos ysalamiris exigidos na operação. Quando isso acontecer — ele sorriu discretamente — estaremos prontos para agir. Começaremos pelos estaleiros de Sluis Van.

— Sim, senhor. — Pellaeon olhou para Cbaoth novamente. — E quanto a Skywalker a sua irmã?

— Na próxima vez, enviaremos o Grupo Quatro. Transmita a mensagem, ordenando que abandonem a missão atual, e se preparem para as novas ordens.

— Quer que eu transmita a mensagem, senhor? Não questiono as ordens, claro — Pellaeon acrescentou, apressado. — Apenas lembro que, no passado, sempre fazia pessoalmente o contato.

Thrawn ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— O Grupo Oito fracassou — ele disse, contendo a voz. — Receber a mensagem por seu intermédio mostrará aos outros o quanto fiquei decepcionado.

— E quando o Grupo Quatro falhar também? — Cbaoth intrometeu-se.

— Sabe que isso ocorrerá. Vai ficar *decepcionado,* também? Ou admitirá que seus assassinos profissionais não são capazes de lidar com Jedis?

— Eles são capazes de lidar com qualquer oponente, mestre Cbaoth — Thrawn disse friamente, encolhendo os ombros: — A perda de alguns noghris não nos afeta.

Pellaeon sentiu um arrepio, verificando a porta de entrada. Rukh, suspeitava, não se mostraria tão fleuma tico com o envio de seus semelhantes para a morte certa.

— Por outro lado, almirante, a primeira tentativa serviu para alertá-los do perigo.

— Ele tem razão — Cbaoth disse, apontando o dedo para Pellaeon. — Não pode enganar um Jedi duas vezes com o mesmo truque.

— Talvez não — Thrawn aceitou, em tom educado, sem porém mudar sua decisão. — Mas o que sugerem, como alternativa?

Que nos concentremos na irmã e o deixemos de lado por enquanto?

— Que vocês se concentrem na irmã — Cbaoth concordou. — Creio que eu cuidarei do jovem jedi pessoalmente.

Mais uma vez, as sobrancelhas de Thrawn se ergueram.

— E como vai fazer isso? Cbaoth sorriu.

— Ele é Jedi; eu sou Jedi. Se eu chamar, ele virá até mim. Por um longo intervalo, Thrawn o fitou, pensativo.

— Eu necessito de sua presença em minha frota — disse finalmente. — Os preparativos para o ataque contra os estaleiros espaciais da Rebelião em Sluis Van já começaram. Certas medidas preliminares exigem a coordenação de um mestre Jedi.

Cbaoth estufou o peito.

— Minha ajuda foi prometida em troca da entrega do Jedi. Eu o exijo, Grande Almirante Thrawn.

Thrawn fuzilou Cbaoth com os olhos vermelhos.

— Então um mestre Jedi volta atrás na palavra dada? Sabia que pegar Skywalker levaria algum tempo.

— Mais um motivo para começar a caçá-lo agora — Cbaoth insistiu.

— Por que não fazemos as duas coisas? — Pellaeon sugeriu. Os dois calaram-se, olhando para ele.

— Explique-se, capitão — Thrawn ordenou, sem procurar ocultar o tom ameaçador.

Pellaeon mordeu o lábio, mas era tarde demais para recuar.

— Poderíamos espalhar o boato de sua presença em algum lugar, mestre Cbaoth — sugeriu. — Por exemplo, num planeta escassamente povoado, onde viveu durante muitos anos sem que ninguém percebesse. Este tipo de rumor logo chega aos ouvidos dos líderes da Nova Rep... da Rebelião — emendou a tempo, desviando os olhos de Thrawn. — Em especial com o nome de Jorus Cbaoth associado ao fato.

Cbaoth emitiu um resmungo de desprezo.

— E acredita que, ao ouvir o boato, ele sairá correndo como um louco, à minha procura?

— Que seja cauteloso, se preferir — Thrawn disse, pensativo.

—Melhor ainda se trouxer metade das forças da Rebelião consigo, para garantir sua segurança. Não haverá meio de relacionar Cbaoth conosco.

Pellaeon concordou com um gesto.

— E enquanto procuramos um planeta adequado e espalhamos o boato, pode permanecer aqui, auxiliando nos preparativos para a operação em Sluis Van. A reação deles a nossas atividades provavelmente os manterá ocupados demais para permitir que Skywalker cheque a história antes do final da operação em Sluis Van.

— Caso contrário — Thrawn acrescentou —, saberemos com antecedência quando ele pretende agir, e você terá tempo de sobra para ir até lá e esperá-lo.

— Sei — Cbaoth murmurou, cofiando a longa barba, o olhar perdido no infinito. Pellaeon prendeu a respiração. Depois de um longo momento, o Jedi concordou. — Muito bem. O plano é sensato. Eu me recolherei a meus aposentos agora, Grande Almirante Thrawn, e escolherei um planeta onde farei minha aparição. — Com um cumprimento quase majestático, saiu.

— Congratulações, capitão — Thrawn disse, analisando Pellaeon friamente. — Pelo jeito sua idéia agradou a mestre Cbaoth.

Pellaeon franziu a testa, esforçando-se para encarar o almirante.

— Peço desculpas, senhor, se me precipitei. Thrawn sorriu.

— Serviu tempo demais sob as ordens de lorde Vader, capitão. Não tenho nada contra boas idéias, só por que não partiram de mim. Minha posição e meu ego não estão sendo questionados.

A não ser quando confrontados com Cbaoth ...

— Claro, senhor — Pellaeon disse, agora em voz alta. — Com sua permissão, almirante, preciso preparar as mensagens para Wayland e para os grupos noghris.

— Fique à vontade, capitão. E continue a acompanhar os preparativos para a operação em Sluis Van. — Os olhos brilhantes de Thrawn pareciam querer hipnotizá-lo. — Acompanhe os procedimentos de perto, capitão. Depois de monte Tantiss e Sluis Van, o caminho para a vitória final contra a Rebelião estará aberto. Com ou sem nosso mestre Jedi.

Em teoria, as reuniões do Conselho Interno deveriam ser mais calmas e informais que as sessões do Conselho Provisório. Na prática, como Han descobrira já há algum tempo, as disputas no Conselho Interno costumavam ser tão duras quanto os confrontos no grupo mais amplo.

— Vamos esclarecer as coisas, capitão Solo — Borsk Fey'lya disse com sua costumeira e estudada polidez. — O senhor, sozinho, sem

consultar nenhuma autoridade oficial, tomou a decisão de cancelar a missão em Bimmisaari.

— Já expliquei este ponto — Han retrucou, insinuando que o bothan deveria prestar mais atenção. — E também já enumerei os motivos que me levaram a tanto.

— Todos eles, em minha opinião, razoáveis e adequados — interferiu o almirante Ackbar, com voz grave, saindo em defesa de Han. — O dever do capitão Solo, naquele momento, era claro: proteger o embaixador em sua missão, e retornar em segurança para nos alertar.

— Alertar contra o quê? — Fey'lya retrucou. — Lamento dizer, almirante, mas não vejo ameaça alguma a nossa segurança. Os tais seres cinzentos nem foram considerados suficientemente importantes pelo Velho Senado para constar nos registros. Duvido que uma espécie tão insignificante seja capaz de montar uma ofensiva contra nossas forças.

— Não sabemos o motivo da ausência de registros — Leia ponderou. — Pode ter sido descuido, ou dano nos dados.

— Ou então exclusão deliberada — Luke disse.

O pêlo de Fey'lya eriçou-se, em sinal de incredulidade.

— E por que o Senado Imperial apagaria todos os registros sobre uma espécie?

— Eu não disse que a iniciativa partiu necessariamente do Senado — Luke argumentou. — Talvez os próprios alienígenas tenham apagado os registros.

Fey'lya insistiu:

— Improvável. Mesmo que fosse possível, por que alguém faria isso?

— Talvez a conselheira Organa Solo possa responder — Mon Ivlothma sugeriu calmamente, olhando para Leia. — Conhecia melhor os procedimentos informais do Senado do que eu, Leia. Teria sido viável tal manipulação dos dados?

— Não posso afirmar — Leia respondeu, balançando a cabeça.

—Não cheguei a me inteirar em profundidade dos procedimentos relativos aos dados do Senado. O senso comum, contudo, indica que é impossível criar um sistema de segurança impenetrável, fora do alcance de um especialista determinado.

— Isso não esclarece a questão do motivo para a eliminação dos registros — Fey'lya insistiu.

— Talvez tenham percebido o iminente colapso da Velha República — Leia argumentou com certa irritação. — Podem ter apagado as referências a seu povo e seu planeta, confiando no fato de que o Império nascente não os percebesse.

Fey'lya era rápido, Han admitiu contrariado.

— Neste caso — prosseguiu o bothan —, o medo da redescoberta pode ter estimulado o recente ataque, também. — Ele olhou para Ackbar. — De qualquer maneira, não vejo motivo para acionar uma operação militar de grande porte por causa do incidente. Reduzir nossas gloriosas forças a mera escolta diplomática é um insulto a sua coragem e capacidade de combate.

— Pode deixar os discursos de lado, conselheiro — Ackbar resmungou.

— Não há ninguém das nossas "gloriosas forças" para se impressionar com eles, aqui.

— Manifestei apenas meus sentimentos, almirante — Fey'lya disse, com o ar de ofendido que sabia fingir tão bem.

Ackbar encarou Fey'lya, furioso. — Gostaria de voltar ao assunto em pauta — Leia interferiu.

— Presumo que todos se deram conta de que os alienígenas estavam a nossa espera, quando chegamos a Bimmisaari.

— Precisamos reforçar a segurança das missões, obviamente — Ackbar sugeriu. — Nas duas pontas. Os estranhos subornaram um político bimm, afinal de contas.

— E tudo isso vai exigir mais tempo e recursos — Fey'lya murmurou, eriçando o pêlo.

— Não podemos evitar — Mon Mothma disse com firmeza. — Se não protegermos nossos emissários, a Nova República estagnará, e depois encolherá. Sendo assim — ela olhou para Ackbar —, providencie uma escolta para a conselheira Organa Solo, em sua viagem a Bimmisaari, amanhã.

Amanhã? Han olhou espantado para Leia, que também se mostrou surpresa.

— Com licença — ele disse, erguendo o dedo. — Disse amanhã?

Mon Mothma o encarou, sem entender sua reação.

— Sim, amanhã. Os bimms ainda aguardam nosso emissário, esqueceu disso, capitão?

— Não, mas...

— Han está tentando dizer — Leia veio em seu socorro — que eu pretendia pedir, nesta reunião, dispensa de minhas tarefas diplomáticas por algum tempo.

— Lamento, mas é impossível — Mon Mothma afirmou, franzindo a testa. — Há muito trabalho a fazer.

— Ninguém pediu para tirar férias — Han explicou, tentando comportar- se conforme o protocolo diplomático. — Leia precisa de mais tempo para se concentrar em seu treinamento Jedi.

Mon Mothma respirou fundo, olhando para Ackbar e Fey'lya.

— Lamento — ela disse, balançando a cabeça. — Eu, mais que todos aqui, reconheço a necessidade de acrescentar mais um Jedi a

nossas fileiras. Mas, no momento, temos emergências inadiáveis. — Olhou para Fey'lya outra vez, como se pedisse sua permissão, concluiu Han preocupado. — Talvez dentro de um ano, ou até antes — acrescentou, fitando a barriga de Leia. — Então contaremos com diplomatas experientes e poderá devotar todo seu tempo aos estudos. No momento, você é imprescindível.

Durante um longo intervalo constrangedor, todos ficaram em silêncio. Ackbar quebrou o gelo.

— Com licença, preciso providenciar a escolta.

— Liberado — Mon Mothma concordou. — A não ser que alguém tenha algo a acrescentar, a reunião está encerrada.

Han, de lábios apertados, começou a recolher seus cartões de dados.

— Está tudo bem? — Leia perguntou discretamente.

,— Sabe, era muito mais fácil quando lutávamos apenas contra o Império — ele resmungou, olhando para Fey'lya, no lado oposto da mesa. — Pelo menos sabíamos quais eram nossos inimigos.

Leia apertou-lhe o braço.

— Esqueça — pediu. — Vamos ver se conseguiram limpar Threepio.

9

O oficial do setor tático entrou na ponte de comando do *Quimera,* batendo os calcanhares ao saudar seu superior.

— Todas as unidades a postos, almirante — informou.

— Excelente — Thrawn disse com frieza glacial. — Preparar para a velocidade da luz.

Pellaeon olhou de relance para o Grande Almirante e, em seguida, concentrou a atenção na série de mapas táticos à sua frente, nos monitores. A escuridão parecia ter engolido as cinco naves da missão. A três milésimos de ano-luz adiante, o sol do sistema Bpfassh parecia uma cabeça de alfinete, perdido entre as estrelas que brilhavam a sua volta. A estratégia militar convencional torcia o nariz para este procedimento: escolher um ponto próximo do alvo, ao acaso, para o encontro das naves, pois uma ou mais poderiam facilmente se perder, dada a dificuldade de um salto preciso no hiperespaço em distância tão pequena. Ele e Thrawn, na verdade, tiveram uma longa e pouco cordial discussão sobre o assunto, quanto o Grande Almirante incluiu a idéia nos planos de ataque. Agora, depois de praticar por mais de um ano, o procedimento tornara-se quase rotineiro.

Quem sabe, pensou Pellaeon, a tripulação do *Quimera* não fosse tão inexperiente como indicava a falta de conhecimento de protocolo militar.

— Capitão? Minha nave líder está pronta?

Pellaeon concentrou-se nos problemas mais imediatos. Todas as defesas da nave acionadas; os caças TIE, prontos para decolar, com a tripulação a bordo.

— O *Quimera* está à sua inteira disposição, almirante — ele disse, pergunta e resposta em conformidade com o modelo tradicional, uma pálida lembrança dos tempos em que se seguia o protocolo militar à risca em toda a galáxia.

— Excelente — Thrawn observou, virando a cadeira para encarar a figura sentada perto dos fundos da ponte. — Mestre C'baoth — cumprimentou. — Minhas outras duas forças de ataque estão prontas?

— Sim — Cbaoth respondeu gravemente. — Aguardam meu comando.

Pellaeon piscou, fitando Thrawn. Mas o Grande Almirante aparentemente decidira deixar passar o comentário.

— Então comande-as — disse a Cbaoth, acariciando o ysalamiri preso a sua poltrona. — Capitão, inicie a contagem.

— Sim, senhor. — Pellaeon acionou o cronômetro. Em volta deles, as outras naves registrariam o sinal automaticamente e a contagem seria simultânea...

Quando o cronômetro chegou no zero, listas luminosas na proa marcaram o salto do *Quimera.*

As listas foram engolidas pelo hiperespaço.

— Velocidade Ponto Três — informou o navegador na cabine inferior, confirmando a leitura do monitor.

— Registrado — Pellaeon disse, flexionando os dedos uma vez, preparando-se para o modo de combate, enquanto o cronômetro saía do zero para marcar: setenta segundos, setenta e quatro, setenta e cinco, setenta e seis.

As linhas cortaram novamente o céu salpicado de estrelas, e o *Quimera* chegou ao destino previsto.

— Lançar todos os caças — Pellaeon ordenou, consultando rapidamente o holograma tático acima dos monitores. Saíram do hiperespaço conforme o planejado, próximos ao duplo planeta de Bpfassh e seu complicado sistema de luas. — Reação? — perguntou, consultando o oficial tático.

— Caças defensivos lançados da terceira lua — o subalterno respondeu.

— Nenhuma nave maior visível ainda.

— Localize a base dos caças — Thrawn ordenou — e destaque o *Inexorável* para destruí-la.

— Sim, senhor.

Pellaeon conseguia ver os caças agora, aproximando-se como um enxame de vespas furiosas. No flanco de estibordo do *Quimera,* o destróier estelar *Inexorável* movia-se em direção à base, tendo na vanguarda os caças TIE que enfrentariam as defesas.

— Mudar o curso para o mais distante dos dois planetas — ordenou ao navegador. — Os caças TIE devem formar a vanguarda. O *Justiceiro* cuidará do outro planeta. — Resolveu consultar Thrawn. — Ordens especiais, almirante?

Thrawn examinava uma imagem de meia distância dos dois planetas.

— Mantenha o programa no momento, capitão. Nossas informações preliminares são precisas, parece. Escolham os alvos à vontade. Lembre os artilheiros de que o plano é ferir e amedrontar, e não destruir totalmente.

— Reforce o comando — Pellaeon instruiu a central de comunicações.

— E insista neste ponto com os caças TIE também.

Com o canto do olho, viu que Thrawn se virava.

— Mestre Cbaoth? — perguntou. — Qual a situação dos ataques nos outros dois sistemas?

— Em progresso.

Franzindo a testa, Pellaeon girou. A voz de Cbaoth, gutural, sob intensa pressão, era quase irreconhecível.

Assim como seu aspecto.

Por um momento, Pellaeon o encarou, sentindo um frio no estômago. Cbaoth, sentado rigidamente, mantinha os olhos fechados, porém em movimento, por trás das pálpebras. E as mãos agarradas aos braços da poltrona, os lábios unidos com tanta força que as veias e músculos do pescoço saltavam.

— Está tudo em ordem, mestre Cbaoth? — perguntou.

— Poupe suas preocupações, capitão — Thrawn disse, frio. — Ele está se divertindo com o que mais gosta: controlar pessoas.

Cbaoth emitiu um som de desprezo ou zombaria.

— Já lhe disse uma vez, Grande Almirante Thrawn, que nada disso é o verdadeiro poder.

— Eu me lembro — Thrawn retrucou, mantendo um tom neutro. — Pode me dizer o tipo de resistência que enfrentam?

O semblante de Cbaoth anuviou-se ainda mais.

— De modo impreciso. Mas nenhuma das duas forças corre perigo. Posso sentir isso em suas mentes.

— Ótimo. Então ordene ao *Nemesis* que se separe do resto do grupo e retorne ao ponto de encontro, para nos esperar.

Pellaeon franziu a testa, dizendo ao Grande Almirante: .— Mas, senhor...?

Thrawn voltou-se para ele, lançando um alerta com seus olhos brilhantes.

— Cuide de suas tarefas, capitão.

E, num instante de revelação, Pellaeon compreendeu que o ataque múltiplo ao território da Nova República era mais do que um simples ensaio para a missão contra Sluis Van. Serviria como teste. Um teste da capacidade de Cbaoth, e principalmente, um teste de sua disposição para acatar ordens.

— Certamente, almirante — Pellaeon murmurou, retornando aos monitores.

O *Quimera* estava ao alcance do fogo inimigo agora, e os relâmpagos luminosos surgiram no holograma tático quando as gigantescas baterias de laser dispararam. As unidades de comunicação incendiaram-se e se apagaram. Os alvos industriais no solo do planeta incendiaram-se e apagaram, depois iluminaram-se novamente devido aos incêndios. Um par de antigos cruzadores ligeiros, classe *Carraca,* surgiram a estibordo, e os caças TIE do *Quimera* avançaram para enfrentá-los. Ao longe, as baterias do *Águia da Tempestade* disparavam contra as defesas da plataforma orbital; Pellaeon viu quando a estação dissolveu-se no espaço. A batalha seguia a contento.

Ia bem demais, na verdade...

Uma sensação desagradável revirou o estômago de Pellaeon quando ele conferiu as perdas reais no monitor. Até o momento as forças imperiais haviam perdido apenas três caças TIE, e computado

danos superficiais aos destróieres estelares. Em compensação, oito naves da defesa inimiga, além de dezoito caças, haviam sido derrubados. Embora as forças do Império superassem as do oponente...

Relutante, a mão de Pellaeon moveu-se lenta até o teclado. Há poucas semanas elaborara um mapa estatístico do desempenho do *Quimera* em batalhas, no ano anterior. Chamou os dados e os comparou com os atuais.

Impossível negar. Em cada uma das categorias e subcategorias criadas — velocidade, coordenação, eficiência e precisão — o *Quimera* e sua tripulação aumentaram a eficácia em pelo menos quarenta por cento.

Ele se voltou para o rosto contraído de Cbaoth, e um arrepio percorreu sua espinha. Ele jamais aceitara a teoria de Thrawn sobre a derrota da Frota na Batalha de Endor. Nunca quis acreditar. Mas agora a discussão se encerrava.

Apesar de concentrar o grosso de seus poderes na tarefa de se comunicar mentalmente com duas outras forças de ataque, a quase quatro anos-luz de distância, Cbaoth ainda conseguia realizar aquela proeza.

Pellaeon considerara o título de mestre apenas um sinal de vaidade do velho. Agora era obrigado a admitir que ele o merecia.

— Captamos nova série de transmissões — informou o oficial de comunicações. — Um grupo de cruzadores planetários de médio alcance acaba de decolar.

— Destaque a *Água da Tempestade* para interceptá-los — Thrawn ordenou.

— Sim, senhor. Também localizamos a origem das transmissões de socorro, almirante.

Deixando de lado as precauções, Pellaeon consultou o holograma, que mostrava círculos piscando na mais distante das luas, e ordenou:

— Esquadrão Quatro, ataque e destrua o local.

— Suspender a última ordem — Thrawn interferiu. — Já estaremos longe quando os reforços chegarem. Deixem que o transmissor continue funcionando. A Rebelião que desperdice recursos numa missão de resgate. Na verdade — o Grande Almirante consultou o relógio —, creio que está na hora de partir. Ordene que os caças retornem a suas bases. Todas as naves em velocidade da luz assim que os caças voltarem.

Pellaeon teclou os comandos, checando rapidamente as condições para que o *Quimera* passasse para a velocidade da luz.

Outro mandamento da tática militar convencional rezava que os destróieres estelares deveriam desempenhar um papel de unidades móveis de sítio, neste tipo de batalha planetária. Empregá-los em missões de ataque direto era um desperdício arriscado.

Mas obviamente os responsáveis por tais teorias jamais tiveram a chance de ver o Grande Almirante Thrawn em ação.

— Ordene às duas outras forças que interrompam os ataques, também — Thrawn disse a Cbaoth. — Presumo que mantém contato suficiente para transmitir isso, ou não?

— O senhor faz perguntas demais, Grande Almirante Thrawn — Cbaoth disse, a voz ainda mais gutural do que antes. — Claro que sim.

— Pergunto apenas por falta de familiaridade — Thrawn justificou, girando a poltrona. — Chame-as de volta para o ponto de encontro.

— Como quiser — o outro sibilou.

Pellaeon fitou Cbaoth. Testar a capacidade do outro em combate era sábio. Mas o almirante estava indo longe demais.

— Ele precisa saber quem está no comando aqui — Thrawn disse baixinho, como se lesse os pensamentos de Pellaeon.

— Sim, senhor — Pellaeon concordou, tentando manter a voz calma. Thrawn provara mais uma vez saber muito bem o que estava fazendo. Mesmo assim, Pellaeon sentia-se inquieto. Teria o Grande Almirante noção exata do poder que despertara em Wayland?

Thrawn fez um gesto com a cabeça.

— Alguma novidade sobre os equipamentos de mineração solicitados?

— Ainda não, senhor. — Há um ano, teria achado estranho conversar sobre assuntos pouco urgentes em plena batalha. — Pelo menos não na quantidade solicitada. Creio que o sistema Athega é o melhor palpite, caso se consiga resolver os problemas resultantes da intensidade solar.

— Os problemas serão irrelevantes — Thrawn ponderou confiante. — Se o salto for realizado com precisão, o *Justiceiro* ficará exposto à luz direta do sol apenas por alguns minutos, na ida e na volta. O casco seguramente agüentará o calor. Precisamos apenas de alguns dias para selar as escotilhas e remover sensores e equipamentos externos de comunicação.

Pellaeon concordou com um gesto, engolindo a pergunta seguinte. Não precisava se preocupar com os problemas que normalmente surgiriam ao se cegar um destróier estelar daquela maneira. Não enquanto Cbaoth estivesse entre eles.

— Grande Almirante Thrawn? Thrawn voltou-se para trás.

— Sim, mestre Cbaoth?

— Onde estão meus Jedis, Grande Almirante Thrawn? Prometeu que seus noghris adestrados os trariam a mim.

Com o canto do olho, Pellaeon viu que Rukh se agitava.

— Paciência, mestre Cbaoth — Thrawn pediu. — Os preparativos exigiram algum tempo, mas estamos quase prontos agora. Esperamos apenas o momento adequado para agir.

— Quanto mais cedo melhor — Cbaoth avisou. — Estou cansado de esperar.

Thrawn trocou olhares com Pellaeon, revelando em seus olhos vermelhos uma expressão calma, tranqüila.

— Como todos nós — concordou.

Bem à frente do cargueiro *Wild Karrde,* um destróier estelar imperial, visível pelo visor frontal da cabine, piscou em pseudomovimento e desapareceu.

— Foram embora — Mara anunciou.

— Já? — Karrde disse atrás dela, surpreso.

—Já — a moça confirmou, configurando o monitor para o esquema tático. — Um destróier saltou para a velocidade da luz; os outros se separaram e iniciam procedimentos para fazer a mesma coisa.

— Interessante — Karrde murmurou, aproximando-se para espiar por cima do ombro dela. — Um ataque relâmpago, usando destróieres estelares, ainda por cima. Não se vê isso todo dia.

— Soube que um ataque semelhante ocorreu no sistema Draukyze, há uns dois meses — disse o co-piloto, um grandalhão conhecido como Lachton. — Mesma tática, embora houvesse apenas um destróier estelar na batalha.

— Aposto que testemunhamos a influência do Grande Almirante Thrawn na estratégia imperial — Karrde comentou pensativo, seu tom de voz traindo certa preocupação. — Muito estranho, na verdade. Ele parece correr riscos enormes, para poucos resultados concretos. Fico imaginando o que pretende, na verdade.

— Seja lá o que for, é complexo — Mara comentou com certa amargura.

— O forte de Thrawn nunca foi a simplicidade. Mesmo quando o Império se destacava pela sutileza ou pelo estilo, ele agia de outro modo.

— Ninguém pode ser dar ao luxo da simplicidade quando seu território encolhe a cada dia, como acontece com o Império agora — Karrde observou.

— Conhece bem o Grande Almirante Thrawn?

— Conheço muitas coisas — ela retrucou, sem se comprometer. — Por isso quer que eu me torne seu braço direito, certo?

— *Touché* — ele respondeu cordial. — Lá vai outro.

Mara viu, pela janela, que o terceiro destróier estelar saltava para a velocidade da luz. Faltava um.

— Vamos em frente? — perguntou a Karrde. — O outro partirá em breve.

— Bem, vamos cancelar a entrega. Só achei que seria instrutivo acompanhar a batalha, já que passávamos por aqui bem na hora.

Mara franziu o cenho.

— Cancelar a entrega? Mas eles nos esperam.

— Sei disso. Infelizmente no momento o sistema inteiro espera uma revoada de naves da Nova República. Um ambiente pouco propício para uma nave carregada de contrabando.

— Por que acha que eles virão? — Mara perguntou. — Não chegarão a tempo de fazer nada.

— Este não é o ponto — Karrde argumentou. — A idéia é marcar pontos políticos com uma demonstração de força, e tentar convencer os moradores locais que isso não se repetirá nunca mais.

— E assumir o compromisso de reconstruir as instalações destruídas — completou Lachton.

— Nem precisava dizer — Karrde concordou secamente. — De qualquer modo, não queremos nos envolver. Na próxima escala avisaremos que a entrega será feita na semana que vem.

— Não gosto disso — Mara retrucou. — Prometemos a eles. Nós prometemos.

Depois de uma pequena pausa, Karrde justificou sua atitude:

— Adotamos o procedimento padrão. Melhor atrasar a entrega do que perder o carregamento. — Ele ocultou a curiosidade usando um tom casual.

Com esforço, Mara afastou as lembranças sombrias.

— Suponho que sim — cedeu, concentrando-se no painel. Enquanto conversavam, o último destróier estelar desaparecera, deixando para trás os oponentes furiosos e indefesos, além da destruição maciça. Uma confusão para ser resolvida pelos políticos e militares da Nova República.

Por um momento ela olhou os planetas distantes, imaginando se Luke Skywalker estaria entre os enviados da Nova República para resolver os problemas.

— Assim que estiver pronta, Mara.

Ela livrou-se dos pensamentos que a atormentavam.

— Sim, senhor — respondeu, acionando o teclado. *Ainda não,* pensou.

Ainda não. Dentro em pouco. Não vai demorar.

O robô de controle remoto atacou, hesitou e atacou novamente, disparando. Leia, descrevendo um arco amplo com o sabre-laser, foi lenta demais.

— Droga! — exclamou entre os dentes, recuando um passo.

— Não permitiu que a Força assumisse o controle — Luke disse. — Precisa... espere um minuto.

Valendo-se da Força, ele desligou o robô. Lembrava-se nitidamente do primeiro treinamento no *Falcon,* quando precisou se concentrar nas

instruções de Ben Kenobi, enquanto mantinha o robô sob vigilância. Fazer as duas coisas juntas não era nada fácil.

Talvez o objetivo fosse esse. Uma lição faz mais efeito nos momentos de tensão. Gostaria de saber a verdade a respeito.

— Procuro controlar a arma ao máximo — Leia disse, esfregando o braço no ponto atingido pelo disparo do robô, mas não domino as técnicas corretas ainda. — Ela o encarou tensa. — Ou quem sabe não tenha nascido para este tipo de luta.

— Pode aprender tudo — Luke afirmou. — Eu aprendi, e não havia passado pelo treinamento de defesa pessoal, como você em Alderaan.

— O problema pode ter surgido lá. Os antigos reflexos interferem no aprendizado.

— Suponho que sim — Luke admitiu, inseguro. — Neste caso, quanto antes começar a desaprendê-los, melhor. Agora, prepare-se...

A campainha da porta tocou.

— Han chegou — Leia disse, afastando-se do robô e desligando o sabre- laser. — Entre.

— Olá — Han cumprimentou ao entrar, olhando para Leia e Luke. Não sorria. — Como vão indo?

— Nada mal — Luke disse.

— Nem queira saber — Leia falou, franzindo a testa. — O que aconteceu?

— Um ataque do Império — Han contou, aborrecido. — Eles acabam de desencadear uma ofensiva relâmpago em três sistemas do setor Sluis. Em um local chamado Bpfassh e outros dois nomes impronunciáveis.

Luke assobiou baixinho.

— Três ataques simultâneos. Um tanto temerário, não acham?

— Pelo jeito já se tornou rotina para eles. — Leia meneou a cabeça, cerrando os olhos, concentrada. — Preparam algo maior, Han, posso sentir o perigo. — Ela fez um gesto impotente. — Mas não consigo descobrir de que se trata.

— Sim, Ackbar tem insistido neste ponto — Han concordou. — Não apresenta provas, todavia. Com exceção das táticas e do estilo, repetem o padrão de escaramuças em locais distantes, característico do Império nos últimos dezoito meses.

— Sei disso — Leia falou. — Mas não subestime os conhecimentos militares de Ackbar, por mais que certas pessoas o critiquem.

Han ergueu a sobrancelha.

— Meu amor, eu estou do seu lado, não se esqueça. Ela sorriu desconsolada.

— Lamento. Já avaliaram os danos? Han deu de ombros.

— Poderia ter sido pior. Principalmente se levarmos em conta que atacaram cada ponto com quatro destróieres estelares. Os três

sistemas, porém, estão em pânico.

— Imagino. — Leia suspirou. — Já sei: Mon Mothma quer que eu vá até lá para garantir que a Nova República está realmente disposta a protegê-los.

— Como adivinhou? — Han resmungou. — Chewie preparou o *Falcon* para a viagem.

— Você não pretende ir sozinha, certo? — Luke quis saber. — Depois de tudo que aconteceu em Bimmisaari...

— Não se preocupe — Han disse, sorrindo. — Evitaremos riscos, desta vez. Um comboio de vinte naves nos acompanhará, para avaliar os estragos. Além de Wedge e o *Esquadrão Rogue.* Segurança total.

— Foi o que ouvi antes de Bimmisaari, também — Luke contestou. — Acho melhor ir junto.

Han trocou olhares com Leia.

— Bem... para dizer a verdade, você não pode. Luke franziu o cenho.

— Por que não?

— Porque eles não gostam de Jedis, em Bpfassh — Leia explicou.

Han apertou os lábios.

— Dizem que alguns Jedis saíram da linha durante as Guerras Clônicas, e causaram muitos estragos antes que se pudesse detê-los. — Mon Mothma me contou.

— Ela tem razão — Leia confirmou. — Quando participei do Senado Imperial, ainda se comentava o caso. E não foi só em Bpfassh. Alguns Jedis do Mal causaram problemas em todo o setor de Sluis. Um deles chegou a atacar Dagobah, antes de ser detido.

Luke sentiu um arrepio na espinha.

— Em Dagobah? Quando foi isso? — perguntou, ocultando a tensão.

— Há trinta ou trinta e cinco anos — Leia disse, franzindo a testa. — Por quê?

Luke balançou a cabeça.

— Por nada — murmurou.

— Bem, melhor deixar a discussão para depois — Han interferiu. — Quanto mais cedo partirmos melhor.

— Certo — Leia concordou, prendendo o sabre-laser no cinto e dirigindo-se à porta. — Vou fazer as malas e instruir Winter. Encontro vocês na nave.

Luke esperou que ela saísse, e confessou a Han:

— Não gosto nada disso.

— Não se aflija, ela estará segura — Han tentou acalmá-lo.

— Sei o quanto se preocupa com ela. Mas é impossível estar sempre a seu lado, bancando o irmão mais velho.

— Nunca soubemos qual dos dois é o mais velho, na verdade —

Luke murmurou.

— Não importa — Han disse, considerando o detalhe irrelevante. — O melhor, no momento, é treiná-la, como há pouco. Transforme-a numa Jedi, e ela enfrentará todos os inimigos que o Império enviar.

Luke sentiu um aperto no estômago.

— Tem razão.

— Desde que conte comigo e com Chewie a seu lado, claro — Han completou, seguindo para a porta. — Conversaremos na volta.

— Tome cuidado — Luke avisou.

Han virou-se com a fisionomia carregada de mágoa.

— Não precisa falar assim comigo. — E saiu, deixando Luke a sozinho.

Por alguns minutos, Luke perambulou pela sala, lutando contra o peso das responsabilidades que por vezes ameaçavam esmagá-lo. Arriscar a vida era uma coisa, mas ter o futuro de Leia nas mãos era outra completamente diferente.

— Não sou um professor — disse em voz alta para a sala deserta.

A única resposta veio do robô, ainda na posição de pausa. Num súbito impulso, Luke o acionou e desembainhou o sabre-laser para se defender do ataque. Doze projéteis, em rápida sucessão, saíram do robô que se movia como um inseto alucinado. Sem esforço, Luke bloqueou cada um deles, girando o sabre em um arco que parecia engolfá-lo, contaminado por uma estranha excitação corporal e mental. Sabia como enfrentar aquele inimigo, sólido e palpável, distinto das sombras remotas e dos medos que o atormentavam. O robô lançou nova saraivada e cada um dos disparos ricocheteou inofensivo na lâmina de laser...

Emitindo um bip inesperado, o robô parou. Luke o examinou confuso, tentando imaginar o que ocorrera. Deu-se conta, então, de que o robô parava automaticamente depois de vinte minutos. Ele ofegava e transpirava muito, chegara ao final do exercício.

Guardou o sabre-laser, sentindo-se um tanto perturbado. Não era a primeira vez que perdia a noção do tempo, mas isso só ocorria durante a meditação. Durante um combate, só se lembrava de situação semelhante em Dagobah, sob a supervisão de Yoda.

Em Dagobah...

Limpando o suor do rosto com a manga, ele seguiu até o console do intercomunicador e contatou o espaçoporto.

— Fala Skywalker — identificou-se. — Preparem meu caça asa-X para decolagem dentro de uma hora.

— Sim, senhor — respondeu o jovem oficial encarregado da manutenção. — Mas precisa nos mandar primeiro sua unidade astromech.

— Certo — Luke concordou. Ele se recusava a permitir a limpeza

mensal dos dados no computador de bordo, conforme o procedimento padrão. Em conseqüência, o computador se estruturara de acordo com a personalidade de Artoo, a tal ponto que qualquer operação agora dependia totalmente da presença do dróide. Resultava em aumento de eficiência operacional e velocidade. Infelizmente, significava que os computadores da manutenção não dialogavam mais com o asa-X. — Estará aí dentro de alguns minutos.

— Sim, senhor.

Luke empertigou-se, meditando sobre sua atitude. Certamente não encontraria Yoda em Dagobah, à disposição para conversar ou esclarecer suas dúvidas.

Ou talvez estivesse enganado.

— Como pode notar — Wedge disse, mantendo o tom cordial enquanto percorria o chão lotado de fragmentos de plástico e cerâmica —, isto aqui está uma bagunça.

— Sem dúvida — Leia concordou, sentindo um pouco de enjôo ao olhar a cratera cheia de detritos. Outros emissários da República vasculhavam a área, mantendo conversas discretas com os representantes de Bpfassh, curvando-se esporadicamente para recolher os fragmentos da usina de força arrasada. — Quantas pessoas morreram no ataque? — ela perguntou, sem saber se queria ouvir a resposta.

— Neste sistema, algumas centenas — Wedge informou, consultando suas anotações. — Não foi trágico.

— Não. — Leia fitou o céu verde-azulado. Trágico, não. Em especial considerando-se a presença de quatro destróieres estelares capazes de causar um massacre. — Muitos danos, contudo.

— Sim — Wedge concordou. — Mas também neste aspecto poderia ter sido pior.

— Fico pensando no motivo — Han murmurou.

— Assim como todos nós — Wedge reforçou. — Tem sido a segunda pergunta mais comum por aqui.

— E qual é a primeira? — Leia indagou.

— Já sei — Han interferiu antes que Wedge respondesse. — Querem saber por que eles resolveram atacar Bpfassh, afinal.

— Na mosca — Wedge concordou. — Não faltavam alvos melhores. Os estaleiros de Sluis Van encontram-se a menos de trinta anos-luz de distância, para começar. Mais de cem naves passam pela manutenção, simultaneamente. E temos as instalações, também. A central de comunicações de Praesitlyn fica a sessenta anos-luz, e quatro ou cinco importantes centros comerciais a cem. Mais um dia de viagem bastaria para atingi-los, na velocidade de cruzeiro de um destróier estelar. Sendo assim, por que Bpfassh?

Leia refletiu um pouco.

— Sluis Van conta com defesas reforçadas — lembrou. — Somando os cruzadores estelares e as estações de combate permanentes, qualquer líder do Império com um mínimo de bom senso pensaria duas vezes antes de atacar Sluis Van. E os outros sistemas encontram-se mais próximos ao centro da Nova República. Talvez não quisessem abusar da sorte.

— Estariam testando um novo sistema de comunicações, em situação de combate? — Han sugeriu sombrio.

— Não sabemos se possuem tal sistema — Wedge argumentou. — Ataques simultâneos coordenados não constituem novidade.

— Não — Han admitiu. — Mas eles contam com alguma novidade.

Algum aparelho capaz de realizar transmissões subespaciais por meio de escudos defletores e ecos da batalha.

— Não creio que seja um aparelho — Leia disse, sentindo um arrepio na espinha. Algo no fundo da mente a perturbava. — Nenhum dos três sistemas rastreou transmissões.

Han franziu a testa.

— Está bem? — perguntou baixinho.

— Sim — ela murmurou, ainda trêmula. — Eu só me lembrei de quando Darth Vader ordenou que nos torturassem, em Bespin. Luke sabia o que ocorria, onde quer que estivesse. E, a crer nos boatos, o Imperador e Darth Vader possuíam a mesma capacidade.

— Sim, mas os dois já morreram — Han disse. — Luke testemunhou as mortes.

— Eu sei. — Sua intuição começava a tomar forma. — E se o Império encontrou outro Jedi do Mal?

Wedge adiantara-se, mas ao ouvir a conversa recuou.

— Falam de Cbaoth?

— De quem? — Leia indagou.

— Joruus Cbaoth — Wedge repetiu. — Ouvi quando mencionaram um Jedi.

— Isso mesmo — Leia confirmou. — Quem é Joruus Cbaoth?

— Ele foi um dos principais mestres Jedis da época pré-imperial — Wedge explicou. — Consta que desapareceu antes do início das Guerras Clônicas. Corre o boato de que ele voltou à ativa e instalou-se num pequeno planeta chamado Jomark.

— Sei — Han disse. — E durante a Rebelião ficou parado, sem fazer nada?

Wedge deu de ombros.

— Só estou relatando o que ouvi, general. Não inventei nada.

— Podemos perguntar a Luke — Leia disse. — Talvez ele saiba de algo. Podemos ir agora?

— Claro — Wedge disse. — Os transportes estão ali adiante... E de repente a sensação de perigo que atormentava Leia, no fundo da mente, explodiu em um alerta total.

— Han, Wedge, abaixem-se!

Na beirada da cratera surgiu um grupo de alienígenas acinzentados, inconfundíveis.

— Procurem abrigo! — Han gritou para a comitiva republicana espalhada pela cratera, quando os alienígenas abriram fogo. Agarrando Leia pelo pulso, ele a levou para trás de uma imensa placa metálica retorcida, meio enterrada no solo. Wedge seguiu com eles, chocando-se com Leia ao se esconder.

— Perdão — disse, e sacou o desintegrador, avaliando cuidadosamente a situação. Mal colocou a cabeça para fora e um

disparo o atirou no chão. — Não sei, não — disse —, mas acho que temos encrenca.

— Sou forçado a concordar — Han disse. Leia virou-se para ele, sacou o desintegrador, e acionou o comunicador com a mão livre. — Já aprenderam. Desta vez, embaralharam nossas freqüências.

Leia sentiu um arrepio por todo o corpo. Confinados ali, sem contato, estavam indefesos. Completamente cercados, sem ter como pedir ajuda. A mão baixou automaticamente até a barriga. Mas venceu o medo e sacou o sabre-laser. Jedi ou não, treinada ou não, lutaria antes de se entregar.

— Pelo jeito vocês já foram apresentados a esta turma — Wedge disse, deixando a proteção da placa de metal para disparar a esmo contra os atacantes.

— Já nos encontramos — Han resmungou, procurando uma posição que permitisse um tiro certeiro. — Mas ainda não sabemos o que desejam.

Leia pensava em acionar o sabre-laser, imaginando se teria habilidade suficiente para bloquear disparos de desintegrador, mas desistiu. Superando o ruído dos disparos e os estalos de metal despedaçado, ela ouviu um som familiar.

— Han!

— Já ouvi — ele disse. — Chewie está a caminho.

— Como? — Wedge perguntou.

— O ronco que escutamos é o *Falcon* — Han explicou, debruçando-se na beirada da proteção. — Provavelmente notou que embaralharam as comunicações e somou dois e dois. Lá vem ele.

O *Millenium Falcon,* com seu ronco inconfundível, surgiu acima de suas cabeças. Sobrevoou o local, ignorando os disparos que ricocheteavam em sua couraça, e pousou entre eles e os atacantes. Espiando cautelosamente pela barreira, Leia notou que a rampa de acesso baixava, voltada para eles.

— Beleza — Han falou, olhando por cima do ombro dela. — Eu vou primeiro e cubro a parte inferior da rampa. Leia, corra em seguida. Wedge, cubra a retaguarda. Fiquem atentos. Podem tentar nos cercar pelo lado.

— Entendi — Wedge disse. — Estou pronto.

— Certo. — Han ergueu-se...

— Espere um pouco — Leia disse de repente, agarrando seu braço. — Tem alguma coisa errada.

— Claro. Estão atirando na gente — Wedge falou.

— Falo sério — Leia insistiu. — Tem algo errado mesmo.

— O quê? — Han perguntou, franzindo a testa. — Vamos logo, Leia, não podemos passar o dia aqui.

Leia apertou os lábios, tentando definir a sensação incômoda em

sua mente. Não conseguia identificá-la com precisão... De repente, entendeu tudo. — É Chewie — ela disse. — Não sinto a presença dele na nave.

— Deve estar longe demais — Wedge disse, impaciente. — Vamos logo, ou a nave não agüentará os disparos.

—Espere um pouco — Han gritou, olhando para Leia. — Ele pode dar um jeito, por enquanto. Eles só possuem armas leves. De qualquer maneira, se a coisa apertar, podemos usar o...

Ele interrompeu a frase, com ar intrigado. Esticou o pescoço, examinando melhor a nave. Quando foi novamente procurar abrigo, seu rosto exibia um sorriso maroto.

— Resposta simples: não é o *Falcon.*

— Como? — Wedge perguntou, perplexo.

— E uma imitação — Han explicou. — Mal posso crer. Eles conseguiram pôr em funcionamento outro cargueiro YT-1300, só para nos pegar.

Wedge assobiou surpreso.

— Minha nossa, eles querem vocês de qualquer jeito.

— Sabe que eu começo a ter esta mesma impressão — Han disse. — Alguma sugestão?

Wedge espiou pela borda da barreira.

— Suponho que correr não adianta muito.

— Não, eles cercaram a borda da cratera e nos esperam — Leia concluiu e Han emendou:

— Quando notarem que não vamos entrar na nave falsa, a situação vai se complicar.

— Existe algum modo de inutilizar a nave? — Leia aventou a hipótese.

— Impedir que decole e nos ataque do ar?

— Várias maneiras — Han respondeu. — O problema é que precisamos entrar primeiro. A couraça externa, apesar de fraca, bloqueia desintegradores de mão.

— E um sabre-laser? Ele a olhou desconfiado.

— Não está sugerindo que...?

— Não temos escolha, creio. Que tal?

— Suponho que funcione. Mas eu irei. Leia balançou a cabeça em negativa.

— Iremos todos — ela disse. — Sabemos que querem pelo menos um de nós com vida. Caso contrário, teriam sobrevoado a área e liquidado conosco. Se formos juntos, não poderão atirar. Seguiremos em frente, como se pretendêssemos subir a bordo, e depois nos separaremos ao chegar à rampa, no último segundo. Wedge e eu dispararemos contra o interior da nave, para distraí-los, e você usará o sabre-laser.

— Não sei — Han resmungou. — Ainda acho que Wedge e eu devemos ir sozinhos.

— Nada disso. Vamos nós três — Leia insistiu. — Só assim evitaremos que atirem e nos matem.

Han consultou Wedge.

— O que sugere?

— Creio que esta é a melhor chance que temos — o outro respondeu. — Mas precisamos agir depressa.

— Certo. — Han respirou fundo e passou seu desintegrador para Leia.

— Tudo bem. Passe o sabre-laser. Um, dois... três, vamos.

Ele deixou a proteção de metal e correu para a nave, em ziguezague, abaixando para evitar o fogo cruzado na cratera. Os representantes da República, Leia notou quando saiu atrás de Wedge, davam um bocado de trabalho aos atacantes da borda. Dentro da nave, percebeu movimentos e segurou firme o desintegrador de Han. Com meio segundo de vantagem, Han atingiu a rampa; girando o corpo com agilidade, ele se escondeu debaixo do casco.

Os alienígenas logo devem ter percebido que a cilada fracassara. Quando Leia e Wedge pararam nos lados opostos da rampa, foram recebidos com uma salva de disparos, vindos da abertura.

Atirando-se no chão, Leia valeu-se ao máximo da cobertura dada pela rampa, atirando às cegas contra a abertura para desencorajar a saída dos inimigos. Na outra ponta, Wedge também disparava; um pouco atrás de si, ela ouviu um ruído leve no solo. Han tomava posição para sabotar a nave. Um tiro passou perto, quase a atingiu no ombro, e ela tentou se ocultar melhor debaixo da rampa. Atrás dela, audível apesar do fogo dos desintegradores, escutou o sibilar do sabre-laser sendo acionado por Han. Mordendo os lábios, ela se agachou, sem saber o que esperar...

A explosão elevou o cargueiro a um metro de altura e atirou-a de costas no solo. Com um tranco, a nave caiu de volta ao chão.

Embora seus ouvidos zunissem, ela escutou um grito guerreiro de triunfo. Os disparos pela abertura cessaram de súbito, e o silêncio foi cortado por um ruído estranho vindo de cima. Curiosa, ela se afastou da rampa e procurou abrigo, agachada.

Esperava ver algum vazamento, como resultado da sabotagem de Han. Não estava pronta para a nuvem de fogo e gás que subiu ao céu, como um vulcão em erupção.

— Gostou do espetáculo? — Han perguntou, agachado a seu lado, observando seu trabalho.

— Isso depende. Será que a nave vai explodir? O que você fez, afinal?

— Cortei os cabos principais de refrigeração — ele explicou,

trocando o sabre-laser por seu desintegrador. — O gás korfaise pressurizado está escapando.

— Pensei que estes gases fossem venenosos — Leia disse, observando a nuvem que se espalhava.

— E são mesmo. Mas o korfaise é mais leve que o ar, de modo que não teremos problemas aqui. Dentro da nave a história deve ser outra, espero.

Então, Leia se deu conta do silêncio que os rodeava.

— Pararam de atirar — comentou. Han apurou os ouvidos.

— Isso mesmo. E não foram apenas os ocupantes da nave.

— Imagino o que teremos pela frente agora — Leia murmurou, apertando o cabo do sabre-laser.

Um segundo depois veio a resposta. O som de um trovão violento surgiu do alto, acompanhado de uma onda de choque que a atirou contra o solo. Por um segundo, horrorizada, ela pensou que os alienígenas estavam explodindo a nave. Mas o som se perdeu na distância, e a rampa continuava intacta.

— O que foi isso?

— Isso, meu amor — Han disse, erguendo-se —, foi o som de uma cápsula de fuga sendo acionada. — Ele deixou a proteção da rampa, perscrutando o céu. — Provavelmente modificado para manobrar na atmosfera. Nunca me dei conta de como estas coisas são barulhentas.

— Elas costumam decolar no vácuo — Leia o lembrou, levantando-se também. — E agora?

— Agora — Han apontou — chamamos nossa escolta e vamos embora daqui.

— Nossa escolta? — Leia franziu a testa. — Que escolta?

A resposta foi imediata. Mal acabou de falar ouviu o ruído dos motores de três caças asa-X, que sobrevoaram a cratera, as asas em posição de ataque, prontos para o que desse e viesse. Ela olhou para a nuvem de gás korfaise.

— Fez aquilo de propósito, não foi?

— Mas claro — Han disse, bancando o inocente. — Por que sabotar uma nave, se a gente pode sabotar e ao mesmo tempo mandar um sinal de fumaça? — Observando a nuvem, arrematou: — Tem horas que me surpreendo comigo mesmo.

— Garanto, capitão Solo — soou a voz grave do almirante Ackbar, pelo rádio do *Falcon* —, que estamos fazendo o possível para descobrir o que houve.

— Disseram a mesma coisa há quatro dias — Han retrucou, tentando manter a calma. Não era fácil. Já se acostumara a ser atacado, mas, com Leia a seu lado no fogo cruzado, a situação mudava. — Tenha dó. Não pode haver tanta gente assim sabendo que nosso destino era Bpfassh.

— Pode ficar surpreso com o número — Ackbar ponderou.

— Entre os membros do Conselho, seus auxiliares, as equipes de preparação do espaçoporto, pessoal de segurança e apoio, chegamos a cerca de duzentas pessoas com acesso a seu itinerário. Isso sem contar amigos e colegas dos duzentos citados, que podem ter ouvido as conversas. Investigar todos eles leva tempo.

Han fez uma careta.

— Maravilha. E o que sugere, neste meio tempo?

— Tem uma escolta.

— Tínhamos uma há quatro dias, também — Han argumentou.

— Não ajudou muito. Os comandantes Antilles e Rogue destacam-se nas batalhas espaciais, mas este tipo de problema não é a especialidade deles. Estaríamos melhor na companhia *do* tenente Page e seus comandos.

— Infelizmente eles partiram em uma missão — Ackbar informou. — Nas atuais circunstâncias, talvez seja melhor trazer a conselheira Organa Solo para cá, onde podemos protegê-la melhor.

— Eu adoraria — Han disse. — Mas estaria mais segura em Coruscant do que aqui?

Houve um longo silêncio, e Han imaginou os olhos enormes de Ackbar girando nas órbitas.

— Não sei se aprecio seu tom de voz, capitão.

— Eu também não, almirante — Han disse. — Mas precisamos encarar os fatos: se o Império consegue informações dentro do palácio, podem muito bem infiltrar agentes lá dentro.

— Duvido muito — Ackbar contestou, mas sua voz traía certa insegurança. — Os procedimentos de segurança que implantei em Coruscant são capazes de impedir qualquer tentativa de ataque Imperial.

— Tenho certeza disso, almirante — Han suspirou. — Só quis dizer que...

— Entraremos em contato quando houver mais dados, capitão — Ackbar disse. — Até lá, faça o que considerar necessário. Coruscant desligando.

O zumbido fraco do rádio desapareceu.

— Certo — Han resmungou. — Bpfassh desligando.

Por um instante ele permaneceu sentado na cabine do *Falcon,* pensando barbaridades da política em geral e de Ackbar em particular. Na sua frente, os monitores, que normalmente exibiam informações sobre a nave, mostravam cenas da paisagem externa, principalmente do campo de pouso e áreas próximas à rampa. O desintegrador da parte inferior fora estendido e encontrava-se pronto para atirar. Os escudos defletores poderiam ser ativados com um toque, apesar de sua precária eficácia na atmosfera.

Han balançou a cabeça, numa mistura de frustração e revolta. *Quem diria que um dia eu me sentiria tão paranóico?* No fundo da cabine ouviu o som de passos ligeiros. Virou o corpo, a mão sobre o desintegrador.

— Sou eu. — Leia aproximou-se para verificar os monitores. Aparentava cansaço. — Já conversou com Ackbar?

— Não foi bem uma conversa — Han revelou mal-humorado. — Perguntei o que fariam para descobrir como nossos amigos cinzentos sabiam de nossa vinda ao planeta. Ele garantiu que faria o possível, mas eu pisei nos calos dele, o que o deixou ofendido. Acontece muito isso com Ackbar.

Leia sorriu.

— Você consegue irritar qualquer um, não é?

— Não por minha culpa — Han contestou. — Eu só insinuei que o pessoal da segurança talvez não conseguisse manter nossos amigos longe do Palácio Imperial. Ele se enfureceu sem motivo.

— Sei disso — Leia disse, recostando-se no assento do co-piloto. — Apesar de todo seu gênio militar, Ackbar não tem queda para a política. E Fey'lya anda pegando no seu pé... — Ela deu de ombros, incomodada. — Ele tenta proteger ao máximo sua área de influência.

— Bem, se ele pretende manter Fey'lya longe das questões militares, meteu os pés pelas mãos — Han resmungou. — Metade da tropa já se convenceu de que devemos dar ouvidos a Fey'lya.

— Infelizmente, é isso mesmo — Leia concordou. — Carisma e ambição. Uma combinação perigosa.

Han franziu a testa. Havia algo de estranho na voz dela.

— Como assim, perigosa?

— Nada — ela disfarçou, com ar de culpa. — Falei sem pensar.

— Leia, se sabe de algo...

— Não sei de nada — ela retrucou num tom que o levou a desistir. — É só intuição. Uma sensação de que Fey'lya cobiça mais do que o cargo de comandante supremo de Ackbar. Mas é só intuição.

Como a sensação de que o Império preparava uma operação de grande porte?

— Certo — ele disse, compreensivo. — Entendo. Encerrou sua missão aqui?

— Na medida do possível — ela respondeu, demonstrando seu cansaço.

— A reconstrução vai levar tempo, mas as medidas necessárias serão tomadas em Coruscant. — Recostando-se na poltrona, fechou os olhos. — Comboios de equipamento para substituir o que foi danificado, consultores, mão-de-obra adicional... Sabe como é.

— Claro — Han concordou. — E suponho que esteja ansiosa para voltar e tomar as providências.

Ela abriu os olhos, encarando-o, curiosa.

— Pelo jeito você não está.

Han observou os monitores externos, pensativo.

— Bem, é o que todos esperam que faça — ele lembrou. — Então talvez seja melhor fazer outra coisa.

— Por exemplo?

— Não sei. Pense em algum lugar onde ninguém se lembraria de procurá-la.

— E depois? — ela perguntou, ameaçadora. Inconscientemente, Han conteve-se.

— E esconda-se lá por algum tempo.

— Sabe muito bem que não posso fazer isso. Tenho compromissos em Coruscant.

— Tem compromissos consigo mesma, também — ele argumentou. — Isso sem falar nos gêmeos.

Ela o encarou.

— Não está sendo justo.

— Por que não?

— Não posso desaparecer agora, Han. Não posso. Há tantas coisas acontecendo lá agora, não posso me esconder.

Han suspirou. Esta discussão se repetia constantemente, nos últimos tempos.

— Bem, se precisa manter contato, por que não vai para um posto diplomático qualquer? Conseguiria informações oficiais sobre Coruscant, lá.

— E como garantir que o embaixador local não revele minha presença?

— ela perguntou, balançando a cabeça. — Nem posso crer que estamos falando nestes termos. Até parece que fazemos parte da Rebelião, e não de um governo legítimo.

— Quem disse que o embaixador precisa saber? Temos um receptor diplomático no *Falcon.* Podemos grampear as transmissões normais por nossa conta.

— Só se conseguirmos o código de decodificação da embaixada. E grampear o sistema. Vai ser difícil.

— Daremos um jeito. Pelo menos Ackbar terá tempo para localizar o vazamento das informações.

— Não sei. Os códigos da Nova República são praticamente indecifráveis.

Han sorriu irônico.

— Lamento desapontá-la, querida, mas conheço especialistas que decifram códigos do governo de olhos fechados. Basta falar com um deles.

— E pagar uma fortuna?

— Sem dúvida. Por outro lado, mesmo estes especialistas ocasionalmente devem favores aos outros.

— Sério? Não sabia que você se dava com esta gente.

— Pois é, conheço alguns — Han apertou os lábios. — Mas, se os imperiais meditaram sobre o caso, provavelmente já colocaram meus amigos sob vigilância.

— E portanto...?

— E portanto precisamos descobrir alguém que possua outros contatos entre os decodificadores. — Ele acionou o sistema de comunicação do *Falcon.* — Antilles, fala Solo. Está a postos?

— A seu dispor — Wedge respondeu imediatamente.

— Estamos de partida. Vamos deixar Bpfassh — Han avisou. — Ainda não é oficial; encarregue-se de avisar o restante da delegação, depois da decolagem.

— Compreendo — Wedge disse. — Deseja uma escolta, ou prefere sair de fininho? Confio nos membros do meu grupo.

Han sorriu maroto. Wedge havia entendido perfeitamente.

— Obrigado, mas não queremos deixar o resto da delegação desprotegida.

— Como preferir. Posso cuidar de tudo, aqui. Vejo você em Coruscant.

— Certo. — Han desligou. — Um dia — acrescentou entre os dentes, enquanto acionava o intercomunicador. — Chewie? Pronto para decolar?

O wookiee rosnou uma afirmativa.

— Certo. Cheque tudo e suba. Melhor trazer Threepio também, precisaremos falar com o Controle em Bpfassh, depois da partida.

— Posso saber para onde vamos? — Leia perguntou, enquanto ele iniciava os procedimentos de partida.

— Já disse — Han respondeu. — Precisamos encontrar alguém de confiança, que tenha sua própria lista de decodificadores clandestinos.

Seu olhos brilharam, desconfiados.

— Não se refere a... Lando?

— Quem mais? — Han disse inocente. — Cidadão respeitado, herói de guerra, empresário honesto. Claro que tem contatos com os especialistas.

Leia ergueu os olhos para o céu.

— Por quê, de repente, estou me sentindo tão mal com esta história?

11

— Segure-se bem, Artoo — Luke avisou quando a turbulência atmosférica fez o asa-X balançar. — Entramos. Os monitores funcionam bem?

Um ruído eletrônico afirmativo foi a resposta à pergunta, e a informação detalhada surgiu na tela do computador.

— Ótimo — Luke falou, concentrando a atenção no planeta enevoado que se aproximava rapidamente. Estranho, pensou, que apenas em sua primeira viagem a Dagobah os sensores tivessem falhado por completo.

Ou talvez não fosse tão estranho assim. Poderia ter sido Yoda, sabotando deliberadamente os instrumentos, para guiá-lo até o local apropriado de pouso sem que soubesse.

Agora Yoda não estaria mais lá...

Com firmeza, Luke afastou o pensamento de sua mente. Lamentar a perda de um mestre e amigo era apropriado e honroso, mas viver preso a recordações significava dar ao passado poder excessivo sobre o presente.

O asa-X mergulhou na baixa atmosfera, e em segundos foi totalmente envolvido pelas densas nuvens brancas. Luke estudou os instrumentos, fazendo uma aproximação lenta e cuidadosa. Em sua última visita ao planeta, pouco antes da Batalha de Endor, pousara sem incidentes; de qualquer modo, não queria abusar da sorte. Os sensores identificaram a antiga residência de Yoda.

— Artoo? — chamou. — Encontre um local adequado para aterrissar, por favor.

Em resposta, um retângulo vermelho surgiu no monitor da proa, a leste da casa. Poderia seguir a pé até lá.

— Obrigado — Luke disse ao dróide, direcionando a nave para o ponto escolhido. Em pouco tempo, sacudindo os ramos das árvores, eles desceram.

Retirando o capacete, Luke abriu a carlinga. O odor pronunciado do pântano de Dagobah o impressionou, a estranha mistura adocicada e podre detonando centenas de lembranças em sua mente. O movimento nervoso da orelhas de Yoda, o saboroso e exótico ensopado que costumava preparar, as cócegas que seu pêlo crespo faziam no pescoço de Luke, quando ia de cavalinho em suas costas durante os treinos. E o treinamento em si: as longas horas, a fadiga física e mental, a sensação crescente de confiança na Força, a caverna e suas imagens sombrias...

A caverna?

Abruptamente, Luke ergueu-se na cabine, levando a mão ao sabre-laser num gesto automático, e perscrutou a neblina. Não poderia ter pousado o asa-X perto da caverna.

Mas pousou. A menos de cinqüenta metros viu a árvore que cresceu bem em cima do local maligno, a enorme silhueta enegrecida sobrepondo-se à vegetação circundante. Debaixo e entre as raízes emaranhadas, visível apesar da névoa e das plantas menores, identificou a entrada da caverna.

— Maravilha — murmurou. — Sensacional. Atrás dele ouviu uma série de bips.

— Não se preocupe, Artoo — disse por cima do ombro, deixando o capacete no assento. — Está tudo bem. Por que não fica aqui, enquanto eu...

O asa-X balançou um pouco, e ele olhou para trás, vendo que Artoo abandonara seu canto e avançava ansioso.

— Certo, se prefere assim, pode vir junto comigo.

Artoo bipou de novo — não muito contente, embora revelasse certo alívio. O pequeno dróide odiava ficar sozinho.

— Espere — Luke o instruiu. — Descerei primeiro, e depois o ajudo.

Ele saltou. Sentiu que o solo encharcado era firme o bastante para suportar o peso da nave. Satisfeito, usou a Força para remover Artoo da cabine e colocá-lo no chão, a seu lado.

— Pronto.

Ao longe ouviu o lamento agudo e longo de um pássaro típico de Dagobah. Luke permaneceu atento a ele, enquanto percorria a escala, examinando o pântano que o rodeava, tentando imaginar por que pousara exatamente naquele ponto. Ali parado, tudo parecia confuso. E muito estranho.

Artoo bipou, em sinal de interrogação. Com esforço, Luke deixou de lado as incertezas.

— Pensei que Yoda tivesse deixado algo de útil para trás — disse ao dróide, escolhendo entre as perguntas a mais fácil de responder. — A casa fica logo ali — apontou, pondo-se a caminho.

Não era longe, mas vencer a distância demorou mais do que Luke previra. Em parte, foi culpa do terreno e da vegetação. Esquecera-se de como era difícil ir de um lugar a outro, nos pântanos de Dagobah. Mas havia algo mais. Uma pressão leve, porém persistente, no fundo do cérebro, que parecia segurá-lo, toldando seu raciocínio.

Finalmente chegaram e... a casa havia desaparecido.

Por mais de um minuto Luke ficou imóvel, examinando a massa de vegetação que ocupava o local da casa, sentindo novamente a perda e a impressão de que seguira um impulso tolo. Crescera nos desertos de Tatooine, onde uma estrutura abandonada permanecia intacta por meio século, ou mais. Jamais lhe ocorrera que uma casa abandonada num pântano poderia sumir em cinco anos.

A seu lado, Artoo continuou a questioná-lo.

— Pensei que Yoda pudesse ter deixado algum livro — Luke explicou.

— Algo capaz de me ensinar detalhes sobre o treinamento de um Jedi. Não sobrou nada, pelo jeito.

Em resposta, Artoo estendeu seu pequeno sensor.

— Deixe pra lá — Luke disse, dando um passo à frente. — Já que estamos por aqui, vamos dar uma olhada.

Em poucos minutos abriram uma trilha pelos arbustos e trepadeiras com o sabre-laser, e chegaram às ruínas das paredes externas da casa. Em sua maior parte reduziram-se a escombros, chegando no máximo a seu peito, e cobertas de trepadeiras. Lá dentro a vegetação também tomara conta de tudo, varando e cobrindo a estrutura. Meio enterrados na lama, viu as panelas de ferro de Yoda, cobertas por um musgo esquisito. Atrás dele, Artoo assobiou.

— Não, duvido que encontremos algo de útil — Luke concordou, agachando-se para pegar um dos potes no chão. Uma lagartixa disparou sobre o musgo verde. — Artoo, veja se há algum aparelho eletrônico por aqui, por favor. Nunca soube que se valesse destes equipamentos, mas... — Deu de ombros.

O dróide obedeceu, erguendo o sensor novamente. Luke observou enquanto ele verificava a área. De repente, parou.

— Achou alguma coisa? — Luke perguntou.

Artoo bipou excitado, o domo girando na direção de onde vieram.

— De volta, por ali? — Luke franziu a testa. Olhou para as ruínas à sua volta. — Aqui não tem nada?

Artoo bipou mais uma vez e deu meia-volta, rolando com certa dificuldade pela superfície irregular. Ao parar voltou o domo para Luke e emitiu uma série de sons que só podiam ser uma pergunta.

— Certo, já vou — Luke disse suspirando, tentando afastar a sensação nefasta que se apoderava dele. — Mostre o caminho.

A luz que varava a copa das árvores, acima de sua cabeça, diminuíra quando avistaram novamente o asa-X.

— Onde? — Luke perguntou a Artoo. — Espero que não tenha concluído que era apenas nossa nave.

Artoo girou o domo, numa negativa indignada. Seu sensor girou uma fração e...

Apontou diretamente para a caverna. Luke engoliu em seco.

— Tem certeza?

O dróide apitou de novo.

— Tem — Luke disse desconsolado.

Por um instante ele apenas olhou a neblina que cobria a caverna, a mente debatendo-se na indecisão. Não havia necessidade genuína de entrar lá — disso tinha certeza. Yoda não deixaria nada lá dentro. Nunca.

Mas então o que era? Leia mencionara um Jedi do Mal de Bpfassh, que estivera ali. Teria algo a ver com ele?

Luke cerrou os dentes.

— Fique aqui, Artoo — ordenou ao dróide ao dirigir-se à caverna. — Voltarei assim que puder.

O medo e a raiva, Yoda sempre o prevenira, eram escravos do lado negro. Vagamente, Luke imaginou a que lado a curiosidade servia.

De perto, a árvore sobre a caverna parecia tão maligna quanto em suas recordações. Projetava-se retorcida, escura, como se pertencesse ao lado escuro da Força. Talvez pertencesse mesmo. Luke não sabia com certeza, as vibrações poderosas da caverna perturbavam seus sentidos. Ali encontrava- se a origem da sensação opressiva que o dominava desde que pousara em Dagobah, e, por um momento, pensou na razão de tanta intensidade, agora.

Talvez antes a presença de Yoda o protegesse da força maligna da caverna.

Mas Yoda não estava mais ali, a seu lado, e Luke enfrentaria a caverna sozinha.

Ele respirou fundo. *Sou um Jedi,* pensou com firmeza. Alcançando o comunicador no cinto, acionou-o.

— Artoo? Está me ouvindo?

O comunicador zumbiu de volta.

— Certo. Vou entrar agora. Avise quando eu me aproximar do aparelho que você localizou.

Recebeu um bip afirmativo como resposta. Devolvendo o comunicador ao cinto, sacou o sabre-laser. Tomando fôlego novamente, agachou-se entre as raízes emaranhadas e entrou na caverna.

Foi ruim como suas recordações mais sombrias. Escura, úmida, lotada de insetos nojentos e plantas limosas, seguia sendo o lugar mais desagradável em que Luke já entrara. O solo parecia mais traiçoeiro do que antes, e duas vezes, nos primeiros passos, quase caiu de bruços, quando o chão cedeu com seu peso. Mas não foi o bastante para desequilibrá-lo. No meio da névoa um ponto se destacava, claro em sua memória, tenebroso. Segurou o sabre-laser com mais força ao aproximar-se. Ali, naquele ponto, enfrentara o espectro de Darth Vader, num pesadelo irreal...

Chegando ao local, parou, afugentando o medo e as lembranças. Desta vez, para seu alívio, não aconteceu nada. A respiração sibilante não se fez ouvir nas sombras; o Senhor das Trevas não se adiantou para combatê-lo. Nada.

Luke umedeceu os lábios e pegou o comunicador no cinto. Claro, não poderia mesmo haver nada. Ele já enfrentara aquela crise — ele a superara. Vader se redimira, e estava morto. Nada mais poderia

assustá-lo, exceto temores irreais e obscuros, caso permitisse que eles o controlassem. Deveria saber disso desde o início.

— Artoo? Está me ouvindo?

O pequeno dróide zumbiu uma resposta.

— Certo — Luke disse, avançando. — A que distância...?

E no meio da frase — praticamente no meio de um passo — a neblina da caverna subitamente deu lugar a uma visão irreal...

Ele se encontrava dentro de um pequeno veículo, sobrevoando uma espécie de poço. Não conseguia distinguir direito o que havia no solo, mas sentia o calor terrível à sua volta, vindo do chão. Levou um empurrão, pelas costas, forçando-o a avançar pela plataforma estreita e comprida que se projetava horizontalmente da lateral do veículo...

Luke respirou fundo, a cena repentinamente clara. Ele estava de volta ao veículo de Jabba the Hutt, sendo preparado para a execução no Grande Poço de Carkoon...

Via a silhueta da balsa aérea de Jabba, agora à sua frente, balançando conforme os espectadores se amontoavam para melhor apreciar o espetáculo. Muitos detalhes da balsa se perdiam na névoa, mas via claramente a figura miúda e arredondada de Artoo, na parte superior da nave. Esperando pelo sinal de Luke para...

— Não vou entrar neste jogo — Luke disse para a visão. — Nunca mais. Já enfrentei esta crise e a derrotei.

Mas as palavras pareciam não surtir efeito, nem mesmo em seus próprios ouvidos. Ao pronunciá-las, sentiu a pressão da lança do guarda nas costas, e caiu pela borda da prancha. No ar, girou o corpo e agarrou a extremidade da plataforma, saltou acima do nível da cabeça do guarda...

Ele voltou à prancha e estendeu a mão na direção da balsa aérea, pronto para pegar o sabre-laser que Artoo lançava em trajetória parabólica para ele. Não conseguiu apanhá-lo. Enquanto o acompanhava com os olhos, a arma mudou de direção, descrevendo uma curva na direção da outra ponta da balsa. Freneticamente, Luke usou a Força para atraí-lo, sem

sucesso. O sabre-laser prosseguiu seu vôo...

E pousou na mão de uma moça elegante, sozinha no alto da balsa.

Luke a encarou, horrorizado. Por causa da névoa e do sol que brilhava atrás dela, não conseguiu ver detalhes de sua fisionomia. Mas o sabre-laser em sua mão, como um raro troféu, dizia tudo. Ela tinha poder sobre a Força, e acabava de condenar Luke e seus amigos à morte.

E *as lanças o empurraram novamente pela plataforma, enquanto ouvia claramente, no meio da neblina, sua risada triunfal...*

— Chega! — Luke gritou e a visão desapareceu como surgira, de repente. Estava de volta à caverna de Dagobah, a testa e a roupa

encharcadas de suor, o ruído eletrônico, repetitivo e insistente, a chamá-lo no comunicador.

Respirou fundo, empunhando com mais força o sabre-laser para garantir que continuava em sua mão.

— Está... — ele limpou a garganta e tentou novamente: — Está tudo bem, Artoo — tranqüilizou o dróide. — E parou, lutando contra a desorientação, tentando lembrar o que fazia ali. — Ainda registra o sinal eletrônico?

Artoo bipou, em confirmação.

— Na minha frente? Mais um sinal afirmativo.

— Certo — Luke disse. Mudando o sabre-laser de mão, limpou o suor que escorria pela testa. Avançou com cuidado, tentando vigiar os arredores.

Mas o pior já havia passado, pelo jeito. A caverna não provocou novas visões conforme ele prosseguia e, finalmente, Artoo avisou que chegara ao ponto.

O aparelho, quando conseguiu retirá-lo da lama, o desapontou. Não passava de um cilindro pequeno, meio achatado, pouco maior do que sua mão, com teclas enferrujadas de um lado e inscrições em algum idioma alienígena no outro.

— Só isso? — Luke perguntou, contrariado por ter viajado até ali só para encontrar um objeto insignificante. — Não tem mais nada?

Artoo bipou afirmativamente e emitiu um silvo que só poderia ser uma pergunta.

— Não sei o que é — Luke respondeu ao dróide. — Talvez você o reconheça. Espere um pouco. Volto logo.

O retorno foi desagradável mas sem tropeços. Pouco tempo depois ele emergia do emaranhado de raízes, soltando um suspiro de alívio ao sorver o ar do pântano, fresco em comparação com o da caverna.

Escurecera enquanto ele estivera na caverna, notou surpreso. A visão deformada do passado devia ter durado mais do que calculara. Artoo acendera as luzes de pouso do asa-X, os faróis formavam cones luminosos na névoa. Vencendo a vegetação rasteira, Luke dirigiu-se ao asa-X.

Artoo o aguardava, bipando pensativo. O som transformou-se num silvo de alívio quando Luke surgiu na escuridão. O pequeno dróide balançou-se de um lado para outro, como uma criança agitada.

— Calma, Artoo, estou bem. — Luke agachou-se e retirou o cilindro achatado do bolso. — O que acha?

O dróide emitiu um som enigmático e girou o domo para examinar o objeto de diversos ângulos. Depois, abruptamente, despejou uma série de frases eletrônicas excitadas.

— O quê? — Luke perguntou, tentando entender os sons, lamentando que Threepio nunca estivesse por perto quando precisava

dele. — Mais devagar, Artoo. Não posso entender... Deixe prá lá. — Ele parou, ergueu-se e examinou a penumbra circundante. — Não creio que haja motivo para permanecer aqui, de qualquer maneira.

Olhou para a caverna, quase totalmente mergulhada nas trevas, e engoliu em seco. Não havia motivo para ficar e tinha no mínimo uma boa razão para sair dali logo. Tanto trabalho à toa, refletiu melancólico. Deveria saber que não acharia nada ali.

— Vamos — disse ao dróide. — Volte para sua posição. Pode me explicar tudo a caminho de casa.

O relatório de Artoo sobre o cilindro era breve e inconcluso. O pequeno dróide não conhecia o formato, não decifrara sua função pelas informações recolhidas pelos sensores, e nem sequer sabia em que língua estavam escritas as frases na parte externa, quanto mais seu sentido. Luke começou a refletir sobre o nervosismo do dróide, até que a última frase esclareceu tudo.

— Lando? — Luke franziu a testa. — Não me lembro de ter visto Lando com uma coisa dessas.

Outras palavras surgiram na tela.

— Reconheço que eu estava muito ocupado no momento — Luke concordou, flexionando inconscientemente os dedos de sua mão direita artificial. — Instalar uma nova mão é assim mesmo. Ele entregou o aparelho ao general Madine, ou apenas o mostrou?

Outra sentença surgiu no monitor.

— Certo — Luke disse ao dróide. — Você também estava muito ocupado.

Ele observou, pela escotilha traseira, o crescente de Dagobah cada vez menor a distância. Pretendia voltar direto para Coruscant e esperar que Leia e Han retornassem de Bpfassh. Mas, pelo que sabia, a missão poderia durar duas semanas ou mais. E Lando o convidara mais de uma vez para conhecer a mineração de metais raros no planeta Nkllon, de altíssima temperatura.

— Mudança de planos, Artoo — anunciou, digitando a nova rota. — Vamos para o sistema Athega, visitar Lando. Talvez ele possa nos dizer o que é este aparelho.

E, no caminho, ele teria tempo de pensar no sonho, ou visão perturbadora, que o assustara tanto na caverna. E decidir se havia sido, de fato, apenas um sonho.

12

— Não tenho permissão para acesso a Nkllon — Han explicou paciente pelo transmissor do *Falcon,* observando o asa-B modificado que o acompanhava. — E não tenho registros a bordo. Estou tentando falar com Lando Calrissian.

Atrás de si escutou um riso contido.

— Disse alguma coisa? — perguntou por cima do ombro.

— Não — Leia retrucou marota. — Só me lembrava do passado.

— Entendo — Han resmungou. — Ele também se lembrava, e Bespin não se incluía na lista de recordações agradáveis. — Por favor, avise Lando, está bem? — pediu ao asa-B. — Diga a ele que um velho amigo está aqui, para jogar uma partida de sabacc, mesmo que seja com o baralho dele. Lando entenderá.

— Como é? — Leia perguntou, debruçando-se sobre a poltrona. Han tapou o transmissor.

— Os imperiais podem ter espiões por aqui, também. Neste caso, anunciar nossos nomes ao sistema Athega inteiro seria imprudente.

— Sem dúvida — Leia concordou relutante. — Trata-se de um recado esquisito, contudo.

— Não para Lando — Han garantiu. — Ele saberá que sou eu. Desde que o funcionário ali relaxe um pouco e envie a mensagem.

A seu lado, Chewbacca rugiu um aviso: uma nave grande aproximava-se por boreste, à frente.

— Identificou o tipo? — Han indagou, girando a cabeça para espiar.

O transmissor reagiu antes que o wookiee pudesse responder.

— Nave não-identificada, o general Calrissian autorizou a emissão de um visto especial para vocês — o piloto do asa-B avisou, traindo seu desapontamento. Provavelmente esperava expulsar pessoalmente os intrusos de seu sistema. — Sua escolta está a caminho. Mantenha a posição atual até segunda ordem.

— Combinado — Han disse, recusando-se a agradecer a gentileza.

— Escolta? — Leia disse. — Que escolta?

— Este *é* o troco para sua ausência em missões diplomáticas quando Lando passa pelo palácio para uma visita — Han disse, ainda virado para trás. Lá estava a nave... — Nkllon é um planeta superquente, próximo demais de seu sol para permitir que uma nave normal se aproxime sem perder o revestimento do casco. Então... — apontou para a direita — mandam uma escolta.

Ela tomou fôlego, impressionada, e mesmo Han, que vira hologramas mostrados por Lando, foi obrigado a admitir que se tratava de uma visão inusitada. A nave protetora parecia mais um gigantesco guarda-chuva aberto, um disco abaulado, quase do tamanho de um destróier estelar imperial. A parte inferior do disco

estava tomada por tubos e aletas — equipamento para bombear e armazenar o líquido refrigerante que impedia a incineração do disco na viagem de volta. No lugar do cabo do guarda-chuva havia uma espécie de torre cilíndrica, do tamanho do raio do disco, a ponta brilhando com as aletas de refrigeração. No centro, a nave rebocadora que impulsionava o conjunto.

— Minha nossa — Leia murmurou surpresa. — Isso aí voa?

— Sim, com certa dificuldade — Han explicou apreensivo enquanto o aparelho monstruoso se aproximava de sua nave. Não precisava chegar tão perto - o *Falcon* era bem menor do que os imensos cargueiros que costumavam escoltar. — Lando contou que enfrentou diversos problemas para construir estas naves, e ninguém quer saber de pilotá-las.

Leia balançou a cabeça.

— Não admira.

O transmissor foi novamente acionado.

— Nave não-identificada, aqui é a Nave Escudo Nove. Pronto para acoplar. Transmita o código de controle.

— Certo — Han resmungou, tocando o interruptor. — Nave Escudo Nove, não temos código de controle. Forneça o curso e eu o acompanharei.

Houve um momento de silêncio.

— Como quiser, nave não-identificada — disse por fim uma voz. Hesitante, percebeu Han. — Oriente-se para a rota dois-oito-quatro; velocidade ponto seis sub-luz.

Sem esperar pela confirmação, o guarda-chuva gigante moveu-se.

— Cole nele, Chewie — Han avisou o co-piloto. Não esperava problemas; o *Falcon* era mais rápido e infinitamente mais maleável que a escolta. — Nave Escudo Nove, qual seu ETA para Nkllon?

— Está com pressa, nave não-identificada?

— Como poderia, com uma vista maravilhosa dessas? — Han perguntou sarcástico, olhando para a parte inferior do disco que praticamente enchia o céu. — Falando sério, estamos morrendo de pressa.

— Lamento — o outro disse. — Se tivesse um código de controle, poderíamos dar um pequeno salto no hiperespaço juntos e chegar a Nkllon em uma hora. Sem isso, levaremos quase dez horas.

Han sorriu desconsolado.

— Que bom.

— Poderíamos criar um código de controle temporário — Leia sugeriu.

— Threepio conhece bem o computador do *Falcon,* faria isso sem problemas.

Chewbacca virou-se para ela e rugiu uma recusa que não deixava

campo para controvérsias, mesmo que Han concordasse com ela. Mas ele não concordava.

— Chewie tem razão — ele disse com firmeza. — Não deixamos esta nave por conta de ninguém. Em hipótese alguma. Ouviu isso, Nove?

— Sim. No que me diz respeito, tudo bem. Ganho por hora, mesmo. — O piloto parecia divertir-se perversamente com a situação.

— Ótimo — Han falou. — Vamos em frente.

— Claro.

A transmissão foi encerrada e Han levou as mãos aos controles. O guarda-chuva ainda balançava, mas era só.

— Chewie, ele já acionou os motores? O wookiee resmungou uma negativa.

— Algo errado? — Leia perguntou, debruçando-se.

— Não sei — Han disse, olhando em volta. Com o guarda-chuva na frente, não podia ver nada. — Não gosto disso, contudo. — Ele acionou o transmissor. — Nave Escudo Nove, o que nos atrasa?

— Nada de mais, nave não-identificada — respondeu a voz tranqüilamente. — Temos outra nave a caminho, também sem código de controle, e aproveitaremos para levar as duas. Não quer que a gente volte depois para apanhá-la, não é?

Han sentiu um arrepio. Por coincidência, outra nave chegava a Nkllon junto com eles.

— Identificou a outra nave? — ele perguntou. O outro riu.

— Meu caro, ainda nem identificamos a sua.

— Muito obrigado pela ajuda — Han retrucou, desligando o transmissor.

— Chewie, o que conseguiu sobre o recém-chegado?

A resposta do wookiee foi rápida e sucinta. Além de perturbadora.

— Ótimo — Han murmurou. — Melhor impossível.

— Não entendi — Leia comentou, olhando por cima do ombro.

— Ele se posicionou no lado oposto da torre cilíndrica central da nave escolta — Han explicou contrariado, apontando para o sensor. — Assim, não podemos vê-lo.

— Fez isso de propósito?

— Provavelmente — Han concordou, teclando os comandos para desconectar a nave da escolta. — Chewie, assuma. Cuidarei da artilharia.

Ele percorreu o corredor central, da cabine até a escada.

— Capitão Solo — uma voz metálica perguntou nervosa, no salão. — Algo errado?

— Provavelmente, Threepio — Han gritou em resposta. — Melhor prender o cinto de segurança.

Ele subiu a escada, passou para o controlador da gravidade da

artilharia, e acomodou-se no assento. O painel de controle entrou em funcionamento com rapidez satisfatória quando acionou o interruptor com uma das mãos e colocou o capacete com a outra.

— Novidades, Chewie? — perguntou ao microfone.

O outro rugiu uma negativa; a nave aproximava-se sob a proteção da torre da Nove, mas os sensores conseguiram uma leitura parcial. Com ela o wookiee determinara o tamanho aproximado da nave, não muito grande por sinal.

— Bem, já é alguma coisa — Han disse, listando mentalmente os tipos de naves interplanetárias para tentar descobrir o que o Império enviara contra eles. Algum tipo de caça TIE, talvez? — Fique atento. Pode ser uma armadilha.

O sensor de inferência acusou: a nave desconhecida começou a sair de trás da nave de escolta. Han preparou-se, pousando os dedos nos controles de disparo...

E de repente a nave surgiu, surpreendendo-o, realizando uma manobra em espiral que a deixou totalmente à vista. Acompanhou a nave de Han por alguns segundos.

— Trata-se de um asa-X — Leia identificou o intruso, aliviada. — Tem o escudo da República...

— Olá, estranho — Luke disse ao ouvido de Han. — Fico feliz em encontrá-los.

— Oi... — Han respondeu, reprimindo o impulso automático de saudar Luke pelo nome. Teoricamente usavam uma freqüência de segurança, mas qualquer um, um pouco motivado, poderia contornar este tipo de detalhe. — O que faz aqui?

— Uma visita a Lando — Luke disse. — Lamento se os assustei. Quando me disseram que eu viajaria com uma nave desconhecida, pensei em cilada. Não sabia que eram vocês, até agora há pouco.

— Claro — Han retrucou, observando a nave que seguia um trajeto paralelo. Era o asa-X de Luke, sem dúvida.

Ou, pelo menos, era *igual* ao de Luke.

— Bem — ele disse, apontando os canhões para o caça. Na posição em que se encontrava, o asa-X precisaria girar noventa graus para disparar contra o *Falcon. A* não ser, claro, que tivesse sido modificado. — Veio fazer uma visita social, ou tem outro objetivo?

— Nada sério. Encontrei um aparelho antigo, que... bem, acho que Lando poderia identificá-lo. — Hesitou. — Acho melhor evitar estes assuntos no momento. E você?

— Acho melhor não falar nada a meu respeito, também — Han retrucou, alerta. Parecia a voz de Luke, sem dúvida. Mas depois da tentativa de iludi- los em Bpfassh, todo cuidado era pouco. Precisavam identificá-lo imediatamente.

Ele acionou um interruptor, cortando o circuito de rádio.

— Leia, pode me dizer se Luke está realmente lá fora?

— Creio que sim — ela respondeu incerta. — Tenho quase certeza.

— Quase certeza não basta, querida.

— Sei disso. Espere, tive uma idéia. Han acionou o rádio outra vez.

—... disseram que seria bem mais fácil se eu possuísse um código de controle. Poderíamos chegar lá bem depressa — Luke disse. — Um salto no hiperespaço, o mais próximo que a gravidade de Nkllon permitisse, mais alguns minutos de viagem e eu estaria no lado escuro do planeta, podendo seguir por minha própria conta.

— Uma pena que os asa-X não possuam código de controle — Han disse.

— Isso mesmo — Luke retrucou secamente. — Falha no projeto, sem dúvida.

— Sem dúvida — Han repetiu, começando a suar frio. Leia precisava pôr logo sua idéia em prática.

— Na verdade, fico contente em saber que não tem o código — Leia falou. — Eu me sinto mais segura viajando assim, em comboio. E, antes que eu me esqueça, meu amigo gostaria de dizer alô.

— Artoo? — Threepio arriscou com voz afetada. — Está aí? O fone de Han se encheu de bips eletrônicos.

— Bem, eu não sei onde mais você poderia estar — Threepio disse contrariado. — A julgar pelo passado, poderia ter se metido em inúmeras encrencas, levando-se em conta que não me levaram junto, para livrá-lo de complicações.

O fone transmitiu um sinal inequívoco de zombaria.

— Eu sei que você sempre achou isso — Threepio retrucou, furioso. — Suponho que tenha direito a certas ilusões.

Artoo reclamou de novo; sorrindo, Han desligou o controle da artilharia e recolheu os canhões laser. Conhecera muitos contrabandistas, em sua época de contraventor, que dariam qualquer coisa para ter a seu lado uma mulher capaz de pensar mais rápido do que eles.

Quanto a si, Han decidira há muito que não poderia passar sem ela.

O piloto da nave de escolta não havia exagerado. Passaram-se quase dez horas até que fossem liberados, com um comentário final não muito elegante. Seguiram adiante, afastando-se da nave.

Não havia quase o que ver, Han concluiu, no lado escuro do planeta deserto. Um sinal familiar surgiu no monitor, e ele seguiu para a direção indicada.

Passos soaram atrás de sua poltrona.

— O que houve? — Leia indagou bocejando, erguendo o encosto da poltrona.

— Estamos no lado escuro de Nkllon. — Han indicou a massa

escura à frente. — Seguimos para a base de mineração de Lando. Chegaremos em dez ou quinze minutos.

— Certo. — Leia olhou pela escotilha, vendo as luzes do asa-X que os acompanhava. — Falou com Luke agora?

— Há duas horas. Ele disse que pretendia dormir um pouco. Creio que Artoo pilota a nave no momento.

— Sei disso — Leia confirmou, com a voz ligeiramente afetada que usava ao praticar os poderes de Jedi. — Mas Luke não consegue dormir direito. Algo o incomoda.

— Ele anda inquieto há uns dois meses — Han comentou. — Logo vai superar isso.

— Não, trata-se de algo diferente. — Leia balançou a cabeça. — Uma emergência, creio. — Ela o fitou com intensidade. — Winter imagina que ele possa contar tudo a você.

— Bem, ainda não revelou nada — Han disse. — Mas não se preocupe. Quando estiver pronto para falar, ele falará.

— Suponho que sim. — Ela espiou pela escotilha, analisando a massa escura do planeta para o qual se dirigiam. — Incrível. Sabem que daqui dá para ver parte da coroa solar?

— Certo. Mas não me peça para chegar mais perto — Han brincou. — As naves escudo de escolta não estão aqui só para impressionar. O calor pode derreter todos os sensores em segundos e torrar o casco do *Falcon* em minutos.

Ela balançou a cabeça, intrigada.

— Primeiro Bespin, e agora Nkllon. Por que Lando sempre se mete em situações malucas?

— Por vocação — Han respondeu. — Mas em Bespin pelo menos ele dispunha de uma tecnologia confiável. A Cidade das Nuvens funcionava há anos, antes de sua chegada. Aqui... — apontou para fora — eles começaram do nada, praticamente.

Leia debruçou-se.

— Creio que vejo a cidade. Não são aquelas luzes, ali na frente? Han olhou para o local indicado.

— Pequenas demais — ele disse. — Deve ser um grupo de mineração. Soube que possuem centenas de máquinas, apelidadas de Tatuzões, cavando o solo do planeta.

— O que são, exatamente? Naves-asteróides, como aquelas obtidas nas Indústrias Stonehill, com nossa ajuda?

— Não. As naves-asteróides servem para os sistemas externos, como rebocadores — Han explicou. — O tipo usado aqui é operado por duas pessoas, e parece um cone com a ponta cortada. Possui um conjunto de brocas de jato de plasma embaixo, em volta da abertura inferior. Basta acionar as brocas durante alguns minutos para fragmentar o solo e pegar o minério pela abertura.

— Acabo de me lembrar. Conheço este tipo de nave — Leia disse. — Serviam originalmente para mineração nos asteróides, não é?

— Mais ou menos. Lando descobriu estas máquinas em uma usina metalúrgica. Em vez de remover os jatos de plasma para derreter metal, os donos ergueram as naves inteiras, juntas, e as usaram na linha de produção da usina.

— Imagino como Lando as conseguiu...

— Melhor nem saber.

O transmissor os interrompeu.

— Naves não-identificadas, fala o Controle da Cidade Nômade — disse uma voz ríspida. — Pouso autorizado nas Plataformas Cinco e Seis. Sigam o sinalizador, e cuidado na entrada.

— Entendido — Han disse. O *Falcon* voava rente ao solo, a menos de cinqüenta metros, a julgar pelo altímetro. A frente, um pequeno morro impedia a visão. Depois de passar por ele, avistaram a Cidade Nômade.

— Fale mais sobre os esquemas malucos de Lando — Han desafiou Leia.

Ela balançou a cabeça, sem palavras. Até mesmo Han, que tinha certa noção do que o esperava, surpreendeu-se. Imensa, corcunda, brilhando com milhares de luzes na escuridão circundante, o complexo de mineração parecia uma espécie de monstro vivo que se arrastava pela superfície, engolindo os morros por onde passava. Faróis varriam a área à frente, pequenas naves enxameavam como insetos parasitas em suas costas, ou examinavam o solo adiante.

O cérebro de Han precisou de alguns segundos para entender o monstro em suas partes: o velho encouraçado no alto, quarenta At-Ats imperiais capturados embaixo, para carregá-lo, os transportes e veículos dos pilotos em torno e à frente.

Saber o que era não diminuía o impacto.

O transmissor os interrompeu de novo.

— Nave não-identificada — disse uma voz conhecida. — Bem-vinda à Cidade Nômade. Que história é essa de jogar sabacc?

Han sorriu.

— Olá, Lando. Falávamos de você.

— Aposto que sim — Lando retrucou bem-humorado. — Provavelmente comentavam minha criatividade empresarial.

— Mais ou menos — Han disse. — Algum truque para pousar nesta coisa?

— Nenhum — o outro respondeu. — Nossa velocidade não passa de uns poucos quilômetros por hora. O asa-X pertence a Luke?

— Sim, sou eu — Luke respondeu antes de Han. — Lugar incrível, Lando.

— Espere até ver tudo por dentro. Já estava mais do que na hora

de receber uma visita de vocês. Leia e Chewie vieram também?

— Estamos todos aqui — Leia respondeu.

— Não se trata exatamente de uma visita social — Han alertou. — Precisamos de ajuda.

— Mas é claro — Lando disse, hesitando um pouco. — Estamos à disposição. Agora estou na Central de Projetos, supervisionando uma escavação difícil. Enviarei alguém para recebê-los na plataforma de desembarque e trazê-los até aqui. Não se esqueçam de que aqui não existe atmosfera. Aguardem a conexão do tubo da doca, antes de abrirem a porta.

— Certo — Han disse. — Mande alguém de absoluta confiança para nos receber.

Outra pausa breve.

— E? — Lando perguntou desconfiado. — Aconteceu alguma... A transmissão foi cortada abruptamente por um silvo eletrônico.

— O que houve? — Leia perguntou assustada.

— Alguém está interferindo na comunicação — Han resmungou, desligando o transmissor. O silvo desapareceu, deixando uma sensação desagradável nos ouvidos. Ele acionou o intercomunicador. — Chewie, temos problemas. Suba até aqui. Um rugido confirmou o recado. Voltando- se para o transmissor, disse a Leia: — Use os sensores para examinar a área.

Veja se alguém se aproxima.

— Certo. — Leia digitou os comandos. — O que pretende fazer?

— Precisamos encontrar uma freqüência disponível. — Desviou o *Falcon* da rota de aproximação, seguiu para uma área menos congestionada em campo aberto e ligou novamente o transmissor, mantendo baixo o volume. Conhecia truques variados para driblar aquele tipo de interferência. A questão era se disporia de tempo suficiente para usá-los.

Abruptamente, antes do que esperava, o silvo transformou-se numa voz.

— Repetindo: naves na escuta, podem pousar.

— Lando, sou eu — Han chamou. — O que aconteceu?

— Não tenho certeza. — Lando parecia intrigado. — Pode ser apenas uma explosão solar, interferindo nas comunicações. Isso acontece, às vezes. Mas o padrão não confere...

Sua voz desapareceu.

— Como é? — Han insistiu.

Depois de um ruído constante no transmissor, ouviu o som pesado da respiração de Lando.

— Destróier estelar imperial — ele disse lentamente. — Aproximando- se rapidamente da face escura do planeta.

Han olhou para Leia, e viu que seu rosto se petrificara.

— Eles nos encontraram — murmurou.

— Já vi, Artoo, já vi — Luke retrucou. — Pode deixar que eu cuido do destróier estelar. Tente driblar a interferência.

O dróide respondeu com um bip nervoso e retornou ao trabalho. Adiante, o *Millenium Falcon* se desviara da rota de pouso e seguira para uma provável tentativa de interceptação da nave que se aproximava. Torcendo para que Han soubesse o que fazia, Luke preparou o asa-X para atacar e o seguiu. *Leia?,* chamou silenciosamente.

A resposta não continha palavras, mas o medo, a frustração e a raiva eram inconfundíveis.

Fique calma, estou com você, ele tentou tranqüilizá-la, dotando seu pensamento do máximo de confiança possível. Uma confiança que não sentia. O destróier estelar não o preocupava — se a descrição dos efeitos do sol fossem corretas, segundo Lando a nave agora estaria indefesa, com os sensores e boa parte do armamento derretida.

Mas os caças TIE, protegidos nos hangares, combateriam intactos. E assim que a nave atingisse a parte escura de Nkllon, poderiam decolar livremente.

De repente a estática cessou.

— Luke?

— Estou aqui — ele confirmou. — Qual é o plano?

— Contava com uma sugestão sua — Han retrucou secamente. — Parece que temos uma certa desvantagem no caso.

— Lando tem caças?

— Está reunindo o máximo possível, mas precisa mantê-los próximos, para defesa do complexo. Aposto que as tripulações não possuem muita experiência.

— Isso nos deixa na vanguarda do ataque, portanto — Luke Disse. Uma recordação encheu sua mente: a invasão do palácio je Jabba em Tatooine, há cinco anos, usando a Força para confundir os guardas gamorreanos. — Vamos tentar o seguinte: seguirei na frente, para confundir e atrasar seus reflexos. Você vem depois e os derruba.

— Creio que é a melhor tática — Han resmungou. — Fique próximo ao solo. Com sorte, alguns caças baterão nos morros.

— Mas não baixo demais — Leia alertou. — Lembre-se de que não conseguirá se concentrar muito na pilotagem.

— Posso controlar as duas coisas — Luke garantiu, consultando os instrumentos pela última vez. Era sua primeira batalha espacial como Jedi pleno. Imaginou se os Jedis da Velha República conduziam os combates deste modo. Ou mesmo se lutavam em situações semelhantes.

— Decolaram — Han anunciou. — Saíram do hangar e avançam contra nós. Ao que parece... apenas um esquadrão. Excesso de

confiança.

— Pode ser — Luke mordeu o lábio ao notar a tática. — O que são as outras naves que os acompanham?

— Sei lá — Han disse com a voz morosa. — São bem grandes, sem dúvida. Talvez transportem tropas.

— Tomara que não. Se for uma invasão em grande escala, em vez de um ataque relâmpago como o de Bpfassh, melhor avisar Lando.

— Leia está tentando. Tudo pronto?

Luke tomou fôlego. Os caças TIE assumiram uma formação em três grupos de quatro naves e avançavam direto contra eles.

— Estou pronto — falou.

— Muito bem. Vamos à luta.

O primeiro grupo aproximou-se depressa. Olhos semicerrados, voando inteiramente com seus reflexos, Luke acionou a Força. Sentiu algo muito estranho. Estranho, e muito desagradável. Tocar outra mente, com o intuito de estabelecer um contato, era uma coisa. Interferir nesta mesma mente, com o objetivo de distorcer sua percepção, era algo totalmente distinto. Sentira isso no palácio de Jabba, com os guardas, mas atribuíra o fato ao nervosismo da missão para resgatar Han. Agora percebia que havia mais. Talvez este tipo de ação, mesmo realizada em legítima defesa, se aproximasse demais dos limites obscuros das áreas onde os Jedis não podiam ir.

Ele pensou que nem Yoda nem Ben o preveniram a respeito. E quantas coisas mais precisaria descobrir sozinho, sobre ser um Jedi.

Luke?

Ele sentiu a pressão do cinto ao desviar o asa-X para o lado. A voz que sussurrava em sua mente...

— Ben? — perguntou em voz alta. Mas não reconheceu a voz de Ben Kenobi. Mas, se não era ele, quem...?

Você vira a mim, Luke, a voz insistiu. *Você deve vir a mim. Estarei a sua espera.*

Quem é você!, Luke perguntou concentrando-se ao máximo no contato, e, ao mesmo tempo, evitando perder o controle da nave. Mas a outra mente se esquivava, como uma bolha num furacão. *Onde está?*

Você me encontrará. Por mais que Luke se esforçasse, o contato se desfazia. *Você me encontrará... e os Jedi reinarão novamente. Até então, adeus.*

Espere!

Mas o contato se desfez no nada. Apertando os dentes, Luke usou a Força. Gradualmente percebeu que outra voz, mais familiar, chamava seu nome.

— Leia? — perguntou, sentindo a boca inexplicavelmente seca.

— Luke, você está bem? — Leia perguntou, ansiosa.

— Claro — ele disse. A voz soou mais firme desta vez. — O que

houve?

— Você está maluco? — Han interferiu. — Quer caçá-los até o fim da galáxia?

Luke piscou e olhou em volta, surpreso. Os caças TIE haviam desaparecido, deixando apenas destroços no solo. Os monitores indicavam que o destróier estelar abandonara o lado escuro de Nkllon novamente, afastando-se do planeta e buscando um ponto onde a gravidade cessasse para permitir o salto para a velocidade da luz. Atrás dele, um par de sóis em miniatura. Duas naves escolta de Lando, na forma de guarda-chuva, chegavam para ajudar na batalha. Tarde demais.

— Acabou? — perguntou atrapalhado.

— Acabou — Leia respondeu. — Derrubamos dois TIE, e o resto fugiu.

— E quanto aos transportes de tropas?

— Voltaram com os caças — Han disse. — Ainda não sabemos o que faziam aqui; nós os perdemos de vista, durante o combate. Pelo jeito, nem se aproximaram da cidade.

Luke respirou fundo, consultando o cronômetro do asa-X. Com toda a confusão, deixara passar meia hora. Não se lembrava de nada que acontecera durante este período. O contato com o Jedi estranho poderia ter durado tanto tempo?

Precisaria refletir mais sobre esta questão. Com todo o cuidado.

Na tela do monitor principal, na ponte de comando, o *Justiceiro* não passava de um pontinho luminoso contrastando com o fundo escuro de Nkllon, antes de dar o salto para a velocidade da luz.

— Já foram embora, almirante — Pellaeon anunciou, dirigindo-se a Thrawn.

— Ótimo. — O Grande Almirante examinou os outros monitores, quase displicente. Não precisava se preocupar. — Mestre Cbaoth? — chamou, girando a poltrona.

— Completaram a missão — Cbaoth disse, assumindo aquela expressão estranha novamente. — Conseguiram capturar cinqüenta e uma máquinas de mineração do tipo solicitado.

— Cinqüenta e uma — Thrawn repetiu satisfeito. — Excelente. Não teve dificuldades em guiá-los na ida e na volta?

— Nenhum problema, Grande Almirante Thrawn — Cbaoth disse altivo.

— Estava tendo uma conversa. — Fez uma pausa, abrindo um ligeiro sorriso. — Com Luke Skywalker.

— Do que está falando? — Pellaeon resmungou. — Os relatórios da inteligência indicam que no momento Skywalker está...

Ele foi interrompido por um gesto firme de Thrawn.

— Explique-se — ordenou o Grande Almirante. Cbaoth apontou

para o monitor.

— Ele está ali, neste momento, Grande Almirante Thrawn. Chegou a Nkllon pouco antes do *Justiceiro.*

Os olhos vermelhos brilhantes de Thrawn se estreitaram.

— Skywalker encontra-se em Nkllon? — perguntou, a voz estranhamente calma.

— No centro da batalha — Cbaoth disse, regozijando-se com o desconforto do Grande Almirante.

— E não me falou nada? — Thrawn indagou, no mesmo tom mortífero.

O sorriso de Cbaoth desapareceu.

— Eu já lhe avisei, Grande Almirante Thrawn, deixe Skywalker em paz. Cuidarei dele a meu modo, quando for a hora. Espero apenas que cumpra com sua promessa de me levar a Jomark.

Por um momento Thrawn encarou o mestre Jedi, os olhos vermelhos cuspindo fogo, o rosto duro e inescrutável. Pellaeon parou, petrificado.

— Ainda é cedo — disse finalmente o Grande Almirante. Cbaoth riu irônico.

— Por quê? Ainda não quer abrir mão de meus talentos?

— Não se trata disso — Thrawn disse sarcástico. — Apenas uma questão de eficiência. Os boatos de sua presença ainda não se espalharam o bastante. Precisamos ter certeza de que Skywalker reagirá do modo esperado, ou perderá muito tempo lá.

Um olhar sonhador inundou o rosto de Cbaoth.

— Mas ele reagirá — disse suave. — Confie em mim, Grande Almirante Thrawn. Sei que ele virá.

— Sempre confio em você — Thrawn retrucou irônico, estendendo o braço para acariciar o ysalamiri preso à poltrona de comando, para lembrar ao mestre Jedi o quanto confiava nele. — De qualquer modo, se perder tempo, será problema seu. Capitão Pellaeon, quanto tempo levaremos para reparar os danos no *Justiceiro?*

— Vários dias, almirante — Pellaeon informou. — Dependendo dos estragos, podemos perder até três ou quatro semanas.

— Muito bem. Seguiremos para o ponto de encontro, para proteger a nave até que os consertos estejam bem adiantados, e depois levaremos Mestre Cbaoth a Jomark. Está bem assim? — perguntou a Cbaoth.

— Sim. — Lentamente Cbaoth levantou-se. — Descansarei agora, Grande Almirante Thrawn. Avise se por acaso precisar de minha assistência.

— Com certeza.

Thrawn observou a saída do Jedi. Quando as portas se fecharam atrás dele, o Grande Almirante voltou-se para Pellaeon. O capitão se

conteve, tentando não demonstrar seus temores.

— Preciso de uma projeção de curso, capitão — Thrawn disse, a voz fria e firme. — A rota mais curta entre Nkllon e Jomark, no máximo da velocidade que um asa-X equipado com hiperdrive pode alcançar.

— Sim, almirante. — Pellaeon passou a ordem ao navegador, que iniciou os cálculos. — Acredita que Skywalker está mesmo lá?

Thrawn deu de ombros.

— Os Jedis conseguem influenciar as pessoas, capitão, mesmo a distâncias consideráveis. Imagino que tenha se aproximado mentalmente de Skywalker, o bastante para implantar uma sugestão, ou compulsão. Resta saber se tais técnicas funcionam em outro Jedi. Logo veremos.

— Sim, senhor. — Os números surgiram no monitor de Pellaeon. — Bem, mesmo que Skywalker parta imediatamente de Nkllon, poderemos deixar Cbaoth lá, antes de sua chegada.

— Isso eu já sabia, capitão — Thrawn disse. — Tenho planos mais ousados. Quero deixar Cbaoth em Jomark, depois seguir para um ponto intermediário da trajetória de Skywalker. Um ponto a pelo menos vinte anos luz.

Pellaeon franziu a testa. A expressão na face de Thrawn lhe deu arrepios.

— Não compreendo, senhor — disse cauteloso.

Os olhos vermelhos brilhantes o fitaram pensativos.

— Muito simples, capitão. Pretendo desiludir nosso grande e glorioso Jedi, que acredita ser cada vez mais indispensável a nós.

Pellaeon entendeu o plano.

— Ou seja, esperaremos Skywalker no ponto de aproximação com Jomark e prepararemos uma cilada para ele?

— Exato — Thrawn concordou em voz baixa. — Ao chegar lá decidiremos se a melhor opção é capturá-lo, para Cbaoth, ou simplesmente liquidá-lo.

Pellaeon o encarou de queixo caído.

— Prometeu Skywalker a Cbaoth.

— Estou reconsiderando o trato — Thrawn disse friamente.

— Skywalker tem se mostrado perigoso demais, e já frustrou pelo menos uma tentativa de captura. Cbaoth terá mais chances de sucesso com a irmã de Skywalker e os gêmeos. Poderá moldá-los como quiser.

Pellaeon olhou de relance para as pesadas portas fechadas atrás de si, a reforçar a convicção de que seria impossível para Cbaoth ouvir a conversa, com tantos ysalamiris espalhados pela ponte do *Quimera.*

— Talvez ele deseje enfrentar este desafio, senhor — sugeriu cautelosamente.

— Ele terá muitos desafios a encarar, até o restabelecimento do

Império. Melhor que guarde seu talento e astúcia para eles.

— Thrawn voltou aos monitores. — De qualquer forma, vai se esquecer de Skywalker quando tiver a irmã nas mãos. Espero que os desejos de nosso mestre Jedi sejam tão inconstantes quanto seu humor.

Pellaeon ponderou o caso. Quanto a Skywalker, pelo menos, Cbaoth demonstrara firmeza em seu desejo.

— Sugiro, com todo o respeito, que concentremos esforços para capturar Skywalker com vida. — Ele teve um momento de inspiração. — Lembre-se que sua morte pode induzir Cbaoth a deixar Jomark e retornar para Wayland.

Thrawn o encarou com um brilho enigmático no olhar.

— Um argumento muito interessante, capitão. Muito mesmo. Tem razão, claro. Devemos mantê-lo afastado de Wayland, a qualquer preço. Pelo menos até que o trabalho com os cilindros Spaarti termine e tenhamos lá todos os ysalamiris necessários.

—Sorriu malicioso. — A reação dele ao que estamos fazendo lá pode não ser muito agradável.

— Certamente, senhor — Pellaeon disse. Thrawn apertou os lábios.

— Muito bem, capitão. Aceito sua sugestão. — Ele se empertigou no assento. — Hora de partir. Prepare o *Quimera* para a velocidade da luz.

Pellaeon voltou-se para os monitores.

— Sim, senhor. Direto para o ponto de encontro?

— Faremos uma rápida escala, antes. Quero que passe do outro lado do sistema, até o setor comercial, próximo ao depósito das naves escudo, e deixe alguns espiões para vigiar a partida de Skywalker. Nas proximidades do sistema, e longe também. — Pela escotilha, observou Nkllon. — E, quem sabe... onde Skywalker vai, muitas vezes o *Millenium Falcon* vai também.

— E assim teremos todos eles em nossas mãos.

14

— Cinqüenta e uma — Lando Calrissian rugiu, lançando um olhar desesperado para Han e Leia enquanto andava de um lado para o outro, entre as poltronas da sala. — Cinqüenta e uma das melhores máquinas de mineração que possuíamos. *Cinqüenta e uma.* Quase metade de minha capacidade operacional se foi. Entendeu bem? Metade!

Ele desabou numa poltrona, mas num segundo se pôs de pé novamente e voltou a perambular pela sala, o manto negro esvoaçando atrás de si como uma nuvem tempestuosa. Leia abriu a boca para oferecer sua solidariedade, mas Han apertou sua mão com força, alertando-a a não fazer isso. Obviamente, Han já vira Lando naquele estado antes. Engolindo as palavras, ela observou o outro em sua reação violenta.

E, sem aviso prévio, o descontrole terminou.

— Sinto muito — Lando disse abruptamente, parando na frente de Leia para lhe apertar a mão. — Estou negligenciando meus deveres de anfitrião, não é? Seja bem-vinda a Nkllon. — Ergueu a mão dela, beijou-a, e apontou para a janela. — E então? O que acham de meu pequeno empreendimento?

— Impressionante — Leia disse, sincera. — Como teve a idéia de montar isso?

— Bem, trata-se de um projeto de muitos anos. — Ele deu de ombros, puxando-a suavemente para que se levantasse e o acompanhasse até a janela panorâmica, deixando a mão repousar de leve em suas costas. Desde que ela e Han se casaram, Leia percebeu o ressurgimento deste tipo de comportamento cortês em Lando — uma atitude que remontava a seu primeiro contato, na Cidade das Nuvens, e incomodavam Han.

Ou, pelo menos, normalmente o incomodavam. No momento, ele nem percebeu.

— Encontrei planos para um projeto do gênero nos arquivos da Cidade das Nuvens, datados da época em que lorde Ecclessis Figg a fundou — Lando prosseguiu, apontando para fora da janela. O horizonte girava lentamente, conforme a cidade se movia, e a sensação causada em Leia guardava semelhança com suas raras experiências em navios. — A maior parte do metal utilizado aqui vem do planeta mais próximo, Miser, e mesmo destacando ugnaughts para a mineração, temos dificuldades com a temperatura. Figg esboçou um centro de mineração móvel, que poderia permanecer sempre do lado escuro, fora do alcance do sol de Miser. Mas nunca chegou a instalá-lo.

— Não era prático — Han interferiu, aproximando-se de Leia por trás.

— O terreno em Miser era muito irregular para ser percorrido por uma estrutura sobre rodas.

Lando o olhou surpreso.

— Como sabe disso?

Han deu de ombros, observando a paisagem.

— Passei uma tarde examinando os arquivos imperiais certa vez, quando você tentava convencer Mon Mothma a financiar esta empreitada. Queria garantias de que ninguém havia tentado isso e desistido, por que não funcionava.

— Quanta gentileza sua, se dar a este trabalho — Lando disse, erguendo a sobrancelha. — Bem, qual é o problema de vocês, afinal?

— Deveríamos aguardar a chegada de Luke para tratar disso — Leia sugeriu, antes que Han pudesse responder.

Lando olhou para Han, como se notasse apenas naquele momento a ausência de Luke.

— Onde está ele?

— Quis primeiro tomar um banho e mudar de roupa — Han disse, desviando atenção para um transportador de minério que chegava. — Os asa-X não oferecem muito conforto.

— Em especial para viagens longas — Lando concordou, encarando Han. — Sempre achei que instalar hiperdrive numa nave tão pequena era bobagem.

— Acho melhor chamá-lo — Han decidiu de repente. — Tem um intercomunicador aqui?

— No bar. — Lando apontou para um bar curvo em madeira, na extremidade da sala. — Peça a central; eles o localizarão para você.

— Obrigado — Han agradeceu, de costas, a meio caminho do bar.

— A situação se complicou, certo? — Lando murmurou para Leia, enquanto observava Han do outro lado da sala.

— Um bocado — ela admitiu. — Talvez o destróier estelar volte aqui, para me buscar.

Lando permaneceu quieto um instante, então disse:

— Quer ajuda. — Não era uma pergunta.

— Sim.

Ele respirou fundo.

— Bem... farei o que puder, claro.

— Muito obrigada.

— De nada. — Seus olhos desviaram-se de Han para a janela, e seu rosto se endureceu. Talvez pensasse na última vez em que Han e Leia pediram sua ajuda, e no que isso lhe custou.

Lando escutou a história em silêncio, depois sacudiu a cabeça.

— Impossível. Se houve uma quebra de segurança, não ocorreu em Nkllon.

— Como pode ter certeza disso? — Leia quis saber.

— Por que ninguém ofereceu uma recompensa por vocês — Lando explicou. — Temos gente de todo tipo por aqui, mas nem um deles trabalha de graça. Não os entregariam ao Império na base da boa vontade, apenas. Além disso, por que roubariam as máquinas de mineração, se estivessem atrás de vocês?

— Provocação, quem sabe — Han sugeriu. — Que motivo teriam para roubá-las, afinal?

— Sei lá. Talvez queiram pressionar economicamente meus clientes, ou desorganizar o fluxo de matérias-primas da Nova República. Não importa, no caso. Interessa que levaram as máquinas de mineração, mas não levaram vocês.

— Como sabe que não ofereceram uma recompensa? — Luke perguntou, sentado à direita. Uma posição que o colocava, junto com seu sabre-laser, entre os amigos e a única porta da sala. Aparentemente, não se sentia muito seguro ali.

— Eu teria ouvido falar a respeito — Lando disse, soando um pouco surpreso. — Eu me tornei respeitável, mas continuo bem informado.

— Expliquei que você ainda tem bons contatos — Han disse, sorrindo satisfeito. — Felizmente, acertei. Em quem podemos confiar, Lando?

— Bem... — Lando cortou a frase ao ouvir o chamado do intercomunicador de pulso. — Com licença. — Acionou o minúsculo intercomunicador da pulseira. — Sim?

Uma voz disse algo incompreensível para os demais, que se encontravam afastados.

— Que tipo de transmissor? — Lando perguntou, franzindo a testa. — Certo. Tome as providências devidas. Continue a busca.

Desligou o aparelho e disse, examinando a sala:

— Era o pessoal da comunicação. Encontraram um transmissor de curta distância, sintonizado em uma freqüência pouco usada... e está aqui, nesta sala.

Leia sentiu a tensão tomar conta de Han.

— Que tipo de transmissor? — perguntou.

— Deste tipo, provavelmente — Luke disse. Levantando-se, mostrou o cilindro achatado que levava sob a túnica e o entregou a Lando. — Calculei que seria capaz de identificá-lo.

Lando examinou o cilindro, intrigado com as inscrições alienígenas na parte externa.

— Interessante. Não vejo um desses há anos. Pelo menos não do mesmo modelo. Onde o conseguiu?

— Enterrado na lama, no meio de um pântano. Os sensores de Artoo o localizaram, a uma distância razoável, mas ele foi incapaz de me dizer o que era exatamente.

— E mesmo um transmissor — Lando confirmou. — Incrível que ainda funcione.

— E o que ele transmite, exatamente? — Han perguntou, observando o aparelho como se fosse uma serpente venenosa.

— Apenas um sinal de localização — Lando explicou. — E o alcance é pequeno. Não transmite nada para fora do planeta, por exemplo. Ninguém poderia usá-lo para seguir Luke até aqui, se é que pensaram nisso.

— Sabe para que serve? — Luke perguntou.

— Claro — Lando disse, devolvendo o aparelho. — Trata-se de um antigo controle remoto. Anterior às Guerras Clônicas, a julgar pelo aspecto.

— Um controle remoto? — Luke repetiu, franzindo a testa. — Para controlar uma nave?

— Isso mesmo — Lando confirmou. — E bem sofisticado. Se a nave possuir um sistema de código de controle, basta acionar o aparelho e a nave virá a seu encontro, manobrando automaticamente para desviar de todos os obstáculos do caminho. Em alguns casos, podem até orientar o combate da nave contra eventuais inimigos com razoável eficiência. — Ele balançou a cabeça, perdido em suas recordações. — Ajuda muito, às vezes.

Han sorriu irônico.

— Como no caso da frota *Katana*.

— Bem, a gente precisa tomar certas precauções — Lando retrucou. — Por outro lado, descentralizar as funções vitais de uma nave e passá-las a dezenas ou centenas de dróides também cria problemas. Os códigos de controle parciais que desenvolvemos para uso dos cargueiros e naves escudo funcionam satisfatoriamente.

— Usavam códigos de controle na Cidade das Nuvens, também? — Luke perguntou. — Artoo disse que você usava um desses, quando conseguimos dar o fora de lá.

— Minha nave pessoal conta com um sistema completo de códigos de controle — Lando informou. — Eu queria ser capaz de chamá-la a qualquer momento, em caso de necessidade. — Ele mordeu o lábio. — O pessoal de Vader deve ter descoberto o sistema e desligado tudo, enquanto esperavam por você, pois a nave não veio quando a chamei. Disse que o encontrou num pântano?

—Sim — Luke confirmou, olhando para Leia. — Em Dagobah.

Leia arregalou os olhos.

— Dagobah? — ela repetiu. — O planeta para onde o Jedi do Mal de Bpfassh fugiu?

Luke confirmou com um gesto de cabeça.

— Isso mesmo. — Ele apontou para o controle remoto com um ar estranho. — Isso deve ter pertencido a ele.

— Ou alguém pode ter perdido o aparelho, em outra época _ Lando lembrou. — Estes equipamentos anteriores às Guerras Clônicas chegavam a durar mais de um século.

— Não — Luke disse, balançando a cabeça em negativa. — Era dele mesmo. A caverna onde eu o encontrei estava tomada pelo lado negro. Creio que ele morreu lá dentro.

Eles permaneceram em silêncio por um longo tempo. Leia estudou o irmão cuidadosamente, sentindo a tensão em seus pensamentos. Algo mais, além de achar o controle remoto, ocorrera em Dagobah, e se relacionava às perturbações que percebera quando vinha para Nkllon...

Luke ergueu os olhos, como se sentisse os pensamentos de Leia.

— Estávamos falando sobre os contatos de Lando entre os contrabandistas — ele disse, e seu recado foi claro: não era hora de perguntar nada a respeito.

— Certo — Han reagiu depressa, mostrando que também compreendera o recado. — Precisamos saber em qual de seus amigos contraventores podemos confiar.

O outro deu de ombros.

— Depende do que pretendem confiar a eles. Han o fitou direto nos olhos.

— A vida de Leia.

Sentado ao lado de Han, Chewbacca rosnou surpreso. Lando arregalou os olhos.

— Não fala sério.

Han confirmou e continuou a encarar Lando.

— Como viu, os imperiais não largam do nosso pé. Precisamos encontrar um bom esconderijo, até que Ackbar descubra onde eles conseguem tantas informações. Ela precisa ficar em contato com Coruscant, para acompanhar os acontecimentos, e isso significa um posto diplomático onde se possa usar os sistemas de comunicação restritos, sem que ninguém perceba.

— Um posto diplomático usa códigos secretos — Lando disse, preocupado. — E para decifrar os códigos, precisam de um especialista.

— Um decifrador de códigos confiável. Lando assobiou e balançou a cabeça.

— Lamento, Han, mas não conheço nenhum decodificador em quem possa confiar a esse ponto.

— Sabe de algum contrabandista que possua bons contatos?

— De confiança? — Lando refletiu. — Dificilmente. O único com quem se pode contar, a princípio, é o líder de um grupo grande, chamado Talon Karrde. Consta que ele cumpre à risca seus compromissos.

— Já o encontrou pessoalmente?

— Só uma vez, Luke. Ele me impressionou. Frio, calculista, mercenário.

— Já ouvi falar de Karrde — Han disse. — Tento entrar em contato com ele há meses, na verdade. Dravis... lembra-se de Dravis? Contou que hoje o grupo de Karrde é o maior em atividade.

— Pode ser. — Lando deu de ombros. — Ao contrário de Jabba, Karrde não se gaba de seu poder ou influência. Nem sei direito onde se situa a base dele, quanto mais a quem seria leal.

— Na hipótese de ser leal a alguém — Han resmungou. Em seus olhos Leia viu a frustração de todos os contatos malsucedidos com os grupos de contrabandistas, que preferiram ficar em cima do muro, em matéria de política. — A maioria nem sabe o que é isso.

— Coisas do ofício. — Lando cocou o queixo. — Não sei não, Han. Poderia hospedar vocês aqui, mas não tenho defesa contra um ataque de grande porte. A não ser que estejam dispostos a correr um certo risco.

— Como assim?

— Podemos usar um módulo de sobrevivência enterrado — Lando disse, com um brilho no olhar. — Nós o enterramos na linha divisória e, dentro de algumas horas, vocês estarão sob a luz do sol. Os imperiais nunca os encontrariam, nem seriam capazes de chegar até onde estivessem. Han desaprovou a idéia.

— Arriscado demais. Se tivéssemos algum problema, ninguém poderia nos ajudar, tampouco. — Chewbacca tocou seu braço, rosnando de leve, e Han virou-se para falar com o wookiee.

— Não seria tão arriscado como parece — Lando insistiu, virando-se para Leia. — Prepararíamos uma cápsula à prova de defeitos. Já fizemos algo parecido com instrumentos de pesquisa delicados, sem que fossem danificados.

— Quanto tempo dura a rotação de Nkllon? — Leia perguntou.

Chewbacca rosnava, insistente, mas ela não entendia o motivo da discussão.

— Cerca de noventa dias padrão — Lando disse.

— Sendo assim, perderíamos totalmente o contato com Coruscant durante quarenta e cinco dias, no mínimo. A não ser que exista um transmissor capaz de operar sob o sol.

Lando fez que não.

— O melhor que temos derreteria em minutos.

— Neste caso, lamento...

Leia suspendeu a frase quando Han, a seu lado, pigarreou.

— Chewie tem uma sugestão — ele disse, traindo na voz e na fisionomia sentimentos conflitantes.

Todos olharam para ele.

— Diga — Leia pediu. Han umedeceu os lábios.

— Ele disse que pode levá-la a Kashyyyk, se quiser. Leia olhou para Chewbacca, sentindo certo desconforto.

— Sempre soube que os wookiees desencorajavam a presença humana em seu planeta — disse cautelosa.

A resposta de Chewbacca foi contraditória como a expressão de Han. Mostrava-se confiante, apesar disso.

— Os wookiees tratavam bem os humanos, antes de serem escravizados pelo Império — Han disse. — De qualquer modo, manteríamos a visita em segredo. Você, Chewbacca, um representante da Nova República e poucos mais saberiam.

— Contudo, o representante da Nova República teria conhecimento de minha presença — Leia ponderou.

— Sim, mas seria um wookiee, no caso — Lando argumentou. — Se ele a aceitar sob sua proteção pessoal, não a trairá, e ponto final.

Leia estudou o semblante de Han.

— Gosto da idéia. Han, por que hesita? Um músculo se contraiu na face de Han.

— Kashyyyk não é exatamente o local mais seguro da galáxia. Especialmente para não-wookiees. Terá de morar nas árvores, a centenas de metros acima do nível do solo...

— Estarei com Chewie — ela retrucou com firmeza, controlando seus temores. Ouvira muitas histórias sobre a ecologia mortífera de Kashyyyk. — Confiou sua própria vida a ele, em inúmeras oportunidades.

Ele deu de ombros, constrangido.

— Agora é diferente.

— Por que não vai junto com eles? — Luke sugeriu. — Ela terá dupla proteção.

— Pensei nisso — Han disse. — Mas Chewie acredita que ganharemos tempo se Leia e eu nos separarmos. Ele a levará para Kashyyyk, eu seguirei no *Falcon,* fingindo, de algum modo, que ela continua a bordo.

Lando concordou.

— Faz sentido, em minha opinião.

Leia olhou para Luke, e a sugestão óbvia quase saiu de seus lábios. Algo no rosto do irmão a alertou para não pedir que a acompanhasse.

— Chewie e eu estaremos bem — disse, apertando a mão de Han. — Não se preocupe.

— Então estamos conversados — Lando disse. — Chewie, você pode usar minha nave, se quiser. Na verdade... — ele os olhou pensativo — se precisarem de ajuda, posso acompanhá-los.

Han deu de ombros, contrariado com a decisão.

— Se puder, ótimo.

— Muito bem — Lando disse. — Seria melhor sairmos juntos de Nkllon. Tenho uma viagem programada para breve, e isso nos dará a desculpa adequada. Preciso comprar suprimentos. Quando passarmos pela estação de naves escudo, Chewie e Leia seguirão em minha nave, sem despertar suspeitas.

— E depois Han envia uma mensagem a Coruscant, fingindo que Leia se encontra a bordo do *Falcon,* certo? — Luke perguntou.

Lando sorriu maroto.

— Na verdade, podemos dar um jeito melhor ainda. Threepio ainda está com vocês?

— Ajudando Artoo a consertar os danos no *Falcon* — Leia informou. — Por quê?

— Já saberá — Lando disse, erguendo-se. — Levará algum tempo, mas valerá a pena. Vamos falar com o chefe da programação.

O chefe da programação era um sujeito baixo, com olhos azuis sonhadores e cabelo liso em arco, qual um arco-íris grisalho que começava logo acima da sobrancelha e ia até a nuca. Tinha um borg brilhante implantado atrás da cabeça. Luke acompanhou atento as instruções de Lando, e permaneceu ali até concluir que daria tudo certo. Depois ele se afastou, retornando aos aposentos oferecidos por Lando.

Ainda estava em seu quarto uma hora depois, estudando uma infinidade de mapas estelares, quando Leia entrou.

— Então você estava aqui — ela disse, observando os mapas. — Desapareceu de repente, e fiquei preocupada.

— Precisava verificar algumas informações — Luke disse. — Já terminaram?

— Minha parte sim — Leia falou, puxando uma cadeira para se sentar.

— Eles estão trabalhando agora no programa de adaptação. Depois disso, será a vez de Threepio.

Luke balançou a cabeça.

— Pensei que fosse muito mais simples.

— Bem, a técnica básica é simples — Leia concordou. — O mais complicado é driblar a parte da programação de Threepio para cuidar dos outros, sem alterar sua personalidade no processo. — Ela observou a tela novamente. — Eu ia perguntar se queria me acompanhar na viagem a Kashyyyk — disse, tentando parecer despreocupada. — Mas pelo jeito tem outros planos.

Luke franziu a testa.

— Não quero deixá-la na mão, Leia — ele disse, desejando que isso fosse verdade mesmo. — Eu juro. Mas preciso fazer algo que, a longo prazo, pode ser mais importante para você e para os gêmeos do que a ida a Kashyyyk.

— Certo — ela disse calmamente, aceitando as palavras do irmão. — Pode pelo menos me contar aonde vai?

— Ainda não sei. Preciso encontrar uma pessoa, mas nem sei por onde iniciar a busca. — Hesitou, tomando consciência de repente do quanto aquilo tudo soava estranho, desvairado até. Mas Leia precisava saber, de qualquer modo. — Trata-se de outro Jedi.

Ela o encarou.

— Fala sério?

— Por que não? — Luke indagou, intrigado com aquela reação inesperada. — Vivemos numa galáxia enorme, sabia?

— Uma galáxia na qual você é o último dos Jedi, pelo que sei. Não foi isso que Yoda disse, antes de morrer?

— Sim. Mas começo a crer que ele se enganou. Ela arregalou os olhos.

— Enganou-se? Um mestre Jedi?

Uma lembrança pipocou em sua mente: o espectro de Obi-wan, no meio do pântano de Dagobah, tentando explicar suas palavras anteriores sobre Darth Vader.

— Os Jedi muitas vezes dizem coisas enganosas. E nem mesmo os mestres Jedis são oniscientes.

Ele fez uma pausa, olhando para a irmã indeciso sobre o quanto deveria revelar a ela. O Império não havia sido derrotado ainda, e a vida do misterioso Jedi poderia depender de sua capacidade de guardar um segredo. Leia aguardou em silêncio, preocupada.

— Precisará guardar um segredo — Luke disse afinal. — Só para si. Não quero que conte nem a Lando nem a Han, a não ser que se torne absolutamente necessário. Eles não suportariam um interrogatório, como você.

Leia tremeu, mas manteve a firmeza no olhar.

— Compreendo.

— Certo. Já imaginou por que Mestre Yoda conseguiu se manter oculto do Imperador e de Vader, durante tantos anos?

Ela deu de ombros.

— Suponho que eles não sabiam de sua existência.

— Deveriam saber. Sabiam da minha existência, por causa da Força. E quanto a Yoda?

— Algum tipo de escudo metálico?

— Talvez. Mas creio que isso se deve ao local escolhido por ele para viver. Ou do lugar para onde o acaso o levou.

Um leve sorriso assomou aos lábios de Leia.

— Agora finalmente saberei onde se situa seu famoso centro de treinamento?

— Eu não queria que ninguém mais soubesse — Luke disse, movido pelo impulso de justificar a ela sua decisão. — Ele se escondeu

tão bem... Mesmo depois de sua morte temi que o Império pudesse se aproveitar de algo... Seja como for, agora não importa mais. Yoda vivia em Dagobah. Vizinho da caverna do mal, onde encontrei aquele controle remoto.

Leia não conteve uma exclamação de surpresa, seguida de um lampejo de compreensão.

— Dagobah — murmurou, balançando a cabeça como se de repente resolvesse um problema íntimo e antigo. — Sempre imaginei como o Jedi renegado havia sido derrotado. Yoda deve ter... — Ela sorriu.

— Cuidado dele — Luke terminou a frase, sentindo um frio na espinha. Suas escaramuças com Darth Vader deixaram recordações penosas. Um combate entre mestres Jedis, com controle pleno sobre a Força, seria terrível.

— E ele provavelmente não teve muito tempo para derrotá-lo.

— O controle remoto já havia sido acionado — Leia lembrou. — Estava pronto para chamar sua nave.

Luke concordou com um gesto.

— Isso explica por que a caverna absorveu o lado negro com tanta intensidade. Mas não explica o motivo de Yoda ter decidido ficar por lá.

Ele fez uma pausa, observando-a atentamente. Um instante se passou até que Leia entendesse tudo.

— A caverna o protegia — ela disse. — Como um par de cargas elétricas, positiva e negativa, muito próximas... Para um observador distante, parece não haver carga alguma.

— Creio que é isso mesmo. E se foi isso que permitiu a Mestre Yoda permanecer escondido, nada impede outro Jedi de se valer do mesmo truque.

— Sem dúvida, outro Jedi faria isso — Leia concordou, mesmo relutante. — Mas não creio que este boato sobre Cbaoth tenha consistência suficiente para que saia atrás dele.

Luke ficou intrigado.

— Que boato é esse?

Foi a vez de Leia demonstrar surpresa.

— A história de que um mestre Jedi chamado Jorus Cbaoth saiu de seu esconderijo, onde passou as últimas décadas. — Ela o fitou incrédula. — Não sabia?

Ele fez que não.

— Mas, então, como...?

— Alguém entrou em contato comigo, Leia, durante a batalha desta tarde. Em minha mente. Como um outro Jedi faria.

Por um momento, eles apenas trocaram olhares.

— Não acredito — Leia disse enfática. — Impossível. Como

alguém, com o poder e a fama de Cbaoth, pode permanecer oculto? E por quê?

— O motivo eu não sei. Quanto ao local... — Ele apontou para o monitor. — Era isso que eu procurava. O lugar onde um Jedi do Mal pudesse ter morrido. Os boatos indicam o local onde se encontra Cbaoth agora?

— Pode ser uma cilada do Império — Leia alertou, a voz subitamente tensa. — A pessoa que o chamou talvez seja um Jedi do Mal, como Vader, e lançou o boato sobre Cbaoth para atraí-lo. Lembre-se de que Yoda não os contou. Vader e o Imperador ainda viviam, e ele disse que você era o último Jedi.

— Trata-se de uma possibilidade — Luke admitiu. — Ou apenas um boato qualquer. Mas se não for...

Deixou a frase no ar, pairando entre eles. Havia tantas incertezas no rosto e na mente de Leia, misturados a preocupações com sua segurança. Mas, ao observá-la, ele percebeu que a irmã controlava paulatinamente suas emoções. Neste aspecto, o treinamento a ajudava bastante.

— Ele está em Jomark — ela revelou finalmente, com voz calma. — Pelo menos de acordo com o boato ouvido por Wedge.

Luke voltou-se para o monitor e pediu dados sobre Jomark. Não havia muita coisa.

— Não mora quase ninguém lá — ele disse, estudando as estatísticas e os mapas setoriais. — Menos de três milhões de pessoas, no total, na época deste levantamento. — Verificou a data da informação. — Ninguém prestou a mínima atenção ao planeta nos últimos quinze anos. Um bom lugar para um Jedi se esconder do Império.

— Vai viajar agora?

Ele a encarou, evitando a resposta imediata.

— Não, esperarei até que você e Chewie estejam prontos também. Assim posso voar com a mesma nave escudo. Dar-lhe um pouco de proteção, no início ao menos.

— Obrigada. — Tomando fôlego, ela se levantou. — Espero que saiba o que está fazendo.

— Eu também — ele disse com franqueza. — Saiba ou não, eu preciso tentar. Disso tenho certeza.

— Suponho que preciso me acostumar com este tipo de coisa. Digo, deixar que a Força me leve de um lado para outro.

— Não se preocupe — Luke tranqüilizou-a, levantando-se após desligar o monitor. — Não acontece com freqüência, e a gente se acostuma. Vamos logo, quero ver o que aconteceu com Threepio.

— Finalmente! — Threepio gritou, agitando os braços desesperado, assim que Luke e Leia entraram na sala. — Mestre Luke! Por favor,

explique ao general Calrissian que suas intenções violam seriamente minha programação básica.

— Vai dar tudo certo, Threepio — Luke consolou-o, aproximando-se. Pela frente o dróide parecia estar apenas sentado ali; só quando Luke chegou mais perto notou o emaranhado de fios ligados à cabeça e à espinha dorsal, saindo do computador que existia atrás dele. — Lando e seus técnicos tomarão cuidado, para que nada lhe aconteça. — Olhou para Lando, que confirmou a afirmação com um movimento da cabeça.

— Mas mestre Luke...

— Na verdade, Threepio — Lando explicou —, pode pensar nisso como um complemento de sua programação básica. Um dróide tradutor deve ser capaz de falar pela pessoa para quem trabalha, certo?

— Sou basicamente um dróide de protocolo — Threepio corrigiu, no tom mais frio que conseguiu. — E repito que isso não combina com nenhum aspecto protocolar, por mais ampla que seja esta noção.

O borg consultou o painel, e moveu a cabeça.

— Estamos prontos — Lando anunciou, teclando um comando. — Esperem um segundo... Tudo bem, diga alguma coisa, Threepio.

— Minha nossa — o dróide falou, imitando com perfeição a voz de Leia.

Artoo, parando na outra extremidade da sala, assobiou baixinho.

— Pronto — Lando disse, contente com seu serviço. — A imitação perfeita. — E, inclinando a cabeça na direção de Leia, completou: — Para uma perfeita dama.

— Acho tudo isso muito estranho — Threepio prosseguiu, desta vez em tom pensativo.

— Parece ótimo — Han aprovou, olhando para os outros. — Prontos para partir, então?

— Preciso de mais uma hora para os preparativos finais — Lando pediu.

— A nave escudo demorará a chegar, de qualquer forma.

— Vejo você na nave — Han falou, aproximando-se de Leia e segurando seu braço. — Vamos, está na hora de voltar ao *Falcon.*

Ela segurou a mão do marido, sorrindo carinhosamente.

— Vai dar tudo certo, Han. Chewie e os outros wookiees cuidarão bem de mim.

— Acho bom mesmo — Han resmungou, olhando para o borg que desconectava os últimos cabos de Threepio. — Vamos logo, Threepio, mal posso esperar para ver a reação de Chewie a sua nova voz.

— Minha nossa — murmurou o dróide.

Maravilhada, Leia balançou a cabeça ao se encaminhar para a porta.

— Tem certeza de que falo assim mesmo? — perguntou rindo.

15

Han esperava por um ataque, durante a saída de Nkllon, escoltados pela nave escudo. Felizmente, enganara-se dessa vez. As três naves chegaram à estação das naves escudo sem incidentes, e juntas realizaram o pequeno salto no hiperespaço até os limites do sistema Athega. Ali, Chewbacca e Leia substituíram Lando no comando de sua nave-iate, a *Lady Luck,* e seguiram para Kashyyyk. Luke esperou até que se afastassem para tirar o asa-X da posição de combate e partir para sua misteriosa missão.

Han ficou no *Falcon,* com Lando e Threepio.

— Ela estará segura — Lando tentou tranqüilizar Han, acionando o computador da nave no assento do co-piloto. — Corre menos perigo agora do que antes. Não se preocupe.

Com esforço, Han desviou os olhos da frente para encará-lo. Não havia nada para se ver lá fora, de qualquer maneira. O *Lady Luck* já desaparecera há algum tempo.

— Sabe, você disse quase a mesma frase, em Boordii — ele se lembrou, amargurado. — Recorda-se daquela confusão? Você disse que eu não precisava me preocupar.

Lando riu.

— Mas desta vez *é* verdade.

— Melhor que seja. Bem, no que pensou para matar o tempo?

— Em primeiro lugar, precisamos enviar uma mensagem a Coruscant, via Threepio — Lando disse. — Dar a impressão de que Leia está a bordo, para confundir os espiões imperiais. Depois disso viajaremos para outro sistema, para mandar nova mensagem. Em seguida... — olhou Han de esguelha — pensei em um pequeno passeio turístico.

—Turístico? — Han repetiu desconfiado. Lando bancava o inocente, uma postura rara, a não ser quando queria convencer alguém. — Seria, por exemplo, um passeio pela galáxia, atrás de máquinas de mineração para substituir as que perdeu?

— Han! — Lando exclamou magoado. — Acha que eu desceria tanto, a ponto de tentar me aproveitar de você para resolver os problemas do meu empreendimento?

— Perdão — Han disse, procurando evitar um tom excessivamente sarcástico. — Eu me esqueci. Agora você é um empresário respeitável. Mas, diga, qual é o roteiro turístico, então?

— Bem... — Lando recostou-se na poltrona, descontraído, e cruzou os dedos atrás da cabeça. — Você mencionou antes que não conseguiu entrar em contato com Talon Karrde. Pensei em uma nova tentativa.

Han franziu a testa.

— Fala sério?

— Por que não? Você quer naves de carga e um especialista em

códigos. Karrde pode conseguir ambos.

— Não preciso mais decifrar os códigos — Han disse. — Leia está em segurança, lembra-se?

— Claro, até que alguém descubra onde ela se escondeu — Lando retrucou. — Não creio que os wookiees a traiam, mas há negociantes não- wookiees entrando e saindo de Kashyyyk sem parar. Basta que alguém a veja e vocês voltarão ao ponto de partida. — Ele piscou o olho. — E Karrde pode ter novidades sobre o misterioso comandante imperial que os incomoda tanto. O mesmo comandante que estava por trás dos ataques a Leia, com certeza.

— Sabe como entrar em contato com Karrde?

— Diretamente não, mas posso falar com o pessoal dele. E pensei que Threepio, falando milhões de idiomas, poderia ajudar a estabelecer o contato.

— Isso leva tempo.

— Menos do que imagina — Lando garantiu. — Ademais, agindo assim deixaremos menos pistas, tanto eu quanto você.

Han fez uma careta, mas Lando tinha razão. Como Leia encontrava-se segura no momento, dispunha do tempo necessário para agir com cautela.

— Combinado. Desde que a gente não acabe brincando de esconde-esconde com um destróier estelar.

— Certo — Lando concordou, sóbrio. — Ninguém quer atrair os imperiais para o esconderijo de Karrde. Já temos inimigos de sobra. — Acionou o intercomunicador da nave. — Threepio? Está me ouvindo?

— Claro — respondeu com a voz de Leia.

— Venha até aqui — Lando pediu ao dróide. — Hora da estréia.

A sala de comando exibia agora uma série de esculturas, em vez de telas. Mais de cem, enchendo as paredes de nichos holográficos, e espalhadas pelo chão, sobre pedestais entalhados. A variedade, como Pellaeon já calculara, era estonteante, variando de simples madeiras ou pedras esculpidas no estilo humano, e outras que mais se assemelhavam a criaturas vivas do que a obras de arte. Cada uma delas, iluminada por um globo de luz, contrastava com os arredores mais escuros.

— Almirante? — Pellaeon chamou inseguro, tentando localizá-lo entre as obras de arte.

— Aproxime-se, capitão — ordenou a voz calma e modulada de Thrawn. Na poltrona de comando, logo acima do manto branco de Grande Almirante, dois olhos vermelhos se abriram.

— Descobriu algo?

— Sim, senhor — Pellaeon disse, aproximando-se do console para entregar um cartão de dados. — Um de nossos sensores, nos limites do

sistema Athega, localizou Skywalker e seus companheiros.

— E seus companheiros — Thrawn repetiu pensativo. Inseriu o cartão de dados no drive e estudou as informações em silêncio.

— Interessante — murmurou. — De quem é a terceira nave, que manobrou para encostar no acesso lateral do *Millenium Falcon?*

— Identificamos provisoriamente a nave como o *Lady Luck* — Pellaeon informou. — Transporte pessoal do administrador Lando Calrissian. Um dos sensores interceptou uma mensagem Calrissian saiu de Nkllon para uma viagem de compra de suprimentos.

— Sabemos se Calrissian realmente subiu a bordo da nave, em Nkllon?

— Não temos certeza, senhor. Podemos confirmar esta informação, contudo.

— Desnecessário — Thrawn disse. — Nossos inimigos já superaram estes truques infantis. — Thrawn apontou para o monitor, que mostrava o *Millenium Falcon* e o *Lady Luck* encostados. — Observe a estratégia deles, capitão. O capitão Solo, sua esposa e provavelmente o wookiee Chewbacca saíram de Nkllon em sua nave, enquanto Calrissian seguia na dele. Viajaram até os limites dos sistema Athega... e lá fizeram a troca.

Pellaeon franziu a testa.

— Mas nós...

— Shhh! — Thrawn o interrompeu, erguendo um dedo para pedir silêncio, os olhos fixos no monitor. Pellaeon olhou, mas não aconteceu nada. Depois de alguns minutos, as duas naves se separaram, afastando-se cuidadosamente.

— Excelente — Thrawn disse, congelando a imagem. — Quatro minutos e cinqüenta e três segundos. Estavam com pressa, obviamente, e não podiam permanecer ligados por muito tempo, e vulneráveis. Isso quer dizer... — Franziu a testa, em concentração profunda, e pigarreou. — Três pessoas — concluiu satisfeito. — Três pessoas transferidas de uma nave para outra.

— Sim, senhor — Pellaeon concordou, tentando imaginar como o Grande Almirante descobrira. — De qualquer modo, sabemos que Leia Organa Solo permaneceu a bordo do *Millenium Falcon.*

— E mesmo? — Thrawn perguntou educadamente. — Tem certeza?

— Creio que sim, senhor — Pellaeon respondeu insistente. O Grande Almirante não vira o registro inteiro, afinal. — Pouco depois da partida do *Lady Luck* e do asa-X de Skywalker, interceptamos uma transmissão dela, que sem sombra de dúvida se originou no *Millenium Falcon.*

Thrawn balançou a cabeça.

— Uma gravação — disse, sem deixar brecha para uma discussão.

— Não, são espertos demais para isso. Um dróide preparado para reproduzir sua voz. Provavelmente o dróide protocolar 3 PO, de Skywalker. Leia Organa Solo, como vê, transferiu-se para bordo do *Lady Luck.* Pellaeon observou o monitor.

— Não compreendo.

— Considere as possibilidades — Thrawn disse, recostando-se na poltrona e erguendo os dedos. — Três pessoas saem no *Millenium Falcon,* uma no *Lady Luck.* Três pessoas se transferem. Mas nem Solo nem Calrissian confiariam suas naves ao comando duvidoso de um dróide ou computador. Assim, cada nave deve terminar com uma pessoa a bordo. Entendeu, até aqui?

— Sim, senhor. Isso não nos revela quais eram as pessoas, contudo.

— Paciência, capitão — Thrawn o interrompeu. — Paciência. Como disse, a questão é a posição final de cada um. Felizmente sabemos que houve três transferências, e só há duas combinações possíveis. Ou Solo e Organa Solo estão juntos, a bordo do *Lady Luck,* ou Organa Solo e o wookiee encontram-se lá.

— A não ser que um dos transferidos seja dróide — Pellaeon lembrou.

— Não creio — Thrawn balançou a cabeça. — Historicamente Solo jamais gostou de dróides, nem permitiu que viajassem em sua nave, a não ser em circunstâncias excepcionais. O dróide de Skywalker e seu companheiro astromech são as únicas exceções. Graças à transmissão, sabemos que o dróide permaneceu a bordo do *Millenium Falcon.*

— Sim, senhor — Pellaeon disse não muito convicto, embora soubesse que não deveria insistir na discussão. — Devo emitir um alerta sobre o *Lady Luck?*

— Não será necessário — Thrawn disse, e desta vez a satisfação em sua voz era inegável. — Sabemos exatamente para onde vai Leia Organa Solo.

Pellaeon o encarou.

— Não pode falar sério, senhor.

— Falo sério, capitão. Pense um pouco. Solo e Organa Solo não ganhariam nada se passassem para o *Lady Luck,* apenas. O *millenium Falcon é* mais rápido e tem armamento muito superior, este exercício só faz sentido se Organa Solo e o wookiee terminaram juntos. — Thrawn sorriu para Pellaeon.

— E, sendo assim, só podem ter ido para um lugar. Pellaeon consultou o monitor, embasbacado. Mas a lógica do Grande Almirante era insuperável.

— Kashyyyk?

— Kashyyyk — Thrawn confirmou. — Sabem que não podem escapar de nossos noghris para sempre, e resolveram rodeá-la de wookiees. Para se proteger melhor.

Os lábios de Pellaeon tremiam involuntariamente. Ele participara de expedições a Kashyyyk, para capturar wookiees, no tempo do tráfico imperial de escravos.

— Pode não ser tão fácil quanto parece, almirante — ele o preveniu. — A ecologia de Kashyyyk consiste numa série de armadilhas mortais. E os próprios wookiees lutam como demônios.

— Assim como os noghris — Thrawn retrucou friamente. — Bem, e quanto a Skywalker?

— Sua rota a partir de Athega confere com o trajeto para Jomark — Pellaeon informou. — Claro, ele pode ter alterado o rumo, ao sair do alcance de nossos sensores.

— Ele foi para lá — Thrawn disse, sorrindo malicioso. — Nosso mestre Jedi afirmou isso, lembra-se? — O Grande Almirante consultou o cronômetro no console. — Partiremos imediatamente para Jomark. Quanto tempo temos de vantagem?

— Um mínimo de quatro dias, presumindo que o asa-X de Skywalker não tenha sido profundamente modificado. Ou talvez mais, dependendo das escalas.

— Não fará escala alguma. Jedis entram numa espécie de hibernação para viagens deste tipo. Para nossos propósitos, entretanto, quatro dias bastarão.

Empertigou-se na poltrona e apertou um botão. As luzes da sala de comando se acenderam, e as esculturas holográficas desapareceram.

— Precisaremos de mais duas naves — avisou a Pellaeon. — Um cruzador interceptador, para tirar Skywalker do hiperespaço no local designado por nós, e um cargueiro qualquer. De preferência que possa ser sacrificado. Pellaeon piscou.

— Sacrificado, senhor?

— Isso mesmo, capitão. Vamos fingir que o ataque é acidental. Uma oportunidade surgida quando investigávamos um cargueiro suspeito de transportar munição para os Rebeldes. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Como vê, assim mantemos a opção de entregá-lo a Cbaoth, se julgarmos ser esta a melhor atitude, sem que Skywalker perceba que caiu numa emboscada.

— Compreendi, senhor. Com sua permissão, vou preparar o *Quimera* para a viagem. — Pellaeon deu as costas... e parou. No meio da sala viu uma escultura que não se apagara como as outras. Isolada pelo globo de luz, ela se movia no pedestal, como uma onda num oceano alienígena.

— Isso mesmo — Thrawn confirmou. — Esta é real.

— Muito... interessante — Pellaeon esforçou-se para dizer. A escultura era estranhamente hipnótica.

— Certamente — a voz de Thrawn soou saudosa. — Marca meu único fracasso, em Fringes. A única vez em que a compreensão da arte

de uma raça não me ensinou nada a respeito de seu modo de pensar. Pelo menos não naquela época. Agora, creio que começo a entender seu pensamento.

— Com certeza esta compreensão se mostrará útil no futuro — Pellaeon comentou, diplomático.

— Duvido muito — Thrawn disse com melancolia. — Eu destruí o mundo deles.

Pellaeon engoliu em seco.

— Sim, senhor — disse, voltando-se para a porta. Piscou uma única vez, ao passar pela escultura.

16

O transe de hibernação Jedi não incluía sonhos. Nem consciência ou contato com o mundo exterior. Assemelhava-se à coma, a não ser por uma anomalia: apesar da falta de consciência, a noção de tempo, em Luke, continuava funcionando. Ele não entendia como, mas aprendera a reconhecer e usar esta característica.

Esta noção do tempo, aliada aos ruídos frenéticos de Artoo, ao longe, o alertaram de que havia algo errado.

— Pode parar, Artoo, já acordei — disse ao dróide, esforçando-se para recuperar a consciência. Afastando a névoa que toldava seu pensamento, consultou imediatamente os instrumentos. As leituras confirmaram sua intuição: o asa-X saíra do hiperespaço quando ainda faltavam quase vinte anos-luz para chegar a Jomark. O sensor de curto alcance mostrava duas naves praticamente em cima dele, um pouco à frente, e uma terceira, ao lado, um tanto distante. Ainda sonolento, ergueu a cabeça para espiar.

Um jato de adrenalina o pôs em alerta total. Bem à frente encontrava-se uma espécie de cargueiro, cujo incêndio no motor lançava labaredas no espaço, através das fendas visíveis do casco. Adiante, como a face negra de um rochedo, pairava um destróier estelar imperial.

Raiva, medo e agressão formam o lado negro da Força. Com esforço, Luke dominou o medo. O cargueiro estava entre sua nave e o destróier estelar. Concentrados na presa maior, os imperais talvez nem o tivessem notado.

— Vamos cair fora daqui, Artoo — ele disse, retornando aos controles manuais para uma manobra brusca do asa-X. O leme rangeu com a súbita virada.

— Caça não identificado — uma voz autoritária soou no alto-falante. — Aqui é o destróier estelar *Quimera.* Transmita seu código de identificação e o propósito de sua viagem.

Sem chance de escapar despercebido. Ao longe, Luke identificou o responsável pela retirada do asa-X do hiperespaço. A terceira nave era um cruzador interceptador, a arma favorita do Império para evitar que seus oponentes saltassem para a velocidade da luz. Obviamente prepararam uma armadilha para o cargueiro; por azar ele cruzara a barreira projetada pelo interceptador, e havia sido arrancado do hiperespaço junto com o cargueiro.

O cargueiro. Fechando os olhos por um instante para se concentrar, Luke usou a Força para verificar se o *Quimera* prendera uma nave da República, neutra ou pirata. Mas não havia sinal de vida a bordo. Ou a tripulação fugira, ou fora capturada.

De qualquer maneira, Luke nada poderia fazer por eles.

— Artoo, localize o limite mais próximo do cone de ondas

gravitacionais do interceptador — ordenou, lançando o asa-X num mergulho de tirar o fôlego, que nem o compensador de aceleração poderia atenuar. Se mantivesse o cargueiro entre ele e o destróier estelar poderia escapar antes que se encontrasse ao alcance do raio imobilizador.

— Caça não-identificado — a voz estava carregada de contrariedade. — Repito, transmita seu código de identificação ou será detido.

— Eu deveria ter trazido um código falso de Han comigo — Luke resmungou consigo mesmo. — Artoo? Calculou o limite?

O dróide bipou e o diagrama surgiu na tela do computador.

— Muito longe, não acha? Bem, não me resta mais nada a fazer a não ser tentar alcançá-lo. Segure firme.

— Caça não-identificado...

O ruído do motor abafou o resto da conversa quando Luke acelerou a nave ao máximo. A pergunta de Artoo quase se perdeu no meio do barulho.

— Não. Mantenha o escudo defletor desligado — Luke gritou. — precisamos de toda a potência disponível.

Ele não precisava dizer que a presença ou ausência do escudo defletor não faria diferença, àquela distância, caso o destróier estelar quisesse realmente desintegrá-lo. Artoo provavelmente sabia disso.

Mas os imperiais não desejavam eliminá-lo, nem permitir que escapasse. Pelo monitor da popa, percebeu que o destróier estelar contornava o cargueiro avariado, tentando eliminar a interferência.

Luke consultou rapidamente o indicador de proximidade. Continuava dentro do alcance do raio imobilizador e, na velocidade relativa atual, assim permaneceria por mais alguns minutos. Precisava encontrar um modo de distraí-los ou anular o raio...

— Artoo, preciso de uma reprogramação imediata de um dos torpedos de prótons — avisou. — Quero lançá-lo em zero delta-v, fazer com que dê meia volta e siga direto em frente. Sem sensores ou códigos de localização do alvo. Tiro às cegas, entendeu? Consegue isso? — A resposta foi um bip afirmativo. — Ótimo. Assim que estiver pronto, avise, e dispare.

Ele concentrou sua atenção no visor da popa, reajustando ligeiramente o curso do asa-X. Com os sensores acionados normalmente, o torpedo estaria sujeito aos sofisticados sistemas de interferência do destróier estelar. Voando às cegas, como no caso, a reação imperial se limitaria aos canhões-laser. Um truque que só funcionaria, claro, se sua pontaria fosse perfeita. Caso contrário, passaria pelo alvo sem nem arranhá-lo.

Artoo bipou e, com um ligeiro solavanco, o torpedo foi lançado. Luke acompanhou sua trajetória e valeu-se da Força para realinhar

ligeiramente a rota prevista...

Um segundo depois, o espetáculo múltiplo das explosões seqüenciais desintegrou o cargueiro.

Tenso, Luke consultou o indicador de proximidade. Quase fora de alcance, agora. Se os destroços do cargueiro cegassem o raio imobilizador por mais alguns segundos, eles escapariam.

Artoo emitiu um sinal de alerta. Luke leu o aviso no monitor, depois no visor de longo alcance, e sentiu um aperto no peito. Artoo insistiu, alarmado.

— Já entendi, Artoo — Luke resmungou. Os imperiais empregavam uma tática óbvia. O cargueiro perdera o interesse, agora, e o interceptador mudava de posição, girando para acionar os poderosos campos gravitacionais diretamente contra o asa-X fugitivo. Luke observou o campo cônico tomar a tela.

— Segure-se bem, Artoo — gritou e, em outra manobra abrupta o bastante para anular o compensador de aceleração, girou o asa-X em ângulo reto, desviando-se do curso anterior.

Atrás de si, ouviu um guincho de pânico.

— Quieto, Artoo. Sei o que estou fazendo.

A estibordo agora, o destróier estelar tentava desajeitadamente manobrar sua imensa massa e acompanhar Luke na manobra... Pela primeira vez desde o contato, os canhões-laser foram disparados.

Luke tomou uma decisão rápida. A velocidade não o salvaria mais e o menor erro acabaria com suas chances.

— Acione os defletores, Artoo — instruiu o dróide enquanto se concentrava na melhor manobra evasiva. — E quero equilíbrio perfeito entre velocidade e potência dos defletores.

Artoo acusou o recebimento da instrução, e logo se ouvia a redução do ruído do motor, quando os escudos começaram a drenar potência. Seguiam mais devagar, porém a manobra parecia estar dando certo. Surpreendido pela manobra em noventa graus de Luke, o interceptador estava virado para o lado errado, e o raio gravitacional abrangia o curso anterior de Luke, e não o atual. O comandante tentava corrigir o erro, mas a inércia dos imensos geradores de gravidade da nave prejudicava sua performance, o que ajudava Luke. Se conseguisse ficar fora do alcance do destróier estelar por mais alguns segundos, o raio imobilizador não mais o alcançaria, pois daria o salto para o hiperespaço.

— Prepare-se para a velocidade da luz — alertou Artoo. — Não se preocupe com a direção. Vamos para qualquer lugar e cuidaremos melhor da rota depois de nos livrarmos desta encrenca.

Artoo tomou as providências...

E, sem aviso, Luke foi arremessado contra o encosto.

O raio imobilizador do destróier estelar o pegara.

Artoo apitou em desespero, mas Luke não dispunha de tempo para confortar o dróide. Sua trajetória reta tornara-se um arco, uma espécie de pseudo-órbita onde o destróier estelar fazia o papel do sol. Ao contrário de uma verdadeira órbita, esta não era estável, e, assim que os imperiais focalizassem mais um raio imobilizador em sua nave, o círculo se transformaria em espiral. Uma espiral que levaria direto para o hangar do destróier estelar.

Ele desligou os escudos, concentrando toda a potência novamente nos motores. Um gesto impotente, como bem sabia. Por um segundo apenas o raio deu a impressão de perder a força. Uma pequena variação de velocidade não enganaria os sensores do raio.

Mas se ele conseguisse alterar a velocidade de modo significativo...

— Caça não-identificado — a voz ríspida retornou, desta vez indubitavelmente triunfal. — Não há escapatória. Qualquer tentativa só danificará seu veículo. Reduza a velocidade e prepare-se para atracar.

Luke apertou os lábios. Corria um sério risco, mas não tinha outra opção. Ouvira dizer que dera certo, pelo menos uma vez. Em algum lugar.

— Artoo, vamos tentar algo perigoso — avisou ao dróide. — Quando eu der o sinal, quero que reverta o compensador de aceleração. Força total, eliminando todas as proteções. — O dróide emitiu um sinal e ele consultou o monitor rapidamente. Sua trajetória em curva o levava ao limite do campo de gravidade projetado pelo interceptador. — Agora, Artoo!

E com um guincho horrível de equipamentos sendo forçados ao limite, o asa-X parou de repente.

Luke nem teve tempo de imaginar a causa do som lancinante que ouvira a bordo, pois foi atirado com força para a frente. Os polegares, prontos para acionar os gatilhos, entraram em ação, disparando um par de torpedos de prótons para a frente. Simultaneamente, ele manobrou o asa-X para cima. O sensor do destróier estelar, que guiava o raio imobilizador, por um instante se perdeu com a súbita manobra. Se os computadores fizessem a gentileza de seguir os torpedos, em vez de sua nave...

E quando os torpedos cruzaram o espaço, deixando atrás de si apenas o rastro branco dos propulsores, desviaram-se do curso retilíneo original. O truque funcionara. O destróier estelar mantinha em órbita o alvo errado.

— Estamos livres! — Luke gritou para Artoo, acelerando ao máximo. — Prepare-se imediatamente para a velocidade da luz.

O dróide emitiu um aviso, mas Luke nem teve tempo de olhar a tradução na tela do computador. Ao perceber o erro, e admitir que não teriam tempo para reposicionar o raio imobilizador contra a nave

de Luke, os imperiais aparentemente decidiram liquidar o oponente. Todas as baterias do destróier estelar abriram fogo simultaneamente, e Luke enfrentou a tempestade provocada pelos canhões-laser. Relaxado, deixou que a Força fluísse e guiasse suas mãos, como fazia com o sabre-laser. A nave deu um salto quando um disparo raspou o alvo. Com o canto do olho acompanhou a desintegração do canhão-laser dorsal de estibordo, reduzido a uma nuvem de plasma superaquecido. Outro disparo chamuscou a fuselagem, na parte superior. Um terceiro, passando mais próximo, deixou uma marca na carlinga transparente.

Outro aviso surgiu na tela: estavam livres do campo gravitacional do interceptador.

— Agora! — Luke gritou para Artoo.

E, num segundo, com um guincho eletrônico ainda mais terrível, o céu subitamente se transformou em linhas luminosas de estrelas.

Sucesso.

Durante o que pareceu uma eternidade, Thrawn manteve os olhos fixos no espaço adiante da nave, concentrando-se no ponto onde se encontrava o asa-X de Luke, antes do desaparecimento. Com o canto do olho, Pellaeon o observava, esperando a explosão inevitável de fúria. Nem prestou muita atenção ao relatório dos danos no raio imobilizador Número Quatro, tomando o cuidado de não se envolver no episódio.

A destruição de um dos dez imobilizadores do *Quimera* não passava de uma perda insignificante. Não podia dizer o mesmo da perda de Skywalker.

Thrawn virou-se. Pellaeon tremeu.

— Acompanhe-me, capitão — o Grande Almirante ordenou calmamente, percorrendo o acesso da ponte de comando.

— Sim, senhor — Pellaeon disse, dois passos atrás dele, recordando-se da reação de Darth Vader quando os subordinados fracassavam.

Na ponte todos fizeram silêncio absoluto, enquanto Thrawn percorria a passarela e depois descia pela escada que levava aos postos de combate da tripulação, a estibordo. Ele passou pelos tripulantes em seus consoles, pelos oficiais em posição de sentido, rígidos, e parou ao chegar na estação de controle do raio imobilizador de estibordo.

— Seu nome — disse com frieza absoluta.

— Cris Pieterson, senhor — respondeu o jovem sentado no console de controle, apavorado.

— Esteve encarregado do raio imobilizador, durante nosso contato com o caça. — Thrawn fez uma declaração, não uma pergunta.

— Sim, senhor. Mas não tive culpa pelo que aconteceu. Thrawn

ergueu ligeiramente a sobrancelha.

— Explique-se.

Pieterson começou a indicar um ponto em seu monitor, mudou de idéia e parou.

— O alvo cancelou o compensador de aceleração, anulando a velocidade...

— Conheço os fatos — Thrawn cortou. — Só quero saber por que a fuga não foi culpa sua.

— Não recebi treinamento adequado para tal situação, senhor — Pieterson disse, com um brilho desafiador no olhar. — O computador perdeu o alvo, mas aparentemente o localizou em seguida. Só notei que seguia outra coisa quando...

— Quando os torpedos de próton explodiram e destruíram o projetor do raio imobilizador.

Pieterson sustentou o olhar do superior.

— Sim, senhor.

Thrawn o estudou por um momento.

— Quem é seu oficial responsável? — perguntou finalmente. Os olhos de Pieterson desviaram-se para a direita.

— O cabo Colclazure, senhor.

Com deliberado vagar, Thrawn virou-se para o sujeito alto, que aguardava em posição de sentido, na passagem. — Está encarregado deste setor?

Colclazure engoliu em seco.

— Sim, senhor.

— E entre suas responsabilidades encontra-se o treinamento deste tripulante?

— Sim, senhor — Colclazure respondeu.

— Alguma vez, durante os treinos, simulou situações semelhantes a esta?

— Eu... não me lembro, senhor — o cabo respondeu. — O treinamento padrão realmente inclui perda de alvo e subseqüente confirmação do contato.

Thrawn lançou um olhar rápido para Pieterson.

— Foi responsável pelo recrutamento do tripulante também, cabo?

— Não, senhor, ele veio do recrutamento compulsório.

— Isso o tornou menos merecedor de sua atenção do que um voluntário?

— Não, senhor. — Os olhos de Colclazure fixaram-se em Pieterson. — Sempre tratei todos os meus subordinados da mesma forma.

— Entendo. — Thrawn refletiu por um instante, depois olhou por cima dos ombros de Pellaeon. — Rukh.

Pellaeon abriu caminho para a passagem silenciosa de Rukh. Nem percebera que o noghri os acompanhara na descida. Thrawn esperou

até que Rukh estivesse a seu lado, depois dirigiu-se a Colclazure. — Sabe a diferença entre um erro e uma falha, cabo?

Todos se mantinham em silêncio absoluto.

— Não, senhor.

— Qualquer um pode cometer um erro, cabo. Mas o erro só se torna uma falha quando não é corrigido. — Ele ergueu o dedo e, quase descuidadamente, apontou...

Pellaeon não chegou a ver o movimento de Rukh. Pieterson nem teve tempo de gritar.

Do outro lado, alguém suprimiu bravamente a náusea. Thrawn olhou por cima do ombro de Pellaeon outra vez, e fez um gesto. O silêncio foi rompido pelo som das botas da tropa de assalto.

— Livrem-se disto — o Grande Almirante ordenou, dando as costas para o corpo destroçado de Pieterson. Ao encarar Colclazure, disse com toda a calma: — O erro foi corrigido, cabo. Treine um substituto. — Manteve os olhos fixos em Colclazure por mais um segundo. Em seguida, ignorando a tensão do ambiente, ordenou a Pellaeon: — Quero um levantamento técnico e tático completo dos segundos finais do embate, capitão. Com ênfase no vetor da velocidade da luz.

— Tenho tudo aqui, senhor — adiantou-se um tenente, hesitando ao entregar o relatório ao Grande Almirante.

— Obrigado. — Thrawn o olhou e passou o material para Pellaeon. — Nós o pegaremos, capitão — disse, seguindo para a escada que levava à ponte de comando. — Logo nós o pegaremos.

— Sim, senhor — Pellaeon concordou cauteloso, apressando-se para seguir o chefe. — Tenho certeza de que é apenas questão de tempo.

Thrawn ergueu uma sobrancelha.

— Não entendeu bem. Falei literalmente. Ele está próximo. E... — Thrawn sorriu para Pellaeon — indefeso.

Pellaeon franziu a testa.

— Não entendi, senhor.

— A manobra utilizada tem um efeito colateral interessante — o Grande Almirante explicou. — Cancelar o compensador de aceleração causa sérios danos ao hiperdrive. Daqui a um ano-luz, no máximo, ele falhará. Só precisamos procurar o vetor de hiperespaço de Skywalker, ou persuadir terceiros a fazer esta busca para nós, e ele estará em nossas mãos. Entendeu agora?

— Sim, senhor — Pellaeon disse. — Devo contatar o resto da frota?

Thrawn fez um gesto em negativa.

— Agora os preparativos para o ataque a Sluis Van são prioritários. Melhor recorrer a outros. Quero que enviem mensagens a todos os chefes contrabandistas que operam na área — Brasck, Karrde, Par'tah, e quem mais descobrir em seus arquivos. Use as freqüências secretas e

os códigos deles. Servirá para mostrar o quanto sabemos sobre as operações deles e assim estimular a cooperação. Forneça o vetor de hiperespaço de Skywalker, e ofereça uma recompensa de trinta mil por sua captura.

— Sim, senhor. — Pellaeon olhou para a tripulação atrás de si, ocupada em suas atividades na estação de controle do raio imobilizador. — Senhor, se sabia que a fuga de Skywalker era apenas temporária...

— O Império enfrenta uma guerra, capitão — o Grande Almirante enfatizou, com voz fria. — Não podemos nos dar ao luxo de usar homens com a mente tão limitada que não conseguem se adaptar a situações inesperadas. — Olhou significativamente para Rukh, depois fixou os olhos brilhantes em Pellaeon. — Cumpra as ordens, capitão. Skywalker será nosso. Vivo ou morto.

17

Diante de Luke os monitores e instrumentos brilhavam debilmente, enquanto as mensagens, na maioria emolduradas em vermelho, se sucediam. Para além dos monitores, ele via a ponta do asa-X, iluminada pelo fulgor das estrelas longínquas. Mais além, estrelas.

E só. Nada de sóis, planetas, asteróides, cometas. Nada de naves guerreiras, transportadoras, satélites ou estações. Nada. Ele e Artoo estavam perdidos no meio do nada.

O diagnóstico das avarias, preparado pelo computador, chegou ao fim.

— Artoo? — chamou. — O que aconteceu?

Atrás dele um ruído eletrônico melancólico se fez acompanhar pela mensagem na tela.

— Minha nossa. Péssimo, não é?

Artoo gemeu novamente e a análise do dróide substituiu o relatório do computador.

Situação difícil. A reversão do compensador de aceleração provocara uma avaria imprevista nos dois acionadores do hiperdrive. Embora não os destruísse no ato, provocara sua paralisação dez minutos depois do salto no hiperespaço. Na velocidade Ponto Quatro, desenvolvida pela nave naquele momento, isso representava aproximadamente meio ano-luz de distância. Para completar, a antena de comunicação infra-espacial se cristalizara totalmente no processo.

— Em resumo — Luke disse —, não podemos partir, ninguém sabe onde estamos, e não temos como pedir socorro. Certo?

Artoo bipou em resposta.

— Claro — Luke suspirou. — E não podemos ficar aqui por muito tempo.

Luke cocou o queixo, afastando os temores que o assaltavam. Apavorar- se só perturbaria sua capacidade de pensar, seu último recurso àquela altura.

— Muito bem, vamos tentar o seguinte: removemos os dois acionadores do hiperdrive dos motores e vemos se restaram componentes suficientes para montar uma unidade que funcione. Se der certo, o remontamos no meio da fuselagem da nave, para que possa servir aos dois propulsores. Talvez no local onde se encontra o servo-acionador S-Foil agora. Não precisamos dele para voltar para casa. E possível?

Artoo assobiou pensativo.

— Não perguntei se era fácil — Luke comentou ao ler a resposta do dróide. — Só se era possível?

Outro assobio, outra mensagem pessimista.

— Bem, vamos tentar assim mesmo. — Luke soltou o cinto e tentou se movimentar no espaço exíguo da cabine do caça. Se

removesse o encosto do assento ejetável, ele teria acesso ao compartimento de carga, onde guardava as ferramentas.

Artoo deu mais um sinal.

— Não se preocupe, não ficarei preso — Luke garantiu, mudando de idéia e decidindo pegar o material guardado dentro da cabine. Nos compartimentos mais acessíveis havia luvas e capacete para sua roupa espacial. Seria até mais fácil sair no vácuo e chegar ao compartimento de carga do que tentar passar pela escotilha interna. — Se quer mesmo ajudar, pode repassar as especificações de manutenção e descobrir como proceder na remoção dos acionadores. E anime-se, certo? Você começa a se parecer com Threepio.

Artoo ainda reclamava, indignado com a comparação, quando o último lacre do capacete de Luke cortou o som. Mas funcionou: ele parecia menos apavorado.

Luke precisou de duas horas e tanto para vencer o emaranhado de cabos e tubulações e retirar o acionador do hiperdrive do motor a bombordo de seu encaixe.

Em menos de um minuto ele descobriu que o pessimismo de Artoo se justificava.

— Está cheio de fendas — Luke comunicou desolado ao dróide, passando a caixa. — A capa de proteção externa inteira tem ranhuras quase invisíveis. Mas elas afetaram as laterais em toda sua extensão.

Artoo emitiu um ruído suave, um comentário que não precisava de tradução. Luke, sem ser especialista em manutenção de asa-X, conhecia o suficiente do assunto para saber que um acionador do hiperdrive, sem a capa supercondutora, não passava de um monte de peças inúteis.

— Não desistiremos assim tão fácil. Se a capa do outro acionador continuar intacta, ainda teremos uma chance.

De posse das ferramentas necessárias, sentindo-se anormalmente desajeitado na ausência de gravidade, moveu-se pela fuselagem do asa-X, até chegar ao motor de estibordo. Em poucos minutos conseguiu remover a placa de proteção e afastar os cabos. Depois, tentando enfiar o dispositivo de iluminação e o visor do capacete pela abertura sem se ofuscar, examinou a peça.

Um estudo cuidadoso da capa do acionador mostrou que não havia sentido em prosseguir com a operação.

Por um momento ele permaneceu ali, parado, o joelho apoiado na unidade de refrigeração do motor, imaginando o que, em nome da Força, poderia ser feito em seguida. Seu asa-X, tão resistente e seguro, mesmo nos piores combates, tornara-se apenas o fio delicado no qual sua vida se pendurava.

Olhou em torno, para o vazio e as estrelas distantes, e a sensação de queda, que sempre acompanha a gravidade zero, tornou-se mais

intensa. Uma lembrança retornou: pendurado na parte inferior da Cidade das Nuvens, débil de tanto medo e do choque pela perda da mão direita, lutava para não cair. *Leia,* chamou com toda intensidade, concentrando no apelo seus poderes de Jedi. *Leia, sou eu. Responda.*

Como única resposta, ele ouviu o eco de seu próprio chamado a ressoar na mente. Não esperava mesmo uma reação. Leia estava longe, segura em Kashyyyk, protegida por Chewbacca e outros wookiees.

Será que algum dia ela saberia o que aconteceu ao irmão?

Para um Jedi, não há emoção; há paz. Luke respirou fundo, afastando os pensamentos negativos. Jamais desistiria. Se não conseguisse consertar o hiperdrive, pensaria em outra solução.

— Vou voltar, Artoo — anunciou, reposicionando o painel de acesso e guardando as ferramentas. — Enquanto espera, quero que se concentre na antena infra-espacial.

As informações sobre a cabine, reunidas por Artoo até o fechamento da carlinga, novamente não o animaram muito, como no caso do acionador do hiperdrive. Fabricada com dez quilômetros de fio supercondutor extrafino, enrolado em torno de uma barra em forma de U, uma antena infra-espacial não permitia consertos provisórios.

Por outro lado, Luke não era um piloto qualquer.

— Tive uma idéia — disse ao dróide. — A fiação externa da antena foi danificada, mas a barra central parece perfeita. Se conseguirmos encontrar dez quilômetros de fio supercondutor na nave, fabricaremos uma antena nova, certo?

Artoo pensou no assunto e emitiu a resposta.

— Ora, tenha dó — Luke censurou o dróide. — Não tente me convencer de que você é incapaz de realizar uma tarefa que uma rebobinadeira de fio estúpida faz o dia inteiro.

A resposta indignada do dróide surgiu na tela do computador.

— Bem, então não há problema algum — Luke disse, reprimindo um sorriso. — Creio que o drive do repulsorlift ou o embaralhador de sensores podem nos emprestar a quantidade necessária de fio. Verifique isso, por favor.

Após uma pausa, Artoo forneceu a informação.

— Sim, eu conheço as limitações de sobrevivência — Luke concordou.

— Por isso você se encarregará de enrolar o fio. Eu passarei a maior parte do tempo hibernando.

Seguiu-se uma série de silvos.

— Não tema — Luke o tranqüilizou. — Desde que eu acorde a cada dois ou três dias, para comer e beber água, a hibernação *é* perfeitamente segura. Você já me viu hibernar várias vezes, esqueceu? Agora mexa-se, e cheque tudo.

Nenhum dos dois aparelhos possuía o comprimento de fio necessário, mas após uma pesquisa minuciosa nas seções mais esotéricas de sua memória técnica, Artoo chegou à conclusão de que os oito quilômetros existentes no embaralhador de sensores bastariam para montar uma antena relativamente eficiente. Avisou, todavia, que não poderia garantir o serviço. Mas valia a pena tentar.

Remover a antena e o embaralhador da nave, remover o fio imprestável e transportar tudo para a parte traseira da fuselagem, onde Artoo poderia alcançá-la com seus braços, exigiu mais uma hora de trabalho de Luke. Montar um sistema que permitisse enrolar o fio, sem que embaraçasse, levou outra hora. Mais trinta minutos de supervisão para garantir o bom andamento da operação, resolveram o problema.

Nada mais lhe restava a fazer.

— Muito bem, agora não se esqueça — Luke avisou ao dróide, acomodando-se o melhor possível no assento. — Se algo sair errado, ou se você imaginar que algo possa sair errado, não hesite: pode me acordar. Entendeu bem?

Artoo confirmou o recebimento das instruções.

— Ótimo — Luke disse mais para si mesmo do que para o dróide. — Então estamos conversados.

Ele respirou fundo, observando o céu mais uma vez. Se a idéia não funcionasse... Mas não adiantava pensar nisso. Fizera o possível. Só lhe restava mergulhar na paz interior e deixar seu destino por conta de Artoo.

De Artoo... e da Força.

Tomou fôlego novamente. *Leia,* chamou inutilmente pela última vez. Depois, voltando a mente e o pensamento para seu íntimo, reduziu os batimentos cardíacos.

Sua última recordação, antes que a escuridão o engolfasse, foi a estranha impressão de que alguém, em algum lugar, ouvira seu último chamado.

Leia...

Leia acordou de repente.

— Luke? — Apoiada no cotovelo, ela perscrutou a escuridão. Poderia jurar ter ouvido a voz do irmão. A voz, ou quem sabe, o chamado de sua mente. Mas não havia nada. Nada além do espaço mínimo da cabine do *Lady Luck* e o bater de seu próprio coração contra os ruídos de fundo familiares de uma nave em movimento. E, a uns doze metros de distância, a presença inconfundível de Chewbacca na pilotagem. Ao acordar, ela se deu conta de que Luke estava a centenas de anos-luz.

Só podia ter sido um sonho.

Com um suspiro, deitou-se novamente. Mas, ao fazê-lo, notou a

alteração sutil no som e padrão vibratório do propulsor principal, que se desligou para dar lugar ao repulsorlift. Apurando os ouvidos, ouviu o ruído do casco rompendo a atmosfera.

Um pouco antes do previsto, chegavam a Kashyyyk.

Ela saiu da cama e apanhou as roupas, sentindo que seus temores aumentavam conforme se vestia. Han e Chewbacca a acalmaram, na medida do possível, mas os relatórios diplomáticos a que tivera acesso revelavam o quanto os wookiees ainda se ressentiam dos humanos. Sua posição de destaque na Nova República poderia ou não compensar isso, o que a colocava em situação problemática.

Especialmente devido a sua crônica dificuldade para entender o idioma local.

Um arrepio percorreu seu corpo, só de pensar nisso. Mais de uma vez, após a partida de Nkllon, ela desejou que Lando tivesse usado outro dróide para o truque de imitação da voz. Threepio, tradutor de sete milhões de línguas, tornaria a situação bem mais fácil de suportar.

O *Lady Luck* já penetrara bastante na atmosfera, quando ela chegou à cabine, e deslizava a baixa altitude sobre uma camada surpreendentemente plana de nuvens, desviando-se dos topos das árvores mais altas, que de vez em quando se projetavam acima das nuvens. Jamais se esqueceria da primeira vez em que leu a respeito do tamanho das árvores de Kashyyyk; discutira com a bibliotecária do Senado, afirmando veemente que o governo não poderia permitir que em seu banco de dados constassem erros tão absurdos. E mesmo ali, ao vê-las à frente, sentia dificuldade em acreditar.

— Este é o tamanho típico das árvores *wroshyr!* — perguntou a Chewbacca, apontando para a frente ao ocupar o lugar vago do co-piloto.

Chewbacca grunhiu uma negativa: as árvores que se projetavam acima das nuvens eram cerca de quinhentos metros mais altas do que a média.

— Vocês as escolhem para instalar as escolas infantis, não é?

— Leia indagou.

Ele a olhou surpreso, Leia notou, mesmo com sua limitada capacidade de analisar expressões faciais dos wookiees.

— Não se surpreenda tanto — ela prosseguiu com um sorriso.

— Certos humanos sabem muita coisa sobre a cultura wookiee. Nem todos são selvagens ignorantes, viu?

Por um momento ele a encarou em silêncio. Depois riu, urf-urf-urf, e retornou aos controles.

A frente, no lado direito, um conjunto mais compacto de árvores *wroshyr* se destacava do resto. Chewbacca conduziu o *Lady Luck* para lá e, em poucos minutos, eles se aproximaram o suficiente para que

Leia visse o emaranhado de cabos e ramos finos que as ligavam, pouco acima do nível das nuvens. Chewbacca sobrevoou o local e estudou as condições de pouso. Depois, sem avisar, mergulhou dentro das nuvens.

Leia fez uma careta. Ela não gostava de voar às cegas, especialmente numa área lotada de obstáculos do tamanho das árvores *wroshyr*. Porém, antes mesmo que o *Lady Luck* desaparecesse completamente nomeio das nuvens, eles chegaram a um trecho limpo. Imediatamente abaixo havia outra camada compacta de nuvens. Chewbacca mergulhou ali também, e saiu do outro lado...

Leia respirou fundo. Ocupando todo o vão entre dois conjuntos compactos de árvores, aparentemente suspensa no ar, havia uma cidade.

Não se tratava de um amontoado primitivo de cabanas e fogos, como os vilarejos dos Ewok nas árvores de Endor. Tratava-se de uma cidade mesmo, real, genuína, ocupando pelo menos um quilômetro quadrado. Mesmo a distância ela notou que os prédios eram grandes e complexos, alguns com dois ou três pavimentos. As avenidas estendiam-se retas e largas, cuidadosamente planejadas. Os imensos troncos das árvores a circundavam e, em determinados locais, varavam a cidade dando a ilusão de gigantescas colunas a sustentar um teto de nuvens. Cercando a cidade por todos os lados, refletores coloridos cuidavam da vigilância.

A seu lado, Chewbacca rugiu uma questão.

— Nunca vi hologramas de uma cidade wookiee — ela confessou. — Falha minha, claro. — Aproximavam-se mais, agora. Mas a coluna de sustentação do tipo da Cidade das Nuvens, que esperava encontrar, ainda não surgira.

Na verdade, não havia apoio de nenhuma espécie. Será que a cidade inteira se mantinha no ar graças aos repulsorlifts?

O *Luck Lady* desviou-se um pouco para a esquerda. Adiante, nos limites da cidade, e um pouco acima dela, estendia-se uma plataforma circular com iluminação para pouso. A plataforma parecia sair de dentro da árvore, e Leia levou alguns segundos para perceber que o local era um ramo imenso, cortado horizontalmente, próximo ao tronco.

Um feito notável de engenharia. Ela tentou imaginar como se livraram do resto do galho.

A plataforma não parecia grande o suficiente para acomodar uma nave do porte do *Lady Luck,* mas uma nova olhada à cidade revelou que o tamanho das árvores provocava uma ilusão de ótica. Quando Chewbacca pousou na madeira enegrecida pelo fogo, ela se deu conta de que ali não cabia apenas o *Lady Luck,* mas também uma nave de passageiros normal.

Ou, infelizmente, um cruzador de ataque imperial. Talvez não

devesse perguntar nada sobre a construção da plataforma.

Ela esperava que os wookiees enviassem uma delegação a seu encontro, e quase acertou. Dois alienígenas gigantescos a aguardavam ao lado do *Lady Luck* quando Chewbacca baixou a rampa, indistintos a seus olhos desacostumados àquele povo, exceto pela ligeira diferença de altura e pelas túnicas que cobriam os corpos marrons peludos, do ombro à cintura. O mais alto, vestindo túnica bordada em dourado, deu um passo à frente quando Leia desceu a rampa. Ela seguiu em sua direção, valendo-se das técnicas Jedi de relaxamento, torcendo para que o contato não fosse mais bizarro do que o indispensável. Quase não entendia nada do que Chewbacca dizia, embora ele vivesse há décadas entre os humanos. Um wookiee nativo, falando seu dialeto, deveria ser totalmente incompreensível.

O wookiee mais alto fez uma gentil mesura com a cabeça e abriu a boca. Leia preparou-se...

— Eu a saúdo, Leiaorganasolo — ele rugiu. — Seja bem-vinda a Rwookrrorro.

Leia, atônita, levou alguns segundos para encontrar a voz.

— Hã... muito obrigada. Sinto-me honrada por estar aqui.

— Nós também nos sentimos honrados com sua presença — ele grunhiu educado. — Meu nome é Ralrracheen. Pode me chamar de Ralrra, se preferir.

— Prazer em conhecê-lo. - Leia inclinou a cabeça, sentindo-se ainda meio confusa com a situação. A não ser pelo *r* carregado, Ralrra falava de modo perfeitamente normal e inteligível. Como se toda a estática que esperava houvesse subitamente cessado. Sentiu corar a face, e rezou para que isso não transparecesse.

Aparentemente, transpareceu. A seu lado, Chewbacca ria baixinho.

— Já adivinhei — Leia disse, olhando para ele. — Você tem um problema na voz, e nunca me contou.

Chewbacca riu, desta vez mais alto.

— Chewbacca fala com perfeição — Ralrra contestou. — Quem tem problemas para falar sou eu. Estranhamente, é um defeito que facilita a comunicação com os humanos.

— Entendi — Leia falou, embora não fosse de todo verdade. — Você é um embaixador, então.

Abruptamente, o ar em torno dela gelou.

— Fui escravo do Império — Ralrra grunhiu suavemente. — Assim como Chewbacca, antes que Hansolo o libertasse. Eu era usado por meus donos para dar instruções aos outros escravos wookiees.

Leia sentiu um arrepio na espinha.

— Lamento muito — foi só o que conseguiu dizer.

— Não precisa lamentar. Com isso, pude reunir muitas informações sobre as forças do Império, de grande utilidade quando a Aliança nos

libertou.

De repente Leia se deu conta de que Chewbacca não se encontrava mais a seu lado. Chocada, viu que enfrentava outro wookiee. Chewbacca, no confronto corpo a corpo, não conseguiria sacar a arma, presa ao ombro do outro.

— Chewie! — ela gritou, baixando a mão para sacar o desintegrador do cinto.

Nem chegou a tocá-lo; a mão peluda de Ralrra a segurou com força descomunal.

— Não os perturbe — ele disse autoritário. — Chewbacca e Salporin são amigos de infância, e não se encontram há anos. Seu cumprimento não deve ser interrompido.

— Lamento — Leia murmurou, baixando a guarda e sentindo-se uma completa idiota.

— Chewbacca informou que você precisava de um esconderijo — Ralrra continuou, talvez para evitar mais embaraço da parte dela. — Venha. Mostrarei o local preparado para recebê-la.

Leia desviou o olhar para Chewbacca e Salporin, ainda abraçados.

— Acho melhor esperar pelos outros — sugeriu hesitante.

— Não há perigo — Ralrra empertigou-se, mostrando sua altura total. — Leiaorganasolo deve compreender que, sem seu povo, ainda seríamos escravos do Império. Ou vítimas de seus massacres. Temos uma dívida vital para com sua República.

— Obrigada — Leia disse, sentindo tensões se desfazerem. A cultura e a psicologia wookiee, em grande parte, ainda permaneciam misteriosas para ela, mas falar em dívida vital não deixava margem a dúvidas. Ralrra garantiria pessoalmente sua segurança, a qualquer preço, valendo-se da honra, tenacidade e força bruta características dos wookiees.

— Vamos para a vila — Ralrra rugiu, apontando para uma espécie de carro aberto, preso a um cabo, na beira da plataforma.

— Certamente. Por falar nisso, queria perguntar uma coisa. *O* que mantém a vila no ar? Repulsorlifts?

— Venha — Ralrra disse. — E verá.

Na verdade, a cidade não se mantinha no ar com repulsorlifts ou outro modo de anulação da gravidade. Nem graças a pilares, cabos tracionados ou qualquer sistema sofisticado ou tecnologicamente avançado. Leia, contudo, ficou mais impressionada ainda porque o método dos wookiees era, em seu estilo, mais sofisticado do que qualquer outro.

A vila se apoiava nos galhos.

— Construir uma cidade deste porte não foi fácil — Ralrra disse, apontando com a mão imensa o intricado de ramos acima de suas cabeças.

— Cortamos muitos ramos do nível desejado. Os restantes desenvolveram-se mais depressa, e engrossaram.

— Parece uma teia de aranha gigante — Leia comentou, olhando para fora do carro aéreo que no momento passava debaixo da vila, e tentando não pensar nos quilômetros de espaço que a separavam do solo. — Como conseguiram trançá-los assim?

— Não os trançamos. A seu modo, formam uma unidade. Leia piscou.

— Como assim?

— Cresceram juntos — Ralrra explicou. Quando dois ramos de *wroshyr* se encontram, unem-se em um só. Juntos, lançam novos galhos em todas as direções.

Ele rosnou algo incompreensível, uma palavra ou frase que Leia não entendeu.

— Serve como lembrança da força e unidade do povo wookiee — completou mais para si mesmo.

Leia concordou com um gesto. Indicava, também, que as árvores *wroshyr* daquele conjunto eram uma única planta gigantesca, com sistema de raízes único, ou no mínimo entrelaçado. Será que os wookiees sabiam disso? Ou a adoração da planta os proibia de pesquisá-la?

Não que a curiosidade pudesse ajudá-los muito no caso. Ela concentrou a vista na paisagem nublada, sob o carro aéreo. Abaixo situavam-se as *wroshyr* menores, e outros tipos de árvores que compunham as imensas matas de Kashyyyk. Diversos ecossistemas florestais coexistiam na selva, organizados em camadas a grosso modo horizontais, até chegar ao solo, cada uma delas mais mortífera do que a anterior. Ela não sabia se os wookiees tinham chegado algum dia ao chão. Com certeza, qualquer um que o fizesse não encontraria tempo para pesquisas botânicas.

— São *kroyies* — Ralrra disse.

Leia franziu a testa, sem entender o comentário. Antes de abrir a boca para perguntar do que falava o wookiee, viu a revoada de pássaros que cortava o céu abaixo deles.

— Aqueles pássaros?

— Sim. O povo wookiee os considerava um alimento raro. Agora até os pobres o consomem. — Ele apontou para a vila, acima deles, e para as luzes que ela vira pouco antes do pouso. — Os *kroyies* são atraídos pelas luzes. E os caçadores os esperam ali.

Leia concordou com um movimento de cabeça. Já conhecia sistemas visuais de diferentes graus de sofisticação para atrair animais, em outros planetas.

— As nuvens não prejudicam seu desempenho?

— Pelo contrário, funcionam melhor no tempo nublado — Ralrra

explicou.

— As nuvens espalham a luz. Um *kroyie* a vê de longe, e vem. Enquanto ele falava, o bando de pássaros realizou uma manobra ascendente brusca, procurando as luzes acima deles.

— Está vendo? Talvez tenhamos um deles para jantar, hoje.

— Eu adoraria. Chewie me contou uma vez que são deliciosos.

— Vamos para a vila — Ralrra disse, manobrando o carro aéreo. Com um estalo do cabo, ele subiu. — Pretendíamos acomodá-la em instalações luxuosas — comentou durante o trajeto. — Mas Chewbacca não permitiu.

Ele gesticulou, e pela primeira vez Leia notou as casas entalhadas na árvore mais próxima. Algumas, mais sofisticadas, possuíam vários pavimentos. Todas davam para o vazio.

— Chewbacca conhece meu gosto — ela disse a Ralrra, arrepiada. — Eu já estava imaginando por que nos afastamos da vila.

— O carro aéreo é usado normalmente para transporte de carga ou doentes — Ralrra explicou. — A maioria dos wookiees prefere trepar nas árvores.

Ele esticou a mão espalmada. Flexionando os músculos sob o pêlo macio, projetou as garras recurvadas, ocultas nas pontas dos dedos.

Leia engoliu em seco.

— Eu não sabia que os wookiees tinham garras assim — ela falou. — Mas deveria ter adivinhado. São um povo das árvores, afinal.

— Viver nas árvores sem garras seria impossível — Ralrra concordou.

As garras se retraíram novamente e o wookiee apontou para cima. — Mesmo viajar de cipó se tornaria difícil sem elas.

— Cipó? — Leia repetiu, olhando pelo teto transparente do carro aéreo. Não notara antes os cipós pendurados nas árvores, e ainda não os via. Seus olhos se fixaram no cabo onde se prendia o carro aéreo, que se confundia com os ramos e folhas lá no alto...

O cabo *verde* escuro...

— Este cabo? — perguntou cautelosa. — Isso é um cipó?

— Um cipó *kshyy* — ele respondeu. — Não se preocupe. Tem a força de um cabo artificial, e os desintegradores não conseguem cortá-lo. Além disso, ele se regenera.

— Sei — Leia disse, lutando contra o pânico. Ela percorrera a galáxia em todo tipo de transporte sem o menor traço de acrofobia, mas ficar pendurada naquela altura num cipó, sem um propulsor potente para garantir sua segurança, já era demais. A sensação de proteção que sentira na chegada a Kashyyyk dissipou-se num átimo. — Os cipós costumam se romper? — perguntou, tentando ocultar a preocupação.

— Já aconteceu algumas vezes, no passado — Ralrra explicou. —

Parasitas e fungos podem enfraquecê-los, se não forem combatidos. Mas temos garantias que nossos ancestrais não dispunham. Carros aéreos como este contam com sistemas de emergência repulsorlift.

— Ainda bem — Leia disse com profundo alívio e vergonha pela falta de fraquejo diplomático. Era fácil esquecer que os wookiees, embora vivessem nas árvores e tivessem aparência animalesca, dominavam com facilidade a alta tecnologia.

O carro aéreo atingiu o nível da vila. Chewbacca e Salporin esperavam por eles; o primeiro mantinha a mão na arma e resmungava, impaciente. Ralrra os conduziu até a rampa de estacionamento e abriu a porta. Salporin deu um passo à frente, oferecendo a mão a Leia, para que descesse.

— Providenciamos para que você e Chewbacca se hospedem na casa de Salporin — Ralrra disse, quando pisaram no chão relativamente firme. — Não fica muito longe. Temos transporte disponível, se preferir.

Leia examinou a paisagem da vila. Ela queria caminhar e conversar com os habitantes locais. Mas depois de tanto esforço para levá-la incógnita a Kashyyyk, desfilar na frente da vila inteira não era aconselhável.

— Prefiro um transporte — disse apenas. Chewbacca rugiu algo, quando se aproximaram.

— Ela queria ver a estrutura da cidade — Ralrra explicou. — Agora podemos ir.

Chewbacca resmungou novamente, inquieto, mas levou a arma ao ombro e seguiu em silêncio para um trenó repulsor parado na rua, a uns vinte metros. Ralrra e Leia o seguiram, e Salporin cuidou da retaguarda. As casas e outras construções penduravam-se nos galhos, Leia notou, sem mais sustentação do que alguns cipós *kshyy*. Ralrra deu a entender que as casas presas ao tronco eram as mais cobiçadas. Aquelas deveriam pertencer à alta classe média. Olhou para a mais próxima, detendo-se na janela. Um rosto surgiu nas sombras e atraiu sua atenção...

— Chewie! — gritou, levando a mão ao desintegrador. O rosto desapareceu imediatamente, porém ela já havia reconhecido os olhos arregalados, o maxilar protuberante e a pele cinzenta.

Chewbacca se colocou a seu lado, arma na mão.

— Uma daquelas criaturas que nos atacou em Bimmisaari está ali — apontou com a arma, tentando usar seus sentidos de Jedi. Nada. — Atrás da janela. Estava bem ali.

Chewbacca rugiu uma ordem, colocou o corpo enorme entre ela e a casa, e recuou lentamente, cobrindo a área com movimentos semicirculares do braço armado, pronto para disparar. Ralrra e Salporin entraram na casa, portando facas enormes que apareceram

em suas mãos, Leia não soube dizer de onde. Tomaram posição nos dois lados da porta da frente, e, com um disparo do desintegrador, Chewbacca derrubou a porta.

Em algum ponto, no centro da vila, alguém gritou — um uivo wookiee furioso, longo, assustador, que ecoou nas árvores e construções. Antes mesmo que Ralrra e Salporin entrassem na casa, o uivo de alarme foi repetido por outras vozes, aumentando em intensidade e volume, até que metade da vila gritava selvagemente. Leia agarrou-se às costas peludas de Chewbacca, encolhendo-se de medo dos uivos furiosos. Lembrava-se bem do terrível rebuliço no mercado de Bimmisaari, quando eles pegaram as jóias da banca.

Mas ali não havia bimms inofensivos vestidos de amarelo, e sim, wookiees gigantescos, fortes e ferozes.

Uma multidão se aglomerava na porta da casa, quando Ralrra e Salporin emergiram. Chewbacca parecia não notar a multidão, como não notara o uivo de alarme, enquanto mantinha a casa na mira. Os outros dois wookiees também não deram importância aos curiosos, desaparecendo nas laterais opostas da casa. Eles voltaram em poucos segundos, como caçadores fracassados.

— Ele estava lá — Leia insistiu, quando se reuniram. — Eu o vi.

— Pode ser verdade — Ralrra disse, guardando a faca na bainha oculta sob a túnica. Salporin, concentrando-se ainda na casa, mantinha a faca na mão. — Mas não encontramos nenhum sinal dele.

Leia mordeu o lábio, olhando em torno. Seria impossível para o alienígena passar daquela casa isolada para outra sem ser visto por ela ou Chewbacca. Não teria como se esconder nas laterais, tampouco. Atrás da casa, a vila terminava no vazio.

— Ele fugiu pela beirada — ela concluiu. — Só pode ter feito isso. Fugiu por baixo da vila, com equipamento de escalada, ou um veículo o aguardava.

— Acho difícil — Ralrra disse, passando por ela. — Porém possível. Tentarei localizá-lo com o liftcar.

Chewbacca estendeu o braço para detê-lo, rugindo uma negativa.

— Tem razão — Ralrra concordou, hesitante. — Sua segurança, Leiaorganasolo, *é* o mais importante no momento. Vamos levá-la primeiro a um lugar protegido, e depois investigar a presença deste alienígena.

Um lugar protegido. Leia olhou para a casa, um arrepio correndo por sua espinha. Será que algum dia haveria novamente um lugar protegido para ela?

18

O alerta, vindo de algum ponto atrás de si, tirou Luke de seu sono sem sonhos.

— Obrigado, Artoo, já acordei — ele disse sonolento ao esfregar os olhos. Os dedos bateram no visor do capacete de vôo, e o impacto dissipou a névoa que lhe toldava a mente. Ele não se lembrava exatamente das circunstâncias que o levaram à hibernação, mas tinha a impressão de que Artoo o acordara antes da hora. — Algum problema? — Tentou se lembrar das tarefas que encomendara ao dróide.

O alerta transformou-se num guincho ansioso. Procurando focalizar a vista, Luke abriu bem os olhos para ler a tradução no monitor. Para sua surpresa, estava escuro. Assim como o restante dos instrumentos da nave. Então se lembrou. Estava perdido no espaço, com todos os sistemas desligados, a não ser a energia que alimentava Artoo e mantinha os sistemas de sobrevivência.

Artoo deveria estar enrolando o fio da antena infra-espacial. Virando o pescoço, apesar do torcicolo, encarou o dróide, imaginando qual seria o problema...

Imediatamente sentiu a tensão percorrer seu corpo. Adiante, vindo depressa em sua direção, viu outra nave.

Voltou-se para a frente outra vez, totalmente desperto, e acionou os interruptores de energia. De nada adiantava a rapidez de seus reflexos. Os motores do asa-X exigiriam no mínimo quinze minutos para esquentar e permitir que fossem acionados para vôos simples. Para combate, então...

Usando os jatos de emergência, ele girou lentamente o asa-X para encarar a nave que se aproximava. Os sensores já começavam a funcionar, confirmando a informação transmitida por seus olhos. O visitante era um cargueiro Corellian, maltratado, de tamanho médio. Os imperiais jamais usariam uma nave assim, e, de fato, não havia os emblemas do Império na fuselagem.

Mas, nas atuais circunstâncias, duvidava de um encontro casual com um cargueiro inofensivo. Talvez uma nave pirata? Luke usou a Força, tentando identificar a tripulação...

Artoo chiou e Luke consultou o monitor.

— Percebi isso, também — ele disse. — Mas um cargueiro normal conseguiria desacelerar deste modo, se estivesse vazio. Por que não analisa os dados dos sensores e verifica se há armamentos?

O dróide bipou positivo e Luke consultou os outros instrumentos. Os capacitores do canhão-laser acusavam metade da capacidade, e o propulsor principal para velocidades abaixo da luz estava a meio caminho da disponibilidade para vôo. E o rádio piscava, indicando uma tentativa de contato.

Luke acionou o comunicador.

— Precisa de ajuda? — uma voz feminina e fria fez-se ouvir. — Repetindo: nave desconhecida, aqui é o cargueiro *Wild Karrde.* Precisa de ajuda?

— *Wild Karrde,* fala o asa-X AA-589, da República — Luke identificou- se. — Para falar a verdade, preciso de auxílio.

— Certo, asa-X — a moça disse. — Qual é o problema?

— Hiperdrive — Luke falou, atento à nave que se aproximava. Havia um minuto mudara de posição para ficar de frente para o cargueiro. O piloto reagira, alterando o curso, de modo que o *Wild Karrde* não se encontrava mais na frente dos lasers do asa-X. Provavelmente topara com um sujeito cuidadoso... Mas havia outras possibilidades. — Os dois acionadores pifaram — ele prosseguiu. — Capas danificadas, e pode haver outros defeitos. Vocês levam alguma peça sobressalente?

— Para uma nave deste tipo, não. — E, depois de uma pequena pausa:

— Tenho ordens de comunicar que, se subir a bordo, nós o levaremos a seu destino.

Luke usou a Força para descobrir o sentido oculto daquelas palavras. Se pretendiam traí-lo, nada revelavam em suas mensagens. Além disso, tinha poucas opções.

— Daria para levar minha nave, também?

— Duvido que possa pagar nossa tarifa — a moça retrucou.

—Falarei com o capitão, mas não se anime muito. Precisaríamos rebocá- la. Os compartimentos de carga não comportam mais nada.

Luke pressentiu algo estranho. Um cargueiro carregado não desaceleraria tão depressa, conforme Artoo indicara antes. Ou mentiam quanto à carga, ou o sistema propulsor passara por uma reforma completa.

Isso tornaria o *Wild Karrde* uma nave camuflada. Pirata, contrabandista ou guerreira. E a Nova República não usava naves de combate camufladas.

O outro piloto falou:

— Se mantiver a posição atual, asa-X, encostaremos o suficiente para lançar um cilindro de transporte. Se preferir, pode vestir o traje espacial e vir até aqui sozinho.

— Melhor usar o cilindro, que é mais rápido — Luke disse, tentando descobrir mais detalhes. — Suponho que nenhum de nós tem motivos para permanecer aqui por muito tempo. Como me descobriram, afinal?

— Podemos aceitar bagagem, dentro de certos limites — a moça prosseguiu, ignorando a sondagem. — Imagino que queira trazer o dróide astromech consigo.

Luke ficou sem opção.
— Sim, seria ótimo — ele disse.
— Muito bem, então prepare-se. O capitão manda avisar que cobrará uma taxa de transporte de cinco mil.
— Aceito — Luke disse, soltando os cintos. Abrindo os compartimentos laterais, retirou as luvas e os lacres do capacete, guardando-os nos bolsos da roupa espacial, ao alcance da mão. Um cilindro de transporte era relativamente seguro, mas acidentes aconteciam. Além disso, se a tripulação do *Wild Karrde* planejava se apoderar de um asa-X sem esforço, soltar o cilindro seria a maneira mais prática de se livrar do piloto.
A tripulação. Luke parou, apurando os sentidos para a nave que se aproximava. Havia algo errado, pressentia isso, embora não soubesse o quê.
Artoo apitou ansioso.
— Ela não respondeu, eu sei — Luke disse. — Mas pode imaginar algum motivo legítimo para a presença deles aqui neste fim de mundo?
O dróide respondeu com uma negativa.
— Isso mesmo. Mas não podemos recusar a oferta deles — Luke lembrou. — Ficarei alerta.
Esticando o braço até o outro compartimento, apanhou o desintegrador, checou o indicador de potência e o guardou no coldre do traje espacial. O comunicador ocupou o bolso restante, embora não imaginasse um uso para ele a bordo do *Wild Karrde.* Atou o kit de sobrevivência em volta da cintura com dificuldade em função do espaço mínimo da nave. E, finalmente, prendeu o sabre-laser na cintura.
— Muito bem, asa-X. Cilindro preparado — disse a moça. — Venha quando quiser.
O pequeno acesso ao *Wild Karrde* encontrava-se bem acima de sua cabeça, aberto, convidativo. Luke conferiu os instrumentos para se assegurar de que havia ar entre as duas naves, tomou fôlego e disse:
— Vamos lá, Artoo. — E abriu a carlinga.
Uma lufada de vento o atingiu no rosto quando a pressão se equalizou. Projetando cuidadosamente o corpo, ele saiu, agarrando-se à beira da carlinga para girar. Artoo se lançara para fora e flutuava solto acima do asa- X, reclamando muito de sua situação.
— Já vou cuidar de você, Artoo — Luke disse, usando a Força para guiar o dróide em sua direção. Flexionando os joelhos, saltou.
Chegou à câmara na borda do acesso meio segundo antes de Artoo e agarrou com força as correias presas à parede, garantindo a ambos um pouso suave. Alguém os vigiava, obviamente. Ainda se deslocavam dentro da câmara quando a porta externa se fechou. A gravidade

retornou, lenta o bastante para permitir o ajuste, e, em seguida a porta interna se abriu.

Um rapaz o aguardava, vestindo um macacão estranho.

— Bem-vindo a bordo do *Wild Karrde* — ele disse, inclinando a cabeça.

— Acompanhe-me, o capitão deseja vê-lo.

Sem esperar pela resposta, ele deu as costas e seguiu pelo corredor em curva.

— Vamos, Artoo — Luke murmurou, acompanhando o rapaz enquanto pesquisava a nave com ajuda da Força. Além do guia, identificou mais quatro tripulantes, todos nas seções da proa. Atrás dele, na popa...

Ele balançou a cabeça, tentando clarear as impressões. Não mudou nada: as áreas da popa da nave permaneciam obscuras para seus sentidos. Sem dúvida um efeito colateral da hibernação, concluiu. Mas percebeu que não havia tripulantes nem dróides ali, o que no momento bastava saber.

O guia o conduziu até uma porta, que se abriu.

— O capitão Karrde o receberá agora — disse, dando um passo para o lado ao indicar que entrasse.

— Obrigado — Luke disse. Tendo Artoo nos calcanhares, entrou na sala.

Era uma espécie de escritório. Pequeno, com as paredes cobertas de equipamentos de comunicação e codificação sofisticados. No centro havia uma imensa mesa-console, e atrás dela sentava-se um sujeito esguio, magro, de cabelo escuro curto e olhos azul-claros fixos em Luke.

— Boa noite — ele disse com voz estudada. — Sou Talon Karrde. — Mediu Luke de alto a baixo, avaliando-o. — E você, calculo, é o comandante Luke Skywalker.

Luke o encarou. Afinal, como ele...

— Sou apenas um cidadão comum — respondeu, tentando manter a calma. — Renunciei a meu posto na Aliança há quase quatro anos.

A boca de Karrde se abriu, num quase sorriso.

— Não sabia. Devo dizer que escolheu um lugar perfeito para se afastar de tudo.

A pergunta implícita era óbvia.

— Escolheram para mim — Luke disse. — Tive um encontro desagradável com um destróier estelar imperial, há cerca de meio ano-luz daqui.

— Ah! — Karrde exclamou, sem demonstrar surpresa. — o Império ainda se mostra ativo nesta parte da galáxia. Aliás, expandiu suas atividades, nos últimos tempos. — Ele desviou a cabeça para o lado, sem tirar os olhos de Luke. — Presumo, todavia, que você acompanha

esses fatos de perto. Uma boa notícia: poderemos rebocar sua nave. Já providenciei a instalação dos cabos necessários.

— Obrigado — Luke disse, sentindo um arrepio na nuca. Fosse pirata ou contrabandista, Karrde deveria ter reagido ao saber que um destróier estelar andava na área. A não ser, claro, que mantivesse algum contato com os imperiais... — Agradeço pelo salvamento. Artoo e eu tivemos sorte em encontrá-lo.

— E Artoo, quem é? Ah! Claro, o dróide astromech. — Os olhos azuis piscaram rápidos. — Sua capacidade como guerreiro deve ser mesmo formidável, Skywalker, para escapar de um destróier estelar. Um feito e tanto. Imagino, por outro lado, que dar trabalho aos imperiais faça parte de sua rotina.

— Na verdade, ando meio afastado da ação ultimamente — Luke disse cauteloso. — Ainda não me disse por que estava passando por esta área, capitão. Nem como me identificou tão depressa.

Outra vez, quase um sorriso.

— Com um sabre-laser no cinto? — ele perguntou malicioso. — Não brinque. Ou é Luke Skywalker, Jedi, ou um apreciador de antiguidades que se considera especialista em esgrima. — Mais uma vez, os olhos azuis piscaram. — Não tem a aparência que eu esperava, contudo. Eu não deveria me surpreender, entretanto. As histórias sobre os Jedis foram tão deturpadas pelos mitos e pela ignorância que se tornou impossível distinguir a verdade da lenda.

O alerta na mente de Luke foi insistente.

— Dá a impressão de que esperava encontrar comigo aqui — ele disse, adotando a postura de combate e deixando que seus sentidos se manifestassem. Todos os cinco tripulantes encontravam-se nos mesmos postos, na frente da nave. Ninguém, fora Karrde, encontrava-se próximo o bastante para se constituir em ameaça imediata.

— Para dizer a verdade, você tem toda a razão — Karrde admitiu calmamente. — Embora eu não possa reivindicar o crédito por isso. Foi uma de minhas colaboradoras, Mara Jade, que nos trouxe até aqui. — Inclinou ligeiramente para a cabeça para a direita. — Ela está na ponte, agora.

Ele se interrompeu e esperou. Talvez fosse uma armadilha, e Luke sabia disso. Mas a insinuação de que alguém pudesse pressentir sua presença a anos-luz de distância era fascinante demais para que a deixasse passar em branco. Mantendo os sentidos em alerta, Luke concentrou parte da mente na ponte do *Wild Karrde.* No leme encontrava-se a moça que o contatara no asa-X. A seu lado, um homem mais velho ocupava-se com os cálculos da rota, no computador ' 1 nave. E, sentado atrás deles...

A análise daquela mente provocou um choque quase elétrico.

— Sim, é ela — Karrde confirmou, quase bem-humorado. — Ela

procura ocultar os fatos, mas não consegue, principalmente de um Jedi, suponho. Precisei observá-la atentamente durante meses, para concluir que você era o alvo de tanto ódio.

Luke demorou mais um segundo para recuperar a voz. Nunca antes, nem mesmo do Imperador, sentira tanta raiva e amargura.

— Não a conheço pessoalmente — disse com esforço.

— Não? — Karrde deu de ombros. — Uma pena. Imaginei que seria capaz de me dizer o motivo de tais sentimentos. Mas tudo bem. — Ele se levantou. — Suponho, então, que não temos mais nada a tratar no momento... Devo adiantar, também, que lamento encerrar assim nossa conversa.

Em um reflexo, Luke levou a mão ao sabre-laser. Mal iniciara o movimento, o choque de uma arma atordoante o atingiu pelas costas.

Os Jedis conhecem métodos para enfrentar a inconsciência, mas todos exigem pelo menos uma fração de segundo de preparação. Uma fração que Luke não conseguiu ter. Ele sentiu que caía no chão, ouviu o apito frenético de Artoo ao longe, e pensou, antes de desmaiar, como Karrde havia feito aquilo corri ele.

19

Ele acordou aos poucos, consciente apenas de dois fatos: estava deitado de costas... e sentia-se péssimo.

Lenta e gradualmente, o torpor deu lugar a sensações mais definidas. O ar que era quente e úmido, a brisa suave trazia odores desconhecidos. A superfície sob seu corpo, macia porém firme, indicava a presença de uma cama confortável. A julgar pelas sensações na boca e pele, dormira por vários dias.

Precisou de mais um minuto para que as implicações destes fatos se filtrassem através da névoa que tomava sua mente. Manter alguém desacordado por mais de uma ou duas horas estava além da capacidade de qualquer arma atordoante que conhecia. Obviamente, depois de ter sido atingido, fora drogado.

Ele sorriu. Karrde esperava que ficasse inconsciente por mais tempo e preparava uma surpresa. Forçando-se a clarear a mente, usou as técnicas Jedis de desintoxicação, e esperou que a névoa se dissipasse.

Demorou a perceber que não acontecia nada.

No meio do processo, dormiu novamente. E quando acordou outra vez, sua mente estava completamente alerta. Piscando por causa do sol que batia em seu rosto, abriu os olhos e ergueu a cabeça.

Estava deitado numa cama, ainda em traje espacial, em um quarto pequeno porém confortável. Bem à sua frente havia uma janela, origem dos aromas que impregnavam a brisa. Pela janela via a orla de uma floresta, a uns cinqüenta metros de distância, sobre a qual um sol alaranjado brilhava. Nascente ou poente, não soube dizer. A mobília do quarto não se assemelhava aos itens costumeiros de uma cela...

— Acordou, finalmente — uma voz feminina soou a seu lado. Atônito, Luke virou o rosto na direção da voz. Seu primeiro pensamento foi que deixara de sentir aquela presença. O segundo, decorrência do primeiro, foi considerar a idéia ridícula. O som provinha de um intercomunicador, claro.

Ao terminar de virar o rosto, descobriu que o primeiro pensamento estava correto.

Sentada numa poltrona negra, de espaldar alto, as mãos pousadas descontraidamente nos braços da poltrona, numa postura estranhamente familiar, ela era uma mulher elegante, de idade aproximada a de Luke, cabelos ruivos vistosos e olhos verdes brilhantes. Cruzava as pernas de modo suave, e no colo mantinha um desintegrador pequeno, porém potente.

Um ser humano vivo, genuíno, sem dúvida. E, no entanto, ele não pressentira sua presença.

A confusão deve ter-se revelado em sua fisionomia.

— Isso mesmo — ela disse ao brindá-lo com um sorriso. Nem

amigável nem educado, o sorriso mesclava malícia e amargura. — Seja bem-vindo de volta ao mundo dos mortais.

Alarmado, Luke sentiu o aumento de adrenalina no sangue quando percebeu que o estranho bloqueio mental não se limitava a ela. Não sentia nada. Nem as pessoas, nem os dróides, nem mesmo a floresta para além da janela.

Era como se tivesse ficado cego de repente.

— Não gostou, é? — ela perguntou zombeteira. — Não deve ser fácil perder de repente tudo aquilo que o tornava especial.

Lenta e cuidadosamente, Luke moveu as pernas para o lado da cama e sentou-se, dando ao corpo bastante tempo para que se acostumasse novamente ao movimento. A mulher o vigiava, a mão mais próxima do desintegrador.

— Se o propósito desta atividade é me impressionar com sua incrível capacidade de recuperação, poupe seus esforços.

— Nada tão traiçoeiro — ele disse, tomando fôlego. — O propósito de toda esta atividade é conseguir me levantar novamente. — Ele a encarou severo, imaginando que a moça desviaria os olhos. Ela nem piscou. — Já sei. Não precisa nem dizer. Você é Mara Jade.

— Tampouco me impressiona com isso — ela retrucou friamente. — Karrde já lhe falou a meu respeito.

Luke concordou com um gesto.

— Ele também contou que você encontrou meu asa-X. Obrigado.

Os olhos dela brilharam.

— Guarde sua gratidão. No que me diz respeito, a única dúvida que resta é se o entregamos aos imperiais ou se o matamos pessoalmente.

Abruptamente ela se levantou, o desintegrador pronto para atirar.

— De pé. Karrde quer vê-lo.

Com cuidado, Luke ergueu-se, notando pela primeira vez que Mara Jade levava seu sabre-laser no cinto. Ela também seria Jedi? Poderosa o bastante para anular as habilidades de Luke?

— Nenhuma das duas opções me atrai — ele comentou.

— Talvez haja outra. — Ela deu um passo à frente, aproximando-se o bastante para que ele a tocasse. Erguendo o desintegrador, a moça apontou a arma direto para seu rosto. — Tente escapar e eu o mato aqui e agora.

Por um momento eles permaneceram ali, rígidos. O ódio e a amargura faiscavam nos olhos verdes mas... quando Luke a olhou novamente, viu algo mais, além da raiva. Percebeu que uma dor profunda a atormentava.

Luke continuou imóvel. A moça, hesitante, baixou a arma.

— Ande logo. Karrde o espera.

O quarto de Luke se situava na extremidade de um longo corredor,

onde portas idênticas a intervalos regulares ocupavam toda sua extensão. Uma espécie de alojamento, deduziu, quando saíram e cruzaram uma clareira ampla, gramada, em direção a um edifício de teto alto. Diversas estruturas espalhavam-se em torno do prédio principal, inclusive mais um alojamento. Algumas pareciam depósitos, e uma não deixava margem a dúvida: tratava- se de um hangar de manutenção. Luke viu diversas naves reunidas em volta do hangar, inclusive dois cargueiros similares ao *Wild Karrde* e outras menores, algumas ocultas na floresta que quase invadia o conjunto. Escondido atrás de um cargueiro, ele identificou o nariz de seu asa-X. Por um momento pensou em perguntar a Mara o que acontecera a Artoo, mas decidiu guardar a questão para Karrde.

Ao chegarem ao prédio principal, Mara ultrapassou Luke e acionou o sensor ao lado da porta.

— Ele está no salão — Mara disse quando o painel se abriu. — Em frente.

Percorreram um longo corredor, passando por salas de jantar e reuniões de tamanho médio. Adiante, uma porta grande se abriu quando se aproximaram. Mara apontou...

E eles entraram num cenário da antigüidade lendária.

Por um momento Luke permaneceu imóvel, surpreso. A sala era espaçosa, o teto translúcido sobre uma malha de vigas de madeira entalhadas. As paredes, revestidas de madeira marrom, também ricamente esculpida, exibiam um brilho azulado nos cantos. Outros elementos sofisticados se espalhavam pelo local: uma pequena escultura aqui, um artefato alienígena irreconhecível ali. Poltronas, sofás e almofadas imensas dividiam o espaço em ambientes menores, propícios a conversas mais reservadas, dando ao local um ar aconchegante, quase informal.

Mas o centro das atenções era uma árvore imensa, que se erguia no centro do salão.

Não se tratava de uma árvore qualquer, como os arbustos que enfeitavam um dos salões do Palácio Imperial. Com mais de um metro de diâmetro na base, esta se estendia de um trecho de terra até o céu acima da cobertura translúcida. Alguns ramos mais grossos, com mais de dois metros de extensão, quase tocavam as paredes, qual braços desejosos de abraçar tudo que se via ali.

— Olá, Skywalker.

Com esforço, Luke olhou para baixo e encontrou Karrde confortavelmente instalado na base da árvore, ladeado por dois quadrúpedes de pernas longas e focinhos caninos apontados para o recém-chegado.

— Aproxime-se.

Engolindo em seco, Luke obedeceu. Recordava-se de histórias de

sua infância, cheias de fortalezas onde as árvores cresciam dentro de salões. Muitas delas o enchiam de medo dos perigos e ameaças que ocultavam. Pois em todas as histórias, as fortalezas serviam de abrigo para o mal.

— Bem-vindo novamente à terra dos vivos — Karrde disse quando Luke se aproximou. Ele alcançou um jarro prateado na mesinha lateral e serviu um líquido avermelhado nos dois copos existentes. — Devo me desculpar por mantê-lo dormindo durante tanto tempo. Mas sei que entende nossos problemas para manter um Jedi onde desejamos que permaneça.

— Claro — Luke concordou, atento aos dois animais ao lado da poltrona de Karrde. Eles o encaravam com intensa ferocidade.

— Mas, se pedisse educadamente, poderia ter contado com minha cooperação.

Um sorriso assomou aos lábios de Karrde.

— Talvez sim, talvez não. — Ele apontou para a poltrona à sua frente.

— Por favor, sente-se.

Luke deu um passo à frente, mas um dos animais ergueu-se, emitindo uma espécie de ronco.

— Quieto, Sturm — Karrde ordenou, olhando para o bicho.

— Este homem *é* nosso convidado.

A criatura o ignorou, concentrando a atenção em Luke.

— Ele não acredita em você, pelo jeito — Luke arriscou, cauteloso. Enquanto falava, o segundo animal produziu um som semelhante ao do primeiro.

— Talvez não. — Karrde segurou os dois animais pela coleira e olhou em torno. — Chin! — chamou, e um dos três homens que conversavam ali perto o atendeu. — Leve-os daqui, por favor.

— Pois não. — Um sujeito de meia idade, cabelo cortado ao estilo Froffli, aproximou-se. — Querem dar uma voltinha, hein?

— disse, tomando a coleira das mãos de Karrde.

— Peço desculpas, Skywalker — Karrde disse, franzindo ligeiramente a testa quando as feras se afastaram. — Eles costumam se comportar melhor na presença de convidados. Por favor, acomode-se.

Luke sentou-se, aceitando a taça oferecida por Karrde. Mara deu um passo à frente e ocupou o lugar ao lado do chefe. O desintegrador, notou, pendia agora na pulseira do braço esquerdo, tão acessível quanto se estivesse na mão.

— Um estimulante leve — Karrde explicou, apontando para a taça na mão de Luke. — Para ajudá-lo a despertar. — Sorveu a bebida e devolveu a taça à mesinha.

Luke bebeu. Apreciou o sabor. De qualquer maneira, se Karrde quisesse drogá-lo, não precisaria recorrer a um subterfúgio tão

infantil.

— Eu gostaria de saber onde está meu dróide.

— Ele está bem, não se preocupe — Karrde garantiu. — Foi guardado em um dos depósitos de equipamentos.

— Quero vê-lo, se for possível.

— Tenho certeza de que posso providenciar isso. Mais tarde. — Karrde reclinou-se na poltrona. — Quem sabe depois de decidir exatamente o que faremos com você.

Luke trocou um rápido olhar com Mara.

— Sua colaboradora mencionou duas possibilidades. Espero poder acrescentar mais uma à lista.

— Que o mandemos de volta para casa? — Karrde sugeriu.

— Com a devida compensação, claro — Luke acrescentou. — Digamos, o dobro da recompensa oferecida pelo Império.

— Você é muito generoso com o dinheiro alheio — Karrde disse secamente. — Nosso problema, infelizmente, não se resume ao aspecto financeiro. Há a questão política. Nossas operações se estendem pelas áreas controladas tanto pelo Império quanto pela República. Se o Império descobrir que o devolvemos, haverá represálias.

— E vice-versa, se você me entregar ao Império — Luke alertou.

— Concordo — Karrde disse. — Porém, em função dos danos a seu rádio infra-espacial, presumo que a República não tenha a menor idéia do que lhe aconteceu. O Império, infelizmente, sabe de tudo. E não se trata apenas do que eles poderiam oferecer. Já ofereceram trinta mil.

Luke mordeu o lábio.

— Não sabia que eu valia tanto.

— Você representa a diferença entre a fortuna e a falência para muitos operadores independentes — Karrde disse sem rodeios. — Dezenas de nave estão ignorando prioridades e cronogramas anteriores para caçá-lo. — Ele sorriu nervoso. — Gente que não se deu nem ao trabalho de pensar como manter um Jedi prisioneiro, no caso de captura.

— Seu método parece funcionar adequadamente — Luke comentou. — Gostaria que me contasse como conseguiu isso.

Karrde sorriu novamente.

— Segredos deste porte valem uma fortuna em dinheiro. Tem segredos de igual valor para oferecer em troca.

— Penso que não — Luke disse com sinceridade. — Mas, insisto, tenho certeza de que a Nova República pagará o valor de mercado.

Karrde sorveu sua bebida, olhando Luke de esguelha.

— Tenho uma proposta — ele disse, pondo a taça na mesa. — Você me conta por que o Império se interessou por sua pessoa de repente, e eu conto por que seus poderes de Jedi não funcionam.

— Por que não pergunta diretamente aos imperiais? Karrde sorriu.

— Prefiro evitar isso. Não pretendo que eles comecem a pensar no motivo de meu interesse. Em particular por que alegamos outros compromissos quando nos contataram para ajudar na sua captura.

Luke franziu a testa.

— Não procuravam por mim?

— Não — Karrde disse, mordiscando os lábios. — Foi uma dessas pequenas ironias que tornam a vida tão interessante. Mara nos tirou do hiperespaço graças a um impulso de momento, para verificação de rota.

Luke estudou a expressão inescrutável de Mara.

— Quanta sorte.

— Talvez — Karrde disse. — O resultado final, portanto, foi nos colocar na exata situação que pretendíamos evitar.

Luke estendeu as mãos espalmadas.

— Então deixe-me partir e finja que não aconteceu nada. Dou-lhe minha palavra de que guardarei segredo absoluto.

— O Império descobriria, de qualquer forma. — Karrde balançou a cabeça. — O novo comandante se destaca por sua capacidade de reunir fragmentos de informações aparentemente desconexas. Não, creio que a melhor saída é chegarmos a um acordo. Procurar um jeito de deixá-lo partir, e, ao mesmo tempo, dar aos imperiais o que eles desejam. — Ele moveu ligeiramente a cabeça. — Isso nos leva de volta à pergunta inicial.

— E a minha resposta inicial — Luke disse. — Eu realmente não sei o que o Império quer comigo. — Hesitou, mas Leia estava fora do alcance imperial, no momento. — Posso afirmar, contudo, que não se trata apenas de mim. Houve duas tentativas contra minha irmã Leia, também.

— Tentativas de assassinato? Luke meditou a respeito.

— Creio que não. Quando eu estava presente pareceu mais um seqüestro.

— Interessante — Karrde murmurou, os olhos perdidos no espaço. — Leia Organa Solo. Que treina para ser Jedi, como o irmão. Isso pode explicar... algumas atitudes recentes do Império.

Luke esperou e logo concluiu que Karrde não explicaria nada.

— E quanto ao acordo? — Luke falou, retomando as negociações.

Karrde deixou de lado as deduções e concentrou-se no caso.

— Exato. Calculei que o Império se interessava por você por causa de sua posição privilegiada na Nova República, como fonte de informações a respeito do Conselho Provisório. Neste caso, poderíamos chegar a um acordo. Você partiria e o dróide R2 seria entregue ao Império, para interrogatório.

Luke sentiu um aperto no peito.

— Não adiantaria nada — disse, procurando não revelar a

preocupação. A idéia de tornar Artoo um escravo do Império... — Artoo nunca participou das reuniões do Conselho.

— Por outro lado, ele conhece bem sua personalidade — Karrde lembrou. — Assim como conhece sua irmã, o marido dela e diversos membros ao alto escalão republicano. — Deu de ombros. — Opção descartada, claro. O interesse do Império no jedi da Nova República, e nos Jedis em potencial, deixa claro que eles não se contentariam apenas com informações. Onde ocorreram os dois ataques?

— O primeiro em Bimmisaari, o outro em Bpfassh. Karrde balançou a cabeça, pensativo.

— Tenho um contato em Bpfassh; talvez ele possa investigar os imperiais. Até lá, devo mantê-lo aqui, como meu convidado.

Soou como uma dispensa.

— Gostaria apenas de enfatizar um aspecto, antes de ir — Luke disse. — Não importa o que aconteça comigo, ou com Leia. O Império está condenado. Um número maior de planetas pertence à Nova República, e o número de adesões aumenta a cada dia. Venceremos no final, nem que seja considerado apenas o aspecto quantitativo.

— O Imperador sempre usou este argumento, quando discutia a Rebelião — Karrde retrucou. — Mas isso resume o dilema, não concorda? O Império adotará represálias imediatas se eu não entregá-lo, e a Nova República é a favorita nesta disputa, a longo prazo.

— Só se ele e a irmã estiverem lá para segurar a mão de Mon Mothma — Mara interrompeu sarcástica. — Caso contrário...

— Caso contrário, o desfecho se torna imprevisível — Karrde concordou. — De qualquer maneira, agradeço sua atenção, Skywalker. Espero chegar a uma decisão sem muita demora.

— Não se apresse por minha causa — Luke disse. — Posso passar dias agradáveis neste delicioso planeta.

— Não se iluda com isso — Karrde avisou. — Meus dois vornskrs de estimação têm centenas de primos na mata, todos alheios aos benefícios da domesticação moderna.

— Compreendo... — Luke disse. Por outro lado, se pudesse sair do acampamento, e se livrar da estranha interferência que o impedia de agir...

— E não conte com seus poderes de jedi para protegê-lo, tampouco — Karrde prosseguiu, como se lesse seu pensamento.

— Continuará indefeso na selva. Talvez até mais do que aqui.

— Contemplou a árvore imensa. — Afinal de contas, os ysalamiris de fora superam em número os que existem aqui dentro.

— Ysalamiri? — Luke olhou na mesma direção e notou a criatura esguia, marrom-acinzentada, que se encontrava agarrada ao galho logo acima da cabeça de Karrde. — O que eles são?

— Eles são a razão pela qual você ainda se encontra onde o

pusemos — Karrde disse. — Estes animais possuem a inusitada capacidade de repelir a Força. Criam bolhas, por assim dizer, onde a Força simplesmente não existe.

— Nunca ouvi falar neles — Luke disse, duvidando que houvesse algum fundo de verdade naquela história. Nem Yoda nem Ben haviam mencionado aquela possibilidade.

— Pouca gente os conhece — Karrde concordou. — E, no passado, quem sabia preferia manter o segredo. Os Jedis da República Velha evitavam o planeta, por motivos óbvios, e por isso um número razoável de contrabandistas montou bases aqui, na época. Depois que o Imperador destruiu os Jedis, os grupos se espalharam, preferindo a proximidade dos mercados potenciais. Agora que os Jedi começam a se recuperar — olhou sério para Luke —, talvez alguns deles retornem. Devo dizer que a população não apreciará tanto interesse.

Luke examinou a árvore. Como sabia o que procurar, descobriu vários ysalamiris grudados em ramos e galhos.

— O que o leva a pensar que é o ysalamiri, e não outro fator, o responsável pela anulação da Força?

— Em parte a tradição local — Karrde disse. — E principalmente o fato de que está aqui agora, falando comigo. De que outro modo um sujeito com uma arma atordoante e a mente agitada conseguiria se aproximar de um Jedi como você por trás sem ser notado?

Luke o olhou intrigado, reconhecendo que a última peça do quebra- cabeça se encaixava.

— Você levava ysalamiris a bordo do *Wild Karrde.*

— Correto — Karrde disse. — Por pura coincidência, na verdade. — Olhou para Mara. — Bem, pode ter sido mais do que uma coincidência.

Luke estudou novamente o ysalamiri acima da cabeça de Karrde.

— Qual o alcance da bolha?

— Ninguém sabe direito — Karrde confessou. — As lendas dizem que um ysalamiri cria bolhas com um a dez metros de raio de alcance, mas em grupos eles formam áreas neutras consideravelmente maiores. Uma espécie de reforço coletivo, creio. Talvez possa nos ajudar em algumas experiências de medição, antes de partir.

— Talvez — Luke disse. — Mas vai depender das condições de nosso acordo.

— Eu já esperava isso. Bem, imagino que queira tomar um banho. Há dias não tira seu traje espacial. Trouxe roupas na bagagem?

— Há uma pequena mala no compartimento de carga do asa-X — Luke disse. — Obrigado por rebocá-lo, por falar nisso.

— Tento jamais jogar fora algo que possa ser útil um dia — Karrde disse. — Você receberá seus pertences assim que meus auxiliares verificarem que não há armas ocultas, ou outros equipamentos

desaconselháveis. — Sorriu malicioso. — Duvido que um Jedi se preocupe com estas coisas, mas prefiro prevenir do que remediar. Boa noite, Skywalker.

Mara segurava o mini desintegrador na mão, outra vez.

— Vamos — ela disse, apontando a arma. Luke ergueu-se.

— Você tem mais uma opção — ele disse a Karrde. — Pode fingir que não aconteceu nada e me devolver, junto com Artoo, ao local onde nos encontrou. Estou disposto a correr o risco com outros candidatos à recompensa.

— Inclusive com os imperiais — Karrde perguntou.

— Inclusive com os imperiais — Luke repetiu. Um sorriso ligeiro surgiu nos lábios de Karrde.

— Pode ter uma surpresa. Mas pensarei no caso.

O sol desaparecera atrás das árvores, e o céu havia escurecido um bocado quando Mara escoltou Luke pelo conjunto.

— Perdi o jantar? — ele perguntou enquanto caminhavam pelo corredor, em direção ao seu quarto.

— Posso mandar comida — Mara disse em um tom que mal disfarçava sua raiva.

— Obrigado — Han disse, cauteloso. — Não sei por que tem tanta raiva de mim.

— Cale a boca. Nem mais uma palavra.

Sorrindo, Luke obedeceu. Chegando ao quarto, ela o empurrou para dentro.

— A janela não tem grades, como notou, porém contamos com um sistema de alarme. Saia, e irei atrás de você com toda a calma, para dar bastante tempo aos vornskrs selvagens. — Ela sorriu, zombeteira. — Tente, por favor.

Luke olhou pela janela, depois para Mara.

— Mas eu adoro meu quarto.

Sem responder, ela deu as costas e saiu, fechando a porta atrás de si. Luke ouviu o clique de uma fechadura eletrônica, e mais nada.

Aproximando-se da janela, estudou os arredores. Luzes projetavam-se das janelas dos alojamentos vizinhos, embora o seu permanecesse às escuras, com exceção do quarto que ocupava. Fazia sentido, concluiu. Quer Karrde decidisse entregá-lo à República, quer ao Império, seus colaboradores não deveriam saber de nada além do absolutamente necessário.

E mais ainda se Karrde decidisse seguir o conselho de Mara e simplesmente liquidá-lo.

Afastando-se da janela, voltou à cama, lutando contra o medo que ameaçava dominá-lo. Nunca, desde que enfrentara o Imperador, sentira tanto desamparo.

Na verdade, estava completamente desamparado.

Respirou fundo. *Para o Jedi não há emoção. Só há paz.* De algum modo, pensou, escaparia daquela prisão.

Só precisava permanecer vivo por tempo suficiente para descobrir um jeito.

— Asseguro-lhe que está tudo bem — Threepio disse com a voz de Leia, mostrando-se tão infeliz com a situação como poderia se mostrar infeliz um dróide. — Han e eu decidimos fazer uma visita ao sistema Abregado, já que estamos na região.

— Compreendo, Alteza — respondeu Winter, cuja voz soava cansada no alto-falante do *Falcon.* E um tanto tensa, na opinião de Han. — Recomendo, todavia, que não demore muito a retornar.

Threepio olhou para Han desconsolado.

— Voltaremos logo — Han disse pelo intercomunicador.

— Voltaremos logo — Threepio repetiu ao microfone.

— Preciso apenas verificar...

— Preciso apenas verificar...

— ... a infra-estrutura manufatureira de Gado.

— ... a infra-estrutura manufatureira de Gado.

— Sim, Alteza — Winter disse. — Informarei o Conselho. Eles se alegrarão com a notícia. — Ela fez uma pausa proposital. — Gostaria de falar com o capitão Solo por um momento.

Em sua poltrona, Lando sorriu.

— Ela sabe — murmurou quase inaudível.

— Está brincando — Han retrucou, também em voz baixa. Olhando para Threepio, fez que sim.

— Mas é claro — disse o dróide aliviado. — Han? Han acionou seu microfone.

— Pode falar, Winter. Qual é o problema?

— Gostaria de saber se existe uma data prevista para seu retorno e o da princesa Leia. O almirante Ackbar tem perguntado por vocês.

Han franziu o cenho. Ackbar mal o cumprimentava desde que renunciara ao posto de general, há alguns meses.

— Agradeça ao almirante pela preocupação — Han disse a Winter, escolhendo as palavras com cautela. — Mas será que ele não pode resolver tudo sozinho?

— Sem dúvida. Mas anda um pouco atrapalhado com problemas domésticos, agora que as férias terminaram.

— As crianças brigam muito, é? — Han arriscou.

— Isso mesmo. Principalmente na hora de dormir. O caçula se recusa a ir para a cama, quer ficar sempre acordado, lendo. Sabe como é — Winter falou.

— Claro — Han disse. — Conheço bem os filhos dele. E os vizinhos? Reclamam muito?

Houve uma pequena pausa.

— Não... tenho muita certeza. Não comentou nada comigo. Posso perguntar, se quiser.

— Não precisa — Han disse. — Desde que a família passe bem.

Isso é mais importante.

— Concordo. De qualquer maneira, acho que ele sente saudades de vocês, principalmente.

— Obrigado por dar o recado. — Han olhou para Lando. — Diga a ele que voltaremos em breve. Depois de Abregado visitaremos mais uns dois locais e iremos para casa.

— Muito bem — Winter disse. — Mais alguma coisa?

— Não. Sim. — Han corrigiu-se. — Novidades sobre o projeto de recuperação de Bpfassh?

— Os três sistemas atacados pelo Império?

— Isso mesmo. — E onde Leia e ele enfrentaram, pela segunda vez, os alienígenas cinzentos. Mas não havia motivo para mencionar esta parte da história.

— Preciso consultar os arquivos — Winter disse. — Vai tudo muito bem, a não ser por certas dificuldades com os comboios de suprimentos. Mas agora a remessa de material se estabilizou.

Han franziu a testa.

— Como Ackbar conseguiu? Tirou cargueiros empoeirados do ferro- velho?

— Na verdade, ele os criou — Winter retrucou secamente. — Requisitou naves de combate — cruzadores estelares e fragatas de ataque —, reduziu as tripulações ao mínimo necessário, instalou dróides extras e os transformou em cargueiros.

Han fez uma careta.

— Espero que tenha providenciado uma boa escolta. Cruzadores estelares desprotegidos seriam um prato cheio para os imperiais.

— Ele jamais deixaria de pensar nisso — Winter o tranqüilizou. — Além disso, a doca orbital e os estaleiros de Sluis Van contam com defesas reforçadas.

— Não sei mais se podemos falar em defesas reforçadas hoje em dia — Han comentou acidamente. — Os imperiais partiram para a ofensiva, afinal. Bem, preciso desligar. Falamos mais tarde.

— Aproveite o passeio. Até logo, Alteza. Lando estalou os dedos para Threepio.

— Até logo, Winter — o dróide despediu-se.

Han fez um sinal com o dedo atravessado na garganta e Lando cortou a transmissão.

— Se os cruzadores estelares contassem com códigos de controle adequados, não precisariam enchê-los de dróides para transformá-los em cargueiros — Lando comentou, inocente.

— Claro — Han retrucou distraído. — Precisamos alterar os planos e voltar já. — Pulou da poltrona e checou seu desintegrador. — A situação se complicou em Coruscant.

— Fala da conversa a respeito dos problemas na família de

Ackbar? — Lando perguntou, levantando-se.

— Isso mesmo — Han confirmou, dirigindo-se à escotilha de saída do *Falcon.* — Se entendi bem o recado de Winter, Fey'lya iniciou uma ofensiva contra os territórios controlados por Ackbar. Vamos, Threepio. Você precisa fechar a porta atrás de nós.

— Capitão Solo, devo novamente registrar meu protesto contra este estratagema ridículo. Representar o papel da princesa Leia...

— Já sei, já sei — Han o interrompeu. — Assim que voltarmos, Lando o reprogramará.

— Voltar, agora? — Lando indagou, ultrapassando Threepio para se aproximar mais de Han, que se preparava para sair. — Pensei tê-lo ouvido dizer a Winter...

— Só para consumo de eventuais curiosos — Han explicou.

— Assim que terminarmos este contato, voltaremos para casa. Com uma possível escala em Kashyyyk, para pegar Leia.

Lando assobiou.

— A situação está preta, então?

— Difícil dizer exatamente — Han admitiu, acionando o interruptor. A rampa desceu suave. — Não entendi o que ela quis dizer com "quer ficar sempre acordado, lendo". Suponho que se refira às atividades de inteligência que Ackbar desenvolve paralelamente à sua função de comandante supremo da tropa. Pode ser pior, se Fey'lya foi com muita sede ao pote.

— Você e Winter deveriam ter combinado melhor seus códigos verbais — Lando disse, dirigindo-se à rampa de saída.

— Deveríamos ter combinado um código verbal, ponto final — Han resmungou. — Há três anos ensaiamos sentar e acertar isso, mas nunca chegamos a fazê-lo.

— Bem, se quer um palpite, sua análise tem sentido — Lando opinou, examinando os arredores do local de pouso. — Encaixa-se nos boatos que ouvi, pelo menos. Presumo que os vizinhos mencionados sejam os imperiais.

— Correto. Winter deveria ter sido informada, caso Ackbar conseguisse identificar a origem dos vazamentos de informações.

— Vocês não se arriscam demais, voltando agora? — Lando perguntou, encaminhando-se para a saída.

— Sim. Mas precisamos correr o risco. Sem Leia para impedi-lo, Fey’lya pode convencer o Conselho a lhe dar tudo que exige.

— Sei. — Lando parou na beira da rampa que levava à saída do ponto de atracação e olhou para cima. — Então vamos torcer para que este seja o último contato da lista.

— Vamos torcer para que o tal sujeito apareça, isso sim — Han disse, avançando para a rampa.

O espaçoporto de Abregadorae possuía uma reputação terrível

entre os pilotos conhecidos por Han em sua época de contrabandista, equiparando-se a lugares como o porto de Mos Eisley, em Tatooine. Por isso levou um choque, aliás agradável, ao ver uma cidade clara, limpa, ao cruzar a porta.

— Ora, ora — Lando murmurou a seu lado. — Parece que a civilização finalmente chegou a Abregado.

— Aconteceram coisas estranhas por aqui — Han disse, olhando em torno. Apesar de limpo e bastante organizado, o local possuía o ar inconfundível de um porto de carga mista, não totalmente inofensivo.

— Puxa vida — Lando disse baixinho, olhando por cima dos ombros de Han. — Parece que andaram aprontando alguma.

Han olhou. A cinqüenta metros adiante um grupo uniformizado, usando coletes-armadura e rifles desintegradores, se concentrava em um dos acessos ao porto. Enquanto Han os observava, metade do grupo entrou, enquanto o resto vigiava a rua.

— Tem razão — concordou, tentando ler o número da entrada. Sessenta e três. — Vamos torcer para que não tenha sido nosso contato. Onde devemos encontrá-lo, afinal?

— Ali adiante — Lando disse, apontando para um prédio pequeno, sem janelas, construído no vão de edifícios mais antigos. Uma placa de madeira onde se lia apenas "LoBue" encimava a porta. — Recebi instruções de sentar numa mesa perto do bar e da área do cassino, e esperar. Ele virá até nós.

O LoBue era surpreendentemente espaçoso, para sua modesta fachada, estendendo-se para o fundo e também pelo prédio lateral, à esquerda. Logo na entrada havia uma série de mesas, com vista para a pista de danças requintada, no momento vazia, apesar dos apelos da música gravada estridente. Na parte traseira da pista havia reservados, escuros demais para que Han pudesse discernir detalhes. Separado da pista de danças por uma parede transparente, do lado esquerdo, ficava o cassino.

— Creio que já descobri onde se situa o bar — Lando murmurou. — Atrás das mesas de sabacc, à esquerda. Devemos esperar lá, como ele pediu.

— Já esteve aqui antes? — Han perguntou enquanto se desviavam das mesas e seguiam para o local indicado.

— Aqui? Nunca. Minha última visita a Abregadorae ocorreu há anos. Era pior do que Mos Eisley, e não me demorei muito.

— Lando balançou a cabeça. — Por mais problemas que tenham com o novo governo daqui, vocês precisam admitir que realizaram uma bela limpeza no planeta.

— Certo. Bem, e quaisquer problemas que você tenha com o novo governo daqui, tente evitar encrencas, tá? — Han avisou.

— Pelo menos desta vez, vamos agir discretamente. Lando sorriu.

— Como preferir.

O bar era menos iluminado do que a área do cassino, porém o suficiente para ver as pessoas. Escolheram um lugar perto das mesas de jogo e se acomodaram lá. O holograma de uma garota atraente surgiu no centro da mesa, quando se sentaram.

— Bom dia, cavalheiros — ela disse em basic, com dicção perfeita. — O que desejam beber?

— Você tem vinho Necr'ygor Omic? — Lando perguntou.

— Perfeitamente. Safras 47, 49, 50 e 52.

— Traga meia garrafa do 49 — Lando pediu.

— Obrigada, cavalheiros — ela disse e o holograma desapareceu.

— Isso faz parte da contra-senha? — Han perguntou, examinando disfarçadamente o cassino. Em plena tarde, só metade das mesas estava ocupada. O bar, em compensação, permanecia quase vazio, com um punhado de humanos e alienígenas espalhados pelo local. Beber, aparentemente, despertava um interesse bem menor do que o jogo, entre os vícios populares em Gado.

— Na verdade, ele não me instruiu a pedir uma bebida específica — Lando explicou. — Como aprecio um bom vinho de Necr'ygor Omic...

— E como Coruscant vai pagar a conta...

— Acertou na mosca.

O vinho surgiu pela abertura do centro da mesa, que se fechou em seguida.

— Mais alguma coisa, cavalheiros? — perguntou a garçonete holográfica.

Lando fez que não, apanhando a garrafa e as duas taças que a acompanhavam.

— Por enquanto não, obrigado.

— Bom proveito. — Ela e a bandeja desapareceram.

— Bem — Lando disse, servindo o vinho —, vamos ter de esperar.

— Enquanto você está ocupado esperando, vou jogar um pouco — Han falou. — Terceira mesa de sabacc. Cinco homens e uma mulher. Pode me dizer se o segundo sujeito à direita é quem estou pensando?

Erguendo a taça, Lando examinou a bebida contra a luz, como se estudasse sua coloração. No processo, virou ligeiramente a cabeça.

— Fynn Torve, creio?

— Eu juraria que é ele — Han concordou. — Pensei que o tivesse encontrado recentemente. Facilitaria a identificação.

— Não o vejo desde a viagem a Kessel, que nós dois fizemos juntos. — Pouco antes do *outro* famoso jogo de sabacc — ele completou secamente.

Han o olhou magoado.

— Você ainda guarda ressentimento por causa do *Falcon,* por

acaso?

— Bem... Não, acho que não. O pior foi ter perdido a partida para um amador como você.

— Amador?

— Admito que passei noites em claro planejando uma vingança terrível. Ainda bem que não coloquei meus esquemas em prática.

Han olhou de novo para a mesa de sabacc.

— Caso isso faça com que se sinta melhor, se não tivesse perdido o *Falcon* para mim, não estaríamos juntos, aqui, hoje. A primeira *Estrela da Morte* do Império teria conquistado Yavin, e depois arrasado a Aliança, planeta por planeta. E teria sido o fim de tudo.

Lando deu de ombros.

— Talvez sim, talvez não. Com gente como Ackbar e Leia no comando...

— Leia estaria morta — Han o interrompeu. — Já estava com a execução preparada, quando Luke, Chewie e eu a tiramos da *Estrela da Morte.* — Um arrepio percorreu sua espinha ao lembrar-se do caso. Ele quase a perdera para sempre. E nem saberia direito o que estava perdendo.

E agora sabia que se arriscava a perdê-la novamente.

— Ela vai se sair bem — Lando disse solidário. — Não se atormente. Eu só queria saber o que os imperiais querem com ela.

— Sei o que querem — Han resmungou. — Eles querem os gêmeos.

Lando o olhou atônito.

— Tem certeza?

— Absoluta — Han confirmou. — Por que usaram apenas armas atordoantes na emboscada de Bpfassh? Porque assim teriam mais de cinqüenta por cento de chances de evitar que perdesse as crianças.

— Raciocínio razoável — Lando admitiu preocupado. — Leia já sabe?

— Não posso dizer. Provavelmente sim.

Ele olhou para as mesas de sabacc, e a decadência eufórica da cena subitamente interferiu em seu estado de espírito. Se Torve realmente fosse o contato de Karrde, ele esperava que o outro deixasse as precauções de lado e admitisse o fato de uma vez. Não havia outras possibilidades no local.

Desviou os olhos do cassino e deteve-se no bar. Em uma mesa mais afastada e escura, viu três homens sentados.

A atmosfera de um porto espacial múltiplo era inconfundível, combinando sons, odores e vibrações que qualquer piloto veterano reconhecia de pronto. Assim como percebia no ato a presença dos policiais interplanetários.

— Veja só — murmurou.

— O quê? — Lando indagou, e, percebendo a dica, fitou o ponto

indicado, na mesa dos fundos. — Já vi — comentou lacônico. — Creio que isso explica a presença de Torve na mesa de sabacc.

— Aliás, fazendo o máximo para ignorar nossa presença —Han deduziu, observando os agentes de segurança com o canto do olho para descobrir por quem se interessavam. Se eles soubessem do encontro marcado, pouco poderia fazer a respeito. Talvez exibir sua identidade da Nova República e tentar algo na base do sabem com quem estão falando. O resultado seria imprevisível. De qualquer maneira, Fey'lya usaria o caso para justificar mais um de seus ataques educados.

Mas, se apenas procurassem por Torve, quem sabe como parte da operação de busca que testemunharam no espaçoporto, ao chegar...

Valia a pena arriscar. Debruçando-se, tocou o centro da mesa. — Garçonete?

O holograma apareceu.

— Cavalheiros?

— Por favor, vinte fichas de sabacc, por favor.

— Imediatamente, senhor — ela disse, desaparecendo.

— Espere um pouco — Lando disse enquanto Han esvaziava o copo. — Você não está pensando em ir até lá, não é?

— Tem uma idéia melhor? — Han retrucou, checando o desintegrador no cinto discretamente. — Se ele for nosso contato, não quero perdê-lo agora.

Lando suspirou resignado.

— E você queria passar despercebido. E eu, o que faço?

— Prepare-se para me dar cobertura. — O centro da mesa se abriu e a pilha de fichas apareceu. — Pelo jeito, ele só está sendo vigiado. Talvez seja possível tirá-lo daqui antes que a tropa inteira chegue.

— Caso contrário?

Han recolheu as fichas e levantou-se.

— Tentarei criar uma confusão, e o encontro no *Falcon.*

— Combinado. Boa sorte.

Havia dois lugares vagos na mesa de sabacc ocupada por Torve. Han escolheu um e sentou-se, jogando as fichas na mesa.

— Quero jogar — avisou.

Os jogadores o encararam com expressões que variaram da surpresa à contrariedade. Torve ergueu os olhos, e disfarçou. Han piscou para ele.

— Está dando as cartas, filho? Estou no jogo.

— Não é a minha vez — Torve disse, olhando para o sujeito gordo à sua direita.

— A partida já foi iniciada — o sujeito disse, carrancudo. — Espere a próxima rodada.

— Por quê? Vocês ainda nem apostaram — Han reclamou,

apontando para as fichas no pote vazio do centro da mesa.

O pote do sabacc acumulado, por sua vez, encontrava-se lotado. Deviam estar jogando há umas duas horas, pelo menos. Por isso o gordo não queria mais ninguém na mesa. Um recém-chegado poderia levar o total acumulado.

— Vamos lá, dê as cartas — ele insistiu, atirando uma ficha no pote central.

Devagar, olhos fixos em Han, o gordo tirou duas cartas do baralho e as entregou.

— Assim é que eu gosto — Han disse, amigável. — Eu me lembro das partidas na minha terra. Costumava depenar os patos sem piedade, todo dia.

Torve o olhou sério, o rosto uma máscara petrificada.

— Aposto que sim — comentou. — Bem, agora está jogando com gente do ramo, não com a ralé. Talvez não se dê tão bem aqui.

— Bem, não sou exatamente um amador — Han retrucou ligeiro. — Os locais andaram cercando o portão sessenta e três do espaçoporto. Sabe, ganhei sessenta e três partidas no mês passado, e isso chamou minha atenção quando passei por lá.

O rosto de Torve traiu sua preocupação. Então aquele era mesmo o local onde pousara sua nave.

— Concordo que é um número de sorte, mesmo — ele murmurou, levando uma das mãos para a parte de baixo da mesa. Han ficou alerta, mas a mão voltou vazia. Os olhos de Torve percorreram a sala, detendo-se por um segundo na mesa onde Lando estava sentado, de costas para Han.

— Mas você veio aqui para apostar ou para conversar? Han o encarou tranqüilo.

— Para fazer o que você quiser. Torve balançou a cabeça pensativo.

— Vamos ver qual é o seu jogo.

— A conversa está muito boa — um dos jogadores os interrompeu —, mas acho melhor jogar logo de uma vez.

Torve ergueu as sobrancelhas.

— Aposto quatro — disse.

Han consultou as cartas. Dama de paus e quatro de ouros.

— Claro — ele disse, depositando seis fichas no pote. — Suas quatro e mais duas. — Ele sentiu um movimento nas costas.

— Trapaceiro! — alguém exclamou.

Ele pulou e deu meia-volta, tentando sacar o desintegrador, mas, no meio do movimento, teve as cartas da outra mão arrancadas.

— Você é um vigarista — repetiu o sujeito.

— Não sei do que você está falando — Han disse, virando o pescoço para encarar o atacante.

Lamentou o gesto. O homem tinha o dobro de seu tamanho, e da cara barbuda saía uma voz de trovão. Parecia um profeta irado, cheio de fervor religioso.

— Sabe muito bem do que eu estou falando — o outro disse, ameaçador.

— Esta carta — mostrou uma das cartas de Han — é um *skifter*.

Han piscou.

— Não é — protestou. Um grupo logo se reuniu em torno da mesa: seguranças do cassino, curiosos, outros empregados, e provavelmente os tipos que adoram ver sangue correndo. — Trata-se da mesma carta que recebi do baralho.

— Tem certeza? — O sujeito ergueu a carta na mão enorme, voltou-a para Han, e tocou o canto com a ponta do dedo.

A dama de paus rapidamente se transformou num seis de espadas. O sujeito tocou o canto outra vez e ela virou um curinga. E depois o oito de copas, e o rei de ouros.

— Esta é a carta que me deram — Han repetiu, sentindo o suor escorrer pelo colarinho. E ele queria passar despercebido. — Se é um *skifter,* não me pertence, não tenho culpa.

Um sujeito baixo, de cara amarrada, abriu caminho até o barbudo.

— Mantenha as mãos na mesa — ordenou a Han com uma voz compatível a seu ar feroz.

— Afaste-se, reverendo. Cuidaremos disso — falou um dos jogadores.

Reverendo? Han olhou ao homem montanha atrás de si, e só então percebeu o colarinho eclesiástico meio oculto pela barba cerrada, no pescoço dele.

— Reverendo, é? — disse, preocupado. Havia muitos fanáticos religiosos na galáxia, cuja grande paixão se constituía em acabar com toda espécie de jogo, e de jogadores.

— Mãos sobre a mesa, já disse — o segurança repetiu, arrancando a carta suspeita das mãos do reverendo. Ele a examinou, constatou a fraude e balançou a cabeça. — *Skifter* de primeira — disse, olhando para Han.

— Ele deve ter trocado a carta que recebeu — o reverendo sugeriu. Não se afastara de Han, como haviam lhe ordenado. — Onde escondeu a outra, vigarista?

— As cartas que recebi estão aqui, na mão de seu amigo — Han retrucou. — Não preciso de um *skifter* para ganhar no sabacc. Se me deram um, não tenho culpa.

— É mesmo? — De repente, o reverendo se dirigiu ao gordo que dera as cartas, ainda sentado à mesa, quase oculto pelos curiosos. — Suas cartas, senhor, se não se incomoda — ele disse, esticando a mão.

O outro ficou perplexo.

— Do que está falando? Por que eu daria um *skifter* a alguém? Trata-se de um baralho da casa, afinal de contas...

— Bem, só há um modo de descobrirmos, certo? — O reverendo disse, pegando o baralho. — E quanto a você, e você também — apontou para o gordo e para Han —, serão revistados para ver quem tem uma carta escondida. Isso esclarecerá tudo, não é, Kampl? — perguntou olhando para o segurança.

— Não se meta no meu trabalho, reverendo — Kampl resmungou. — Cyru, traga o detector até aqui.

O detector era um aparelho portátil, obviamente destinado a identificar trapaceiros.

— Aquele ali primeiro — Kampl ordenou, apontando para Han.

— Certo. — Com eficiência, o funcionário passou o instrumento em Han. — Nada.

O primeiro sinal de insegurança surgiu na expressão de Kampl.

— Tente outra vez.

O subalterno obedeceu.

— Nada. Não adianta insistir. Tem um comunicador, um desintegrador e uma identidade. Só.

Por um momento Kampl encarou Han. Depois, relutante, voltou-se ao gordo que dera as cartas.

— Eu protesto! — gritou o sujeito, erguendo-se. — Sou um cidadão classe Duplo-A. Não têm o direito de fazer uma acusação dessas, totalmente infundada.

— Vai ser aqui ou na polícia — Kampl disse. — Escolha.

O gordo olhou para Han, furioso, mas manteve-se em silêncio enquanto o aparelho checava sua roupa.

— Ele também não tem nada — o outro avisou, erguendo as sobrancelhas surpreso.

— Procure no chão — Kampl ordenou. — Veja se alguém a escondeu ou jogou fora.

— E conte as cartas que restaram no baralho — sugeriu o reverendo.

Kampl o encarou.

— Pela última vez...

— Pois se encontrarmos ali as setenta e seis cartas previstas — o reverendo prosseguiu, desconfiado —, talvez tenhamos aqui um baralho preparado.

Kampl deu um pulo, como se tivesse levado um choque.

— Não preparamos baralhos aqui — ele disse.

— Não mesmo? — O reverendo o encarou. — Nem mesmo quando há pessoas especiais na mesa? Gente capaz de reconhecer uma carta especial, na hora certa?

— Isso é ridículo — Kampl rugiu, dando um passo à frente.

— O LoBue é um cassino legal e respeitável. Nenhum desses jogadores tem ligação com a casa...

— Ei! — gritou o gordo. — Cadê o sujeito que estava sentado aqui do meu lado?

O reverendo resmungou:

— Então nenhum deles tem ligações com a casa, é? Alguém começou a reclamar e praguejar, abrindo caminho no meio da multidão. Era um dos policiais planetários que vigiava a mesa. Kampl o viu sair, respirou fundo e virou-se para Han:

— Como é? Vai dizer o nome de seu cúmplice?

— Ele não era meu cúmplice — Han defendeu-se. — E eu não estava roubando no jogo. Se quer fazer uma denúncia formal, tudo bem. Vamos para a polícia. Caso contrário... — ele se levantou, recolhendo as fichas — vou embora.

Por um longo tempo Kampl deu a impressão de que iria enfrentar seu blefe. Mas não havia provas concretas, e ele sabia disso. Aparentemente tinha assuntos mais importantes a resolver para perder tempo com um caso menor e perdido.

— Vá embora. E nunca mais volte aqui.

— Pode deixar — Han disse.

Os curiosos começaram a se dispersar, e ele não teve maiores problemas para voltar à mesa. Lando, como esperava, tinha ido embora. Mas não esperava que ele tivesse pago a conta antes de sair, como realmente não havia feito.

— Eles desistiram rápido — Lando disse ao cumprimentá-lo do alto da rampa do *Falcon*. — Calculei que você precisaria esperar pelo menos uma hora.

— Não cometi nenhum crime — Han disse, subindo a rampa e erguendo a porta. — Espero que Torve não tenha sumido do mapa.

Lando balançou a cabeça.

— Ele nos espera na sala — disse, erguendo as sobrancelhas. — E admite que nos deve um favor.

— Isso pode nos ser útil — Han comentou, atravessando o corredor em curva.

Torve esperava na sala, examinando três cartões de dados.

— E bom vê-lo novamente, Torve — Han disse ao entrar.

— Também fico contente por revê-lo, Solo — o outro respondeu gravemente, levantando-se para estender a mão a Han.

— Já agradeci a Calrissian, e aproveito para dizer muito obrigado a você também. Tanto pelo aviso quanto pela possibilidade de escapar de lá. Devo uma.

— Sem problemas. — Han fez um gesto casual. — Calculei que sua nave estava no portão sessenta e três.

— A nave de meu empregador — Torve corrigiu, sorrindo.

— Felizmente não há contrabando a bordo. Eu já havia descarregado a mercadoria. Suspeitaram de mim, contudo.

— A que tipo de contrabando você está se dedicando? — Lando perguntou, aproximando-se por trás de Han. — Se não for segredo, claro.

Torve piscou o olho.

— Não é segredo, mas você nem vai acreditar. Eu ando transportando comida.

— Tem razão — Lando disse. — Não acredito. Torve fez um gesto de pouco caso.

— Eu também não acreditei, no início. Ao que parece, tem gente morando nas montanhas ao sul que não gosta muito do novo governo.

— Rebeldes?

— Não, por estranho que seja — Torve afirmou. — Não pretendem lutar contra nada, nem controlar matérias-primas vitais. São apenas pessoas comuns, tentando viver em paz. O governo resolveu dar-lhes uma lição exemplar e, entre outras coisas, cortou a comida e a assistência médica até que entrem na linha, como os demais.

— Combina com este novo governo — Lando concordou gravemente.

— Nada de autonomia regional.

— Portanto, contrabandeamos comida — Torve concluiu. — Negócio maluco. De qualquer maneira, fico feliz em reencontrá-los e saber que continuam trabalhando juntos. Muitos grupos se desfizeram nos últimos anos, principalmente depois da derrota de Jabba the Hutt.

Han trocou olhares com Lando.

— Bem, digamos que nós voltamos a trabalhar juntos — ele corrigiu. — Estivemos do mesmo lado, durante a guerra, mas antes...

— Antes eu pretendia matá-lo — Lando explicou. — Mas tudo bem.

— Claro — Torve disse cauteloso, olhando para os dois. — Eu me lembro. Por causa do *Falcon,* não é? Eu me lembro dos boatos. Disseram que Han o roubou.

Han ergueu a sobrancelha.

— Roubei?

— Bem, eu estava furioso. — Lando deu de ombros. — Não foi exatamente um roubo, mas passou perto. Eu cuidava de uma loja de naves usadas, na época, e fiquei sem dinheiro durante um jogo de sabacc com Han. Apostei uma nave e perdi. Ele podia escolher qualquer uma. — Lando lançou um olhar ressentido para Han. — Ele deveria ter escolhido um dos iates cromados que juntavam poeira na fachada, e não o cargueiro que eu reformava nos fundos, para meu uso.

— Você fez um ótimo serviço — Han lembrou. — Mesmo assim,

Chewie e eu trocamos muita coisa malfeita.

— E mesmo? — Lando resmungou. — Mais uma gracinha dessas e eu pego a nave de volta, sabia?

— Chewie provavelmente se oporia violentamente — Han disse, olhando para Torve. — Com certeza você já sabe de tudo isso, não é?

Torve sorriu malicioso.

— Não se ofenda, Solo. Gosto de checar meus clientes antes de fazer negócio. Preciso saber se posso confiar neles. Em geral, quem mente sobre seu passado, mente sobre suas intenções presentes.

— Passei no teste?

— Com nota dez — Torve disse, ainda sorridente. — Mas digam, o que Talon Karrde pode fazer por vocês?

Han respirou fundo. Finalmente. Agora era só questão de chegar a um acordo.

— Tenho uma proposta a fazer a Karrde: trabalhar diretamente para a Nova República.

Torve balançou a cabeça, pensativo.

— Já me disseram que você andava por aí tentando convencer os contrabandistas a entrar num esquema qualquer. O pessoal acredita que você quer atraí-los para que Ackbar cuide do caso depois.

— Não é nada disso — Han garantiu. — Ackbar não gosta da idéia, apenas aceitou o esquema. Precisamos de mais cargueiros, e os contrabandistas são a solução óbvia.

Torve encarou-o, pensativo.

— A oferta é interessante. Claro, a decisão final não é só minha.

— Então nos leve até Karrde — Lando sugeriu. — Deixe que Han fale diretamente com o chefe.

— Lamento, mas ele se encontra na base principal — Torve disse, balançando a cabeça. — Não posso levá-lo.

— Por que não?

— Porque não permitimos que estranhos circulem por lá assim, sem mais nem menos — Torve explicou, paciente. — Não contamos com um esquema de segurança como o de Jabba, em Tatooine, por exemplo.

— Não pretendemos ameaçar... — Lando disse. Han o interrompeu com um gesto.

— Muito bem, como preferir — ele disse. — Quando voltará para lá?

Torve abriu a boca, mas a fechou de novo.

— Primeiro preciso dar um jeito de recuperar minha nave, certo?

— Isso leva muito tempo — Han lembrou. — Ademais, muitos o conhecem, aqui. Por outro lado, alguém com as credenciais certas pode liberar a nave antes que eles percebam o que houve.

— Você, por exemplo? — Torve perguntou. Han deu de ombros.

— Talvez. Se bem que, depois do problema no LoBue, preciso me cuidar. Mas posso dar um jeito.

— Aposto que sim — Torve disse, irônico. — E em troca?

— Só quero uma carona até a sua base, e quinze minutos de conversa com Karrde.

Torve o fitou por um momento, sério.

— Terei problemas, se fizer o que me pede.

— Não somos estranhos — Lando o lembrou. — Karrde já me conhece, e tanto Han quanto eu guardamos segredos militares importantes da Aliança, durante anos. Muita gente confia em nós.

Torve olhou para Lando, e depois para Han.

— Vou me meter numa confusão — ele disse, suspirando. — Devo um favor a vocês, porém. Aceito, com uma condição: eu mesmo cuidarei da navegação e apagarei os registros depois. Se terão de fazer o mesmo na volta, depende de Karrde.

— Por mim, tudo bem — Han concordou. Paranóia, entre os contrabandistas, era algo corriqueiro. E ele não tinha interesse especial em descobrir onde se escondia Karrde. — Quando podemos partir?

— Quando estiverem prontos — Torve disse, olhando para as fichas de sabacc nas mãos de Han. — A não ser que queira voltar para o cassino e fazer algumas apostas.

Han se esquecera das fichas.

— Nem pensar — ele retrucou, largando a pilha na mesa. — Prefiro não jogar sabacc quando tenho fanáticos fungando no meu pescoço.

— O reverendo é perfeito, não acham? — Torve concordou. — Não sei o que faria sem ele.

— Espere um pouco — Lando interferiu na conversa. — Vocês se conheciam?

— Mas é claro — Torve disse rindo. — Ele é meu contato com o pessoal das montanhas. Ele não poderia ter agido sem um estranho como você na área, contudo.

— Aquele maldito... — Han disse, cerrando os dentes. — Suponho que o *skifter* era seu, então.

— Isso mesmo. — Torve olhou com ar inocente para Han. — Do que está reclamando? Conseguiu o que pretendia, certo? Vai se encontrar com Karrde.

Han pensou no caso. Torve tinha razão. Mesmo assim...

— Que seja. Agora chega de conversa. Vamos. Torve concordou.

— Vamos. Mostre seu computador, que prepararei a nave.

21

Mara entrou na sala de reuniões, curiosa para saber o motivo da súbita convocação. Karrde não lhe adiantara nada, mas a voz dele traíra uma preocupação que colocara em alerta seus antigos instintos de sobrevivência. Checando o pequeno desintegrador, preso de ponta-cabeça no braço, acionou o mecanismo que abria a porta.

Esperava encontrar pelo menos duas pessoas no local: Karrde e o responsável pelo setor de comunicações. Talvez houvesse outros convocados. Para sua surpresa, Karrde se encontrava sozinho.

— Entre, Mara — ele convidou, erguendo os olhos de seu cartão de dados. — E feche a porta, por favor.

Ela obedeceu.

— Problemas?

— Um pequeno contratempo — ele disse. — Bem estranho, entretanto. Fynn Torve acaba de entrar em contato, dizendo que está a caminho... e tem dois convidados, os ex-generais da República Lando Calrissian e Han Solo.

Mara sentiu um peso no estômago.

— O que eles querem? Karrde deu de ombros.

— Ao que parece, apenas conversar comigo.

Por um instante, o pensamento de Mara concentrou-se em Skywalker, preso no alojamento do outro lado do conjunto. Mas ninguém na Nova República poderia saber que ele estava ali. A maior parte do pessoal de Karrde não fazia a menor idéia disso, nem mesmo os que serviam ali em Myrkr.

— Eles estão a bordo de sua própria nave?

— A deles é a única nave a caminho — Karrde informou. — Torve pegou uma carona com os dois.

Os olhos de Mara se fixaram no equipamento de comunicação atrás de Karrde.

— Como refém? Karrde fez que não.

— Duvido muito. Ele transmitiu todas as senhas. O *Etherway* continua em Abregado, foi retido pelas autoridades com uma desculpa qualquer. Ao que parece, Calrissian e Solo ajudaram Torve a escapar.

— Agradeça a eles, peça para pousarem, deixar Torve descer, e ordene que saiam do planeta — ela sugeriu. — Você não os convidou para vir aqui.

— Correto — Karrde concordou, observando-a com atenção. — Por outro lado, Torve quer retribuir o favor.

— Ele que o faça quando puder, sem envolver terceiros. A pele em volta dos olhos de Karrde se retesou.

— Torve é um de meus colaboradores — disse com a voz glacial. — Suas dívidas também pertencem à empresa. Já deveria saber disso, a esta altura.

Mara sentiu um nó na garganta, ao vislumbrar a terrível possibilidade.

— Você não pretende entregar Skywalker a eles, não é?

— Vivo, você quer dizer?

Por um longo tempo, Mara apenas o encarou, observando o sorriso ladino, as pálpebras pesadas, e a expressão cuidadosamente construída para demonstrar desinteresse completo pelo assunto. Puro fingimento, bem sabia. Ele queria descobrir por que odiava tanto Skywalker, estava louco como um apaixonado para saber seu segredo.

No que dizia respeito a ela, Karrde iria morrer sem saber.

— Será que passou por sua cabeça, por acaso, que Solo e Calrissian podem ter armado tudo, inclusive o confisco do *Etherway,* para chegar até a nossa base?

— Claro que pensei nisso — Karrde disse. — Mas descartei a hipótese. Fantasiosa demais.

— Claro — Mara concordou irônica. — O grande e nobre Han Solo nunca recorreria a estratagemas do gênero, não é? Bem, você não respondeu a minha pergunta.

— Sobre Skywalker? Pensei ter deixado o caso bem claro. Ele fica aqui até que eu descubra por que o Grande Almirante Thrawn se interessa tanto pelo sujeito. No mínimo precisamos descobrir o quanto ele vale, e para quem vendê-lo, dependendo da oferta. Com sorte, descobriremos tudo dentro de alguns dias.

— Enquanto isso, os companheiros dele serão admitidos aqui, dentro de alguns minutos.

— Isso mesmo — Karrde respondeu, mordiscando os lábios. — Transferiremos Skywalker para um local menos visível. Evitaremos que eles tropecem uns nos outros, assim. Leve-o para o armazém de carga número quatro.

— Mas nós guardamos o dróide dele lá — Mara lembrou.

— Há duas salas no local. Coloque-o na outra. — Karrde apontou para o cinto de Mara. — E lembre-se de tirar isso antes da chegada de nossos convidados. Eles o reconheceriam na hora.

Mara olhou para o sabre-laser de Skywalker em seu cinto.

— Não se preocupe. Se não se importa, prefiro nem falar com os dois.

— Apenas o indispensável — Karrde garantiu. — Quero que esteja presente quando chegarem, e talvez durante o jantar. Fora isso, está liberada de qualquer contato social.

— Eles vão passar o dia aqui?

— E possivelmente a noite também — Karrde disse, observando-a. — Além das obrigações de bom anfitrião, pode imaginar melhor meio de provar à Nova República que Skywalker nunca esteve aqui, caso necessário?

Fazia sentido. Mesmo assim, ela não gostou da idéia.

— Avisou a tripulação do *Wild Karrde* para guardar segredo?

— Tomei uma providência melhor ainda — Karrde disse, apontando para o sistema de comunicação. — Mandei que todos os tripulantes preparassem o *Starry Ice.* Acabo de me lembrar de uma coisa. Depois que você transferir Skywalker, quero que esconda o asa-X dele no meio das árvores. Uns quinhentos metros já dá. Não se arrisque sozinha na mata mais do que o indispensável. Sabe voar num asa-X?

— Posso pilotar qualquer nave.

— Ótimo — ele disse, sorridente. — Então é melhor se mexer, pois o *Millenium Falcon* pousará dentro de vinte minutos.

Mara respirou fundo.

— Como quiser — disse, dando as costas para sair da sala. O local estava deserto quando ela atravessou o pátio, a caminho do alojamento. Por ordem de Karrde, sem dúvida. Ele deve ter pedido a todos que se dedicassem a tarefas dentro dos prédios, para possibilitar a transferência discreta de Skywalker do alojamento para o depósito. Chegando ao quarto, destrancou e abriu a porta.

Ele estava parado na janela, usando a mesma túnica, calça e botas que usava naquele dia, no palácio de Jabba.

O dia em que ela permaneceu em silêncio, observando enquanto ele destruía sua vida.

— Apanhe a mala e vamos — ela disse, apontando a arma.

— Hora da mudança.

Ele a encarou ao se aproximar da cama. Não fixou os olhos no desintegrador, mas em sua face.

— Karrde tomou uma decisão? — perguntou pegando a mala. Por um momento ela pensou em dizer que não, que agia por iniciativa própria, só para ver se a insinuação abalava a enervante serenidade do Jedi. Mesmo um Jedi lutaria, se soubesse que seu fim se aproximava.

— Você ficará num dos galpões de depósito — ela explicou.

— Temos visitas, e nenhum traje formal do seu número. Vamos logo com isso.

Ela o conduziu para além do edifício central, até uma estrutura de dois pavimentos, convenientemente afastada dos caminhos mais usados. A sala à esquerda, em geral usada para equipamentos perigosos ou sensíveis, era a única dotada de fechadura, razão óbvia para a escolha de Karrde. Serviria como cela improvisada. Mantendo os olhos fixos em Skywalker, destrancou a porta, pensando se Karrde teria removido o mecanismo que permitia a abertura por dentro. Bastou olhar para a parte interna da fechadura para perceber que não. Isso poderia ser corrigido.

— Entre — ela ordenou, acendendo a luz. Ele obedeceu.

— Parece aconchegante — Luke comentou, olhando para a sala sem janelas e a pilha de caixas de mercadorias que ocupava metade do espaço. — Provavelmente é bem sossegado, também.

— Ideal para a meditação de um Jedi — ela disse, abrindo uma caixa onde se lia "Discos de Desintegrador" para verificar seu conteúdo. Nenhum problema. Estava cheia de macacões. Checou as outras caixas, confirmando que não havia nada nelas que pudesse ser utilizado numa fuga. — Traremos uma cama mais tarde. — Recuou até a porta. — E comida.

— Por enquanto não preciso de nada.

— Não me importo. — O mecanismo de abertura por dentro encontrava- se protegido por uma chapa metálica. Dois disparos do desintegrador a removeram. O terceiro vaporizou a fiação. — Aproveite a calma — ela disse antes de sair.

A porta se fechou atrás dela... e Luke ficou sozinho, novamente. Ele examinou o local. Caixas empilhadas, nenhuma janela, apenas uma porta trancada.

— Já estive em lugares piores — disse baixinho. — pelo menos aqui não encontrarei Rancor.

Franziu a testa com a recordação inesperada. Não sabia por que o poço do monstro Rancor, no palácio de Jabba, de repente viera à lembrança. Mas não deu importância ao fato. A falta de preparativos e instalações em sua nova cela indicava que a decisão de transferi-lo fora tomada às pressas, em função da chegada iminente dos visitantes desconhecidos mencionados por Mara.

Neste caso, contava com a possibilidade de que a mudança improvisada tivesse levado seus carcereiros a cometer um descuido qualquer.

Ajoelhou-se e examinou a porta, afastando mais a placa de metal retorcido ainda quente, para estudar o mecanismo de abertura. Han dedicara algumas horas ao ensino dos procedimentos básicos para abertura de fechaduras e, se o disparo de Mara não tivesse danificado profundamente o mecanismo interno, poderia destrancá-la.

Pelo jeito seria difícil. De propósito ou por acidente, Mara destruíra a fiação do controle interno, e não via maneira de puxar os cabos pelo conduíte interno.

Mas se pudesse conseguir outra fonte de energia...

Ele se ergueu, limpou os joelhos e seguiu até a pilha de caixas. Mara verificara os rótulos, mas não abrira todas elas. Talvez uma busca mais detalhada se revelasse proveitosa.

A pesquisa infelizmente exigiu menos tempo do que o exame da fechadura. A maioria das caixas estava lacrada, sendo impossível abri-las sem ferramentas. Algumas, sem lacre, continham apenas roupas e peças sobressalentes.

E agora, pensou, sentando-se na beirada de uma caixa, olhando em volta à procura de inspiração. *Não posso sair pela porta. Não há janelas.* Mas havia outra sala no depósito. Vira outra porta, quando entrara. Talvez houvesse uma abertura que as unisse, oculta pela pilha de caixas.

Não era provável, claro, que Mara tivesse deixado passar algo tão óbvio. Mas ele tinha tempo de sobra, e mais nada para se ocupar. Começou então a desmontar a pilha, para afastar as caixas da parede.

Mal começara o serviço quando encontrou o que procurava. Não uma passagem, mas algo quase tão bom quanto: um quadro de força na parede, atrás de um painel.

Karrde e Mara haviam cometido um erro.

A placa de metal retorcida pelo disparo de Mara pôde ser dobrada facilmente. Luke a dobrou e desdobrou seguidamente, até conseguir remover um pedaço triangular. Era mole demais para ser usado nos lacres das caixas, mas serviria para desparafusar um painel de quadro de força comum.

Voltou ao painel e deitou-se no espaço existente entre a parede e as caixas. Tentava remover o primeiro parafuso quando um bip quase inaudível chamou sua atenção.

Ele parou, apurando os ouvidos. O bip se repetiu, acompanhado de uma série de outros ruídos familiares...

— Artoo? — arriscou, chamando baixinho. — É você?

Pelo tempo de duas batidas do coração, a outra sala permaneceu silenciosa. Depois, abruptamente, o ar foi tomado por uma explosão de linguagem eletrônica. Era Artoo, sem dúvida.

— Calma, Artoo — Luke pediu. — Estou tentando remover o quadro de força. Deve existir um similar aí, do seu lado. Pode abri-lo?

Um som contrariado serviu de resposta.

— Não? Então deixe comigo.

O triângulo de metal não era a melhor chave de fenda do mundo, especialmente no espaço exíguo disponível para o serviço. Mas Luke não demorou mais do que alguns minutos para remover a placa de proteção e afastar os fios. Enfiando a cabeça no buraco, viu o painel que fechava o quadro, na sala ocupada por Artoo.

— Acho difícil remover a placa por dentro — disse ao dróide. — Sua porta está trancada?

A resposta foi um bip negativo, seguido de uma espécie de guincho, como se Artoo derrapasse nas rodas.

— Impedido de se mover? — Luke perguntou. Outro bip. — Preso por uma algema?

Bip afirmativo.

Com cuidado para evitar um choque dos cabos de alta voltagem, ele localizou o fio de baixa tensão e começou a puxá-lo para fora do

conduíte. Havia mais fio solto do que imaginava. Arrancou cerca de um metro e meio antes que o fio parasse de vir.

Mais do que esperava, e menos do que precisava. A porta ficava a mais de quatro metros, e ele precisaria de sobra para prender ao mecanismo de abertura.

— Preciso de mais alguns minutos — disse a Artoo, tentando pensar numa saída.

Se o cabo de baixa tensão tinha folga, o mesmo deveria valer para os outros fios. Se conseguisse cortar pedaços do mesmo tamanho de mais dois cabos, teria o suficiente para chegar até a fechadura eletrônica e abri-la. Restava encontrar um meio de cortar os cabos. E, claro, evitar que fosse eletrocutado no processo.

— Eu daria tudo para ter meu sabre-laser de volta por um minuto — disse para si mesmo, examinando a borda do triângulo metálico. Não era muito afiada, mas cortaria os fios mais finos.

Demorou mais alguns minutos para soltar os outros fios. Erguendo-se, tirou a túnica, embrulhou uma das mangas duas vezes em volta da placa de metal, e começou a cortar.

Estava na metade do primeiro fio quando sua mão escapou da manga que servia de isolante e tocou o metal exposto do fio. Em um reflexo, ele pulou para trás, batendo na parede.

E depois compreendeu tudo, olhando para o cabo que tentava cortar.

Um silvo fez-se ouvir da outra sala.

— Toquei um dos fios — explicou a Artoo. — E não tomei um choque.

Artoo apitou.

— Isso mesmo — Luke concordou. Ele tocou o fio novamente... e o segurou firme.

Karrde e Mara não haviam cometido um erro, afinal. Eles desligaram a força dos fios que passavam pelo quadro.

Ficou ali parado, de joelhos, sem saber o que fazer. Tinha o fio necessário, mas faltava-lhe uma fonte de energia. Provavelmente haveria baterias na sala, nas caixas de peças sobressalentes, mas não tinha como abri-las. Poderia usar os fios para abrir as caixas? Cortar o lacre com eles?

Agarrou o fio com firmeza e o puxou para ver se era resistente. Os dedos escorregaram pela capa isolante. Mudou de mão e o enrolou com força na mão direita.

E parou, sentindo uma pontada na nuca. A mão direita. Sua mão direita artificial, movida por duas baterias.

— Artoo, sabe algo sobre membros artificiais cibernéticos? — perguntou, abrindo o acesso ao mecanismo da mão no pulso, com o triângulo de metal.

Depois de uma pequena pausa, ouviu uma resposta ambígua.

— Não precisarei de muita energia — ele disse, olhando para a fiação interna da mão. Esquecera-se de como o mecanismo era complexo. — Só quero remover uma das baterias. Pode me ajudar?

Mais uma pausa, e a resposta foi encorajadora.

— Muito bem — Luke disse. — Então mãos à obra.

Han terminou seu discurso, acomodou-se novamente na poltrona, e aguardou o resultado.

— Interessante — Karrde disse cordial, disfarçando com sua fisionomia imutável suas verdadeiras opiniões. — Muito interessante, mesmo. Deduzo que o Conselho Provisório está disposto a fornecer garantias por escrito, capazes de cobrir todos os aspectos.

— Garantiremos o que for possível — Han esclareceu. — Proteção a todos os envolvidos, legalidade das operações e assim por diante. Claro, não podemos garantir margens de lucro e coisas do gênero.

— Claro — Karrde repetiu e olhou para Lando. — Permaneceu quieto, general Calrissian. Onde você se encaixa nessa história?

— Vim apenas como amigo. Eu sabia como entrar em contato com você. E posso testemunhar a integridade e a honestidade de Han.

Um ligeiro sorriso surgiu nos lábios de Karrde.

— Integridade e honestidade. Palavras inusitadas para classificar um sujeito com a reputação maculada do capitão Solo.

Han fez uma careta, tentando adivinhar a qual incidente, em particular, Karrde estava se referindo. Em seu passado, admitia, havia vários para alguém escolher.

— Qualquer mácula ficou para trás, no passado — ele disse.

— Claro — Karrde concordou. — Sua proposta, como disse, é muito interessante. Mas não serve para minha organização, creio.

— Posso saber por que não?

— Porque determinadas pessoas poderiam considerar que estou optando por um dos lados — Karrde explicou, erguendo a taça a seu lado. — Dada a extensão de nossas operações, e as regiões onde elas ocorrem, esta talvez não seja a melhor atitude a tomar, politicamente falando.

— Compreendo — Han disse. — Mas existe a chance de manter seus outros clientes no escuro, quanto a isso.

Karrde sorriu novamente.

— Creio que subestima os serviços de inteligência do Império, capitão Solo. Sabem mais sobre os planos da República do que imagina.

— Fale mais a respeito — Han pediu, trocando olhares com Lando. — Isso me faz lembrar de um outro assunto. Lando contou que você tem um especialista em decodificação, capaz de decifrar códigos diplomáticos.

Karrde inclinou a cabeça para o lado com desdém.

— Pedido curioso — comentou. — Em particular vindo de alguém que já tem acesso aos códigos em questão. Será que a intriga já começou a atacar os altos escalões da República?

A última conversa com Winter, e seus avisos velados, veio à mente

de Han.

— Trata-se de um problema puramente pessoal — garantiu a Karrde. — Bem pessoal, no mínimo.

— Ah! — o outro exclamou. — Por coincidência, um dos maiores especialistas em decodificação jantará conosco esta noite. E vocês também comparecerão, calculo.

Han consultou o relógio, surpreso. Entre negócios e conversas informais, os quinze minutos prometidos por Torve se transformaram em duas horas.

— Não pretendíamos abusar de sua boa vontade...

— Imagine, é um prazer — Karrde garantiu, deixando a taça de lado para se levantar. — Em função dos negócios, em geral deixo de almoçar, e, para compensar, adianto um pouco a hora do jantar.

— Eu me lembro dos horários malucos dos contrabandistas — Han falou, saudoso. — Tem sorte de conseguir fazer pelo menos uma refeição por dia.

— Certamente — Karrde concordou. — Vamos comer, então? O prédio principal, Han notou no caminho, se compunha de três ou quatro zonas circulares em torno do salão central, onde crescia a estranha árvore. O ambiente, em que entrava agora com Karrde, dava para o salão e ocupava, talvez, um quarto do círculo. Havia várias mesas redondas espalhadas, algumas delas já ocupadas.

— Não fazemos questão do protocolo, no que diz respeito às refeições, aqui — Karrde avisou, avançando para a mesa no centro da sala. Quatro pessoas já se encontravam lá: três homens e uma mulher.

Karrde apontou para os três lugares vazios.

— Boa noite para todos — disse com um gesto de cabeça. — Apresento- lhes Calrissian e Solo, que jantarão conosco esta noite. Senhores, apresento- lhes meus companheiros: Wadewarn, Chin e Ghent. Ghent é o especialista sobre quem conversamos. — E apontou para a mulher. — E, claro, já conhecem Mara Jade.

— Sim — Han concordou, cumprimentando a todos antes de se sentar, um arrepio correndo por seu corpo. Mara estava ao lado de Karrde, quando este os recebeu no salão principal. Não ficou muito tempo, apenas o suficiente para fuzilar Lando e ele com seus incríveis olhos verdes.

Quase do mesmo modo que os olhava agora.

— Então você é Han Solo — disse Ghent, o decifrador de códigos. —Já ouvi muitas histórias a seu respeito. Sempre desejei conhecê-lo.

Han desviou a atenção de Mara para Ghent. Não era muito mais do que um moleque, recém-saído da adolescência.

— E bom ser famoso — Han retrucou. — Mas lembre-se de que as pessoas falam demais. E quem conta um conto aumenta um ponto.

— Você é modesto demais — Karrde disse, fazendo um sinal. Em

resposta, um dróide baixo rodou até eles, com uma bandeja cheia de folhas enroladas. — Seria difícil, contudo, aumentar o episódio dos escravos zygerrian, por exemplo.

Lando olhou para cima.

— Escravos zygerrian? Você nunca me falou nada sobre isso.

— Não foi nada — Han desconversou, tentando desviar a atenção de Lando do tema.

Infelizmente, Ghent deixou de perceber o apelo, ou era jovem demais para entender o recado.

— Ele e Chewbacca atacaram uma nave de escravos de zygerrian — o rapaz explicou animado. — Só os dois. Os zygerrians ficaram tão apavorados que abandonaram a nave.

— Eram mais piratas do que traficantes de escravos — Han disse, desistindo. — E não ficaram com medo. Abandonaram a nave por que eu disse que tinha vinte soldados da tropa de assalto comigo, e subiria a bordo para checar as licenças.

Lando ergueu a sobrancelha.

— Eles acreditaram nisso? Han deu de ombros.

— Eu transmiti uma identidade imperial emprestada para este tipo de ocasião.

— E sabem o que ele fez depois? — Ghent interferiu. — Ele deu a nave para os escravos, que encontrou trancafiados no compartimento de carga. Deu a nave com a carga e tudo.

— Puxa vida, quanto sentimentalismo — Lando disse rindo, antes de morder uma das folhas enroladas. — Não admira que jamais tenha me contado isso.

Com esforço, Han manteve a calma.

— A carga era fruto de pirataria — ele resmungou. — Em grande parte, facilmente identificável. A nave passava na região de Janodral Mizar, onde existe uma lei local estranha estabelecendo que vítimas de piratas ou traficantes de escravos tinham o direito de ficar com a carga, caso os piratas ou traficantes fossem mortos ou fugissem.

— Uma lei ainda em vigor, pelo que sei — Karrde lembrou.

— Provavelmente. De qualquer maneira, Chewie estava comigo... e conhecem a opinião dele a respeito de escravos.

— Claro — Lando disse secamente. — Eles teriam mais chance contra vinte membros das tropas de assalto.

— E se eu não tivesse dado a nave a eles... — Han foi interrompido por um bip agudo.

— Com licença — Karrde disse, acionando o intercomunicador que levava no cinto. — Karrde falando.

Han não conseguiu ouvir a mensagem. Mas a face de Karrde se alterou abruptamente.

— Estou a caminho — foi só o que declarou. Ele se levantou e

guardou o comunicador.

— Com licença. Um assunto requer minha atenção pessoal.

— Problemas? — arriscou Han.

— Espero que não. — Karrde olhou para o outro lado da mesa, e Han virou a cabeça a tempo de ver que Mara se levantava. — Conto que não me demorarei mais do que alguns minutos. Por favor, fiquem e divirtam-se.

Eles deixaram a mesa, e Han olhou para Lando.

— Não estou gostando disso — murmurou.

Lando balançou a cabeça, os olhos acompanhando Mara e Karrde com expressão intrigada.

— Já a vi antes, Han — disse baixinho. — Não sei onde, mas eu a conheço... E não creio que ela fosse contrabandista, antes.

Han olhou para os presentes à mesa, e notou a preocupação e os cochichos. Ghent também percebeu a tensão, pondo-se a comer com falsa naturalidade.

— Bem, colega, acho melhor lembrar-se logo — Han disse a Lando disfarçadamente. — Talvez a boa vontade em relação a nossa presença se esgote em pouco tempo.

— Estou tentando. E nesse meio tempo, o que fazemos? Outro dróide aproximou-se, com a bandeja cheia de tigelas de sopa.

— Que tal apreciar esta deliciosa refeição? — Han sugeriu.

— Deixou a velocidade da luz há cerca de dez minutos — Aves disse, apontando para o monitor. — O capitão Pellaeon entrou em contato há dois minutos. Pediu para falar com você pessoalmente.

Karrde passou os dedos pelo lábio inferior.

— Algum sinal de naves de transporte ou caças? — perguntou.

— Ainda não — Aves informou. — Mas pelo ângulo de entrada, devem enviar alguma nave logo. Pouso estimado em algum ponto da floresta.

Karrde balançou a cabeça pensativo. Bem na hora... para alguém.

— Onde está o *Millenium Falcon?*

— No hangar oito — Aves falou.

Perto das margens da floresta, portanto. Isso era bom — o alto conteúdo metálico das árvores de Myrkr o ocultaria dos sensores do *Quimera.*

— Pegue dois homens e cubra a nave com uma rede camuflada — ele instruiu. — Não podemos correr nenhum risco. E faça isso discretamente, sem assustar nossos convidados.

— Certo. — Aves tirou o fone e saiu da sala depressa. Karrde olhou para Mara.

— Chegaram bem na hora, não é? Ela o encarou sem piscar.

— Se está insinuando que eu os chamei, errou. Não fui eu. Ele virou a cabeça.

— E mesmo? Estou surpreso.

— Eu também — ela retrucou. — Eu deveria ter pensado em fazer isso. Vai falar com ele ou não?

— Creio que não me resta outra alternativa. — Preparando-se mentalmente, Karrde sentou-se no lugar de Aves e acionou o comunicador.

— Capitão Pellaeon, fala Talon Karrde. Peço desculpas pela demora. Em que posso ajudá-lo?

A imagem distante do *Quimera* desapareceu, mas não foi o rosto de Pellaeon que a substituiu. Em seu lugar, a face do pesadelo: longa e magra, a pele azulada e os olhos vermelhos brilhantes como duas contas de metal incandescente.

— Boa tarde, capitão Karrde — disse o outro, a voz clara, suave e muito educada. — Sou o Grande Almirante Thrawn.

— Boa tarde, almirante — Karrde respondeu ao cumprimento.

— Sinto-me inesperadamente honrado. Posso saber o motivo do chamado?

— Em parte, já deve ter adivinhado — Thrawn disse. — Precisamos de mais ysalamiris, e queremos sua permissão para capturar alguns.

— Certamente — Karrde concordou, desconfiado. Havia algo de estranho na postura dele, e os imperiais não precisavam de sua permissão para arrancar os ysalamiris das árvores. — Se me permite, devo dizer que está precisando deles com muita freqüência. Encontra alguma dificuldade em mantê-los vivos? Thrawn ergueu a sobrancelha surpreso.

— Nenhum morreu ainda, capitão. Precisamos de mais alguns, é tudo.

— Entendo — Karrde disse.

— Duvido muito. Mas não importa. Bem, capitão, como estamos aqui, pensei que seria uma boa oportunidade para conversarmos.

— Sobre o quê?

— Tenho certeza de que encontraremos assuntos de interesse mútuo — Thrawn disse. — Por exemplo, estamos interessados em adquirir naves de combate.

Anos de experiência impediram que Karrde adotasse qualquer atitude suspeita ou culpada. Mas foi difícil.

— De combate? — perguntou cauteloso.

— Isso mesmo. — Thrawn o brindou com um ligeiro sorriso.

— Não se preocupe, sei que não possui nenhuma nave assim em estoque. Mas um elemento com bons contatos poderia saber onde consegui-las.

— Duvido que meus contatos sejam tão abrangentes, almirante — Karrde retrucou, tentando ler a expressão daquela face alienígena. Ele

saberia? Ou se tratava apenas de uma coincidência perigosa? — Lamento, mas creio que não posso ajudá-lo.

A expressão de Thrawn não se modificou. De repente, porém, seu sorriso se tornou ameaçador.

— Tentará, assim mesmo. E resta a questão de sua recusa em nos ajudar a encontrar Luke Skywalker.

Parte do aperto no peito de Karrde se foi. Neste ponto estava mais seguro.

— Lamento não poder ajudar neste caso também, almirante. Como já expliquei a seu emissário, estamos lotados de compromissos inadiáveis. Não podíamos dispensar nenhuma nave naquele momento.

As sobrancelhas de Thrawn se ergueram ligeiramente.

— Naquele momento, disse? Mas a busca continua, capitão. Silenciosamente, Karrde amaldiçoou seu erro.

— Continua? — repetiu, franzindo a testa. — Mas seu emissário disse que Skywalker voava em um caça asa-X Incom. Se não o encontraram até agora, os sistemas já entraram em colapso, por falta de energia.

— Ah! — Thrawn exclamou. — Compreendo o mal-entendido, agora. Normalmente, sim. Mas Skywalker *é* um Jedi. E, entre os truques dos Jedis, está a habilidade de entrar numa espécie de coma. — Fez uma pausa e a imagem na tela piscou. — De qualquer maneira, ainda há tempo para que participe da caçada.

— Entendo — Karrde disse. — Interessante. Creio que já sabe muitas coisas que as pessoas comuns desconhecem a respeito dos Jedis.

— Discutiremos isso quando eu chegar a Myrkr — Thrawn disse. Karrde gelou, percebendo, aterrorizado, as implicações da frase. Aquela piscada na tela...

Um exame rápido no monitor auxiliar confirmou: dois transportes classe Lambda e uma escolta de caças TIE completa deixara o *Quimera* e aproximava-se da superfície.

— Temo não ter muito a oferecer a um visitante tão ilustre. — ele disse tenso. — Ainda mais no caso de uma visita tão inesperada.

— Não precisa oferecer nada — Thrawn disse. — Só vamos conversar de negócios. Uma conversa rápida, claro. Sei que é muito ocupado.

— Aprecio sua consideração — Karrde disse. — Se me der licença, almirante, preciso tomar as providências para recebê-lo.

— Aguardo o momento de nosso encontro — Thrawn disse, e seu rosto desapareceu do monitor, que passou a mostrar novamente a imagem distante do *Quimera*.

Por um momento Karrde ficou ali sentado. Possibilidades e desastres potenciais passavam por sua mente com rapidez estonteante.

— Chame Chin pelo intercomunicador — ordenou a Mara. — Avise-o da chegada dos visitantes imperiais e peça para que tome as providências devidas. Depois passe no hangar oito e camufle bem o *Millenium Falcon.* Faça isso pessoalmente, pois os recursos do *Quimera* possibilitam a captação de nossas conversas.

— E quanto a Solo e Calrissian? Karrde mordeu o lábio.

— Precisamos mantê-los afastados, claro. Melhor que fiquem na mata, junto com a nave, quem sabe. Cuidarei disso pessoalmente.

— Por que não os entrega a Thrawn?

Ao encará-la, ele se surpreendeu com os olhos faiscantes e a face rígida, crispada.

— Sem que haja recompensa? Confiando na generosidade do Grande Almirante, apenas?

— Mesmo assim, deveria entregá-los — Mara insistiu sem rodeios.

— Lembre-se de que são nossos hóspedes — Karrde disse. — Sentaram- se à nossa mesa, comeram conosco... Quer goste ou não, estão sob nossa proteção.

Mara apertou os lábios.

— E as normas de hospitalidade aplicam-se a Skywalker, também?

— Sabe que não — ele disse, irritado com a ironia. — Mas agora não é o momento nem o local adequado para entregá-lo ao Império, mesmo que esta seja a decisão correta. Entende isso?

— Não — ela rugiu. — Não entendo.

Karrde estudou-lhe a fisionomia, tentado a falar que obedecesse apenas, quer entendesse ou não.

— Você precisa levar em conta a correlação de forças. Aqui, no solo, com um destróier estelar imperial em órbita, nossa posição é muito frágil para negociar qualquer coisa. Não faria um acordo nestas circunstâncias, nem que Thrawn fosse o cliente mais honesto da galáxia. E não é o caso. Agora compreende?

Ela tomou fôlego e disparou:

— Não concordo. Mas aceito sua decisão.

— Grato. Talvez, após a partida dos imperiais, você possa perguntar ao general Calrissian sobre os perigos de se fechar acordos quando as tropas de assalto passeiam por seu território. — Karrde olhou para o monitor novamente. — Pronto. O *Falcon* já foi removido. Solo e Calrissian também. Skywalker e o dróide estão fora de alcance — o depósito quatro tem isolamento suficiente para barrar uma busca de praxe.

— E se Thrawn partir para uma busca detalhada?

— Então a situação pode se complicar. Mas duvido que Thrawn viesse pessoalmente se houvesse o risco de combate. O alto escalão não chegou lá arriscando desnecessariamente o pescoço. — Ele apontou para a porta. — Chega de conversa. Você tem um serviço a

fazer. Eu também. Vamos logo.

Ela concordou com um gesto e deu-lhe as costas, seguindo para a porta. Karrde lembrou-se do sabre-laser.

— Onde você guardou o sabre de Skywalker?

— No meu quarto — ela disse, virando-se. — Por quê?

— Acho melhor escondê-lo em outro lugar. Os instrumentos não localizam facilmente um sabre-laser, mas devemos evitar riscos desnecessários. Deixe-o na cavidade dos ressonadores do depósito número três. Assim evitaremos que os sensores o acusem.

— Certo. — Ela o fitou pensativa. — Como vai ficar a história das naves de combate?

— Você ouviu a conversa inteira.

— Eu só queria entender sua reação. Ele sorriu.

— Espero que não tenha sido óbvia demais.

— Não foi. — Ela aguardou, curiosa. Karrde hesitou.

— Falaremos disso outra hora. Temos muito a fazer agora. Mara o estudou por mais um segundo. Depois, sem uma palavra, retirou-se.

Respirando fundo, Karrde levantou-se. A primeira coisa a fazer era voltar ao refeitório, e comunicar aos hóspedes a súbita mudança de planos. E, depois disso, preparar o espírito para o confronto com o comandante mais perigoso do Império. Para discutir assuntos como Skywalker e naves de combate, ainda por cima.

Seria uma tarde muito interessante.

— Muito bem, Artoo — Luke disse ao terminar a última conexão. —

Vamos tentar. Cruze os dedos.

Uma série complicada de bips se fez ouvir na outra sala.

Provavelmente, Luke deduziu, o dróide dizia que não tinha dedos para cruzar.

Dedos. Por um momento, Luke olhou para a mão direita, flexionando os dedos e acompanhando os movimentos com uma sensação desagradável. Há cinco anos ele não pensava na mão artificial implantada em seu braço. Agora, subitamente, não havia como se esquecer dela.

Artoo bipou, impaciente.

— Certo — Luke concordou, desviando a atenção da mão para encostar o fio no ponto de contato aparentemente correto. Poderia ter sido pior, pensou. Se houvesse uma única bateria, em vez de um sistema excessivo, perderia completamente o uso da mão. — Vamos lá — disse e ligou o fio.

Sem explosões ou estalos, a porta deslizou suavemente e se abriu.

— Consegui — Luke sussurrou.

Com cuidado, para não interromper o contato, ele se debruçou e

olhou para fora. O sol começava a se pôr atrás das árvores, lançando longas sombras sobre o conjunto de prédios. Em sua posição, Luke só conseguia ver parte da área que se encontrava deserta. Erguendo-se, largou o cabo e pulou em direção à porta.

Rompido o contato com a fonte de energia, a porta se fechou e quase prendeu seu tornozelo esquerdo quando ele passou, caindo ao chão de mau jeito. Parou, esperando para ver se o ruído atraíra a atenção de alguém. Nada. Ainda apenas o silêncio. Depois de alguns segundos, ele se levantou e correu para a entrada do depósito.

Artoo tinha razão: não havia tranca na sala onde o prenderam. Luke a abriu e entrou, examinando o local.

O dróide o saudou entusiasmado, tentando livrar-se do aparelho que o impedia de mover-se, preso às pernas e rodas.

— Quieto, Artoo — Luke alertou o dróide, ajoelhando-se para examinar as algemas. — E não se mexa.

Ele temia que o aparelho estivesse trancado, ou preso ao sistema de movimentação de Artoo, exigindo ferramentas especiais para que se soltasse. Mas ele apenas impedia que o dróide tocasse o solo. Sendo bem simples, bastou que Luke soltasse um par de fechos de mola e assim libertasse Artoo.

— Vamos logo — ordenou, seguindo para a porta de saída. A julgar pelos arredores, o conjunto continuava deserto.

— A nave está lá — ele disse, apontando para o prédio principal. — Creio que o melhor é dar a volta pela esquerda, aproveitando ao máximo a cobertura das árvores. Consegue andar ali?

Artoo ergueu o sensor e emitiu um bip afirmativo porém cauteloso.

— Ótimo. Preste atenção para ver se aparece alguém.

O par seguiu por entre as árvores e, após percorrer um quarto do círculo previsto, Artoo emitiu um sinal de alerta.

— Quieto — Luke murmurou, escondendo-se atrás de uma árvore frondosa, nas sombras da mata. Seu traje negro era uma camuflagem perfeita na floresta escura, mas Artoo, branco e azul, talvez fosse avistado.

Felizmente, os três homens que saíram do prédio principal não olharam naquela direção, seguindo direto para a borda da mata.

Andavam depressa, decididos. E, pouco antes de desaparecerem entre as árvores, sacaram os desintegradores.

Artoo gemeu baixinho.

— Também não gostei — Luke disse. — Espero que não tenha nada a ver conosco. Tudo bem?

O dróide respondeu afirmativamente, e eles retomaram a caminhada. Luke dividiu a atenção entre os prédios e a selva circundante, lembrando-se dos comentários de Mara a respeito dos animais selvagens. Podia ser mentira, claro, apenas para desencorajar

uma tentativa de fuga. Assim como não notara, na janela do quarto anterior, nenhum sistema de alarme.

Artoo bipou de novo, e Luke virou o rosto para o acesso do prédio principal... Parou.

Mara acabava de sair de lá.

Por um tempo que lhe pareceu longo demais, ela permaneceu parada do lado de fora, olhando distraída para o céu. Luke a observou atento, preocupado com a excessiva visibilidade de Artoo. Se ela fosse ao depósito...

Abruptamente, ela baixou a vista e seu rosto assumiu uma expressão decidida. Andando depressa, seguiu para o segundo alojamento.

Luke suspirou aliviado por não ter sido visto. Mas ainda corria perigo. Se Mara virasse o rosto num ângulo de noventa graus, ele seria descoberto. Mas a postura indicava que a moça concentrava-se em seu íntimo.

Como se tivesse tomado uma decisão difícil...

Enquanto ela seguia para o alojamento, Luke também uma decisão.

— Vamos, Artoo. Tem gente demais por aqui. Vamos penetrar mais na floresta, e chegar às naves por trás.

Por sorte a distância entre o hangar e as naves estacionadas ao lado não era grande. Em poucos minutos chegaram lá, só para descobrir que seu asa- X desaparecera.

— Não faço a menor idéia de onde possa estar a nave — Luke murmurou tentando examinar os arredores sem se mostrar muito. — Seus sensores podem localizar a nave?

Artoo bipou negativamente e deu uma explicação incompreensível para Luke.

— Bem, não importa. Precisaríamos encontrar, em algum ponto deste planeta, uma nave com hiperdrive em perfeito estado. Vamos pular esta etapa e pegar alguma coisa aqui mesmo.

Examinando as naves, procurou alguma familiar, como um Z-95 ou um asa-Y. Mas só reconheceu uma corveta Corellian e uma espécie de cargueiro leve.

— Tem alguma sugestão? — perguntou a Artoo.

O dróide assentiu e seu pequeno disco sensor apontou para um par de naves longas, esguias, com aproximadamente o dobro do tamanho do asa-X. Caças, obviamente, embora diferentes de qualquer nave utilizada pela Aliança.

— Um desses? — Luke perguntou hesitante. Artoo fez que sim, impaciente.

— Certo. Temos pressa — Luke concordou.

Chegaram aos caças sem incidentes. Diferentes do asa-X, entrava-se na nave por um acesso lateral, talvez o motivo para a escolha de

Artoo, concluiu Luke ao enfiar o dróide lá dentro. A cabine do piloto não era muito maior do que a existente no asa-X, mas logo abaixo havia assentos para três artilheiros e navegadores. As poltronas não haviam sido projetadas para dróides astromech, claro, mas Luke, com habilidade, usou os cintos de segurança para prender Artoo no lugar firmemente entre duas poltronas.

— Pelo jeito deixaram os motores aquecidos — comentou, consultando os instrumentos do painel. — Tem um ponto de conexão bem aqui. Cheque os sistemas enquanto eu me acomodo. Com um pouco de sorte, poderemos sair daqui antes que alguém descubra o que aconteceu.

Ela enviou uma mensagem a Chin e seus silenciosos companheiros no *Falcon* pelo comunicador, enquanto atravessava o pátio do conjunto, rumo ao depósito três. Mara pensou, mais uma vez, que odiava todo o universo.

Ela encontrara Skywalker sozinha, ninguém poderia negar. Ela, e não Karrde, tinha direito a decidir seu destino.

Deveria tê-lo deixado no espaço, refletiu amargurada ao atravessar o pátio deserto. *Assim morreria lá, sozinho.* Cogitara a hipótese, ao descobri- lo. Mas precisava se assegurar de que ele morreria mesmo.

E, se o deixasse, não teria o prazer de matá-lo com as próprias mãos.

Mara baixou a vista para o sabre-laser, refletindo o sol poente, e sentiu seu peso. Poderia matá-lo agora. Passar no armazém para conferir se estava tudo em ordem, e alegar que ele tentara dominá-la. Sem a Força para protegê-lo, Luke seria um alvo fácil, mesmo para quem só usara um sabre- laser meia dúzia de vezes na vida. Seria fácil, prático e rápido.

E ela não devia nada a Karrde, por melhor que a organização a tivesse tratado. Não neste caso.

No entanto...

Dirigia-se ao depósito quatro, ainda indecisa, quando escutou o ruído abafado de um repulsorlift.

Olhou para o céu, protegendo a vista com a mão, tentando localizar a nave. Mas não viu nada... e o chiado aumentou, levando-a a concluir que se tratava de uma nave da organização. Ela deu meia-volta, e no hangar de manutenção...

Um dos caças *Skipray* se ergueu acima da copa das árvores.

Por um instante ela fitou a nave, imaginando o que Karrde estava fazendo. Mandando uma escolta ou guia para os imperiais talvez?

E, de repente, compreendeu tudo.

Correu para o depósito quatro, sacando o desintegrador. A fechadura recusou-se a funcionar, inexplicavelmente. Com um disparo, arrebentou a tranca.

Skywalker sumira.

Ela soltou um palavrão e correu para o pátio. O *Skipray* voou para o leste, desaparecendo atrás das copas das árvores. Recolocando o desintegrador no coldre, apanhou o comunicador no cinto...

E praguejou de novo. Os imperiais chegariam a qualquer momento, e a menção à presença de Skywalker causaria problemas sérios a todos.

Só lhe restava uma opção.

Foi correndo até o segundo *Skipray* e decolou em dois minutos.

Skywalker não escaparia. Jamais!

Forçando os motores ao máximo, lançou-se em uma alucinada perseguição.

23

As duas indicações surgiram simultaneamente monitor: o outro caça de Karrde a persegui-lo e o destróier estelar imperial em órbita.

— Creio que estamos encrencados — Luke disse a Artoo.

A resposta do dróide foi encoberta pelo ronco do motor, quando Luke acelerou. O caça não se assemelhava, nem remotamente, a qualquer aeronave que já pilotara. Lembrava um pouco os carros de neve usados pela Aliança em Hoth. A resposta lenta indicava blindagem reforçada e motores pesados. Com o tempo, ele o dominaria.

Mas o tempo se esgotava depressa.

Ele arriscou uma espiada no monitor da popa. O outro caça aproximava- se rápido, mais um ou dois minutos e o alcançaria. Obviamente o piloto conhecia melhor a nave do que ele. Ou se dispunha a arriscar tudo para recapturar Luke.

Nos dois casos, devia ser Mara Jade.

O caça baixou demais, raspando a fuselagem nos topos das árvores, arrancando um guincho de protesto de Artoo.

— Desculpe — Luke disse, sentindo um fio de suor escorrer pela testa ao corrigir a altitude da nave. Aliás, quanto a arriscar tudo... No entanto, ficar próximo à copa das árvores era sua única chance. A floresta, por algum motivo desconhecido, perturbava os sensores de busca e navegação. Isso forçava seu perseguidor a manter baixa altitude também, para não perder o contato visual com ele e se manter parcialmente fora do alcance dos sensores do destróier estelar.

O destróier. Luke checou a imagem no monitor geral, sentindo um aperto no estômago. Pelo menos agora sabia do que se tratava a companhia mencionada por Mara. Aparentemente, ele escapara por um triz.

Por outro lado, talvez transferi-lo para o depósito indicasse que Karrde ainda não se decidira a vendê-lo para os imperiais. Um dia perguntaria isso a Karrde, se tivesse a oportunidade. De preferência, pelo rádio, bem longe.

Atrás dele, Artoo deu o alarme. Luke pulou do assento, os olhos percorrendo os monitores atrás da origem do susto.

E pulou de novo. A menos de uma nave de distância, acima do estabilizador traseiro, o outro caça se aproximava.

— Segure-se! — Luke gritou a Artoo, cerrando os dentes. Sua única chance agora era fazer uma curva descendente rápida, conhecida como Koiogran, anulando a inércia e saltando em outra direção. Girando a alavanca de direção com uma das mão, ele acelerou com a outra...

E abruptamente a carlinga se perdeu em meio a uma explosão de ramos e folhas, e ele foi jogado para trás enquanto o caça

desgovernado caía.

Antes que tudo ficasse escuro, ele só escutou o grito eletrônico estridente de Artoo.

Os três transportes pousaram em perfeita sincronia, ao mesmo tempo que a escolta de caças TIE descia mantendo a formação.

— Pelo menos o Império não perdeu seus melhores manobristas e ainda sabe estacionar uma nave — Aves murmurou.

— Silêncio — Karrde disse, observando as rampas de desembarque que tocavam o solo. A nave central certamente traria Thrawn.

Marchando com os rifles desintegradores cruzados na frente do peito, pomposos, os soldados da tropa de assalto ocuparam as laterais das três rampas. Atrás deles, emergindo não do centro, mas do canto direito das rampas, vinham os oficiais do médio escalão. Depois saiu um elemento baixo, de raça desconhecida, pele acinzentada e queixo saltado, com ar de guarda-costas. Em seguida, o Grande Almirante Thrawn.

Ele gosta de uma certa pompa, Karrde pensou, registrando esta característica para uma futura eventualidade.

Tendo a seu lado o pequeno comitê de recepção, Karrde aproximou-se dos imperiais, tentando ignorar os olhares dos soldados.

— Grande Almirante Thrawn — saudou. — Bem-vindo a nosso cantinho em Myrkr. Sou Talon Karrde.

— Prazer em conhecê-lo, capitão — Thrawn disse, inclinando a cabeça.

Os olhos brilhantes, Karrde concluiu, eram ainda mais impressionantes ao vivo do que no monitor. E bem mais ameaçadores.

— Peço desculpas pela recepção informal — Karrde prosseguiu, indicando seu grupo com um gesto. — Não costumamos receber pessoas tão importantes como o senhor, aqui.

Thrawn ergueu a sobrancelha azulada.

— Verdade? Pensei que um homem em sua posição estivesse acostumado a tratar com a elite. Em particular com funcionários do alto escalão planetário, cuja colaboração, digamos, é fundamental para suas atividades.

Karrde sorriu indulgente.

— Fazemos contatos de alto nível, esporadicamente. Mas não aqui. — Olhou significativamente para a tropa de assalto. — Este local serve de base para nossas operações internas.

— Claro — Thrawn disse. — Acompanhamos um episódio interessante há alguns minutos, no setor oeste. Fale mais a respeito.

Com esforço, Karrde manteve o sorriso nos lábios. Ele esperava que o efeito das matas de Myrkr tivesse ocultado dos sensores de Thrawn a perseguição do *Skipray*.

— Apenas um pequeno problema operacional interno — garantiu

ao Grande Almirante. — Um ex-funcionário insatisfeito invadiu nosso depósito de mercadorias, furtou alguns equipamentos e fugiu em uma das naves. Nosso pessoal, em outra nave, está se encarregando dele.

— Estava, capitão — Thrawn corrigiu cordial. Seus olhos vermelhos queimavam a face de Karrde. — Ou não sabia que os dois caíram?

Karrde o encarou atordoado.

— Não sabia — confessou. — Nossos sensores não funcionam, devido ao alto conteúdo metálico das árvores.

— Quando se observa de cima é mais fácil — Thrawn disse. — Ao que parece, o primeiro bateu nas árvores, e o perseguidor foi arrastado no vácuo.

— Ele olhou para Karrde, pensativo. — Imagino que o encarregado da perseguição era alguém muito especial.

Karrde retesou os músculos da face.

— Todos os meus colaboradores são especiais — ele disse, sacando o comunicador. — Peço sua licença por um momento. Preciso organizar um grupo de busca.

Thrawn deu um passo à frente, cobrindo o comunicador com dois de seus dedos azulados.

— Com sua licença — ele disse. — Comandante da tropa? O oficial deu um passo à frente.

— Senhor?

— Dê uma busca no local da queda — Thrawn ordenou, mantendo os olhos fixos em Karrde. — Examine os destroços, e traga os eventuais sobreviventes para cá. Assim como qualquer item que não pertença a um caça *Skipray*.

— Sim, senhor. — O outro bateu continência, e uma das colunas de soldados deu meia-volta, subindo pela rampa da nave de transporte à esquerda.

— Agradeço sua ajuda, almirante — Karrde disse, sentindo a boca seca.

— Mas não era preciso, garanto.

— Pelo contrário, capitão — Thrawn disse calmamente. — Sua assistência na captura dos ysalamiris nos deixou em débito. Estava ansioso para retribuir o favor.

— Se assim o deseja — Karrde murmurou.

A rampa subiu e o zumbido dos repulsorlifts marcou a decolagem. As cartas foram dadas, não poderia fazer mais nada para alterar o desfecho do jogo. Só torcia para que Mara, de algum modo, controlasse a situação.

Fosse qualquer outra pessoa, não teria esperanças. Mas, em se tratando de Mara, ainda tinha uma pequena chance.

— E agora, vamos visitar suas instalações? — Thrawn sugeriu.

— Sim. Por aqui, cavalheiros — Karrde concordou.

— Parece que a tropa de assalto está se afastando — Han disse em voz baixa, pressionando os binóculos contra a testa. — Uma parte, pelo menos. Entrando no transporte.

— Quero ver — Lando murmurou do outro lado da árvore. Movendo-se lenta e cuidadosamente, Han passou os binóculos.

Não conhecia o tipo de equipamento existente a bordo dos transportes e dos caças TIE, e não confiava na propalada capacidade das árvores para embaralhar os sensores.

— Apenas um dos transportes está decolando — Lando disse. Han deu meia-volta. Com o movimento, a grama, áspera como lixa onde se ocultavam, espetou-o através da camisa.

— Recebem visitantes do Império com freqüência, aqui? — perguntou.

— Não — Ghent respondeu balançando nervosamente a cabeça, os dentes batendo de tanta tensão. — Estiveram na floresta uma vez, para capturar ysalamiris, mas nunca visitaram a base antes. Pelo menos, não que eu saiba.

— Ysalamiris? — Lando franziu a testa. — O que é isso?

— Pequenas cobras com pernas — Ghent explicou. — Não sei para que servem. Bem, por que não voltam para a nave agora? Karrde me pediu que os mantivesse lá dentro, em segurança.

Han o ignorou.

— O que acha? — perguntou a Lando. O outro deu de ombros.

— Deve ter algo a ver com o *Skipray* que caiu quando Karrde nos trouxe até aqui.

— Havia um prisioneiro — Ghent contou. — Karrde e Jade o mantiveram escondido. Talvez tenha escapado. Agora, por favor, querem voltar...

— Um prisioneiro? — Lando repetiu, encarando o rapaz. — Desde quando Karrde está metido em transações do gênero?

— Deve ter se envolvido com seqüestradores — Han sugeriu, antes que Ghent pudesse responder.

— Não temos negócios com seqüestradores — Ghent protestou.

— Bem, estão tratando com um agora — Han disse, apontando para o grupo de imperiais. — Está vendo o alienígena cinzento ali? E um dos que tentaram seqüestrar Leia e eu.

— O quê? — Lando disse, erguendo o binóculo outra vez. — Tem certeza?

— Pertence à mesma espécie, pelo menos. Não perguntamos os nomes deles. — Han olhou para Ghent. — Quem era o prisioneiro?

— Não sei — Ghent confessou. — Eles o trouxeram a bordo do *Wild Karrde* há uns dois r .as, e o instalaram no alojamento. Creio que

o transferiram para o depósito quando souberam que os imperiais desciam para uma visita.

— Como era ele?

— Eu não sei! -- Ghent exclamou, e o que restava de sua compostura desabou. Esconder-se na floresta e vigiar os movimentos das tropas de assalto não era a atividade costumeira de um especialista em decodificação.

— Nenhum de nós podia se aproximar dele ou fazer perguntas a respeito.

Lando trocou olhares desconfiados com Han.

— Pode ser alguém que tentaram proteger dos imperiais. Um desertor, talvez, pronto para apoiar a Nova República.

Han sentiu que os lábios ressecarem.

— No momento me preocupa a remoção do sujeito do alojamento. Isso quer dizer que as tropas de assalto pretendem ficar aqui por algum tempo.

— Karrde não falou nada sobre isso — Ghent interferiu.

— Talvez Karrde ainda não saiba — Lando disse secamente. — Conheço o estilo deles. Já fui envolvido numa situação parecida. — Entregou os binóculos para Han. — Conhece o sujeito de olhos vermelhos?

— perguntou a Ghent.

— Creio que ele é um Grande Almirante, ou algo assim — o outro disse.

— Assumiu o comando das operações do Império, há algum tempo. Não sei seu nome.

Han olhou para Lando, que se mostrou tão surpreso quanto ele.

— Um Grande Almirante? — Lando repetiu cautelosamente.

— Isso mesmo. Olhem, eles estão indo embora. Não temos mais nada a fazer aqui. Querem por favor...?

— Vamos voltar ao *Falcon* — Han murmurou, guardando os binóculos na bolsa do cinto antes de recuar agachado. Um Grande Almirante. Não se admirava mais que a Nova República tivesse sofrido tantas derrotas nas últimas batalhas.

— Seria possível levantar dados sobre os Grandes Almirantes nos arquivos do *Falcon?* — Lando perguntou, seguindo o amigo.

— Não — Han respondeu. — Mas existem arquivos detalhados em Coruscant.

— Ótimo — Lando disse, e suas palavras quase se perderam na grama cortante que varavam com dificuldade. — Vamos torcer para viver o bastante e contar a história.

— Viveremos — Han garantiu. — E vamos ficar por aqui até descobrir qual é o jogo de Karrde, e depois cair fora. Mesmo que seja preciso fugir com a rede de camuflagem ainda presa à fuselagem.

Ao acordar, a sensação mais estranha, Luke concluiu, era a de não sentir dor alguma.

E devia ter se machucado. Pelo que lembrava dos últimos segundos — e pela visão das árvores que se chocavam com a carlinga — teria sido uma sorte escapar vivo. Saíra ileso. Sem dúvida, as bolsas infláveis e cintos de segurança contaram com o apoio de um sistema mais sofisticado. Um desacelerador automático de emergência, talvez.

Uma espécie de grunhido eletrônico atraiu sua atenção.

— Está bem, Artoo? — perguntou, erguendo-se da poltrona para se esgueirar pelo assoalho inclinado. — Agüente firme, já estou indo.

A capa do sistema de retenção de informações do dróide fora arrancada no choque, mas fora isso e pequenas escoriações, ele parecia bem.

— Melhor ir embora daqui logo — Luke disse, livrando-o dos cintos de segurança. — O pessoal da outra nave pode voltar com reforços.

Com dificuldade, levou Artoo para a popa. A porta de saída se abriu sem maiores problemas. Pulando para o solo, olhou em volta.

O segundo caça não voltaria com reforços. Estava bem ali, em pior estado do que o de Luke.

Da porta de saída, Artoo assobiou, surpreso. Luke olhou para ele e para a nave destruída. Levando-se em conta os sistemas de proteção do aparelho, Mara deveria ter escapado ilesa também. Outra nave viria procurá-la, inevitavelmente. E a moça agüentaria, até lá.

Ou talvez não.

— Espere aqui, Artoo. Vou dar uma espiada.

Embora a parte externa do caça estivesse em péssimo estado, o interior parecia ter sido mais poupado. Arrastando-se por entre os destroços do espaço para artilheiro e navegador, ele entrou na carlinga.

Apenas o alto da cabeça do piloto se destacava na poltrona, mas o cabelo ruivo vistoso confirmou seu palpite. Era mesmo Mara Jade a persegui-lo.

Durante um minuto ele permaneceu ali, dividido entre a pressa e a necessidade de obedecer a seus sentimentos de solidariedade para com outro ser. Ele e Artoo precisavam fugir dali, isso era óbvio. Mas se desse as costas para Mara, agora, sem verificar seu estado de saúde...

Sua mente voltou a Coruscant, para a noite em que Ben Kenobi se despediu definitivamente. *Em outras palavras, um Jedi não pode se envolver nos assuntos de importância galáctica, a ponto de permitir que interfiram com suas preocupações com as pessoas, individualmente consideradas.* E, ademais, não se demoraria mais do que um minuto. Entrando no local, ele se aproximou da poltrona do piloto.

E deu com um par de olhos verdes abertos, perfeitamente alertas.

Olhos verdes que o encaravam, acima do cano do desintegrador.

— Calculei que você viria — ela disse com satisfação. — Para trás. Agora.

Ele obedeceu.

— Está ferida? — Luke perguntou.

— Não é da sua conta — ela retrucou. Saltando para fora da poltrona, ela puxou uma maleta escondida sob o assento e levantou-se. Um reflexo chamou a atenção de Luke: Mara levava seu sabre-laser à cinta. — Há uma caixa no compartimento ao lado da porta de saída — ela disse. — Pegue-a.

Ele abriu o compartimento e apanhou a caixa metálica com rótulo em idioma desconhecido e função familiar. Só podia ser equipamento de sobrevivência.

— Espero que não seja preciso caminhar até a sede — ele comentou, puxando a caixa pela abertura.

— Eu, pelo menos, não — ela retrucou. Pareceu hesitar um pouco antes de sair da nave atrás de Luke. — Se você vai ou não voltar, já é outra questão.

Ele a fitou.

— Vai terminar o que começou? — perguntou, apontando para a nave.

— Escute aqui, rapaz, foi você que causou a queda, e não eu. Meu único erro foi ficar perto demais de sua cauda, quando bateu nas árvores. Ponha a caixa no chão e mantenha o dróide afastado.

Luke fez o que ela pedia. Quando ele e Artoo estavam um tanto distantes, ela abriu o kit de sobrevivência. Com uma das mãos procurou algo lá dentro.

— Fique parado — ela avisou. — E mantenha as mãos aonde eu possa vê-las.

Fez uma pausa, virando ligeiramente a cabeça para tentar identificar um som. Logo Luke ouviu, ao longe, o ruído de uma nave que se aproximava.

— Parece que nossa carona já está a caminho — Mara disse. — Quero que você e o dróide... — interrompeu a frase no meio, os olhos saíram de foco estranhamente, a garganta traindo o esforço de concentração.

Luke franziu a testa, olhos e ouvidos atentos para identificar o problema.

Abruptamente, ela fechou a caixa e levantou-se.

— Mexa-se! — ordenou, gesticulando para que se afastassem das naves. Com o desintegrador em uma das mãos e a caixa menor debaixo do braço, Mara insistiu: — Rápido. Para o meio das árvores. Os dois. Já!

Ele notou urgência e autoridade em sua voz, que não deixava

campo para discussões. Em segundos Luke e Artoo já se encontravam sob a proteção das árvores mais próximas.

— Mais longe — ela ordenou. — Vamos logo, mexam-se. Luke pensou na possibilidade de um ardil macabro — Mara queria matá-lo pelas costas e dizer depois que atirara por que ele tentava escapar. Mas estava bem atrás dele, tão perto que podia ouvir o som de sua respiração, e ocasionalmente sentir a pressão do desintegrador nas costelas. Avançaram cerca de dez metros na mata, e Luke abaixou-se para ajudar Artoo a passar por cima de uma raiz.

— Chega — Mara sussurrou em seu ouvido. — Esconda o dróide e depois deite-se no chão.

Luke colocou Artoo atrás de uma árvore e, ao deitar-se ao lado de Mara, entendeu tudo.

Pairando sobre as naves acidentadas, como um abutre sobrevoando a presa, viu um transporte imperial.

Um movimento brusco chamou sua atenção, e ele virou-se para Mara, olhando diretamente para o desintegrador.

— Não se mexa, nem fale uma só palavra.

Ele balançou a cabeça, em sinal de concordância, e concentrou a atenção no transporte. Mara o abraçou, pressionou o detonador contra seu rosto e fixou a vista no transporte.

A nave pousou com cautela na clareira aberta pelos caças na queda. Antes mesmo de tocar o solo, a rampa baixou e começou a despejar a tropa de assalto.

Luke viu que se dividiam para dar uma busca nas duas naves, e o absurdo da situação dava um tom irreal à cena. Ali, a menos de vinte metros, encontrava-se a oportunidade perfeita para que Mara o entregasse aos imperiais. Apesar disso, os dois permaneciam deitados, escondidos atrás de uma raiz, tentando respirar sem fazer ruído. O que a teria feito mudar de idéia?

Ou simplesmente não queria ninguém por perto para testemunhar a execução?

Neste caso, Luke concluiu, o melhor seria render-se à tropa de assalto.

Uma vez fora do planeta, com a Força a seu lado novamente, teria pelo menos a chance de lutar. Se pudesse distrair Mara o suficiente para tomar seu desintegrador...

Deitada a seu lado, encostada abraçada ao corpo de Luke, ela deve ter sentido o súbito retesar dos músculos.

— Não tente nenhuma besteira — ela sussurrou em seu ouvido, apertando o desintegrador contra o rosto do prisioneiro. — Posso dizer que você me capturou aqui, mas consegui tomar o desintegrador de suas mãos.

Luke engoliu em seco e esperou.

Não demorou muito tempo. Os dois destacamentos da tropa de assalto desapareceram entre os destroços dos caças, enquanto o restante percorria a clareira recém-aberta, examinando a floresta com sensores portáteis. Depois de alguns minutos, os encarregados dos caças saíram e realizaram uma rápida reunião na base da rampa. Um comando inaudível trouxe o restante da tropa para discutir o caso, e todos acabaram por subir na nave. A rampa foi erguida e a nave transporte desapareceu novamente no céu, deixando apenas o ruído dos repulsorlifts. Depois de um minuto, nem isso se escutava.

Luke apoiou a mão no solo e começou a se levantar.

— Bem...

Ele caiu com o golpe do desintegrador.

— Quieto — Mara murmurou. — Deixaram um sensor, para o caso de alguém voltar.

Luke franziu a testa.

— Como sabe?

— Porque este é o procedimento padrão das tropas de assalto em casos como este. Agora fique quieto. Vamos nos afastar com cuidado. E mantenha o dróide calado, também.

Eles recuaram, perdendo os caças de vista, e, depois de percorrer mais uns cinqüenta metros, ela ordenou que parassem.

— O que foi? — Luke perguntou.

— Sente-se — ela ordenou. Luke acomodou-se no chão.

— Obrigado por não me entregar para a tropa de assalto.

— Esqueça — ela disse lacônica, sentando-se com o desintegrador ao lado do corpo. — Não se preocupe, não agi por altruísmo. Os transportes nos viram, quando se aproximaram do planeta, e enviaram o grupo para investigar. Karrde precisará inventar uma história qualquer para explicar os fatos, e eu não posso simplesmente ir até lá e falar com eles, sem saber qual é esta história. — Ela abriu a pequena caixa.

— Poderia entrar em contato com ele — Luke sugeriu.

— Poderia também chamar os imperiais diretamente, e poupar tempo.

Acha que eles deixariam de registrar todas as mensagens transmitidas aqui? Agora cale a boca; tenho mais o quê fazer.

Ela se dedicou à caixa durante alguns minutos, em silêncio, digitando no pequeno teclado e franzindo o cenho. Luke esperou até que, de repente, ela sorriu satisfeita.

— Três dias — ela disse, fechando a caixa.

— Três dias para quê? — Luke perguntou.

— Para atravessar a floresta — ela informou, encarando-o sem piscar os olhos verdes. — Para a civilização. Bem, até Hyllyard, pelo menos, a cidade mais próxima nesta parte do planeta.

— E quantas pessoas chegarão lá? — Luke perguntou calmamente.

— Esta é a grande dúvida, certo? — foi a reação fria. — Pode me dar um motivo para levá-lo comigo?

— Claro. — Luke virou-se e apontou o dróide. — Artoo.

— Não diga absurdos. Aconteça o que acontecer, o dróide fica aqui, ou o que restar dele.

— Como assim? — Luke perguntou, espantado.

— Você por acaso é retardado? O dróide sabe demais. Não podemos deixá-lo para a tropa de assalto.

— Sabe demais?

— Claro. Sobre você, Karrde, eu... Toda esta confusão estúpida. Artoo gemeu baixinho.

— Ele não dirá nada — Luke insistiu.

— Não mesmo, depois que for desintegrado.

Com esforço, Luke acalmou-se. A lógica, e não a emoção, poderia fazer com que mudasse de idéia.

— Precisamos dele. Você mesma disse que a floresta era perigosa. Os sensores de Artoo podem identificar predadores antes que eles cheguem perto o bastante para atacar.

— Talvez não. A vegetação aqui limita demais os sensores.

— Mesmo assim, ele vê melhor do que você ou eu. Além disso, pode montar guarda enquanto nós dois dormimos.

— Nós dois?

— Nós dois — Luke repetiu. — Ele só concordará em protegê-la se eu for junto.

Mara balançou a cabeça.

— Não adianta. Posso me virar sem ele. E você é um inútil. Luke sentiu um nó na garganta.

— Tem certeza de que suas emoções não estão prejudicando sua capacidade de julgamento?

Ele não imaginava que os olhos poderiam se tornar mais duros do que já eram.

— Entenda bem uma coisa, Skywalker: faz muito tempo que desejo matá-lo. Sonhei com sua morte quase todas as noites, no primeiro ano. Eu a planejei em detalhes. Pensei em milhares de situações, tentando encontrar o modo mais terrível de liquidá-lo. Pode achar que isso prejudica meu julgamento, se quiser. Já me acostumei com este sentimento. E o meu melhor companheiro.

Luke observou os olhos da moça, sentindo um abalo profundo na alma.

— Mas que mal eu fiz para você?

— Destruiu minha vida — ela disse amargurada. — Nada mais justo que eu destrua a sua também.

— Minha morte trará de volta sua vida anterior?

— Sabe que não — ela disse com a voz trêmula. — Mas preciso fazer isso. Por mim, por...

— E quanto a Karrde?

— O que tem ele?

— Pensei que quisesse me manter vivo. Ela riu irônica.

— Todos nós temos desejos impossíveis de realizar. Contudo, por um segundo, os olhos verdes traíram suas dúvidas. E mostraram algo além do ódio...

Fosse o que fosse, não era o bastante.

— Sinto-me tentada a me explicar melhor — ela disse glacialmente calma ao erguer o desintegrador. — Porém não tenho mais tempo a perder.

Luke olhou para o cano do desintegrador, a mente procurando freneticamente a inspiração necessária para salvá-lo.

— Espere um pouco — disse subitamente. — Você falou que precisava descobrir a história contada por Karrde aos imperiais. E se eu abrisse um canal de comunicação seguro, para falar com ele?

Ela manteve a arma apontada.

— Como? — perguntou desconfiada. Luke apontou para o kit de sobrevivência.

— Seu comunicador tem alcance suficiente para contatar a sede? Sem precisar de satélite?

Mara ainda se mostrava desconfiada.

— Ele vem com uma sonda tipo balão, capaz de levar a antena acima das interferências da selva. Como é omnidirecional, os imperiais, e qualquer um do hemisfério, poderão escutar a transmissão.

— Isso não atrapalha. Posso codificar a mensagem, de modo a impedir que seja decifrada. Ou melhor, Artoo pode.

Mara sorriu incrédula.

— Genial. A não ser por um pequeno detalhe: se a codificação for mesmo tão boa, como Karrde decifrará as mensagens?

— Ele pode deixar isso por conta do computador do asa-X — Luke explicou.

O sorriso de Mara desapareceu.

— Você está blefando. Não se pode estabelecer comunicação cifrada entre um dróide astromech e um computador de bordo.

— Por que não? Artoo é o único dróide que opera o computador, há cinco anos ou mais, com cerca de três mil horas de vôo já realizadas. O computador se moldou à sua personalidade. Posso garantir isso, o pessoal da manutenção precisa dele para o diagnóstico da máquina, na hora da revisão.

— Pensei que o procedimento padrão fosse limpar e reprogramar a memória, a cada seis meses, para evitar estes problemas.

— Gosto de Artoo como ele é. Ele e o asa-X funcionam melhor assim.

— Melhor?

Luke tentou recordar os fatos.

— Não me lembro dos números exatos. Chega, porém, a trinta por cento o aumento de velocidade, em comparação a uma interface normal astromech/asa-X. Talvez trinta e cinco.

Mara olhou para Artoo, surpresa.

— Concordo que é um aumento razoável. Mas os imperiais podem decifrar a mensagem, apesar disso.

— Levará muito tempo. E exigirá equipamento especial. Como você já calculou que em três dias estaremos fora da mata...

Por um instante ela o encarou, os dentes cerrados, o rosto traindo o conflito de emoções. Amargura, ódio, desejo de sobreviver... e algo mais. Um sentimento que Luke quase identificava como lealdade.

— Sua nave está escondida na floresta — ela disse. — Como fazer para que a mensagem chegue a Karrde?

— Alguém deve checar a nave, de vez em quando. Só precisamos deixar o recado na memória e acionar um sinal no painel, para alertá-lo. Seu pessoal sabe entrar no sistema, não sabe?

— Qualquer idiota sabe entrar num sistema. Engraçado, mas sua idéia, por coincidência, exige que eu mantenha vocês dois vivos por mais algum tempo.

Luke ficou em silêncio, enfrentando o olhar penetrante sem piscar. Então, abruptamente, o conflito interno de Mara se encerrou.

— E quanto ao dróide? Ele se atrasará muito neste tipo de terreno.

— Artoo já andou no meio da mata densa antes. No entanto... — Luke olhou em volta, encontrando uma árvore com dois galhos do tamanho adequado — posso fazer uma espécie de liteira, para levá-lo. — Ele se levantou. — Se me emprestar o sabre-laser, cortarei os galhos necessários.

— Fique sentado — ela ordenou, erguendo-se. — Eu farei isso. Bem, valeu a tentativa.

— Aqueles dois ali. — Apontou para a árvore. — Cuidado, os sabres são perigosos.

— Sua preocupação com meu bem estar *é* comovente — Mara retrucou sarcástica. Sacando o sabre-laser, aproximou-se da árvore indicada, mantendo sempre um olho fixo em Luke. Ergueu a arma, ligou o facho laser...

E com poucos golpes, precisos e ágeis, cortou e desbastou os ramos da árvore.

Ela desligou o facho e prendeu a arma na cintura, num gesto rápido.

— Pronto — disse apenas.

— Certo — Luke respondeu atônito, pensando nas implicações do que acabara de ver. — Você sabe usar um sabre-laser.

Ela o encarou com frieza.

— Exato. Agora você sabe. Lembre-se disso quando pensar em tomar meu desintegrador. — Ergueu os olhos para o céu que escurecia. — Vamos logo. Precisamos preparar a liteira. E encontrar uma clareira para soltar a sonda balão. Quero terminar esta parte antes do anoitecer.

— Devo desculpas por tratá-lo desta maneira — Karrde disse ao conduzir Han para o prédio principal. — Ainda mais no meio de sua refeição. Costumamos cuidar melhor de nossos hóspedes.

— Sem problemas — Han disse, tentando estudar a fisionomia de Karrde, apesar do crepúsculo. A iluminação do prédio se refletia no rosto dele. — O que aconteceu, afinal?

— Nada sério — Karrde respondeu descontraído. — Pessoas com quem mantenho um relacionamento comercial pousaram para uma visita.

— Entendi. Quer dizer que agora você trabalha diretamente para o Império.

A expressão de Karrde revelou uma ponta de tensão. Han esperava que ele negasse automaticamente; em vez disso, ele parou e encarou Lando e Ghent, que caminhavam atrás dele.

— Ghent? — disse apenas.

— Lamento, senhor — o rapaz falou constrangido. — Eles insistiram em sair para ver o que estava acontecendo.

— Compreendo. — Karrde olhou para Han calmamente. — Nenhum mal resultou disso, calculo. Correram um risco desnecessário, contudo.

— Já me acostumei a correr riscos — Han disse. — Ainda não respondeu minha pergunta.

Karrde retomou seu passo.

— Não me interessa trabalhar para a República, e muito menos para o Império. Eles estiveram aqui há algumas semanas para capturar ysalamiris, criaturas sésseis, como aquelas que se encontram penduradas na árvore do salão principal. Ofereci minha assistência para removê-los intactos dos galhos.

— E o que recebeu em troca?

— O privilégio de acompanhar o trabalho deles. E assim obter as informações necessárias e descobrir por que queriam os animais.

— E descobriu? Karrde olhou para Han.

— Informação custa dinheiro, Solo. Na verdade, para ser honesto, ainda não sabemos direito. Estamos trabalhando nisso.

— Sei. Mas você conhece pessoalmente o comandante deles. Karrde sorriu outra vez.

— Outra informação preciosa.

Han começava a se irritar com o jogo.

— Como quiser. Quanto custa saber o nome do Grande Almirante?

— No momento, o nome não está à venda. Talvez possamos retomar o assunto mais tarde.

— Obrigado, mas duvido que haja outra chance — Han resmungou, parando. — Se não se importa, preferimos nos despedir

aqui e voltar para a nave.

Karrde o encarou, um tanto surpreso.

— Não vai terminar seu jantar? Mal havia começado a comer. Han o encarou furioso.

— Não gosto de ficar sentado e bancar o alvo, enquanto as tropas de assalto perambulam por aí.

O rosto de Karrde se retesou.

— No momento, ficar sentado é melhor do que bancar o alvo no espaço — disse friamente. — O destróier estelar ainda está em órbita. Decolar agora significa convidá-lo a derrubar sua nave.

— O *Falcon* já deixou mais de um destróier estelar para trás antes — Han retrucou. Mas Karrde tinha razão. E o fato de que não os entregara aos imperiais indicava que podia confiar nele, pelo menos por enquanto.

Por outro lado, se eles ficassem...

— Suponho que não haja mal algum em permanecer aqui por mais algum tempo — ele cedeu. — Muito bem, então vamos jantar.

— Ótimo — Karrde falou. — Preciso apenas de alguns minutos para reorganizar tudo.

— E o que precisa reorganizar?

— Eliminei todas as indicações de que tínhamos hóspedes — Karrde disse. — O Grande Almirante é muito perspicaz, e não duvido que ele saiba exatamente quantos de meus colaboradores encontram-se aqui no momento.

— Bem, enquanto você prepara a mesa, quero voltar à nave para ver umas coisinhas.

Karrde semicerrou os olhos, desconfiado.

— E vai voltar?

— Confie em mim — Han sorriu inocente.

Karrde o encarou por mais um segundo, depois deu de ombros.

— Como quiser. Cuidem-se, porém. Os predadores locais normalmente não se aproximam tanto do conjunto, mas há exceções.

— Tomaremos cuidado — Han prometeu. — Vamos, Lando. E seguiram para a nave.

— O que precisamos fazer no *Falcon?* — Lando perguntou baixinho, quando se aproximaram das árvores.

— Nada. Pensei em checar o depósito de Karrde, onde mantinha um prisioneiro.

Avançaram cerca de cinco metros na mata e mudaram de direção, para contornar o conjunto. Depois de percorrer um quarto do círculo, encontraram o grupo de prédios que buscavam.

— Procure uma porta que tenha tranca — Lando sugeriu ao se aproximarem da área dos depósitos. — Permanente ou temporária.

— Certo. — Han perscrutou a escuridão. — Aquele ali, com duas

portas.

— Pode ser — Lando concordou. — Vamos dar uma olhada. A porta da esquerda tinha mesmo uma tranca.

— A fechadura foi destruída — Lando disse, tocando-a. — Estranho.

— Talvez o prisioneiro tivesse amigos — Han sugeriu, olhando em volta. Ninguém à vista. — Vamos entrar.

Eles abriram a porta e entraram, fechando-a atrás de si antes de acender a luz. O local estava quase cheio de mercadorias, com caixas empilhadas contra a parede. Com exceção...

Han avançou para ver melhor.

— Ora, ora — murmurou, encontrando o quadro de força e os fios saindo do buraco. — Alguém andou aprontando por aqui.

— E aqui também — Lando comentou. — Venha ver uma coisa.

Lando se agachara perto da porta, examinando o mecanismo da fechadura eletrônica. Como do outro lado, parte da chapa que o cobria havia sido danificada.

— Um disparo preciso — Han comentou, franzindo a testa.

— Mais de um — Lando disse, balançando a cabeça. — O equipamento interno está praticamente intacto. — Ele afastou a chapa retorcida, tateando os circuitos internos. — Ao que parece, o prisioneiro misterioso andou mexendo no equipamento.

— Estou tentando imaginar como conseguiu abrir a porta. — Han olhou para o quadro de força aberto. — Vou dar uma olhada na outra sala. — Recuou até a entrada e acionou o mecanismo.

A porta não se abriu.

— Ora, ora — murmurou, tentando novamente.

— Espere um pouco, já percebi qual é o problema — Lando disse, mexendo dentro do quadro de força. — O cabo de energia foi cortado...

Abruptamente, a porta se abriu.

— Volto já — Han comunicou.

A sala da direita, no depósito, não era muito diferente da outra. Exceto por um detalhe: no centro, em um espaço obviamente desimpedido para tal objetivo, havia uma algema de dróide.

Han franziu o cenho ao perceber do que se tratava. A algema estava jogada de lado, ainda aberta. O pessoal de uma organização como a de Karrde não trataria com tanto descaso o equipamento da empresa. No centro da algema notou marcas leves. Sinal de derrapagem deixadas pelo dróide, em seu esforço para se mover ou libertar, concluiu.

Atrás dele, a porta se abriu. Han deu meia-volta, sacando o desintegrador.

— Parece que você se perdeu. — Karrde percorreu a sala com os

olhos.

— E separou-se do general Calrissian, também.

Han baixou o desintegrador.

— Precisa dizer a seu pessoal para guardar os equipamentos, depois de usá-los — falou, apontando para a algema. — Mantinha um dróide aqui, também como prisioneiro?

Karrde sorriu.

— Parece que Ghent andou falando demais. Notável, não acha, que um especialista em decodificação possa saber tudo a respeito de dróides e computadores e não consiga manter a boca fechada?

— Também é notável que muitos especialistas em contrabando não saibam evitar complicações — Han disparou. — Então, o **que** o Grande Almirante o obrigou a fazer? Tráfico de escravos ou seqüestro?

Os olhos de Karrde brilharam contrariados.

— Não trafico escravos, Solo. Nem me envolvo com seqüestros. Nunca.

— O que aconteceu, então? Um acidente?

— Não pedi para que este sujeito entrasse em minha vida — Karrde explicou. — E tampouco o queria aqui.

Han fez uma careta de descrédito.

— Não acredito, Karrde. O que aconteceu? Ele caiu do céu, bem no seu colo?

— A bem da verdade, foi praticamente isso o que aconteceu — Karrde disse, tenso.

— Bem, é uma boa razão para trancafiar alguém — Han comentou irônico. — Quem era ele?

— Esta informação não está à venda.

— Talvez não seja preciso comprá-la — Lando disse às suas costas.

Karrde virou-se.

— Ah! — exclamou quando Lando passou por ele e entrou na sala. — Você está aqui também. Explorando a outra sala, não é?

— A gente não costuma se perder por muito tempo — Han disse. — Descobriu alguma coisa, Lando?

— Isso. — Lando mostrou um pequeno cilindro vermelho, com um par de fios saindo de cada ponta. — Trata-se de uma microbateria, do tipo usado em equipamento miniaturizado. Nosso prisioneiro a ligou ao controle da porta, depois que a fonte de energia foi desligada. E escapou. — Examinou a bateria mais de perto. — O logotipo do fabricante é muito pequeno, porém legível. Você o reconhece?

Han forçou a vista. Escrita alienígena, vagamente familiar.

— Já vi antes, mas não me lembro onde.

— Durante a guerra — Lando explicou, mantendo os olhos fixos em Karrde. — É a marca de Sibha Habadeet.

Han olhou para o pequeno cilindro, e um arrepio percorreu sua

espinha. Sibha fora um dos principais fornecedores de equipamentos microeletrônicos. E se especializava em...

— Quer dizer que se trata de uma bateria de aparelho bioeletrônico?

— Isso mesmo — Lando confirmou. — Do tipo que equipa mãos artificiais, por exemplo.

Lentamente, o cano do desintegrador de Han ergueu-se novamente, apontando para o estômago de Karrde.

— Havia um dróide aqui — disse a Lando. — As marcas no piso e nas algemas conferem com as que uma unidade R2 deixaria.

— Ergueu as sobrancelhas. — Karrde, sinta-se à vontade para participar da conversa.

Karrde suspirou, demonstrando uma mistura de aborrecimento e indignação.

— Querem que eu admita? Pois bem, Luke Skywalker estava preso aqui. Pronto, já disse.

Han sentiu a boca seca. E ele ali, com Lando, sem saber de nada.

— Para onde ele foi?

— Pensei que Ghent já tivesse contado — Karrde disse sombrio.

— Ele fugiu em um de meus caças *Skipray*. E a nave caiu.

— Como é?

— Não se preocupe, ele escapou ileso — Karrde o tranqüilizou.

— Pelo menos estava bem, há umas duas horas. A tropa de assalto seguiu até o local da queda, para investigar. E voltou dizendo que os caças estavam vazios. — Sua expressão demonstrou hesitação por uma fração de segundo. — Espero que os dois estejam tentando escapar juntos.

— Não parece contar muito com isso — Han comentou.

Os olhos de Karrde o traíram um pouco mais.

— Mara Jade o perseguiu. Ela sente uma certa... bem, não precisamos adoçar as palavras. Mara queria muito matá-lo.

Han e Lando trocaram olhares.

— Por quê?

Karrde balançou a cabeça.

— Não sei.

A sala permaneceu em silêncio por algum tempo.

— Como ele chegou aqui? — Lando quis saber.

— Como já disse, por puro acidente — Karrde insistiu. — Não, retiro o que disse. Não foi um acidente, e sim obra de Mara. Ela nos levou diretamente ao caça avariado.

— Como?

— Mais uma vez, não sei. — Olhou para Han, severo. — E antes que pergunte, já vou avisando que não tive nada a ver com o defeito na nave. Ele estourou os dois acionadores do hiperdrive, para escapar

de um destróier estelar do Império. Se não o tivéssemos recolhido, estaria morto, agora.

— Em vez de perdido na floresta, com alguém louco para acabar com ele — Han disse, irônico. — Puxa, você é um herói.

Karrde fechou a cara mais ainda.

— Os imperiais querem pegar Skywalker, Solo. Se pensar um pouco, concluirá que eu não o entreguei a seus inimigos.

— Porque ele escapou primeiro.

— Ele escapou porque foi transferido para este depósito — Karrde argumentou. — Veio para cá porque eu não queria que os imperiais tropeçassem nele durante a visita inesperada. Por falar nisso, tampouco entreguei vocês dois.

Lentamente, Han baixou o desintegrador. Qualquer argumento, diante de uma arma, tornava-se suspeito. Mas Karrde não os traíra, realmente, e marcou um ponto a seu favor.

Melhor dizendo, não os traíra até então. Se mudasse de idéia...

— Quero ver a nave de Luke — Han pediu.

— Perfeito — Karrde aceitou. — Todavia, sugiro que vá de manhã. Escondemos o asa-X no meio da mata, e os predadores saem para caçar à noite.

Han hesitou, depois concordou. Se Karrde escondia algo, já teria alterado os registros do computador de bordo. Algumas horas não fariam diferença.

— Certo. E o que vamos fazer, quanto a Luke?

Karrde balançou a cabeça, desanimado, sem olhar para Han.

— Não há nada que possamos fazer por ele esta noite, com os vornskrs rondando a floresta e o Grande Almirante em órbita. Amanhã discutiremos o caso, e agiremos. — Voltou a encarar Han, com um sorriso ligeiramente irônico. — A esta altura, o jantar já deve estar servido. Se me acompanharem, por gentileza...

A galeria de arte holográfica se alterara outra vez, exibindo agora uma coleção de obras flamejantes que pareciam pulsar e modificar a forma quando Pellaeon passava cautelosamente pelos pedestais. Ele as estudava, imaginando de onde viriam.

— Encontrou-os, capitão? — Thrawn perguntou quando Pellaeon se aproximou do círculo interno.

Ele tentou se controlar.

— Não senhor. Esperávamos conseguir resultados positivos com os sensores infravermelhos, depois do anoitecer. Mas eles não penetram na selva, tampouco.

Thrawn balançou a cabeça.

— E quanto à transmissão que interceptamos pouco antes de escurecer?

— Confirmamos que ela se originou de um local próximo ao

desastre — Pellaeon disse. — Mas foi rápida demais para permitir uma identificação precisa. O código é muito estranho. O setor de Criptografia acredita que seja linguagem cifrada entre dois sistemas similares. Precisam de mais tempo para decifrá-lo.

— Tentaram todos os códigos da República, presumo?

— Sim, senhor, como ordenou. Thrawn balançou a cabeça, pensativo.

— Ao que parece estamos num beco sem saída, capitão. Pelo menos enquanto eles permanecerem na floresta. Calculou os pontos de saída possíveis?

— Eles contam praticamente com apenas uma escolha — Pellaeon disse, tentando entender por que tanto alarde em torno do caso. — Uma cidade chamada Hyllyard, na beira da floresta, não muito distante do ponto da queda. Trata-se do único local habitado, num raio de cem quilômetros. Como levaram apenas um kit de sobrevivência, serão obrigados a seguir para lá.

— Excelente — Thrawn comentou. — Quero que envie três destacamentos da tropa de assalto para montar um posto de vigilância lá. Devem se preparar e partir imediatamente.

Pellaeon piscou intrigado.

— Tropa de assalto, senhor?

— Tropa de assalto — Thrawn repetiu, voltando a vista para as esculturas. — E inclua também um grupo de motos aéreas, com três carros ligeiros de assalto *Chariot*.

— Sim, senhor — Pellaeon disse obediente. As tropas de assalto andavam escassas, nos últimos tempos. Desperdiçar soldados daquele modo, em um assunto tão irrelevante como aquela escaramuça entre contrabandistas...

— Karrde mentiu para nós — Thrawn prosseguiu, como se lesse a mente de Pellaeon. — O caso desta tarde não teve nada a ver com uma perseguição a um ladrão insignificante. Gostaria muito de saber o que aconteceu, na realidade.

— Não entendo, senhor.

— Muito simples, capitão — Thrawn disse, com o tom de voz que usava ao explicar o óbvio. — O piloto da nave perseguidora não se comunicou com a base durante a caçada. Nem a sede de Karrde tentou contatá-lo. Sabemos disso, pois registramos as transmissões. Não há relatórios das atividades, nem pedidos de ajuda. Apenas o silêncio absoluto do rádio. — Ele encarou Pellaeon. — O que deduz, capitão?

— Eles não podiam permitir que soubéssemos o que acontecia. Além disso... — Balançou a cabeça. — Não sei, senhor. Há muito o que esconder de intrusos como nós. Eles são contrabandistas, afinal de contas.

— Concordo. — Os olhos de Thrawn brilhavam. — Mas considere

o fato de que Karrde recusou nossa oferta de se unir à busca de Skywalker... e sua afirmação, esta tarde, de que a procura se encerrara. — Ele ergueu a sobrancelha. — O que isso sugere, capitão?

Pellaeon estava perplexo.

— Quer dizer que Skywalker estava no *Skipray?*

— Uma especulação viável, não acha? Improvável, admito. Exige, no entanto, uma certa atenção de nossa parte.

— Claro, senhor. — Pellaeon olhou para o cronômetro e rapidamente fez alguns cálculos. — Contudo, se permanecermos aqui mais de dois dias, precisaremos adiar o ataque a Sluis Van.

— Não vamos adiar a operação em Sluis Van — Thrawn explicou enfático. — Nossa vitória final contra a Rebelião se inicia ali, e não pretendo alterar um cronograma tão complexo e vital. Nem por causa de Skywalker, nem por mais ninguém. — Apontou para as estátuas flamejantes que os rodeavam. — A arte sluissi indica claramente um padrão cíclico bienal, e quero atingi-los no momento mais frágil. Manteremos o encontro com o *Inexorável,* conforme acertado, e o teste do escudo de camuflagem assim que as tropas e veículos estiverem prontos. Três destacamentos da tropa de assalto devem dar conta de Skywalker, se estiver mesmo lá.

Seus olhos se concentraram em Pellaeon.

— E para cuidar de Karrde — encerrou calmamente —, se ele for mesmo traidor.

Os últimos traços de azul escuro desapareceram nas pequenas fendas das copas das árvores, deixando apenas a escuridão acima deles. Ligando a lanterna do kit de sobrevivência no mínimo, Mara a colocou no chão e encostou-se aliviada no tronco de uma árvore imensa. O tornozelo direito, torcido durante a queda do *Skipray,* começava a inchar e doer. Nada melhor do que esticar a perna e livrá-lo do peso do corpo.

Skywalker já se deitara, a poucos metros da lanterna, usando a túnica como travesseiro, tendo seu leal dróide ao lado. Ela gostaria de saber se ele havia notado o problema no tornozelo, mas descartou sua curiosidade como irrelevante. Sofrerá ferimentos piores sem que isso diminuísse seu ritmo.

— Este lugar me lembra Endor — Skywalker disse com suavidade, enquanto Mara acomodava o desintegrador no colo, ao alcance da mão. — Uma floresta sempre parece tão agitada, à noite.

— Sem dúvida — Mara concordou irritada. — Muitos animais preferem a escuridão. Inclusive os vornskrs.

— Estranho — ele murmurou. — Os vornskrs domesticados *de* Karrde estavam bem despertos, durante a tarde.

Ela olhou-o, surpresa com sua percepção.

— Na verdade, até os animais selvagens dormem de forma irregular. Eu os considero noturnos porque preferem caçar no escuro.

Skywalker refletiu sobre o assunto.

— Talvez seja melhor andar à noite, neste caso — sugeriu. — Eles vão nos caçar, de qualquer maneira. Pelo menos estaremos alerta enquanto nos perseguem.

Mara balançou a cabeça, negativamente.

— Será mais difícil. Precisamos ver o caminho adiante, para evitar locais que não permitam a passagem. Além disso, a floresta tem muitas clareiras pequenas.

— E ao passar por elas, a luz da lanterna se tornará visível para uma nave em órbita — ele concordou. — Tem razão. Conhece bem o local, pelo jeito.

— Basta ser um piloto atento, sobrevoando a floresta, para perceber isso — ela resmungou.

Mas ele acertara, claro, pensou ao recostar-se no tronco áspero. *Conheça seu território,* era a regra número um. E a primeira coisa que fez, ao entrar para a organização de Karrde, foi explorar a região. Estudou mapas aéreos da selva e áreas adjacentes. Empreendeu longas caminhadas, tanto de dia quanto de noite, para se familiarizar com paisagens e sons; caçara e abatera vários vornskrs, bem como outros predadores, para aprender o modo mais eficiente de liquidá-los; chegara ao ponto de convencer um dos homens de Karrde a testar plantas nativas, para descobrir as comestíveis. Para além da floresta, estudara os moradores da região, a política local, e escondera uma parte considerável de seu dinheiro num ponto acessível.

Mais do que qualquer outra pessoa na organização de Karrde, ela se preparara para sobreviver fora dos limites da sede. Por que, então, se preocupava tanto em voltar para lá?

Não era por causa de Karrde, disso tinha certeza. Tudo o que ele fizera por ela — emprego, prestígio, promoções — fora pago com dedicação e eficiência no trabalho. Não lhe devia nada. Empatavam e pronto. A história que ele inventara naquela tarde, para explicar a queda dos *Skiprays* a Thrawn, destinava-se a salvar seu próprio pescoço. Se ele percebesse que o Grande Almirante não acreditava nela, não hesitaria em tirar o grupo de Myrkr naquela mesma noite, e desaparecer nos confins da galáxia, onde possuía vários esconderijos.

Mas ele não faria isso. Ficaria lá, enviando grupo após grupo à sua procura, e esperaria que Mara saísse da mata. Até cansar.

Mesmo que, com isso, abusasse da paciência de Thrawn.

Mara cerrou os dentes, visualizando a imagem hedionda de Karrde encostado na parede de uma cela, enfrentando um dróide especialista em interrogatório. Pois ela conhecia Thrawn, conhecia a tenacidade do Grande Almirante, e os limites de sua paciência. Ele esperaria e

vigiaria, ou encarregaria alguém disso, até checar a história de Karrde.

E se nem ela nem Skywalker saíssem da floresta, ele certamente chegaria à conclusão errada. E entregaria Karrde aos encarregados dos interrogatórios oficiais do Império, para identificar o prisioneiro fugitivo.

E depois condenaria Karrde à morte.

Adiante, o dróide girou seu domo alguns graus e emitiu um aviso insistente.

— Creio que Artoo notou algo ali — Skywalker disse, apoiando-se nos cotovelos.

— Acertou. — Mara ergueu a lanterna, acendeu-a, e focalizou a sombra que se movia.

O círculo luminoso rodeou o vornskr, as garras enterradas no solo, a cauda apontada para trás, balançando para cima e para baixo. Ele ignorou a luz e continuou lentamente a andar na direção de Skywalker.

Mara deixou que desse mais dois passos antes de acertá-lo na cabeça.

A besta caiu no solo, a cauda agitada num espasmo final. Mara examinou o resto da área, com a lanterna, e a desligou.

— Ainda bem que temos os sensores de seu dróide — disse sarcástica.

— Bem, eu não saberia enfrentar os perigos desta selva sem a presença dele — Skywalker retrucou secamente. — Muito obrigado.

— Esqueça — ela disse.

Depois de um momento de silêncio, ele perguntou:

— Os vornskrs domesticados de Karrde pertencem a uma espécie diferente, ou ele manda cortar o rabo dos animais?

Mara olhou para ele, impressionada. Poucos homens, ao encarar um vornskr, notariam esse detalhe.

— Segunda opção. Eles usam a cauda como arma. Causa um estrago tremendo, graças ao veneno que possuem. No início, Karrde queria evitar que o pessoal se machucasse. Depois descobriu que isso elimina boa parte de seu instinto assassino.

— Eles parecem muito dóceis, quase amigáveis — ele concordou.

Só não foram amigáveis com Skywalker, ela pensou. E agora o vornskr a ignorara, e preferira atacá-lo. Coincidência?

— Isso mesmo. Ele já pensou em vendê-los como animais de guarda. Mas nunca se dedicou seriamente a explorar este mercado potencial.

— Bem, pode dizer a ele que darei as melhores referências — Skywalker disse. — Depois de encarar um vornskr de frente, como agora, nenhum intruso pensaria em voltar.

Ela mordeu o lábio.

— Acostume-se. Até a orla da floresta é um longo caminho.

— Eu sei. Felizmente, você tem boa pontaria.

E ficou quieto. Pronto para dormir e... provavelmente deduzir que ela faria o mesmo.

Espere sentado, pensou sarcástica, retirando do kit de sobrevivência as pílulas contra o sono. Ingeri-las com freqüência arruinava a saúde, mas dormir a cinco metros do inimigo seria muito mais nocivo.

Ela parou, com o tubo na mão, e olhou para Skywalker. De olhos fechados, calmo, aparentemente não se preocupava nem um pouco com a situação. Parecia bizarro, qualquer um teria motivos para se apavorar. Desprovido de seus poderes de Jedi, em um planeta cheio de ysalamiris; preso em uma floresta em um mundo cujo nome e localização desconhecia, tendo ela, os imperiais e os vornskrs esperando a vez para liquidá-lo. Tinha todos os motivos para arregalar os olhos de pavor e passar a noite em claro, cheio de adrenalina nas veias.

Talvez ele estivesse só fingindo, esperando que ela baixasse a guarda. Teria tentado isso, no lugar dele.

Quem sabe havia mais qualidades nele do que julgava. Ele talvez tivesse mais do que um nome de família, uma posição importante na política e um monte de truques de Jedi.

Sua boa secou, e ela passou os dedos pelo sabre-laser preso ao cinto.

Sim, claro que havia mais. No final — naquele terrível desfecho, confuso e destruidor de vidas — ele não havia sido salvo por seus truques de Jedi. Não, outra coisa o salvara. E ela descobriria isso, através dele, antes de liquidá-lo.

Retirando uma pílula do tubo, engoliu-a, tomando uma decisão. Não permitiria que os vornskrs pegassem Luke Skywalker. Nem os imperiais. Quando chegasse a hora, ela o mataria pessoalmente. Era seu direito, seu privilégio, seu dever.

Acomodando-se o mais confortavelmente possível contra o tronco da árvore, preparou-se para vigiar durante a noite inteira.

Os sons noturnos da mata ecoavam distantes, misturados com os ruídos abafados da civilização, vindos do prédio atrás de si. Karrde bebeu, olhando para a escuridão e sentindo que a fadiga o incomodava mais do que nunca.

Em um único dia, sua vida sofrerá profundas alterações.

A seu lado, Drang ergueu a cabeça e olhou para a direita.

— Temos companhia? — Karrde perguntou, voltando-se para a a direção indicada.

Uma figura sombria, pouco visível na penumbra, se fez notar.

— Karrde? — Aves chamou baixinho.

— Aqui. Pegue uma cadeira e venha cá.

— Tudo bem. — Aves aproximou-se para se sentar no chão, de pernas cruzadas. — Preciso voltar para a central daqui a pouco, de qualquer maneira.

— A mensagem misteriosa?

— Sim. O que Mara está pretendendo?

— Não sei — Karrde admitiu. — Algum truque esperto, com certeza.

— Provavelmente — Aves concordou. — Espero que sejamos espertos o bastante para decifrá-lo.

Karrde concordou com um gesto.

— Solo e Calrissian já se recolheram?

— Voltaram para a nave deles — Aves disse com desprezo.

— Não confiam em nós.

— Nas atuais circunstâncias, não podemos culpá-los. — Karrde abaixou- se para acariciar a cabeça de Drang. — Talvez um exame nos computadores de Skywalker, pela manhã, nos ajude a convencê-los de que estamos do mesmo lado.

— Claro. Nós estamos? Karrde mordeu os lábios.

— Não temos mais escolha, Aves. Eles são nosso hóspedes. Aves resmungou:

— Vamos contrariar o Grande Almirante. Karrde deu de ombros.

— São nossos hóspedes — repetiu.

Mesmo na escuridão, percebeu que Aves também erguia os ombros. Ele compreendia os deveres e obrigações de um anfitrião. Ao contrário de Mara, que sugeriu impedir o pouso do *Millenium Falcon.*

Gostaria de tê-la atendido. Gostaria muito.

— Organize um grupo de busca amanhã — ordenou a Aves.

— Será inútil, levando em conta a situação, mas precisamos tentar.

— Certo. E quanto aos imperiais? Karrde sorriu.

— Duvido que prossigam nas buscas. A nave que decolou do destróier estelar tinha todo o jeito de um transporte de tropas de assalto. Meu palpite é que eles aguardarão na cidade de Hyllyard, até que Mara e Skywalker apareçam.

— Parece razoável — Aves disse. — E se não os encontrarmos antes?

— Precisaremos resgatá-los das mãos da tropa de assalto, suponho. Acha que consegue montar um grupo capaz disso?

Aves resmungou:

— Mais fácil fazer do que falar. Andei conversando com o pessoal desde que você contou tudo ao grupo, e posso dizer que as opiniões na sede são bem definidas. Mesmo indiferentes à história de herói da Rebelião e tudo mais, grande parte do pessoal sente-se em dívida com Skywalker, por livrá- los de Jabba the Hutt.

— Sei disso — Karrde disse melancólico. — E tanto entusiasmo

pode se tornar um problema adicional. Porque se não conseguirmos livrar Skywalker dos imperiais... Bem, não poderemos permitir que eles o levem com vida.

Um longo silêncio pesou sobre o ambiente antes de Aves dizer, gravemente:

— Sei disso. Na certa não fará diferença alguma. Thrawn já deve suspeitar da verdade.

— Uma suspeita é melhor do uma prova inequívoca — Karrde o alertou.

— E se não for possível interceptá-los enquanto ainda se encontram na mata, esta pode ser a única solução.

Aves balançou a cabeça.

— Não gosto da idéia.

— Nem eu. Mas precisamos nos preparar para esta eventualidade.

— Compreendo. — Por mais um momento, Aves permaneceu em silêncio. Depois, suspirando, ele se levantou. — Melhor voltar agora e ver se Ghent conseguiu algo com a mensagem de Mara.

— Depois vá dormir. Amanhã teremos um dia cheio.

— Eu sei. Boa noite.

Aves saiu, e mais uma vez os sons da floresta encheram o ar. Sons importantes para as criaturas da mata, porém vazios de significado para ele.

Sons irrelevantes...

Balançou a cabeça, cansado. O que Mara pretendia com uma mensagem indecifrável? Seria algo simples — que ele ou alguém ali poderia decifrar com facilidade?

Ou a moça, que sempre jogava sabacc com as cartas grudadas no peito, afinal cometera um engano?

Ao longe, um vornskr soltou seu uivo inconfundível. A seu lado, Drang ergueu a cabeça.

— Algum amigo seu? — Karrde perguntou distraído, ouvindo a resposta de outro vornskr, ao longe. Sturm e Drang haviam sido selvagens um dia, antes que os domesticasse.

Assim como Mara, quando a encontrara. Ele pensou se ela também estaria domesticada.

E se resolveria seu problema pessoal, matando Skywalker. O uivo se repetiu, mais próximo.

— Vamos, Drang — ordenou ao vornskr. — Hora de entrar. Parou na porta, olhando para a floresta pela última vez, sentindo um arrepio de melancolia e medo. Não, o Grande Almirante não apreciaria nem um pouco a situação.

De um modo ou de outro, Karrde concluiu, sua vida naquele planeta estava encerrada.

25

No ambiente escuro e silencioso da casa em Rwookrrorro, os sons débeis da noite entravam pela janela junto com a brisa suave. Fitando as cortinas, Leia empunhou o desintegrador com a mão suada, e concentrou-se em descobrir o que a despertara.

Permaneceu deitada por vários minutos, o coração batendo forte no peito. Nenhum som, nenhum movimento, nenhuma ameaça que seus sentidos de Jedi, ainda limitados, pudessem identificar. Nada fora a sensação incômoda, no fundo da mente, de que não estava mais segura ali.

Respirou fundo e soltou o ar silenciosamente, apurando os ouvidos. Seus amigos não haviam falhado, concluiu. Durante os primeiros dias, os líderes da cidade mantiveram um estado de alerta total, fornecendo uma dúzia de guarda-costas wookiees, enquanto voluntários passavam um pente fino na cidade, procurando o alienígena que ela vira no primeiro dia. Realizaram a busca com eficiência, presteza e minúcia, como raramente vira, mesmo nos altos escalões da Aliança Rebelde.

Mas os dias se passaram sem que descobrissem o menor sinal dos invasores, e o estado de alerta foi relaxado. Quando os relatórios das outras cidades de Kashyyyk chegaram, todos negativos, o número de voluntários decresceu e os guarda-costas foram reduzidos a três.

Agora, até os três haviam partido, voltando à vida normal. Deixaram-na apenas com Chewbacca, Ralrra e Salporin.

Uma estratégia clássica. Deitada sozinha no escuro, meditando, ela entendeu isso. Seres normais, humanos ou wookiees, não importava, eram incapazes de manter vigilância contínua por um longo período, quando a confirmação da presença do inimigo inexistia. Lutavam duramente contra tal tendência, na Aliança.

Assim como combatiam a inércia por vezes fatal que levava as pessoas a permanecer tempo demais no mesmo local.

Ela tremeu, e as lembranças do quase desastre no mundo gelado de Hoth voltaram para assombrá-la. Ela e Chewbacca deveriam ter saído da casa de Rwookrrorro há dias, concluiu. Ou até de Kashyyyk. O local se tornara confortável demais, familiar demais. Sua mente não via mais o que se passava à sua volta, registrava apenas uma parte, e a memória se encarregava de preencher as lacunas. Um inimigo inteligente exploraria tal fraqueza psicológica, simplesmente descobrindo um modo de se encaixar na rotina.

Estava na hora de quebrar a rotina.

Consultou o relógio ao lado da cama e realizou rapidamente os cálculos necessários. Faltava uma hora para amanhecer. O veículo com repulsorlift estava estacionado na frente da casa. Se ela e Chewbacca partissem nesse momento, decolariam com o *Luck Lady* antes do sol nascer. Sentada na cama, ela deixou o desintegrador na

mesa de cabeceira e apanhou o comunicador.

E, na escuridão, uma mão peluda agarrou seu pulso.

Não teve tempo para pensar em nada; em meio segundo, não havia necessidade disso. Mesmo com a mente paralisada pelo ataque inesperado, seus reflexos bem treinados a colocaram em alerta total. Afastando-se do atacante, usando o braço como apoio, ela virou o corpo e, erguendo a perna, golpeou o intruso com toda a força.

O pé bateu em uma barreira sólida. Armadura, com certeza. Esticando o braço livre por cima do ombro, ela agarrou a ponta do travesseiro e o atirou contra a sombra acima de sua cabeça.

Debaixo do travesseiro, guardava o sabre-laser.

Talvez ele nem tivesse percebido a reação. Ainda afastava o travesseiro da cara quando a luz do sabre-laser iluminou o quarto. Ela viu o queixo proeminente e os imensos olhos negros arregalados de surpresa quando o sabre cortou o atacante ao meio.

A mão que segurava seu braço se abriu. Desligando o sabre-laser, ela pulou da cama e o acionou novamente, olhando ao redor...

Com um golpe súbito, forte, o sabre foi arrancado de sua mão e caiu ao solo. Desligou-se na queda, e o quarto ficou escuro de novo.

Ela assumiu a postura de combate imediatamente, mesmo sabendo que se tratava de uma reação inútil. O primeiro alienígena fora enganado pela aparência indefesa da vítima; « segundo aprendera a lição. Nem conseguiu se virar de frente para o atacante e ele torceu seu pulso, pelas costas. Outra mão cobriu sua boca, ao mesmo tempo prendendo o pescoço. A perna do atacante trançou-se entre os joelhos de Leia, impedindo o golpe com a perna. Ela tentou, assim mesmo, lutar para libertar pelo menos uma das pernas, ou acertar os olhos dele com a mão livre. Sentiu a respiração morna na nuca, e a pressão dos dentes aguçados contra seu corpo. O corpo do alienígena enrij eceu subitamente...

E, surpreendentemente, ela ficou livre.

Virou-se para encarar o oponente, tentando recuperar o equilíbrio perdido, pensando no que acontecera para mudar o jogo assim de repente. Os olhos perscrutaram ansiosos a escuridão, tentando localizar a arma que ele certamente portava.

Mas não havia arma apontada para ela. O alienígena estava parado de costas para a porta, as mãos vazias esticadas, como se se esforçasse para não cair de costas.

— *Mal'ary'ush* — sussurrou.

Leia deu um passo para trás, pensando em correr até a janela antes que ele a atacasse outra vez.

O ataque não veio. Atrás do alienígena, a porta se abriu. Com um rugido, Chewbacca entrou no quarto.

O atacante não se virou para enfrentá-lo. Não se mexeu, na

verdade. O wookiee pulou em cima dele, as mão imensas e ansiosas no pescoço...

— Não o mate! — Leia gritou.

As palavras provavelmente espantaram Chewbacca, tanto quanto a espantaram também. Como os reflexos do wookiee eram rápidos e treinados, ele poupou a garganta do alienígena. A mão no ar fechou-se para desferir um golpe potente na cabeça.

O soco atirou o invasor do outro lado do quarto. Ele bateu na parede e se estatelou no chão, imóvel.

— Vamos — Leia disse, correndo até a cama para recuperar o sabre- laser. — Pode haver outros.

— Não há mais nenhum — rosnou uma voz wookiee. Ela se virou para ver Ralrra à porta. — Os outros três foram eliminados.

— Tem certeza? — Leia perguntou, dando um passo na direção dele. Ele continuava encostado no batente da porta...

Encostado no batente. Ela se deu conta do fato subitamente.

— Está ferido — disse, acendendo a luz do quarto para examiná-lo. Não encontrou marcas aparentes. — Desintegrador?

— Arma atordoante — ele explicou. — Potente, mas não o bastante para derrubar um wookiee. Estou meio tonto, apenas. Chewbacca sim, foi ferido.

Assustada, Leia olhou para Chewbacca... e viu a pequena mancha marrom no peito.

— Chewie! — exclamou, aproximando-se do amigo. Ele a afastou com um gesto e um rugido impaciente.

— Ele está bem — Ralrra falou. — Precisamos sair logo daqui, antes que o segundo ataque se inicie.

Em algum lugar, lá fora, um wookiee soltou o uivo de alerta.

— Não haverá um segundo ataque — ela disse a Ralrra. — Eles foram descobertos. Haverá muita gente aqui, em poucos minutos.

— Nesta casa, não — Ralrra resmungou, preocupado. — Há um incêndio, quatro casas adiante.

Leia o encarou, arrepiada.

— Uma distração. Eles atearam fogo na casa para mascarar o alerta.

Chewbacca rugiu afirmativamente.

— Precisamos sair daqui — Ralrra repetiu, aprumando-se. Leia olhou para além da porta e sentiu um aperto no peito.

Três wookiees a protegiam no local.

— Onde está Salporin? — perguntou.

Ralrra hesitou, apenas para confirmar suas terríveis suspeitas.

— Ele não sobreviveu ao ataque — disse o wookiee, em voz quase inaudível.

Leia engoliu em seco.

— Lamento muito — disse, e suas palavras soaram dolorosamente inúteis e vazias a seus ouvidos.

— Nós também. Mas agora não há tempo para lamentar. Leia concordou com um movimento de cabeça, lutando contra as lágrimas ao se virar para a janela. Perdera muitos amigos e companheiros nas batalhas que enfrentara nos últimos anos, e sabia que Ralrra tinha razão. Mas a lógica não tornava as coisas mais fáceis.

Não havia alienígenas do lado de fora, à vista. Mas estavam lá, em algum lugar, disso tinha certeza. Os grupos anteriores que a atacaram quando estava com Han se compunham de mais de cinco elementos. Não via motivo para que agora o ataque acontecesse de forma diferente. Tudo indicava que uma tentativa de fuga desembocaria numa cilada.

Pior de tudo, assim que os gritos e a comoção tomassem conta do local, por causa do incêndio vizinho, os alienígenas lançariam o segundo ataque com impunidade, contando com a agitação da rua para abafar os gritos e o barulho.

Ela olhou para a casa em chamas, sentindo uma pontada de culpa pela tragédia dos wookiees que ali viviam. Decidida, forçou as emoções para o fundo da mente. Não poderia fazer nada a respeito no momento.

— Os alienígenas querem me pegar viva — ela disse, fechando a cortina ao se dirigir a Chewbacca. — Se conseguirmos decolar no carro, dificilmente tentariam nos derrubar.

— Confia no carro? — Ralrra perguntou.

Leia parou, os lábios cerrados de revolta contra si mesma. Não, ela não confiava no carro. A primeira atitude dos atacantes seria sabotar qualquer veículo disponível para uma fuga. Sabotá-lo, ou pior ainda, prepará-lo para que a levasse diretamente a eles.

Ela não podia ficar parada, nem se mover para os lados, ou para cima. Só lhe restava uma saída.

— Preciso de corda — disse, apanhando as roupas e começando a se vestir. — Forte o bastante para agüentar meu peso. O máximo que puder conseguir.

Eles eram rápidos, sem dúvida. Trocaram um olhar.

— Não fala sério — Ralrra disse. — O perigo seria enorme, mesmo para um wookiee. Para um humano, equivaleria ao suicídio.

— Duvido — Leia disse, balançando a cabeça ao calçar a bota.

— Vi como os ramos se entrelaçam, quando passamos por baixo da cidade. Deve ser possível atravessar por eles.

— Jamais chegará sozinha à plataforma de embarque — Ralrra objetou.

— Nós a acompanharemos.

— Você não está em condições nem de andar pela rua, quanto

mais debaixo dela — Leia retrucou secamente. Apanhando o desintegrador, seguiu para a porta. — Nem Chewbacca. Saiam da frente, por favor.

Ralrra não se mexeu.

— Você não me engana, Leiaorrganasolo. Acredita que, se sair, o inimigo a seguirá e nos deixará em paz.

Leia sorriu, emocionada com a disposição calma e nobre para o sacrifício.

— Existe uma boa chance de que isso aconteça — ela admitiu.

— Afinal, querem me pegar. E viva.

— Não temos tempo para discutir — Ralrra disse. — Ficaremos juntos. Aqui ou sob a cidade.

Leia respirou fundo. Não gostava da idéia, mas percebeu que não tinha outra opção. Jamais conseguiria convencê-los.

— Muito bem, você ganhou — ela disse, com um suspiro. O alienígena abatido por Chewbacca continuava inconsciente e, por um momento, ela pensou se deveriam ou não perder tempo em amarrá-lo. A pressa venceu. — Vamos pegar a corda e sair.

Além disso, uma voz no fundo da mente a preveniu que os alienígenas talvez atacassem a casa, mesmo que ela se fosse, e talvez preferissem não deixar testemunhas.

O material plano, ligeiramente esponjoso, que formava o "solo" de Rwookrrorro não passava de um metro de espessura. O sabre-laser de Leia cortou o piso da casa e o solo com facilidade, abrindo um quadrado entre os ramos, revelando a escuridão que tomava o espaço até a mata.

— Irei primeiro — Ralrra disse, metendo-se pelo buraco antes que alguém pudesse reclamar. Ainda se movia devagar, mas a tontura parecia ter diminuído.

Leia olhou para cima quando Chewbacca aproximou-se e cobriu seus ombros com a túnica de Ralrra.

— Esta é sua última chance de mudar de idéia — preveniu. A resposta lacônica não deixou margem para dúvidas.

— Tudo bem — disse Ralrra.

Levando Leia firmemente amarrada nas costas, Chewbacca desceu pela abertura.

Leia esperava que a experiência fosse apavorante. Mas não que se aterrorizasse tanto. Os wookiees não se arrastavam por cima dos galhos, como calculara. Em vez disso, usavam as garras para prender os quatro membros na parte inferior dos galhos, para se mover.

E assim eles seguiram.

O rosto encostado no peito peludo de Chewbacca, Leia cerrou os dentes para evitar que batessem de medo. Sentiu que voltava a acrofobia que a assustara no carro, multiplicada por mil. Ali não havia

nem a proteção do cabo a separá-la do vazio de baixo. Apenas as garras de um wookiee e a corda fina que os ligada a outro wookiee. Ela queria dizer algo, pedir que parassem ou pelo menos atassem a ponta da corda a algo sólido. Mas temia falar qualquer coisa que perturbasse a concentração de Chewbacca. O som de sua respiração ecoava como uma cachoeira em seus ouvidos, e sentia a umidade morna do sangue escorrendo sob a túnica. Estaria muito ferido? Agarrada a ele, ouvindo as batidas do coração do amigo, teve medo de perguntar.

Abruptamente, ele parou.

Ela abriu os olhos, e só então percebeu que os mantivera fechados.

— O que aconteceu? — perguntou com a voz trêmula.

— O inimigo nos localizou — Ralrra grunhiu suavemente, a seu lado.

Controlando-se, Leia virou a cabeça o máximo possível, examinando a penumbra que antecede o dia, atrás de si. Ali estavam eles: uma mancha ligeiramente mais escura, imóvel, contra o cinza da madrugada. Um carro com repulsorlift, fora do alcance das bestas.

— Não poderia ser um carro de resgate wookiee, suponho — ela disse.

Chewbacca deu a resposta óbvia: o carro mantinha as luzes apagadas.

— Mas ele não se aproxima — Ralrra observou.

— Eles me querem viva — Leia disse, mais para se tranqüilizar do que para lembrá-los do fato. — Não querem nos assustar. — Olhou em volta, procurando uma brecha entre os ramos entrelaçados.

E a encontrou.

— Preciso do resto da corda — disse a Ralrra, olhando para o carro que pairava no ar. — Toda ela.

Preparando o espírito, ela se virou nas amarras que a sustentavam, atando firmemente a ponta da corda em um ramo forte. Chewbacca reclamou.

— Não estou prendendo a corda por nossa causa — ela explicou. — Portanto, não caia. Tenho um plano. Podemos ir agora.

Eles retomaram o movimento, um pouco mais apressados. Enquanto balançava nas costas de Chewbacca, Leia se deu conta, um tanto surpresa, que apesar de ainda sentir medo, seu pavor desaparecera. Quem sabe por não se considerar agora apenas um peão naquele jogo, ou um peso morto, com o destino totalmente entregue aos wookiees ou aos alienígenas cinzentos, ou mesmo à força da gravidade. De repente ela influiria, pelo menos em parte, nos desdobramentos do caso.

Eles prosseguiram. Leia soltava a corda, pouco a pouco. O carro escuro os seguia, as luzes apagadas, e se mantinha a uma certa

distância, sempre. Ela mantinha os olhos nele enquanto avançavam, sabendo que o momento e a distância corretos seriam cruciais. Só mais um pouquinho...

Restavam cerca de três metros de corda no rolo. Rapidamente, ela deu um nó e olhou para trás.

— Prepare-se — avisou a Chewbacca. — Agora... pare! Chewbacca parou. Torcendo para que a manobra desse certo,

Leia acionou o sabre-laser, travou o gatilho e o soltou.

Como uma brasa viva, ele caiu no vazio, amarrado à corda, descrevendo um arco pendular. Foi para um lado e para outro...

E passou por baixo do carro que os seguia.

Uma explosão espetacular indicou que o sabre-laser cortou o gerador do repulsorlift. Em seguida o carro caiu como uma pedra, soltando fogo pelas laterais. O veículo desapareceu na névoa, e, por um momento, eles ainda avistaram a claridade deixada pelas chamas. Quando desapareceu completamente, só restou o facho do sabre-laser, balançando no vazio.

Leia tomou fôlego.

— Precisamos recuperar o sabre-laser — disse a Chewbacca. — E com ele cortar caminho até a parte de cima da cidade. Duvido que tenha restado algum alienígena.

— E seguir direto para sua nave? — Ralrra perguntou enquanto voltavam até o ramo onde fixara a corda.

Leia hesitou. A imagem do segundo alienígena em seu quarto lhe veio à mente. Parado à sua frente, refletindo uma emoção bizarra no rosto e no corpo, tão confuso, atônito ou apavorado que não notou a entrada de Chewbacca...

— Vamos para a nave — ela respondeu. — Mas não direto.

O alienígena continuava sentado imóvel na pequena sala de interrogatório da polícia, com uma atadura na cabeça, única evidência do golpe desferido por Chewbacca. Suas mãos repousavam sobre o colo, os dedos entrelaçados. Tiraram-lhe toda a roupa e armamento, e agora vestia apenas um roupão wookiee folgado. Em outro ser, a vestimenta larga teria ficado cômica. Nele não. Nem o roupão nem a imobilidade ocultavam a aura de competência mortífera, que exibia como se fosse uma segunda pele. Ele era — e provavelmente seria, para sempre — um membro de um grupo perigoso e persistente de assassinos implacáveis.

E pedira para ver Leia pessoalmente.

A seu lado, Chewbacca rugiu suas objeções finais.

— Também não gosto da idéia — Leia concordou, olhando para o monitor, tentando reunir coragem. — Mas ele me largou dentro da casa, antes que você entrasse. Quero saber... preciso saber por que ele fez isso.

Por um instante, a conversa com Luke antes da Batalha de Endor voltou à sua mente. A firmeza calma em face do perigo, ao concluir que precisava enfrentar Darth Vader. A decisão que quase o matara e que, no final, os levara à vitória.

Mas Luke sentira que, lá no fundo da mente de Vader, ainda existira um resquício de bondade. Sentiria ela algo semelhante por aquele alienígena assassino? Ou a curiosidade mórbida a dominava?

Seria talvez piedade?

— Você pode ver e ouvir tudo daqui — Leia disse a Chewbacca, entregando-lhe o desintegrador ao seguir para a porta. O sabre-laser permaneceu em seu cinto, embora não soubesse para o que seria útil, num lugar tão minúsculo. — Não entre, a não ser que eu corra perigo. — Respirando fundo, ela destrancou a porta e entrou.

O alienígena olhou para cima quando a porta se abriu, e Leia teve a impressão de que ele se empertigava à sua aproximação. A porta se fechou atrás dela e, por um longo tempo, eles apenas se encararam.

— Sou Leia Organa Solo — ela disse finalmente. — Queria falar comigo?

Ele a encarou ainda por algum tempo. Depois, lentamente, levantou-se e estendeu a mão.

— Sua mão — ele disse em voz grave, com forte sotaque. — Posso segurá-la?

Leia deu um passo à frente e ofereceu a mão, sabendo que com isso esboçava um gesto de confiança. Se quisesse, ele poderia agarrá-la e torcer seu pescoço antes que alguém entrasse para tentar salvá-la.

Ele não a puxou. Em vez disso, debruçando-se, segurou-a com gentileza e a levou ao rosto, pressionando a mão contra o focinho escondido pelo pêlo espesso.

E a cheirou.

Ele cheirou novamente, tomando fôlego. Leia o observava, notando pela primeira vez o tamanho e a flexibilidade da pele nas narinas. Semelhante ao focinho de um farejador, ela concluiu. Uma lembrança lhe veio à mente: quando estava indefesa, na casa, o mesmo focinho a farejara na nuca.

E depois disso ele a soltara...

Lentamente, quase carinhoso, o alienígena levantou-se.

— É verdade — ele disse, soltando a mão. Os olhos imensos fixaram-se em Leia, revelando uma intensidade emocional que os sentidos de Jedi pressentiam vagamente, embora não pudessem identificar com precisão. — Eu não me enganei antes.

Abruptamente, ele se ajoelhou.

— Peço perdão, Leia Organa Solo, por meus atos — ele disse, encostando a cabeça no piso, os braços abertos. — As ordens não a identificavam, apenas continham seu nome.

— Entendo — ela disse, sem entender nada. — Mas como sabe quem sou?

O rosto do alienígena afastou-se alguns centímetros do solo.

— A princesa é *Mal'ary'ush* — ele disse. — Filha e herdeira de lorde Darth Vader. Ele foi nosso mestre.

Leia olhou para o ser prostrado, completamente atordoada. A situação se invertera.

— Seu mestre? — repetiu.

— Ele nos salvou no momento de maior desespero — explicou o alienígena, com profundo respeito na voz. — Ele nos livrou do desespero, e nos deu esperança.

— Entendo — foi só o que Leia conseguiu dizer. A coisa toda assumia contornos irreais... mas um fato se destacava. Aquele alienígena, prostrado no chão, tratava-a como uma princesa.

E ela sabia se comportar como uma princesa.

— Pode se levantar — ela disse, sentindo na voz os modos e a postura quase esquecidos de seu tempo na nobreza da corte de Alderaan. — Qual é o seu nome?

— Meu senhor me chama de Khabarakh — o alienígena disse, erguendo- se. — Na linguagem noghri é... — Soltou um ruído longo, convulsionado, que as cordas vocais de Leia jamais conseguiriam imitar.

— Eu o chamarei de Khabarakh — ela disse. — Você pertence ao povo a que chama de noghri?

— Sim. — O primeiro sinal de dúvida surgiu nos olhos escuros. — A princesa *é Mal'ary'ush* — ele repetiu, obviamente desconfiado.

— Meu pai guardava muitos segredos — ela explicou. — Seu povo, certamente, era um deles. Disse que ele lhes devolveu a esperança? Conte tudo.

— Ele veio a nós — o noghri disse. — Depois da grande batalha. Depois da destruição.

— Qual batalha?

Os olhos de Khabarakh perderam-se no passado.

— Duas grandes naves encontraram-se no espaço, sobre nosso mundo — contou, mantendo a voz baixa. — Talvez mais de duas, não sabemos com certeza. O combate durou o dia inteiro e grande parte da noite... Quando a luta terminou, nossa terra estava devastada.

Leia tremeu, sentindo uma ponta de solidariedade, culpa e dor.

— Nunca molestamos forças ou mundos não imperiais de propósito — disse suavemente. — O que houve foi um acidente.

Os olhos escuros se fixaram nela.

— Lorde Vader não acreditava nisso. Ele dizia que tudo fora feito de propósito, para levar o medo e o terror aos aliados do Imperador.

— Lorde Vader cometeu um equívoco — Leia disse, encarando-o

com firmeza. — Lutávamos contra o Imperador, e não contra os povos subjugados por ele.

Khabarakh empertigou-se.

— Não servíamos ao Imperador — ele contestou. — Vivíamos em paz, sem dar importância aos conflitos alheios.

— Vocês servem ao Império agora — Leia ponderou.

— Em sinal de agradecimento pela ajuda do Imperador — Khabarakh disse, revelando uma ponta de orgulho em sua atitude reverente. — Só ele nos ajudou quando precisávamos tanto. Em sua memória, servimos seu herdeiro, o homem a quem lorde Vader há muito tempo nos confiou.

— Não acredito que o Imperador se importasse com seu bem-estar — Leia disse, direta. — Não combinava com seu modo de ser. Ele só queria usá-los contra nós.

— Só ele nos ajudou — Khabarakh insistiu.

— Apenas porque não tínhamos conhecimento de seus problemas — Leia explicou.

— Sua opinião.

Leia ergueu as sobrancelhas.

— Então me dê uma chance de provar o que digo. Mostre onde se localiza seu mundo.

Khabarakh recuou.

— Impossível. Isso significaria completar o processo de destruição do planeta...

— Khabarakh — Leia o interrompeu. — Quem sou eu? As dobras em torno das narinas do noghri se abriram.

— Lady Vader. A *Mal'ary'ush.*

— Lorde Vader mentiu a vocês?

— Segundo suas palavras, sim.

— Eu disse que ele cometeu um equívoco — Leia retrucou, sentindo o suor escorrer pela gola. Pisava em terreno perigoso. Sua ascendência sobre Khabarakh se sustentava apenas na reverência dos noghris por Darth Vader. Precisava, de algum modo, anular as palavras de Vader, sem danificar o respeito por ele. — Mesmo lorde Vader podia ser enganado... e o Imperador era um mestre no logro.

— Lorde Vader servia ao Imperador — Khabarakh insistiu. — O Imperador não mentiria a ele.

Leia apertou os dentes. Beco sem saída.

— Seu novo senhor é igualmente honesto com vocês? Khabarakh hesitou.

— Não sei.

— Sim, você sabe. Você mesmo disse que ele não revelou quem eu era.

Um gemido estranho saiu da garganta de Khabarakh.

— Sou apenas um soldado, senhora. Estes assuntos encontram-se além de minha capacidade de entendimento. Cumpro meu dever, obedecendo ordens. Todas as ordens.

Leia franziu a testa. O modo como disse aquilo... De súbito, entendeu. Um comandado capturado e submetido a interrogatório só poderia ter recebido uma ordem.

— Você sabe de algo que seu povo desconhece — ela disse. — Deve viver e levar esta informação para sua gente.

Khabarakh levara as mãos à frente, abertas, como se fosse bater palmas. E parou, encarando-a.

— Lorde Vader lia a alma dos noghris — ele disse em voz baixa. — Estou realmente diante da *Mal'ary'ush.*

— Seu povo precisa de você, Khabarakh — ela insistiu. — E eu também. Sua morte só prejudicaria as pessoas que deve ajudar.

Lentamente, ele abaixou as mãos.

— Precisa de mim?

— Necessito de seu auxílio para ajudar seu povo — ela explicou. — Deve revelar a localização de seu planeta.

— Não posso — ele retrucou com firmeza. — Isso poderia representar a completa destruição de meu mundo. E a minha, por revelar este segredo.

Leia mordeu o lábio.

— Então leve-me até lá.

— Não posso.

— Por que não?

— Não posso.

Ela o encarou, com o máximo de nobreza possível.

— Sou a filha *Mal'ary'ush,* de lorde Darth Vader — disse com firmeza.

— Você mesmo admitiu que ele levou a esperança a seu mundo. As coisas melhoraram desde que ele os entregou ao novo líder?

Ele hesitou.

— Não. Ele nos disse que nada poderia fazer para nos ajudar. Nem ele nem ninguém.

— Prefiro verificar isso por mim mesma — ela declarou interessada. — Ou seu povo considera uma única mulher uma ameaça terrível?

Khabarakh piscou, atônito.

— Viria sozinha? Visitar um povo que tentou raptá-la? Leia engoliu em seco, sentindo um frio na espinha. Gostaria de ter evitado aquele caminho. Mas não sabia por que desejou conversar com Khabarakh, desde o início. Só torcia para que a Força guiasse sua intuição durante o processo.

— Confio em um povo honrado como o seu — declarou. — E exijo

o direito de ser ouvida.

Ela deu meia-volta e se encaminhou para a porta.

— Pense em minha oferta. Discuta o caso com sua gente. Depois, se resolver me ouvir, encontre-me na órbita de Endor, dentro de um mês.

— Virá sozinha? — Khabarakh perguntou, ainda incrédulo. Ela encarou aquele rosto assustador sem tremer.

— Eu irei sozinha. E você?

Ele enfrentou seu olhar sem piscar.

— Se eu for, irei sozinho.

Os dois se olharam por mais um momento, e depois ela balançou a cabeça.

— Muito bem. Espero encontrá-lo lá. Até logo.

— Até logo... lady Vader.

Ele ainda a olhava quando a porta se abriu.

A pequena nave desapareceu nas nuvens, e logo em seguida do monitor de controle de Rwookrrorro. Ao lado de Leia, Chewbacca rugiu irado.

— Eu não diria que isso me agrada, tampouco — ela confessou. — Mas não podemos fugir deles eternamente. Se eu tiver uma chance de eliminar o controle imperial sobre eles... — Leia balançou a cabeça.

Chewbacca rugiu de novo.

— Eu sei — ela disse suavemente, também sentindo a dor em seu peito.

— Minha amizade com Salporin não se compara à sua, mas eu gostava muito dele também.

O wookiee afastou-se dos monitores, saindo da sala. Leia o observou, lamentando não poder fazer nada para ajudar. Atormentado por deveres conflitantes, ele precisaria resolver isso sozinho, na privacidade de sua mente.

Atrás dela, alguém se moveu.

— Está na hora — Ralrra disse. — O período de luto começou. Devemos nos juntar aos outros.

Chewbacca respondeu afirmativamente e o seguiu. Leia olhou para Ralrra.

— O período inicial é apenas para wookiees. Mais tarde poderá se unir a nós.

— Compreendo — Leia disse. — Se precisarem de mim, estarei na plataforma de lançamento, preparando o *Lady Luck* para a viagem.

— Se acredita que viajará em segurança — Ralrra disse, ainda hesitante.

— Sem dúvida — Leia garantiu. Mesmo que não fosse seguro, completou silenciosamente, não tinha escolha. Agora sabia um nome especial — noghri —, e era vital que retornasse para Coruscant e

pedisse nova busca nos arquivos.

— Muito bem. O período de luto se inicia em duas horas. Leia fez que sim, afastando as lágrimas.

— Estarei lá — prometeu.

E ficou pensando se um dia aquela guerra terminaria de uma vez por todas.

26

O emaranhado de cipós enrolava-se e se estendia entre meia dúzia de árvores, como a teia de uma aranha gigantesca e enlouquecida. Segurando o sabre-laser de Skywalker, Mara estudou o cipoal, tentando encontrar o modo mais eficiente de romper a barreira e abrir caminho.

Com o canto do olho, percebeu que Skywalker estava inquieto.

— Fique calmo — ela disse. — Só levará um minuto.

— Não precisa se preocupar em ser delicada. — Use o sabre-laser na potência máxima.

— Esqueceu-se de que podem nos achar? Tem idéia de que distância alguém pode ouvir o zumbido de um sabre-laser, numa floresta assim?

— Não tenho a menor idéia.

— Nem eu. Vamos tomar cuidado, portanto. — Ela ergueu o desintegrador com a mão esquerda, ligou o sabre-laser com a direita, e fez três cortes rápidos. Os cipós caíram no chão, enquanto ela baixava a arma.

— Até que não foi tão difícil assim — comentou irônica, encarando Skywalker ao guardar o sabre no cinto. E seguiu em frente...

O aviso do dróide chegou uma fração de segundo antes do farfalhar das folhas. Ela virou-se, erguendo o desintegrador quando o vornskr deu o bote sobre Skywalker, um pouco afastado.

Mesmo após dois dias de viagem, os reflexos de Skywalker continuavam apurados. Ele largou seu lado da liteira, deixando-a no chão, antes que o vornskr o atingisse. Quatro conjuntos de garras e uma cauda venenosa passaram por cima dele. Mara esperou que o bicho chegasse ao solo e atirou. Skywalker ergueu-se e olhou em volta, assustado.

— Gostaria que mudasse de idéia e devolvesse meu sabre-laser — comentou, abaixando-se para pegar a liteira novamente. — Deve estar cansada de atirar em vornskrs para me proteger.

— Tem medo que eu erre o alvo? — Ela deu um passo à frente para tocar o vornskr com o pé. Morto, sem dúvida.

— Atira muito bem — Luke admitiu, conduzindo a liteira pelo caminho recém-aberto por ela. — Mas já passou duas noites sem dormir. Isso acabará por prejudicá-la, de um modo ou de outro.

— Cuide dos próprios problemas — ela falou furiosa. — Vamos logo, precisamos encontrar uma clareira e lançar a sonda balão.

Skywalker prosseguiu, o dróide preso à liteira bipando com seus botões. Mara cuidava da retaguarda, cuidando para que a liteira não deixasse uma trilha clara demais, resmungando atrás de Skywalker.

Ele tinha razão, admitia. Ao passar a arma da mão esquerda para a direita, há pouco, embora dominasse a técnica, quase a derrubara. Seu

coração batia forte, não cedia nem durante os períodos de descanso. Em alguns momentos, na caminhada, ela divagava, incapaz de se concentrar.

Há muito tempo, passara seis dias sem dormir. Agora, depois de apenas dois, começava a ceder.

Suspirou impaciente e praguejou. Se ele esperava vê-la desmaiar, ficaria desapontado. No mínimo por orgulho profissional, ela agüentaria até o final.

Skywalker tropeçou no terreno irregular. A barra direita da liteira escapou de sua mão, quase derrubando o dróide, o que provocou um guincho de protesto da máquina.

— Afinal, quem está cansado? — Mara resmungou quando pararam para posicionar a barra novamente. — E a terceira vez, em uma hora.

— E a minha mão. Mal consigo senti-la, esta tarde.

— Claro — ela disse. Adiante, um trecho de céu azul se revelava entre a copa das árvores. — Veja aquela clareira. Vamos colocar o dróide no meio.

Skywalker procedeu conforme as instruções, e depois se sentou, apoiado numa das árvores na borda da clareira. Mara preparou o pequeno balão de sonda e o soltou com o fio da antena, passando um cabo do receptor ao soquete para entrada dos dados no dróide.

— Pronto — disse, olhando para Skywalker. Encostado na árvore, ele dormia profundamente. Mara resmungou com desprezo:

— Jedi! — pronunciou a palavra como se fosse uma ofensa. E disse ao dróide: — Vamos logo com isso. — Sentou-se no chão, com cuidado. O tornozelo estava praticamente curado, e não queria arriscar uma nova torção.

O dróide bipou, virando o domo rapidamente na direção de Skywalker.

— Eu disse para se apressar — ela repetiu rudemente.

O dróide bipou outra vez, resignado. O indicador de comunicação piscou uma vez, quando o dróide perguntou se havia alguma mensagem no computador do asa-X, e novamente quando o canal de resposta se abriu.

Abruptamente o dróide guinchou excitado.

— O quê? — Mara perguntou, erguendo-se com o desintegrador na mão, examinando os arredores. Não notou nada de anormal. — Quer dizer que finalmente enviaram uma resposta à nossa mensagem?

O dróide bipou afirmativamente, e o domo se voltou na direção de Skywalker, mais uma vez.

— Vamos ver do que se trata — Mara disse. — Vamos logo. Se quiser, repita a mensagem para ele, mais tarde.

Ela presumia, mas não revelou isso, que não haveria nada na

mensagem capaz de sugerir que fosse melhor, para ela, sair sozinha da floresta. Caso contrário...

O dróide debruçou-se ligeiramente, e uma imagem holográfica surgiu no ar.

Não era uma imagem de Karrde, como esperava, e sim um dróide protocolar dourado.

— Bom dia, mestre Luke — o dróide disse com a voz afetada e formal.

— Trago saudações do capitão Karrde, extensivas naturalmente à senhorita Mara — acrescentou. — Ele e o capitão Solo enfatizam seu contentamento ao saber que ambos escaparam ilesos ao acidente.

Capitão Solo? Mara olhou intrigada para o holograma. Karrde estava ficando louco? Por que contara a Solo e Calrissian sobre Skywalker?

— Confio em sua capacidade de decodificar a mensagem, Artoo — o dróide pedante prosseguiu. — O capitão Karrde sugeriu que eu acrescentasse mais confusão ainda ao código. Conforme relatos confiáveis, a tropa de assalto imperial os aguarda, na cidade de Hyllyard.

Mara apertou os dentes, olhando o prisioneiro adormecido. Então Thrawn não se deixara enganar. Ele sabia que Skywalker estava ali, e preparava uma cilada para pegá-los.

Com esforço descomunal, ela enfrentou o pânico e o cansaço que a tomavam. Não, Thrawn não sabia, ou pelo menos não tinha certeza. Se soubesse mesmo, não haveria mais ninguém vivo na sede para enviar a mensagem.

— O capitão Karrde contou a seguinte história para os imperiais: um ex- funcionário roubou mercadorias valiosas e tentou escapar, sendo perseguido por Jade, a seu mando. Ele sugeriu, uma vez que não mencionou o fato de Jade ser uma mulher, que o senhor e a senhorita Mara trocassem os papéis quando saírem da mata.

— Certo — Mara disse em voz baixa. Se Karrde pensava que ela entregaria de bom grado o desintegrador a Skywalker, permitindo que a conduzisse com a arma apontada para suas costas, estava muito enganado.

— Não obstante — prosseguiu o dróide —, ele disse que está preparando, em colaboração com o capitão Solo, um plano para interceptá- los antes que a tropa de assalto os encontre. Caso contrário, fará o possível para resgatá-los. Lamento, mas é tudo o que pode ser dito no momento. O capitão Karrde limitou a mensagem a um minuto, tempo real, para impedir que o local da emissão seja localizado. Ele deseja boa sorte aos dois. Cuide bem de mestre Luke, Artoo... e de você também.

A imagem desapareceu, e o projetor do dróide foi recolhido. Mara

desligou o comunicador, recolhendo a antena e o balão.

— Boa idéia — Skywalker murmurou.

Ela o encarou furiosa. Nem abrira os olhos.

— Eu sabia que você estava fingindo — ela disparou, mentindo.

— Não fingi nada — Luke a corrigiu sonolento. — Cochilei por um momento, depois acordei. Acho uma boa idéia.

Ela bufou.

— Desista. Seguiremos para o norte, contornando a cidade de Hyllyard, para entrar nela pelo lado da planície. — Consultou o relógio e depois ergueu os olhos para a copa das árvores. Nuvens negras se acumulavam no céu, cobrindo o azul anterior. Não eram nuvens de chuva, concluiu, e poderiam aproveitar o que restava de luz para avançar mais. — Vamos deixar para decidir isso amanhã — disse, levantando-se com cuidado. — Você quer... ora, deixa prá lá. — A julgar pela respiração, ele dormira novamente.

Isso a obrigaria a tomar todas as providências sozinha.

— Fique atento — ordenou ao dróide, virando-se para apanhar o kit de sobrevivência.

O bip eletrônico do dróide a levou a dar meia-volta novamente, sacar o desintegrador e apontá-lo para o perigo...

E um peso caiu sobre seus ombros, agulhas lancinantes perfuraram sua pele e a jogaram ao chão.

Seu último pensamento, antes que a escuridão a engolfasse, foi torcer para conseguir matar Skywalker, assim que tivesse a chance.

O alerta de Artoo tirou Luke do cochilo. Os olhos se abriram a tempo de ver os músculos e garras que saltavam sobre Mara.

Ele se ergueu num pulo. O vornskr estava sobre Mara, as garras da frente apoiadas no ombro da moça, a cabeça ligeiramente virada para o lado, pronta para enterrar os dentes no pescoço. Mara permanecia imóvel, morta ou desmaiada. Artoo, longe demais para alcançá-la a tempo, mesmo assim seguia em sua direção, o mais rápido que suas rodas permitiam, o arco de solda elétrica acionado, pronto para a batalha.

Respirando fundo, Luke gritou.

Não foi um grito normal, e sim um uivo inumano que tomou a clareira, ecoando nas colinas distantes. Era o grito terrível de um dragão krayt, o mesmo usado por Ben Kenobi para afastar o povo da areia há muitos anos, em Tatooine.

O vornskr não se amedrontou nem fugiu. Mas surpreendeu-se, esquecendo temporariamente a presa. Afastando a cabeça do corpo de Mara, ele se voltou na direção do som.

Por um momento Luke e a criatura trocaram olhares selvagens, e ele permaneceu imóvel, para não quebrar o encanto. Se conseguisse distrair o bicho o tempo suficiente para que Artoo se aproximasse com

o arco de solda...

Ainda caída no solo, Mara se moveu. Luke levou as mãos em concha à boca e uivou de novo. O vornskr virou o corpo em sua direção outra vez.

E com um som misto de grito de combate e grunhido, Mara girou o corpo, debaixo do animal, e tentou agarrar sua garganta.

Era a única oportunidade para o ataque de Luke. Um vornskr derrotaria um humano ferido em segundos. Tomando impulso no tronco atrás de si, Luke avançou, visando o flanco do vornskr.

Não chegou lá. A meio caminho a cauda do vornskr o atingiu, rápida e potente, no rosto e no ombro, atirando-o de lado no solo.

Ele se levantou imediatamente, sentindo o ardor na testa e na face. O vornskr sibilou assim que ele atacou outra vez, e estendeu as garras mortíferas para afastá-lo. Artoo aproximou-se o bastante e lançou uma faísca contra o pata dianteira do predador. O vornskr deu uma patada indiferente no arco de solda, arrancando-o e lançando os pedaços no ar. Simultaneamente, a cauda chicoteou, tentando derrubar Artoo. E, a cada golpe, desequilibrava o dróide mais e mais.

Luke cerrou os dentes, tentando pensar em algo. A luta corpo a corpo contra uma criatura daquelas só servia para ganhar algum tempo. Assim que a distração cessasse, Mara estaria morta. O vornskr arrancaria o braço com uma patada, ou a morderia. Com a perda do arco de solda, não restava arma alguma a Artoo, e se o vornskr continuasse a fustigá-lo com a cauda...

A cauda.

— Artoo! — Luke gritou. — Tente agarrar a cauda, agora. Artoo bipou, concordando com a sugestão, e estendeu o braço pesado. Luke o observou com o canto do olho, tentando segurar as patas e a cabeça do vornskr. A cauda, ao atingir o dróide, foi agarrada com firmeza. Artoo soltou um bip triunfal.

Que logo se transformou num gemido agudo. Sem muito esforço, o vornskr se soltou, arrancando parte do braço do dróide no processo.

Mas ele ficou fora de ação por uma fração de segundo, tempo suficiente para Luke agir. Contornando Artoo, desviou-se da cauda, enfiou a mão por baixo do corpo de Mara e recuperou seu sabre-laser.

A cauda tentou atingi-lo quando ele se levantou, mas Luke já estava fora de alcance, atrás de Artoo. Ele acionou o sabre-laser e tocou o focinho da besta.

O predador ganiu de raiva ou dor, recuando da estranha criatura que o mordera. Luke o tocou mais algumas vezes, para afastá-lo de Mara e poder desferir o golpe fatal com segurança.

Em um movimento brusco, o vornskr pulou para trás e avançou contra Luke, que o cortou ao meio com um golpe certeiro.

— Já estava mais do que na hora — uma voz rouca disse a seus

pés. Olhou para baixo; Mara afastava a metade do vornskr para o lado, e apoiava- se no cotovelo. — Por que demorou tanto?

— Não queria cortar suas mãos, se errasse — Luke explicou, ofegante. Ele deu um passo, oferecendo a mão para que a moça se levantasse.

Ela desprezou a oferta. Ajoelhou-se e, ao se levantar para encará-lo, empunhava o desintegrador.

— Largue o sabre e dê um passo para trás — ela disse, gesticulando com a arma para enfatizar suas palavras.

Luke suspirou, balançando a cabeça.

— Você é impossível mesmo — ele disse, desligando o sabre antes de largá-lo no chão. O nível de adrenalina baixou em seu sistema, e a dor no rosto tomou conta de suas sensações. — Não percebeu que Artoo e eu salvamos sua vida?

— Percebi. Obrigada. — Mantendo o desintegrador apontado para ele, Mara abaixou-se para recolher o sabre-laser. — Minha recompensa por não tê-lo liquidado há dois dias. Venha até aqui, e sente-se.

Luke olhou para Artoo, que gemia baixinho.

— Importa-se se eu cuidar de Artoo primeiro?

Mara olhou para o dróide, os lábios comprimidos em uma linha fina.

— Claro, vá em frente. — Afastando-se dos dois, ela recolheu o kit de sobrevivência e caminhou até uma árvore, na beira da clareira.

Artoo não se ferira tanto quanto Luke imaginava. Tanto o arco de solda quanto o braço se soltaram nas junções, sem prejudicar a fiação ou os componentes mais delicados. Encorajando o dróide, Luke reposicionou os dois compartimentos.

— E então? — Mara perguntou, recostada na árvore, aplicando cautelosamente um ungüento no braço ferido.

— Ele está bem agora — Luke disse. — Já enfrentou danos piores antes.

— Fico feliz em saber — ela disse amargurada. Olhou longamente para Luke. — Ele o machucou, também, não foi?

Cuidadoso, Luke tocou o arranhão que cruzava o rosto e a testa.

— Não foi nada. Ela bufou.

— Claro — disse com a voz cheia de sarcasmo enquanto tratava dos ferimentos. — Eu me esqueci, você é um herói.

Por um momento, Luke a observou, tentando, mais uma vez, compreender os sentimentos complexos e contraditórios daquela moça estranha. Mesmo a três metros de distância, ele percebia que as mãos dela tremiam ao aplicar o ungüento. Uma reação de fadiga muscular, provavelmente. E certamente de medo, também. Ela escapara da morte sangrenta por um triz, e seria estúpida se não percebesse isso.

Mesmo assim, mostrava-se decidida a não revelar seus sentimentos e manter o ar impassível, protegida pela muralha de indiferença que construíra em torno de si. Como se temesse mostrar suas fraquezas...

Abruptamente, sentindo o olhar fixo de Luke, Mara ergueu a vista.

— Já agradeci. O que espera, uma medalha? Luke balançou a cabeça.

— Gostaria só de saber o que aconteceu com você.

Por um momento os olhos verdes recuaram no tempo e revelaram seu ódio antigo. Só por um momento. O ataque do vornskr, depois de dois dias de jornada dura, sem descanso nem para dormir, enfraqueceram sua disposição. A raiva abandonou seus olhos, deixando no lugar apenas o cansaço.

— Você aconteceu para mim — ela disse, exausta e amargurada. — Você saiu de uma fazenda de sexta categoria em um planeta de décima, para destruir minha vida.

— Como?

O desprezo inundou seu rosto.

— Não tem a menor idéia de quem eu seja, não é? Luke fez que não com a cabeça.

— Tenho certeza de que me lembraria de você, se já tivéssemos nos encontrado.

— Mas é claro — ela retrucou irônica. — O grande e onisciente Jedi. Vê tudo, sabe tudo, entende tudo. Não fomos formalmente apresentados, é verdade. Mas eu estava lá, e você nem notou. Eu era a dançarina, no palácio de Jabba the Hutt, no dia em que você foi lá buscar Solo.

Então era isso. Ela trabalhava para Jabba, e quando ele o matou, arruinara sua vida...

Luke franziu o cenho ao encará-la. Não. A figura esguia, a agilidade e a graça combinavam com uma dançarina profissional. Mas os conhecimentos de pilotagem, a pontaria certeira e o inexplicável domínio do sabre-laser não conferiam.

Mara esperava, desafiando-o com sua expressão a adivinhar o resto.

— Você não era apenas uma dançarina, contudo — ele disse. — Isso não passava de um disfarce.

Ela apertou os lábios.

— Muito bem. O famoso Jedi e sua percepção privilegiada, novamente. Continue, vai indo muito bem. O que eu estava fazendo lá, então?

Luke hesitou. Pensou em inúmeras possibilidades: caçadora de recompensas, contrabandista, guarda-costas de Jabba, espiã de uma organização criminosa rival...

Não. Ela conhecia o sabre-laser... De repente, todas as peças do

quebra- cabeças se encaixaram.

— Você esperava por mim — ele disse. — Vader sabia que eu tentaria salvar Han, e a mandou para me capturar.

— Vader? — Ela cuspiu o nome. — Não me faça rir. Vader era um tolo, e a traição sempre fez parte de sua vida. Meu mestre me enviou a Jabba para matá-lo, e não para recrutá-lo.

Luke a encarou, sentindo um arrepio gelado na espinha. Impossível. Porém, ao fitar aquela face atormentada, ele soube subitamente que era possível, sim.

— E seu mestre — completou em voz baixa — era o próprio Imperador.

— Sim — ela confirmou, a voz similar a um silvo de serpente.

— Mas você o destruiu.

Luke engoliu em seco, sentindo o coração disparar dentro do peito. Ele não matara o Imperador — Darth Vader o fizera —, mas Mara não parecia disposta a discutir essas sutilezas.

— Errou. O Imperador tentou me recrutar, também.

— Apenas porque eu falhei — ela retrucou desolada, retesando os músculos da garganta. — E só quando Vader o levou ao encontro dele. Acha que o Imperador não sabia que Vader se ofereceu para ajudar a derrubá-lo?

Inconscientemente, Luke flexionou os dedos da mão artificial insensível. Sim, Vader insistira numa aliança, durante o duelo na Cidade das Nuvens.

— Duvido que fosse uma oferta para valer.

— O Imperador acreditava na seriedade da oferta — Mara disse enfática.

— E o que ele sabia, eu sabia.

Seus olhos se encheram de sofrimento.

— Eu era sua mão direita, Skywalker — ela disse, saudosa.

— Assim me chamavam na corte: a Mão Direita do Imperador. Eu o servi em toda a galáxia, realizando as tarefas que a Frota Imperial e as tropas de assalto eram incapazes de desempenhar. Era este meu maior talento, entende. Eu ouvia seu chamado, em qualquer parte do Império, e enviava os relatórios do mesmo modo telepático. Desmascarei traidores, liquidei seus inimigos, ajudei a manter o controle centralizado sobre os burocratas insensíveis, como ele desejava. Eu tinha prestígio, poder e respeito.

Lentamente, seus olhos voltaram do passado para o presente.

— E você tomou tudo de mim. Por isso merece morrer.

— E o que deu errado? — ele perguntou a contragosto. Ela mordeu os lábios.

— Jabba não permitiu que eu acompanhasse a execução. Foi assim, pura e simplesmente. Implorei, adulei, fiz barganhas. Ele não

mudou de idéia.

— Não — Luke disse sério. — Jabba era refratário aos aspectos psicológicos da Força.

Mas se ela estivesse presente à tentativa de execução...

Luke tremeu, e a mente retornou à terrível visão na caverna de Dagobah. A silhueta da mulher misteriosa, rindo, na Balsa Aérea, segurando seu sabre- laser no alto.

Feia primeira vez, há anos, a caverna lhe mostrara a imagem do futuro possível. Desta vez, ele concluiu, mostrara o passado possível.

— Você teria triunfado — ele disse em voz baixa. Mara o encarou severa.

— Não peço compreensão ou simpatia. Você queria saber. Agora já sabe.

Ele esperou que Mara cuidasse dos ferimentos, calado.

— E por que está aqui agora? — perguntou. — E não com o Império?

— Que Império? — ela contestou. — O Império está morrendo, sabe disso tanto quanto eu.

— Ainda mantém parte de seu poder, contudo... Ela o interrompeu com um olhar penetrante.

— A quem eu recorreria? Eles não me conheciam. Ninguém me conhecia. Não como a Mão Direita do Imperador. Eu não passava de uma sombra, agindo paralelamente às estruturas oficiais. Não havia registro de minhas atividades. Os poucos que me foram oficialmente apresentados pensavam em uma cortesã fútil, um item menor da decoração, mantida no palácio para divertir o Imperador.

Seus olhos perderam-se novamente nas lembranças.

— Eu não tinha para onde ir, depois de Endor — acrescentou amarga. — Nenhum contato, nenhum recurso. Nem mesmo uma identidade. Fiquei sozinha.

— E então uniu-se a Karrde.

— No final. Antes passei quatro anos e meio perdida na periferia da galáxia, fazendo o que podia. —Seus olhos se fixaram nele, cheios do antigo ódio. — Dei duro para chegar onde estou, Skywalker. E você não vai estragar tudo, desta vez.

— Não quero estragar nada — Luke disse, tranqüilo. — Só quero voltar para a Nova República.

— E eu quero o Império de volta, como antigamente — ela retrucou. — Nem sempre conseguimos o que desejamos, como pode ver.

Luke balançou a cabeça.

— Não. Nem sempre.

Por um momento, ela o encarou. De repente, jogou o tubo de ungüento em sua direção.

— Tome. Cuide de seus ferimentos. E durma. Amanhã teremos um dia difícil.

27

O cargueiro Classe-A maltratado pairava ao lado do *Quimera,* a estibordo. Não passava de uma gigantesca caixa espacial, com um hiperdrive instalado. A fuselagem suja quase não refletia a luz do destróier estelar. Sentando no posto de comando, Thrawn estudou o sensor de dados e balançou a cabeça, em sinal de aprovação.

— Parece adequado, capitão — disse a Pellaeon. — Tem a aparência perfeita. Dê prosseguimento aos testes, assim que for possível.

— Precisamos de mais alguns minutos, senhor — Pellaeon disse, estudando os dados no monitor. — Os técnicos ainda encontram alguma dificuldade em ajustar o escudo de camuflagem.

Prendeu o fôlego, esperando uma explosão furiosa. O escudo de camuflagem, ainda em fase de teste, e o cargueiro especialmente modificado, no qual fora montado, haviam custado uma fortuna. E o Império não dispunha de dinheiro sobrando.

Agora o projeto se mostrava pouco confiável, pondo em risco toda a operação em Sluis Van.

Mas o Grande Almirante não se abalou.

— Temos tempo — ponderou. — Novidades de Myrkr?

— O último relatório chegou há duas horas — Pellaeon declarou. — Negativo.

Thrawn balançou a cabeça novamente.

— E quanto a Sluis Van?

— Bem... — Pellaeon consultou o arquivo. — Cento e doze naves de guerra, no total. Sessenta e cinco usadas como cargueiros, o restante servindo de escolta.

— Sessenta e cinco — Thrawn repetiu, obviamente satisfeito.

— Excelente. Significa que poderemos escolher à vontade. Pellaeon sentiu um certo incômodo.

— Sim, senhor.

Thrawn afastou os olhos do cargueiro para encarar Pellaeon.

— Preocupado, capitão? Pellaeon apontou para a nave.

— Não gosto da idéia de mandar uma nave para território inimigo sem manter contato com ela.

— Não temos escolha, neste aspecto — Thrawn justificou secamente. — Os escudos de camuflagem funcionam assim mesmo. Nada entra, nada sai.

— Ergueu a sobrancelha. — Presumindo que funcione, claro.

— Sim, senhor. Mas...

— Mas o quê, capitão?

Pellaeon tomou coragem e prosseguiu:

— Eu sugeriria, almirante, que nesta operação usássemos Cbaoth.

Thrawn lançou-lhe um olhar duro.

— Cbaoth?
— Sim, senhor. Ele poderia se comunicar com...
— Não precisamos nos comunicar, capitão — Thrawn o interrompeu. — Basta sincronizar adequadamente as ações.
— Discordo, almirante. Em circunstâncias normais a sincronização seria suficiente. Mas não há maneira de antecipar quanto tempo ele precisará para obter a permissão de acesso do controle em Sluis Van.
— Pelo contrário — Thrawn contestou. — Estudei os sluissis com muita atenção. Posso antecipar exatamente quanto tempo levarão para liberar o cargueiro.
Pellaeon mordeu os lábios.
— Se os controladores de vôo fossem todos sluissis, eu acreditaria. Mas a Rebelião tem transferido seu pessoal para o sistema Sluis Van com freqüência, e talvez alguns ocupem funções no Controle.
— Não fará diferença — Thrawn disse. — Os sluissis estarão no comando. Eles tomarão a decisão de liberar a nave.
Pellaeon admitiu a derrota.
— Sim, senhor. Thrawn o fitou sério.
— Não se trata de temeridade, capitão. Ou de provar que a Frota Imperial pode funcionar sem ele. O fato é que não podemos usar Cbaoth com excessiva freqüência.
— Pois passaremos a depender dele — Pellaeon completou. — Como se fosse um borg implantado num computador de combate.
Thrawn sorriu.
— Isso ainda o incomoda, não é? Não importa. Este aspecto não passa de uma pequena parte do conjunto. O que me preocupa mais *é* dar a Mestre Cbaoth gosto demasiado por seu poder.
Pellaeon franziu a testa.
— Ele diz que não deseja o poder.
— Então ele mente. Todos querem o poder. E quanto mais possuem, mais querem.
Pellaeon refletiu sobre a questão.
— Se ele constitui uma ameaça a nós... — interrompeu a frase, preocupado com os oficiais e tripulantes presentes.
O Grande Almirante não se importava.
— Por que não dar cabo dele? — disse, completando o raciocínio do capitão. — Muito simples. Porque em breve alimentaremos seu desejo de poder ao máximo... e então ele não será mais uma ameaça.
— Leia Organa Solo e os gêmeos?
— Exatamente — Thrawn concordou, com um brilho no olhar. — Quando Cbaoth tiver os três nas mãos, as pequenas excursões com a Frota não passarão de pequenos interlúdios divertidos em seu verdadeiro trabalho.
Pellaeon desviou os olhos, constrangido. Em teoria tudo

funcionava bem, mas na prática...

— Presumindo, claro, que os noghris consigam pegá-la.

— Eles conseguirão. — Thrawn mostrava-se confiante. — Ela e seus protetores esgotarão todos os truques, um dia. Muito antes que termine nosso estoque de noghris.

Na frente de Pellaeon, o monitor se iluminou.

— Eles estão prontos, senhor. Thrawn voltou-se para o cargueiro.

— Quando quiser, capitão.

Pellaeon respirou fundo e acionou o comunicador.

— Ativar escudo de camuflagem.

E, em pleno espaço, do lado de fora da janela, o velho cargueiro...

Ficou exatamente onde estava.

Thrawn olhou intrigado para o cargueiro. Para os monitores, para o cargueiro... e depois para Pellaeon, com um sorriso satisfeito no rosto.

— Excelente, capitão. Exatamente o que eu desejava. Meus parabéns à sua equipe.

— Obrigado, senhor — Pellaeon disse, relaxando os músculos que inadvertidamente retesara. — Posso então dar o sinal verde?

O Grande Almirante manteve o sorriso nos lábios, mas o rosto encheu-se de sombras.

— Pode, capitão. Alerte a força tarefa. Preparar para fazer contato no ponto combinado.

— Os estaleiros de Sluis Van são nossos.

Wedge Antilles olhou para a cartão de dados, incrédulo.

— Devem estar brincando — ele disse ao mensageiro. — Servir de escolta?

O outro o brindou com um olhar inocente.

— Qual é o problema? — indagou. — Vocês pilotam os asa-X. Servem de escolta o dia inteiro.

— Nós escoltamos pessoas — Wedge retrucou. — Não cuidamos de naves de carga.

O olhar inocente do mensageiro transformou-se numa expressão de desagrado. Wedge teve a impressão de que ele travara a mesma discussão com freqüência, ultimamente.

— Comandante, não desconte em mim. Trata-se de uma escolta padrão para a Fragata. Qual a diferença, se a Fragata leva gente ou um reator a bordo?

Wedge olhou outra vez para o cartão de dados. Era uma questão de orgulho profissional, na verdade.

— Sluis Van fica meio longe, para os asa-X.

— Sim, mas as instruções dizem que devem ficar a bordo da Fragata, até chegar ao sistema — argumentou o mensageiro, debruçando-se sobre a mesa para conferir o cartão de instruções de

Wedge. — Deve assumir suas tarefas quando chegar lá.

Wedge leu o restante das informações. Eles ficariam nas plataformas da nave maior, esperando que o resto do comboio se reunisse, antes de levar a carga para Bpfassh.

— Ficaremos muito tempo longe de Coruscant, com isso — ele disse.

— Consideraria isso positivo, se estivesse em seu lugar, comandante — o mensageiro falou, baixando a voz. — Coisas estranhas acontecem por aqui. Creio que o conselheiro Fey'lya e sua turma estão prontos para dar o bote.

Wedge sentiu um arrepio.

— Não quer dizer... um golpe de estado? O mensageiro empertigou-se, assustado.

— Não. Claro que não. Pensa que Fey'lya é o quê? Interrompeu-se, contrariado.

— Já entendi. Você é um dos partidários de Ackbar, claro. Enfrente a realidade, comandante. Ackbar perdeu o apoio da tropa da Aliança. Fey'lya é o único no Conselho que se importa com a guerra, na verdade. — Ele gesticulou em direção ao cartão de dados. — Pense bem. As ordens que o desagradaram vieram diretamente de Ackbar.

— Bem, ainda temos o Império para derrotar — Wedge murmurou, percebendo que as opiniões do mensageiro o colocaram em situação delicada na discussão anterior sobre a missão. Fizera aquilo de propósito? Ou realmente era um dos partidários sinceros de Fey'lya entre os militares?

Pensando bem, umas pequenas férias de Coruscant não seriam de todo ruins, afinal. Pelo menos ficaria longe das intrigas políticas.

— Quando partimos?

— Assim que seu grupo estiver a bordo — o mensageiro disse. — As naves já foram carregadas.

— Certo. — Wedge virou-se e seguiu pelo corredor que levava aos alojamentos. Sim, uma voltinha por Sluis Van e Bpfassh ajudariam bastante. Ele teria condições de refletir sobre os acontecimentos políticos da Nova República, que ajudara a implantar com tanto empenho.

E se os imperiais os atacassem... Bem, pelo menos este tipo de ameaça ele sabia combater muito bem.

28

Pouco antes do meio-dia notaram os sons sutis que chegaram a seus ouvidos, entremeados aos ruídos normais da mata. Só uma hora mais tarde Luke finalmente os identificou.

Motos aéreas.

— Tem certeza de que se trata da versão militar? — Mara murmurou, quando o zumbido mais uma vez surgiu e sumiu a distância.

— Absoluta — Luke disse desanimado. — Quase bati numa árvore com uma destas, em Endor.

Ela não retrucou, e por um momento Luke imaginou se fizera bem em mencionar Endor. Mas a expressão do rosto de Mara afastou seus temores. Não se ressentira. Concentrava-se no zumbido.

— Norte... não há sons vindos do norte. Luke apurou os ouvidos.

— Tem razão. Artoo, pode dar um mapeamento de áudio? O dróide bipou que sim. Em pouco tempo o projetor holográfico apresentou um mapa bicolor, pairando alguns centímetros acima do chão coberto de folhas.

— Está vendo? — Mara disse. — Algumas unidades à frente, o restante ao sul. Nada no norte.

— Isso significa que nos desviamos para o norte — Luke disse. Mara franziu a testa.

— Como sabe disso?

— Bem, eles devem ter deduzido que seguíamos para a cidade de Hyllyard — ele disse. — E provavelmente centrarão a busca na rota mais direta. Mara sorriu.

— Quanta ingenuidade Jedi. Por acaso pensou que eles podem estar lá, mesmo que não tenhamos escutado nenhum ruído?

Luke observou o mapa holográfico.

— Bem, claro que eles podem ter um grupo ali, para nos emboscar — concordou. — Mas o que podemos fazer, neste caso?

— Ora, deixe de bancar o tolo, Skywalker. Eles usam a tática mais velha do mundo, em termos de guerrilha. Se o cerco é impossível de ser rompido, acampamos e aguardamos um momento mais oportuno. Para evitar isso, eles nos fornecem uma saída ilusória. — Ela se agachou, apontando para o setor "silencioso" do mapa. — Neste caso, com uma vantagem adicional. Se desviarmos a rota para o norte, escapando das motos aéreas, provamos que temos algo a esconder.

Luke sorriu.

— Será que ainda precisam de provas? Mara deu de ombros e se levantou.

— Alguns oficiais se preocupam mais com os aspectos legais. A questão é o que fazer agora.

Luke consultou o mapa novamente. Segundo a argumentação de

Mara, faltavam apenas quatro ou cinco quilômetros até a beira da floresta. Se os imperiais haviam mobilizado tantos esforços...

— Eles tentarão nos cercar, aposto. Deslocar unidades para o sul e para o norte, e até por trás.

— Caso ainda não tenham feito isso, farão — Mara concordou. — Não importa que ainda não tenhamos ouvido nada. Como não sabem a que velocidade nos deslocamos, precisam armar a cilada em um círculo bem amplo. Provavelmente usando alguns veículos de assalto *Chariot,* e motos aéreas em torno dos pontos focais. Trata-se do procedimento padrão de cerco da tropa de assalto.

Luke ouviu-a, tenso. Mas os imperiais não sabiam que um deles conhecia exatamente as táticas que costumavam empregar.

— E como nos livramos deles? — perguntou. Mara sibilou:

— Não nos livramos. Só seria possível com muito equipamento e recursos impossíveis de reunir.

Ouviram o zumbido mais uma vez, em algum ponto à frente, e logo o som se perdeu.

— Neste caso — Luke disse —, o melhor é seguir direto pelo meio. Atacar antes que nos localizem, talvez.

Mara zombou:

— Como dois turistas inocentes, sem nada a esconder?

— Tem uma idéia melhor? Ela o encarou, pensativa.

— Não — admitiu. — Suponho que também vai querer inverter os papéis, como Karrde sugeriu.

Luke deu de ombros.

— Não conseguiremos abrir caminho a tiro. Se tem razão quanto ao ataque em pinça, não passaremos despercebidos pelo cerco. Só nos resta blefar, e quanto melhor o blefe, maiores as chances de escapar.

Mara mordeu o lábio.

— Suponho que sim. — Ainda hesitante, ela removeu a carga do desintegrador, tirou o coldre do braço, e os entregou a Luke.

Ele os segurou, sentindo o peso do desintegrador.

— Eles checarão para ver se está carregado — argumentou. — Eu agiria assim.

— Desiste, Skywalker, se pensa que vou lhe entregar uma arma carregada...

— Se outro vornskr nos atacar antes dos imperiais — Luke lembrou — não terá tempo suficiente para recarregar a arma.

— Talvez eu não me importe — ela retrucou amargurada. Luke concordou com um gesto.

— Talvez não.

Ela o encarou, sem convicção. Revoltada com a situação inevitável, passou a carga para as mãos dele.

— Muito obrigado — Luke disse, recarregando o desintegrador e

prendendo o coldre no antebraço. — Pronto, Artoo?

O dróide entendeu. Uma das seções trapezoidais de seu domo, indistinta dos outros segmentos, abriu-se, revelando o compartimento vazio. Voltando- se para Mara, Luke esticou a mão.

Ela olhou para a mão espalmada, e depois para o compartimento.

— Então foi assim que você fez — ela comentou acidamente, entregando o sabre-laser. — O modo como levou a arma sempre me intrigou, no caso do palácio de Jabba.

Luke guardou o sabre-laser, e Artoo fechou o compartimento.

— Pedirei o sabre, quando precisar — ele disse ao dróide.

— Não conte muito com ele — Mara o preveniu. — O efeito dos ysalamiris se estende a vários quilômetros além da floresta. Nenhum dos truques de antecipação de ataque funcionará perto da cidade de Hyllyard.

— Compreendo. Estou pronto para partir.

— Ainda não. Ainda precisamos cuidar de seu rosto. Luke ergueu a sobrancelha.

— Não creio que Artoo possa esconder isso.

— Engraçadinho. Pensei em algo diferente. — Mara olhou ao redor, e seguiu até um arbusto estranho, a poucos metros de distância. Cobriu a mão com a túnica e arrancou algumas folhas.

— Enrole a manga e estique o braço — ela ordenou, ao retornar com as folhas.

Ele obedeceu, e Mara esfregou as folhas de leve em seu braço.

— Vamos ver se funciona — ela disse.

— O que pretende com isso? Ai! — Luke exalou o ar, e a dor lancinante o sufocou.

— Perfeito — Mara declarou satisfeita. — Você é alérgico. Relaxe. A dor passará em poucos segundos.

— Muito obrigado — Luke retrucou. A dor passou mesmo.

— Muito bem. Agora o que é isso? Está cocando demais!

— A coceira demora um pouco mais para diminuir — ela disse, apontando para o braço. — Não tem importância. O que acha?

Luke apertou os dentes. A coceira era uma tortura, mas ela estava certa. A pele, no ponto atingido, tornara-se escura, cheia de pequenas pústulas, inchada.

— Nojento — ele disse.

— Isso mesmo. Vai passar sozinho, ou quer ajuda? Luke fez uma careta. Enfrentaria a desagradável tarefa.

— Pode deixar que eu mesmo passo.

Foi mesmo terrível. Quando terminou de esfregar as folhas na face, contudo, a dor passou em pouco tempo.

— Espero que não tenha esfregado muito perto dos olhos — ele comentou entre os dentes. Jogou as folhas na mata, lutando contra a

vontade de cocar o rosto com as duas mãos e dez unhas. — Terei sorte se conseguir enxergar alguma coisa hoje.

— Ficará ótimo — Mara garantiu, estudando o resultado. — O rosto ficou horroroso. Não se parece nem um pouco com os belos retratos que eles distribuíram. Isso posso garantir.

— Fico feliz em saber. — Luke respirou fundo antes de se dedicar aos exercícios Jedi de supressão da dor. Sem a Força não mostravam tanta eficiência, mas ajudavam um pouco. — Quanto tempo permanecerei assim?

— O inchaço diminuirá dentro de algumas horas. Mas as marcar só desaparecerão amanhã.

— Serve. Estamos prontos?

— Como o diabo gosta — ela disse, dando as costas para Artoo e agarrando as barras da liteira para iniciar a caminhada.

Caminharam depressa, apesar do tornozelo de Mara ainda incomodá-la um pouco, e do sofrimento de Luke com a coceira. Para seu alívio, a coceira começou a diminuir depois de meia hora, deixando apenas o rosto deformado.

O tornozelo de Mara não foi um caso de solução tão fácil, porém. Andando atrás dela e de Artoo, Luke notou o quanto ela sofria. O peso adicional de Artoo piorava seu estado. Ele quase sugeriu que voltassem atrás na troca de papéis. Mas resistiu. Era a melhor chance de escapar dali, e ele sabia disso.

Ademais, o orgulho da moça a impediria de aceitar ajuda.

Percorreram mais um quilômetro, aproximadamente, quando o zumbido das motos aéreas se intensificou. De repente, elas foram avistadas.

Havia duas: motos aéreas reluzentes, com blindagem branca, avançando na direção dos dois. Pararam assim que os ouvidos de Luke perceberam sua chegada. Significava que já conheciam a posição do alvo.

A tropa de assalto já deveria tê-los localizado há alguns minutos, concluiu. Ainda bem que não tentara desfazer a troca de papéis com Mara, Luke pensou.

— Parem! — um dos pilotos gritou desnecessariamente, apontando os dois canhões desintegradores. — Identifiquem-se, em nome do Império.

Chegara a hora do teatro.

— Puxa, ainda bem que vocês apareceram — Luke respondeu, pondo o máximo de alívio na voz alterada pelas bochechas inchadas. — Será que poderíamos pegar uma carona? Meus pés estão me matando.

Houve apenas um segundo de hesitação.

— Identifiquem-se — o piloto repetiu.

— Meu nome é Jade — Luke disse. Apontou para Mara. — Tenho um presente para Talon Karrde. Será que ele mandou algum transporte?

Seguiu-se uma pausa breve, e os dois pilotos conversaram rapidamente. Luke calculou que decidiam se chamavam a base para pedir instruções. O fato de o prisioneiro ser uma mulher os confundiu, como esperam. Se bastava para enganá-los, era outra história.

— Venha conosco — um dos pilotos ordenou. — Nosso oficial quer interrogá-lo. Mulher, ponha o dróide no chão e afaste-se dele.

— Por mim, tudo bem — Luke disse, enquanto o segundo piloto manobrava a moto aérea e parava na frente da liteira de Artoo. — Mas em meu relatório quero o testemunho dos dois, de que eu a tinha prisioneira quando apareceram. Karrde usa todo tipo de estratagema para fugir do pagamento das recompensas. Ele não vai me enrolar desta vez.

— Você é um caçador de recompensas? — um dos pilotos perguntou, sem se preocupar em esconder o desprezo.

— Acertou — Luke disse, com orgulho profissional, em resposta ao desdém do piloto. Não que se importasse. Ele, na verdade, contava com isso. Quanto mais os imperiais formassem uma imagem equivocada a seu respeito, mais demorariam a notar o logro.

No fundo, usava um truque típico de Jedi.

O segundo piloto desmontou e prendeu as barras da liteira de Artoo em sua moto. Montando novamente, seguiu na velocidade de caminhada rápida.

— Sigam a moto — o primeiro piloto ordenou, colocando-se na retaguarda. — E largue o desintegrador no chão primeiro, Jade.

Luke obedeceu, e o grupo se pôs em movimento. O piloto parou para pegar o desintegrador e prosseguiu.

Dentro de uma hora, atingiram a margem da floresta. As duas motos aéreas os vigiaram sem cessar. Enquanto seguiam, o grupo aumentou. Outras motos se juntaram a eles, em formação cerrada, cobrindo as laterais de Luke e Mara, além de reforçar a frente e a retaguarda. Quando atingiram a beira da floresta, os soldados da tropa de assalto surgiram aos montes, de armadura completa e rifles desintegradores cruzados no peito, tomando posição em torno dos prisioneiros. Neste momento as motos se afastaram aos poucos, reforçando a escolta a distância.

Quando já se encontravam no descampado, o grupo aumentou mais ainda, chegando a dez motos e vinte soldados. Uma demonstração impressionante de poderio militar, mais reveladora do que própria busca, provando a Luke que o misterioso comandante do Império tratava a questão com muita seriedade. Os imperiais nunca usavam a tropa de assalto à toa, nem no auge de seu poderio.

Três pessoas os aguardavam na faixa de cinqüenta metros que separava a selva dos primeiros edifícios de Hyllyard. Dois soldados e um sujeito rígido, ostentando a insígnia de major em seu uniforme marrom.

— Já estava na hora — ele murmurou quando Mara e Luke se aproximaram. — Quem são eles?

— O sujeito disse que se chama Jade — um dos soldados respondeu, com a voz ligeiramente fanhosa que os caracterizava.

— Caçador de recompensas. Trabalha para Karrde. Declarou que a mulher é prisioneira dele.

— Era prisioneira dele — o major corrigiu, olhando para Mara.

— Qual é seu nome, ladra?

— Senni Kiffu — Mara respondeu, emburrada. — E não sou ladra. Talon Karrde me devia dinheiro, muito dinheiro. Só cobrei a dívida a meu modo.

O major olhou para Luke, que deu de ombros.

— Os negócios de Karrde não me dizem respeito. Ele disse para pegá-la, e eu a peguei.

— E o produto do roubo também, pelo que vejo. — O major olhou para Artoo, ainda amarrado à liteira agora puxada pela moto aérea. — Tirem o dróide daí — ordenou ao piloto. — O terreno aqui é plano, e quero a moto desimpedida. Cuidem dos prisioneiros. Algemem todos, não poderão tropeçar em raízes aqui.

— Espere um pouco — Luke protestou. — Eu também? O major ergueu as sobrancelhas ligeiramente.

— Não gostou da idéia, caçador?

— Claro que não gostei. A prisioneira é ela, eu não fiz nada.

— No momento, os dois são prisioneiros — o outro retrucou.

— E cale a boca. — Examinou o rosto de Luke, intrigado. — O que aconteceu com sua cara?

O rosto inchado de Luke não passaria por um estado natural, portanto.

— Caí em cima de uma moita, no caminho — ele rosnou, enquanto um solado algemava suas mãos. — Cocou pra danar, no começo.

O major sorriu.

— Que pena. Ainda bem que temos um médico competente no posto de comando. Ele cuidará do inchaço. — Encarou Luke por um momento, e depois concentrou a atenção no soldado. — Já o desarmou, suponho.

O soldado ergueu o braço, e o piloto da primeira moto entregou o desintegrador de Mara para o major.

— Arma interessante — ele murmurou, examinando-a antes de guardá-la no cinto. No alto um zumbido indicou a presença de um transporte repulsorlift que os sobrevoava. Veículo de assalto *Chariot,*

exatamente como Mara previra. — Muito bem — o major disse, olhando para cima. — Certo, comandante. Vamos.

Em diversos aspectos a cidade de Hyllyard lembrava Mos Eisley, a Luke: casas pequenas, prédios comerciais amontoados, ruas relativamente estreitas a separá-los. A tropa as evitou, procurando uma das avenidas mais largas, radiais, que desembocavam no centro. Olhando a cidade ao passar pelos prédios da periferia, Luke vislumbrou um espaço livre, atrás dos edifícios. A praça central, possivelmente, ou um local para pouso das naves espaciais.

A vanguarda chegou à avenida almejada quando, abruptamente, a tropa de choque alterou sua formação. Os mais próximos acercaram-se de Luke e Mara, o círculo externo de soldados afastou-se um pouco. Todos pararam e, com um gesto, ordenaram aos prisioneiros que os imitassem. Um segundo depois, a razão para a súbita manobra dobrou a esquina: quatro sujeitos mal- encarados caminhavam no sentido deles, com um quinto elemento no centro do quadrado que formavam, este com as mãos atadas às costas.

Mal surgiram na rua, foram interceptados por um grupo de quatro soldados da tropa de assalto. Seguiu-se uma conversa breve e inaudível, que se encerrou quando, relutantes, os estranhos entregaram seus desintegradores aos soldados. Escoltados pelos imperiais agora, eles prosseguiram na direção do grupo principal. Enquanto caminhavam, Luke finalmente identificou o prisioneiro.

Era Han Solo.

A tropa de choque abriu as fileiras ligeiramente, para a entrada dos recém-chegados.

— O que desejam? — perguntou o major, quando pararam à sua frente.

— Meu nome é Chin — um deles falou. — Pegamos este abelhudo na floresta. Provavelmente, procurava pelos seus prisioneiros. Achei que gostaria de interrogá-lo. Que tal?

— Uma generosidade inesperada de sua parte — o major disse irônico, avaliando Han com o olho ágil. — Chegou sozinho a esta conclusão?

Chin empertigou-se.

— Só porque eu não moro numa cidade grande e iluminada não quer dizer que eu seja estúpido — ele retrucou duro. — Pensa que eu não sei o que significa a chegada da tropa de assalto imperial e o estabelecimento de uma guarnição temporária?

O major o encarou friamente.

— Torça para que a guarnição seja mesmo temporária. — Ele gesticulou para que o soldado mais próximo cuidasse de Han.

— Reviste-o, pode estar armado.

— Já o revistamos... — Chin começou a falar, mas parou quando o

major o olhou.

A revista não levou mais do que um minuto, sem resultado algum.

— Ponha este sujeito junto com os outros — o major ordenou.

— Muito bem, Chin. Você pode ir embora com seus amigos. Se ele valer alguma coisa, receberá sua recompensa.

— Uma generosidade inesperada de sua parte — Chin disse com ar zombeteiro. — Pode devolver nossas armas agora?

O major ficou contrariado, mas concedeu:

— Vá buscá-las mais tarde, na guarnição. Estamos no Hotel Hyllyard, do outro lado da praça, nem preciso dizer. Um cidadão sofisticado como você já sabe disso.

Por um momento, Chin pareceu inclinado a discutir a questão. Mas uma olhada aos soldados que o cercavam evidentemente o fez mudar de idéia. Sem dizer mais uma palavra, virou-se e dirigiu-se ao centro da cidade com seus companheiros.

— Andando — o major ordenou, e o grupo se moveu.

— Bem — Han murmurou, caminhando ao lado de Luke. — Juntos outra vez.

— Senti sua falta — Luke murmurou de volta. — Seus amigos estavam loucos para ir embora.

— Provavelmente não querem perder a festa — Han disse. — Eles prepararam a comemoração de minha captura.

Luke o olhou de esguelha.

— Uma pena que não fomos convidados.

— Pena mesmo — Han concordou com o rosto impassível.

— Mas a gente nunca sabe.

Eles entraram na avenida, movendo-se em direção ao centro. Visível, à frente dos soldados, encontrava-se uma estrutura cinzenta, redonda. Esticando o pescoço para enxergar melhor, Luke percebeu que se tratava, na verdade, de uma passagem em arco, que se estendia a partir do lado aberto da praça que notara antes.

Era um arco impressionante, em especial para uma cidade distante dos principais pontos da galáxia. A parte superior, composta de diferentes tipos de pedras, possuía uma espécie de coroa, qual um guarda-chuva ou uma fatia de cogumelo. A parte inferior se curvava para dentro e para baixo, terminando em pilares de suporte, dos dois lados. O arco elevava-se a mais de dez metros, e a distância entre os pilares era a metade disso. A praça da cidade estendia-se diretamente à frente dele, vazia, com cerca de quinze metros de extensão.

O local perfeito para uma emboscada.

Luke sentiu um frio no estômago. O lugar perfeito para uma emboscada... Se isso era óbvio para ele, seria óbvio para a tropa de choque, também.

Acertou. A vanguarda do grupo chegou à praça, e os soldados se

posicionaram no final da avenida estreita, erguendo os rifles desintegradores, afastando-se um pouco dos outros. Esperavam uma cilada, sem dúvida. E exatamente naquele local.

Estreitando os olhos, Luke focalizou o arco.

— Threepio está lá? — perguntou baixinho a Han.

Ele viu Han franzir a testa, mas não perdeu tempo com perguntas desnecessárias.

— Sim, com Lando.

Luke balançou a cabeça e olhou para a direita. A seu lado, Artoo rolava pela rua esburacada, tentando manter o equilíbrio. Preparando-se para a ação, Luke deu um passo em sua direção...

Com um guincho, Artoo tropeçou no pé estendido de Luke e caiu no chão com estardalhaço.

Luke agachou-se a seu lado imediatamente, tentando reerguer o dróide, mesmo de mãos amarradas. Ele percebeu que um dos soldados se aproximava para ajudar, mas por um momento ficaria perto o bastante do dróide, e sozinho.

— Artoo, chame Threepio — sussurrou no receptor de áudio do dróide.

— Diga-lhe que esperem para atacar até que os soldados estejam sob o arco.

O dróide obedeceu instantaneamente, e a resposta quase ensurdeceu Luke, agachado a seu lado. Os ouvidos de Luke ainda doíam quando mãos rudes o agarraram e o puxaram, obrigando-o a levantar-se. Ele recuperou o equilíbrio...

E deu com o major à sua frente, desconfiado.

— O que aconteceu? — ele quis saber.

— O dróide caiu — Luke explicou. — Acho que tropeçou...

— Estou falando da transmissão — o major o interrompeu bruscamente.

— O que ele disse?

— Estava provavelmente reclamando que foi tudo minha culpa — Luke disse. — Como posso saber o que disse, afinal? Por um minuto o major o encarou.

— Avance, comandante — ele ordenou ao sujeito a seu lado.

— Alerta total.

Luke deu meia-volta, e retomou a caminhada.

— Espero que saiba o que está fazendo — Han murmurou a seu lado. Luke respirou fundo e fixou os olhos no arco de pedra.

— Eu também...

Em poucos minutos, pensou, descobririam.

29

— Ai minha nossa! — Threepio exclamou. — General Calrissian, tenho...

— Quieto, Threepio — Lando ordenou, examinando cuidadosamente pela janela o breve incidente do outro lado da praça. — Viu o que aconteceu, Aves?

Agachado atrás da janela, Aves balançou a cabeça.

— Ao que parece, Skywalker e o dróide tropeçaram. Difícil saber com certeza, há muitos soldados em torno deles.

— General Calrissian...

— Já disse para ficar quieto, Threepio. — Lando observou, tenso, quando os dois soldados ergueram Luke e o dróide. — Creio que eles estão bem.

— Certo. — Aves esticou o braço e pegou o transmissor no chão, a seu lado. — Vamos atacar. Espero que todos estejam prontos.

— E que Chin e os outros não estejam mais portando os desintegradores — Lando disse entre os dentes.

— Não estão — Aves disse. — Não se preocupe. A tropa de choque sempre confisca as armas alheias.

Lando concordou com um gesto, e ajustou seu desintegrador, ansioso para acabar logo com aquilo. Do outro lado, os imperiais pareciam ter se organizado, e retomavam a caminhada. Assim que estivessem no meio da praça, distantes de qualquer cobertura...

— General Calrissian, preciso falar com o senhor — Threepio insistiu.

— Tenho uma mensagem de mestre Luke.

Lando o olhou atônito.

— De Luke? — Assim que perguntou, lembrou-se do ruído eletrônico que se seguiu à queda. Poderia ser? — Diga logo.

— Mestre Luke pede que espere um pouco, antes de atacar — Threepio disse, obviamente aliviado ao conseguir que o ouvissem. — Ele deseja que aguardem até que a tropa de assalto passe debaixo do arco, para abrir fogo.

Aves virou-se.

— Ele ficou louco? Isso é suicídio. Eles nos superam em três para um. Se tiverem a chance de conseguir cobertura, nos farão em pedaços.

Lando olhou pela janela, franzindo a testa. Aves tinha razão, e conhecia táticas de guerra o bastante para concordar com ele. Por outro lado...

— Eles estão muito espalhados. Com ou sem cobertura, será difícil derrubá-los. Especialmente com as motos aéreas dando apoio.

Aves balançou a cabeça.

— Isso é loucura — ele repetiu. — Não pretendo arriscar meu

pessoal deste modo.

— Luke sabe o que está fazendo — Lando insistiu. — Ele é um Jedi.

— Ele não é Jedi aqui — Aves retrucou. — Karrde não lhes falou dos ysalamiris?

— Tenha poderes ou não, ele continua sendo um Jedi — Lando insistiu. Seu desintegrador, percebeu, estava apontado para Aves. Tudo bem, o de Aves também apontava para ele. — Seja como for, a vida dele corre mais perigo do que a vida de qualquer um de nós. Sempre poderemos desistir e bater em retirada.

— Facilmente — Aves comentou irônico, olhando pela janela. Os imperiais encontravam-se no meio da praça. A tropa de choque mantinha o alerta máximo. — Se deixarmos um deles vivo, explodirão a cidade. E quanto ao veículo de assalto *Chariot,* lá em cima?

— O que tem ele? Ainda não ouvi seu plano para derrubá-lo.

— Pode apostar que não o queremos no solo. E não teremos como evitar isso, se a tropa de assalto chegar ao arco. O *Chariot* pousará bem na frente do arco, entre nosso pessoal e a tropa. Com sua proteção, mais a cobertura do arco, eles poderão se acomodar confortavelmente e acabar conosco, um por um. — Balançou a cabeça e ergueu o transmissor. — De qualquer maneira, *é* tarde demais para avisar os outros da mudança de planos.

— Não precisa avisá-los — Lando disse, sentindo o suor escorrer pelo colarinho. Luke contava com ele. — Ninguém vai se mexer antes de você acionar as armas automáticas escondidas.

Aves balançou a cabeça outra vez.

— É arriscado demais. — Ele se voltou para a janela e ergueu o transmissor.

Naquele instante, Lando tomou sua decisão. Na hora de escolher em quem confiar, não interessava a tática ou a lógica abstrata. Valiam mais as pessoas. Baixando o desintegrador, encostou o cano no pescoço de Aves. — Vamos esperar — ele disse calmamente.

Aves não se moveu, mas algo, em seu modo de se abaixar, o tornava semelhante a um animal selvagem espreitando a presa.

— Não vou me esquecer disso, Calrissian — ele disse com voz glacial.

— Não se esqueça mesmo — Lando retrucou. Olhou para a tropa de assalto... e torceu para que Luke soubesse o que estava fazendo.

A vanguarda já ultrapassara o arco, e o major encontrava-se a apenas alguns passos do colosso de pedra, quando quatro soldados subitamente voaram pelos ares.

Um espetáculo e tanto. Os relâmpagos simultâneos amarelados iluminaram a paisagem com intensidade quase insuportável. O trovoar das múltiplas explosões quase derrubou Luke.

O som ainda ecoava em seus ouvidos quando os desintegradores abriram fogo atrás dele.

A tropa de choque era eficiente, sem dúvida. Não entraram em pânico, Luke observou, nem ficaram parados, sem saber como agir. Moveram-se, assumindo posição de combate, antes mesmo que os desintegradores disparassem contra eles. Quem estava mais próximo do arco foi para trás dos pilares, procurando uma posição segura para revidar. Os outros se movimentaram depressa, na mesma direção. Cobrindo o som dos desintegradores, o zumbido das motos aéreas aumentou, aceleradas ao máximo. Ele viu de relance o veículo de assalto *Chariot* dar meia-volta para enfrentar os atacantes.

Um braço armado o agarrou por trás, e de repente ele foi arrastado para debaixo do arco. Segundos depois, atiraram-no entre dois pilares que sustentavam o lado norte do arco. Mara já estava ali, agachada. Mais um segundo, e dois soldados jogaram Han por cima deles. Quatro imperiais se deslocaram para cercá-los, usando os pilares como proteção, e ao mesmo tempo dispararam contra os atacantes. Ajoelhado, Luke esticou o pescoço para avaliar a situação.

No meio do fogo, pequeno e indefeso por entre os disparos sucessivos dos desintegradores, Artoo rolava o mais depressa possível, tentando se juntar a eles.

— Creio que estamos encrencados — Han disse em seu ouvido.

— Isso sem falar em Lando e nos outros.

— Ainda não fomos derrotados — Luke contestou secamente.

— Fique perto de mim. Consegue distraí-los?

— E minha especialidade — Han disse, e para surpresa de Luke, mostrou um braço livre das algemas. — Modelo difícil — comentou, retirando um filete de metal para abrir as algemas de Luke. — Espero que esta seja mais fácil... Pronto! — A pressão nos pulsos de Luke subitamente cessou, as algemas abertas caíram no chão. — Está pronto para ver como eu os distraio? — Han perguntou, pegando a alça solta de sua algema na mão.

— Espere só um instante — Luke pediu, olhando para cima. A maioria das motos aéreas se refugiara atrás dos arcos, semelhantes a imensos pássaros protegendo-se da tempestade, circulando entre as pedras, despejando o fogo dos canhões-laser contra as casas ao seu redor. Na frente e ao lado da linha de fogo, o *Chariot* pairava, paralelo ao arco, e descia. Quando chegasse ao solo...

A mão de Mara agarrou o braço de Luke, as unhas penetrando fundo em sua pele.

— Se vai fazer alguma coisa, faça logo! — sussurrou desesperada. — Se o *Chariot* pousar, estamos perdidos.

— Eu sei — Luke retrucou. — Conto com isso.

O *Chariot* pousou suavemente no chão, bem na frente do arco, bloqueando os disparos dos atacantes. Agachado junto a janela, Aves praguejou.

— Bem, agora está vendo o que o seu Jedi aprontou para nós. Tem mais alguma idéia genial, Calrissian?

Lando engoliu em sedo.

— Precisamos apenas dar a ele...

Não chegou a terminar a frase. Um disparo de desintegrador atingiu a janela, e Lando sentiu uma dor lancinante no braço. O choque o atirou para trás. Logo um segundo disparo destruía a janela, espalhando lascas de madeira e pedaços da alvenaria como se fossem estilhaços de granada.

Ele caiu no chão, pesadamente. Atordoado, tentou se levantar, controlando a dor...

E viu Aves por cima dele. Lando olhou para o rosto do outro. *Não vou me esquecer disso,* havia dito há pouco. E, pela expressão em seu rosto, não previa tal desfecho para o caso.

— Ele vai conseguir — Lando murmurou, apesar da dor. — Vai conseguir.

Mas sabia que Aves não podia ouvi-lo mais... e Lando não podia culpá- lo. Lando Calrissian, jogador profissional, fizera sua última aposta. E perdera.

E a dívida daquele jogo — a última de tantas dívidas — seria cobrada.

O *Chariot* estava pousado próximo ao arco. Luke colocou o pé embaixo dele.

— Tudo bem, Han — ele murmurou. — Vá.

Han levantou-se, no meio dos quatro soldados que os vigiavam. Com um grito, ele golpeou o rosto do mais próximo com as algemas ainda presas a um dos braços, e depois passou a corrente pelo pescoço do outro guarda, agarrando-o. Os dois restantes reagiram de imediato, pulando em cima dele. Caíram todos no chão.

Por alguns segundos, Luke ficou livre.

Ele se ergueu e olhou para a frente do pilar. Artoo continuava rolando pelo meio da batalha, tentando chegar ao arco antes de ser abatido. Ele bipou apavorado quando viu Luke...

— Artoo! Agora! — Luke gritou, esticando a mão enquanto vigiava o lado sul do arco. Entre os pilares de pedra e o *Chariot,* os soldados se mantinham solidamente entrincheirados. Caso seu plano fracassasse, a previsão de Han se realizaria: Lando morreria, junto com o resto do grupo. Cerrando os dentes, desejando ardentemente que seu contra-ataque não chegasse tarde demais, ele se virou na direção de Artoo.

No mesmo instante, um reflexo de metal prateado riscou o ar e pousou com perfeição em sua mão. Recuperara o sabre-laser.

A seu lado, os guardas atacados por Han se levantavam, deixando Han de joelhos, entre eles. Luke pegou todos com um único golpe, o raio laser esverdeado do sabre cortando as armaduras dos soldados ao meio.

— Fiquem atrás de mim — ele ordenou a Han e Mara, dando um passo para se abrigar no vão dos pilares ao norte, concentrado na massa de imperiais que se mantinha atrás dos pilares ao sul. Eles logo se deram conta de que alguém os ameaçava inesperadamente pelo flanco, e começavam a se posicionar para reagir, virando os rifles desintegradores na direção de Luke.

Se tivesse como usar a Força para guiar sua mão, poderia lutar contra eles indefinidamente, bloqueando os disparos dos desintegradores com o sabre-laser. Mara estava certa: o efeito dos ysalamiris estendia-se além dos limites da floresta, e a Força não se manifestava ali, tampouco.

Mas ele não planejava enfrentar a tropa de assalto assim. Dando as costas para os desintegradores que já disparavam contra ele, ele moveu o sabre-laser com habilidade.

E cortou um dos pilares de pedra ao meio.

Um estalo audível marcou a súbita tensão na estrutura. Mais um golpe, e o segundo pilar cedeu...

O ruído da batalha deu lugar repentinamente ao barulho das pedras. Os dois pilares começaram a deslizar.

Luke virou-se, percebendo que Han e Mara afastavam-se dos pilares, colocando-se em segurança atrás dele. As máscaras ocultavam a expressão dos soldados, mas o rosto apavorado do major falava em nome de todos eles. Acima, o arco tremeu perigosamente. Luke travou o sabre-laser e o atirou com precisão contra o vão entre os dois pilares restantes. O sabre cortou um no meio e afetou o outro...

A estrutura toda desabou fragorosamente sobre a tropa de assalto.

Luke, parado na beirada, pulou para o lado e escapou por pouco. Os soldados da tropa de assalto, agachados bem debaixo do arco, não puderam fazer nada.

Karrde contornou os escombros do arco, aproximando-se do local onde o bico do veículo de assalto *Chariot* apontava, amassado, a fisionomia revelando a incredulidade atônita com o desfecho do caso.

— Um único homem — ele murmurou.

— Bem, nós ajudamos um pouco — Aves protestou. O sarcasmo de suas palavras, porém, não eliminava o respeito pela façanha de Luke.

— E sem ajuda da Força, vale lembrar — Karrde completou. Aves deu de ombros, constrangido.

— Foi o que Mara disse. Claro, Skywalker pode ter mentido a ela.

— Duvido. — Um movimento na outra ponta da praça atraiu a atenção de Karrde, que virou a cabeça a tempo de ver Lando Calrissian, cambaleando, apoiado em Solo e Skywalker, a caminho de um dos transportes pousado ali perto.

— Ele foi atingido? Aves resmungou:

— E quase levou um tiro de mim, também. Pensei que tivesse nos traído, e me preparava para garantir que não se safasse.

— Ainda bem que você se conteve — Karrde disse, olhando para o céu. Imaginava quanto tempo levaria até que os imperiais reagissem aos acontecimentos daquele dia.

Aves acompanhou seu olhar.

— Podemos pegar os dois *Chariots* restantes, antes que possam enviar um relatório — sugeriu. — Duvido que o pessoal na base saiba o que aconteceu.

Karrde balançou a cabeça em negativa, sentindo tristeza misturada à pressa. Só agora se dava conta do quanto amava aquele local. A base, a floresta, o planeta Myrkr inteiro. Agora, quando sua única opção era abandoná-lo.

— Não — disse a Aves.

— Impossível ocultar o que ocorreu aqui, nem nossa participação. Thrawn é muito esperto.

— Tem razão — Aves concordou, e sua voz assumiu um tom ansioso. Ele compreendia as implicações do fato. — Quer que eu volte e prepare a evacuação?

— Sim. Leve Mara junto. Mantenha a moça ocupada, longe do *Millenium Falcon* e do asa-X de Skywalker.

Ele sentiu os olhos de Aves fixos em seu rosto. Mas o outro guardou suas perguntas para outra hora.

— Certo. Falamos depois.

Aves afastou-se depressa. O transporte que levava Calrissian decolara, dirigindo-se ao local onde o *Falcon* se preparava para partir. Solo e Skywalker encaminhavam-se para o segundo transporte; depois de um instante de hesitação, Karrde foi ao encontro deles.

Chegaram juntos à nave e, por um momento, trocaram olhares.

— Karrde — Solo disse —, fico lhe devendo essa.

Karrde balançou a cabeça.

— Ainda pretende ajudar na liberação do *Etherway?*

— Costumo cumprir minhas promessas — Solo o lembrou. — Para onde quer que eu envie a nave?

— Para Abregado mesmo. Mandarei alguém buscá-la. — Voltou a atenção para Skywalker. — Belo truque — comentou, apontando para os escombros do arco. — Pouco ortodoxo, para dizer o mínimo.

Skywalker deu de ombros.

— Funcionou.

— Sem dúvida — Karrde riu. — E salvou a vida de muitos dos meus homens.

Skywalker o fitou, sério.

— Quer dizer que tomou uma decisão? Karrde sorriu.

— Não creio que tenha muita escolha, a esta altura. — Olhou para Solo.

— Presumo que prefiram partir imediatamente.

— Assim que Luke preparar o asa-X para ser rebocado — Solo disse. — Lando está bem, mas precisa de cuidados médicos, e o *Falcon* não tem os recursos necessários.

— Poderia ter sido pior — Karrde comentou.

— Muito pior — Solo concordou.

— Mas não foi — Karrde disse, com a voz calma. Afinal, poderia ter entregue todos eles aos imperiais, no início.

E Solo sabia disso.

— Tem razão. Bem... até a próxima. Karrde acompanhou-os até o transporte.

— Mais uma coisa — ele disse quando entravam. — Obviamente, precisamos sair daqui antes que os imperiais saibam o que aconteceu. Isso significa mobilizar uma alta capacidade de carga, em pouco tempo. Por acaso não há cargueiros ou naves de guerra adaptadas por perto, não é?

Solo o olhou severo.

— Não temos cargueiros nem para conduzir os negócios rotineiros da Nova República. Creio que já conversamos sobre este assunto.

— Não dá nem para emprestar um? — Karrde insistiu. — Eu me contentaria com um cruzador estelar *Mon Calamari,* por exemplo.

— Sei que se contentaria — Solo retrucou, sarcástico. — Verei o que posso fazer.

Eles entraram no transporte, e Karrde recuou. O zumbido dos repulsorlifts marcou a subida do transporte, que se dirigiu para o lado da floresta.

Karrde olhou para a nave, em dúvida se fizera o pedido a tempo. Talvez não. Solo costumava honrar seus compromissos, um estranho

hábito para um ex-contrabandista, talvez resultado da prolongada convivência com o seu amigo wookiee. Se conseguisse um cruzador estelar, ele o emprestaria para ele.

Assim que chegasse, seria fácil roubá-lo e dominar a tripulação.

Talvez um presente desses ajudasse a atenuar a fúria que tomaria conta do Grande Almirante Thrawn quando o informassem do ocorrido ali.

Ou talvez nada pudesse apaziguá-lo.

Karrde olhou para as ruínas do arco, sentindo um arrepio na espinha. Não adiantaria nada oferecer uma nave de guerra. Thrawn perdera muito no caso, e não se conformaria. Logo voltaria, sedento de sangue...

Pela primeira vez na vida, Karrde sentiu pontadas de puro medo.

Ao longe, o transporte desapareceu na floresta. Karrde deu meia-volta e olhou para Hyllyard pela última vez. De um modo ou de outro, jamais voltaria àquela cidade.

Luke acomodou Lando num dos leitos do *Falcon,* enquanto ele e Han, com ajuda dos homens de Karrde, preparavam o asa-X para ser rebocado. O equipamento médico do *Falcon* era meio primitivo, mas servia para limpar a ferida e fazer um curativo. A cura completa só seria possível em um tanque baeta. No momento, ele já parecia mais aliviado. Deixando Artoo e Threepio para vigiá-lo, apesar dos protestos de que não precisava de um enfermeiro e não suportava mais Threepio, Luke retornou à cabine assim que a nave decolou.

— Algum problema com o cabo de reboque? — perguntou, ocupando a poltrona do co-piloto.

— Até agora nenhum — Han disse, debruçando-se para olhar a paisagem enquanto o *Falcon* subia acima da copa das árvores. — O peso extra não interferiu em nada, até o momento. Vai dar certo.

— Ótimo. Espera companhia?

— A gente nunca sabe — Han disse, recostando na poltrona para controlar os repulsorlifts. — Karrde contou que sobraram dois *Chariots,* e mais algumas motos aéreas. Alguém pode concluir que é melhor um ataque suicida do que dar as más notícias para o Grande Almirante.

Luke arregalou os olhos.

— Grande Almirante? — repetiu cautelosamente.

Han mordeu o lábio.

— Isso mesmo. Ele comanda as atividades militares do Império, agora.

Luke gelou.

— Pensei que tínhamos liquidado todos os Grandes Almirantes.

— Eu também. Esse aí escapou, pelo jeito. Abruptamente, no meio

da frase de Han, Luke sentiu uma onda de força e consciência. Como se acordasse de um sono profundo, ou acendesse a luz de um quarto escuro, ele compreendeu novamente o universo.

A Força retornara.

Ele respirou fundo, os olhos fixos no altímetro do painel. Pouco mais de doze quilômetros. Karrde tinha razão — os ysalamiris juntos aumentavam o efeito contra a Força.

— Descobriu o nome dele?

— Karrde não quis dizer — Han falou, franzindo a testa. — Talvez possamos trocar a informação pelo empréstimo do cruzador estelar que ele precisa. Está tudo bem?

— Sim — Luke respondeu. — E como se eu pudesse ver novamente, depois de ter passado algum tempo cego.

— Sei como é — Han retrucou, suspirando.

— Imagino. Ainda não tive chance de agradecer por sua ajuda. Obrigado por ter vindo me salvar.

Han fez um gesto, como a dizer que esquecesse o assunto.

— Eu também não tive a chance de dizer isso antes, mas você parece o mapa do inferno.

— Meu disfarce maravilhoso — Luke brincou, tocando a face com cautela. — Mara garantiu que ficarei bom em duas horas.

— É, Mara — Han falou. — Ao que parece, vocês dois se entenderam muito bem, lá na floresta.

Luke fez uma careta.

— Não conte com isso. Enfrentávamos um inimigo comum, isso é tudo. Primeiro a floresta, depois os imperiais.

Ele sentiu que Han hesitava em indagar mais a respeito. Resolveu poupar o amigo do constrangimento.

— Ela queria me matar.

— Tem idéia do motivo?

Luke abriu a boca e, surpreso com sua atitude, fechou-a novamente. Não tinha nenhum motivo especial para comentar o passado de Mara com Han. E sentia-se estranhamente refratário a isso.

— Problemas pessoais — disse apenas. Han o olhou intrigado.

— Problemas pessoais?! Mas ela quer assassiná-lo!

— Não é bem assim — Luke tentou consertar. — Bem, é um problema pessoal, está bem?

Han olhou para o amigo, depois concentrou-se nos instrumentos da nave.

— Entendi.

O *Falcon* saiu da atmosfera e seguiu para o espaço. Lá do alto, Luke concluiu, a floresta parecia um lugar agradável.

— Nunca cheguei a saber o nome deste planeta — ele comentou.

— Chama-se Myrkr — Han contou. — E só descobri isso esta

manhã. Creio que Karrde já devia ter decidido fugir do local, antes da batalha. Ele havia reforçado a segurança, quando Lando e eu chegamos.

Minutos depois uma luz se acendeu no painel de controle: o *Falcon* afastara-se o bastante da gravidade de Myrkr, e o hiperdrive poderia ser acionado.

— Beleza — Han comentou. — A rota já está programada, vamos cair fora daqui. — Acionou o controle e as estrelas se transformaram em riscos luminosos.

— Para onde vamos? — Luke perguntou quando as estrelas se transformaram no céu familiar. — Coruscant?

— Com uma pequena escala antes. Quero passar nos estaleiros de Sluis Van, para ver se consertamos Lando e o seu asa-X.

Luke o olhou de esguelha.

— E quem sabe achar um cruzador estelar para emprestar a Karrde?

— Quem sabe — Han disse, na defensiva. — Bem, Ackbar tem algumas naves de guerra enferrujando lá, em Sluis Van. Nada nos impede de pedir uma emprestada, por poucos dias.

— Claro que não — Luke concordou com um suspiro. De repente, ele se sentiu bem por poder simplesmente relaxar e não fazer nada. — Suponho que Coruscant pode passar alguns dias mais sem a nossa presença.

— Espero que sim — Han disse, preocupado. — No entanto, algo está para acontecer, lá. Talvez já tenha acontecido, aliás.

— Então é melhor não nos preocuparmos com Sluis Van agora — Luke sugeriu, sentindo um arrepio. — Lando está ferido, mas não corre risco de vida.

Han balançou a cabeça negativamente.

— Quero que ele seja tratado logo. E você também precisa de descanso, garoto — completou, olhando para Luke. — Quando chegarmos a Coruscant, as coisas vão pegar fogo. Aproveite a pausa em Sluis Van, enquanto pode. Será provavelmente seu último momento de paz e tranqüilidade por um bom tempo.

Na escuridão do espaço profundo, a três milésimos de ano-luz dos estaleiros de Sluis Van, a força-tarefa se agrupava para a batalha.

— O *Justiceiro* entrou em contato agora, capitão — o oficial de comunicações avisou Pellaeon. — Confirmaram condição de batalha e pedem atualização das ordens.

— Informe ao capitão Brandei que não há alterações — Pellaeon instruiu, observando pela escotilha de estibordo as sombras que se agrupavam em torno do *Quimera,* apenas identificáveis pelos padrões distintos de suas luzes. Uma força-tarefa impressionante, digna dos velhos tempos: cinco destróieres estelares, doze cruzadores classe

Strike, dois cruzadores ligeiros da antiga classe Carraca, e trinta esquadrões completos de caças TIE, prontos para decolar de seus hangares.

E, voando no meio daquela terrível força destruidora, como se fosse uma piada de mau gosto, seguia um velho cargueiro classe-A. A chave de toda a operação.

— Situação atual, capitão — a voz de Thrawn se fez ouvir, calma, atrás de Pellaeon.

O capitão virou o rosto para responder ao Grande Almirante.

— Todas as naves a postos, senhor — relatou. — O escudo de camuflagem do cargueiro foi checado e aprovado. Todos os caças TIE com tripulação a bordo, pronta para decolagem. Estamos prontos, creio.

Thrawn balançou a cabeça satisfeito, os olhos brilhantes a examinar as luzes do lado de fora da nave.

— Excelente. Novidades de Myrkr?

A pergunta abalou Pellaeon. Ele não pensava em Myrkr há dias.

— Não sei, almirante — confessou, olhando para o oficial de comunicações, por cima do ombro de Thrawn. — Tenente, passe o último comunicado da força estacionada em Myrkr.

O outro leu calmamente o relatório:

— Mensagem de rotina, capitão. Enviada há catorze horas e dez minutos.

Thrawn o encarou, severo.

— Catorze horas? — repetiu, a voz subitamente mortífera, baixa. — Ordenei relatórios a cada doze horas.

— Sim, almirante — concordou o oficial de comunicações, já demonstrando certo nervosismo. — Tenho a ordem aqui, senhor. Eles devem ter... — interrompeu a frase, olhando desconsolado para Pellaeon.

Eles devem ter se esquecido de mandar o relatório, completou Pellaeon mentalmente. Mas não chegou a externar seu pensamento. A tropa de assalto não se esquecia das ordens recebidas. Nunca.

— Talvez tenham problemas com o transmissor — disse. Por um par de segundos, Thrawn permaneceu silencioso.

— Não — disse finalmente. — Skywalker os pegou. Ele estava mesmo lá.

Pellaeon hesitou, depois balançou a cabeça, incrédulo.

— Não posso crer, senhor. Skywalker não pode ter derrotado todos eles. Os ysalamiris anulam seus poderes de Jedi.

Thrawn fixou os olhos vermelhos em Pellaeon.

— Concordo — disse apenas. — Recebeu ajuda, então. Pellaeon esforçou-se para não fugir do olhar.

— Karrde?

— Quem mais se encontrava lá? Já sabemos o que significa sua neutralidade.

Pellaeon consultou o monitor.

— Talvez seja melhor mandar uma nave para investigar. Podemos dispor de um cruzador de ataque. Ou mesmo o *Águia da Tempestade.*

Thrawn respirou fundo antes de falar:

— Não. — Recuperando o controle da voz, prosseguiu: — A operação em Sluis Van *é* prioritária. E muitas batalhas já foram perdidas pela presença ou ausência de uma única nave. A traição de Karrde será tratada depois.

Voltou-se para o oficial de comunicações.

— Avise o cargueiro para ativar o escudo de camuflagem.

— Sim, senhor.

Pellaeon olhou pela escotilha. O cargueiro, iluminado pelos refletores do *Quimera,* permanecia em sua posição, inocente.

— Escudo de camuflagem acionado — informou o oficial. Thrawn prosseguiu:

— Ordene que avancem.

— Sim, senhor. — Movendo-se desajeitadamente, o cargueiro manobrou, passando pelo *Quimera,* e seguiu para o sol distante do sistema de Sluis Van. Piscou ao passar para a velocidade da luz.

— Cronometrem — Thrawn ordenou.

— Cronômetro acionado — um dos oficiais da ponte informou. Thrawn olhou para Pellaeon.

— Minha nave de comando está pronta, capitão? — formulou a pergunta clássica.

— O *Quimera* encontra-se totalmente sob seu comando, almirante — Pellaeon deu a resposta formal.

— Ótimo. Seguiremos o cargueiro dentro de exatamente seis horas e vinte minutos. Quero uma checagem geral de todas as naves... e lembrar a todos, mais uma vez, que nossa missão é destruir os sistemas de defesa do planeta. Nada de heroísmo ou riscos inúteis. Deixe isso muito claro, capitão. Estamos aqui para ganhar naves, não para perdê-las.

— Sim, senhor — Pellaeon disse, seguindo para o posto de comando.

— Capitão...

— Sim, almirante?

Um sorriso discreto surgiu no rosto de Thrawn.

— Não se esqueça de mencionar que nossa vitória final sobre a Rebelião começa aqui.

31

O capitão Afyon, da fragata de escolta *Larkhess,* balançou a cabeça em sinal de desprezo, olhando para Wedge sem disfarçar sua contrariedade.

— Vocês sempre levam a melhor — resmungou. — Os ases dos asa-X. Acham que são o máximo, não é mesmo?

Wedge deu de ombros, fazendo um grande esforço para não se ofender. Um exercício que praticara muito nos últimos dias. Afyon partira de Coruscant com uma pesada responsabilidade, e isso se refletia em seu humor.

Olhando para o amontoado de naves na área de pouso de Sluis Van, não era difícil descobrir o motivo.

— Nós também não gostamos de estar aqui — ele lembrou ao capitão.

O outro bufou.

— Grande sacrifício. Instalam-se na minha nave como marajás por alguns dias, depois sobrevoam o local durante duas horas. Enquanto isso, eu me mato para desviar dos cargueiros e enfiar esse monstrengo numa estação miserável. Então vocês voltam e desfrutam das mordomias outra vez. E ainda acham que fizeram muito. Mas não fizeram por merecer o salário.

Wedge mordeu a língua e mexeu o chá com força. Seria falta de educação responder a um oficial mais velho, mesmo decadente. Pela primeira vez, desde que assumira o comando do Esquadrão Rogue, lamentou ter recusado as promoções oferecidas. Num posto mais alto, poderia pelo menos dar uma resposta adequada.

Erguendo a xícara com cuidado, ele olhou pela escotilha. Ao ver a paisagem, concluiu ter agido bem ao recusar as promoções e permanecer com os asa-X. Caso contrário, ele provavelmente estaria na mesma posição que Afyon: tentando operar uma nave de 920 tripulantes com apenas quinze, cheia de carga, em vez de armamentos.

E, ainda por cima, sendo obrigado a aturar pilotos de asa-X sentados na ponte, tomando chá, retrucando, aliás com toda a razão, que estavam ali cumprindo ordens.

Ele sorriu atrás da xícara. Sim, no lugar de Afyon, ele estaria furioso, também. Talvez fosse até melhor responder e atiçar a discussão, para drenar o excesso de nervosismo do capitão. Dentro de uma hora, se a previsão do Controle em Sluis Van fosse correta, chegaria finalmente a vez do *Larkhess* sair dali e seguir para Bpfassh. Quando chegasse a hora, seria bom que Afyon se mantivesse calmo o suficiente para comandar a nave.

Ao beber mais um gole de chá, Wedge olhou para fora. Duas naves de passageiros adaptadas partiam agora, acompanhadas por quatro

corvetas Corellians. Atrás deles, pouco visível na luz fraca das bóias sinalizadoras de pouso, passava um transportador ligeiramente oval, do tipo que ele costumava escoltar durante a guerra, com um par de asa-B atrás.

E, mais para o lado, movendo-se em paralelo, um cargueiro velho, classe-A, aproximava-se da doca.

Sem nenhuma escolta.

Wedge observou a nave que se aproximava deles, e o sorriso desapareceu, dando lugar ao estado de alerta. Girando a cadeira, seguiu sua intuição e pediu uma verificação dos sensores.

Parecia totalmente inocente, contudo. Um cargueiro antigo, provavelmente cópia do projeto original dos *Correllian Action IV,* com a fuselagem esperada depois de uma vida inteira de trabalho honesto, ou uma rápida e desgastante carreira como nave pirata. Não levava carga alguma, e não havia armamentos, segundo a leitura dos sensores do *Larkhess.*

Um cargueiro totalmente vazio. Há quanto tempo, pensou intrigado, não via um cargueiro vazio?

— Algum problema?

Wedge olhou para o capitão, um tanto surpreso. A frustração irritante do outro desaparecera, dando lugar à calma e ao controle de um militar experiente, pronto para a batalha. Talvez, pensou Wedge, Afyon não estivesse em decadência ainda.

— Aquele cargueiro que está se aproximando — ele alertou o capitão, deixando a xícara de lado para pedir um canal de comunicação. — Há algo errado com aquela nave.

O capitão espiou pela escotilha, e depois consultou os dados dos sensores no monitor à frente de Wedge.

— Não vejo nenhum problema — ele disse.

— Nem eu — Wedge admitiu. — Mas sei que há algo... Droga!

— O que foi?

— O Controle negou acesso — Wedge disse. — Circuitos sobrecarregados, segundo o operador.

— Deixe comigo. — Afyon acionou seu próprio console. O cargueiro estava mudando de rumo, manobrando lentamente, como se estivesse lotado de carga. Mas os sensores diziam que permanecia vazio...

— Lá vamos nós — Afyon disse, olhando para Wedge satisfeito. — Entrei no computador de bordo deles. Um pequeno truque que vocês nunca aprenderam, pilotando os asa-X. Vamos ver... Trata-se do cargueiro *Nartissteu,* de Nellac Kram. Eles foram atacados por piratas, os propulsores principais foram danificados na luta, e precisaram abandonar a carga para poder voltar. Pedem permissão para pousar e providenciar os reparos necessários. O Controle de Sluis Van mandou

que entrassem na fila.

— Pensei que nossa operação exigisse exclusividade e controle total da área — Wedge disse, franzindo a testa.

Afyon deu de ombros.

— Em teoria. Na prática... Bem, não é difícil convencer o pessoal de Sluici a abrir uma exceção. Basta saber como falar com eles.

Relutante, Wedge concordou. Parecia tudo muito razoável. Mas uma nave vazia, avariada, poderia muito bem fugir de outra, intacta e carregada. O cargueiro estava vazio, segundo os sensores do *Larkhess.*

O mal-estar não passava, porém.

Abruptamente, ele acionou o comunicador em seu cinto.

— Esquadrão Rogue, fala Líder Rogue — ele chamou. — Todos a postos nas naves.

O grupo confirmou o recebimento da mensagem, e os olhos de Afyon se concentraram nele.

— Ainda desconfia da nave? — o outro perguntou em voz baixa.

Wedge sorriu, olhando pela última vez para o cargueiro.

— Acho que não. Mas é melhor prevenir do que remediar. Além disso, não quero que meus pilotos passem o dia tomando chá, sem fazer nada. — Deu meia-volta e deixou a ponte, apressado.

Os outros onze membros do Esquadrão Rogue encontravam-se a postos nos asa-X quando ele chegou às plataformas de decolagem do *Larkhess.* Três minutos depois, saíram.

O cargueiro não avançara muito, Wedge notou ao contornar o casco do *Larkhess* e assumir formação aberta de patrulha. Estranhamente, movera-se bastante para o lado, afastando-se do *Larkhess,* para se aproximar de dois cruzadores estelares calamari que orbitavam juntos a poucos quilômetros.

— Abram mais a formação — Wedge ordenou aos pilotos, assumindo uma rota de aproximação discreta. — Vamos dar uma espiada, como quem não quer nada.

Os outros entenderam. Wedge olhou para o visor da nave, ajustando a velocidade, e olhou novamente.

E, de repente, foi um inferno.

O cargueiro explodiu. Sem mais nem menos, sem um único sinal de aviso dos sensores, sem a menor pista.

Em um ato reflexo, Wedge agarrou o controle do comunicador.

— Emergência! — gritou. — Explosão de nave na órbita da doca V-475.

Enviem equipe de resgate.

Por um momento, enquanto partes da doca se espalhavam pelo espaço, ele perscrutou para o vazio lá dentro... Mas seus olhos registravam a imagem da doca vazia, e só. Não conseguia ver adiante...

A doca não estava mais vazia.

Um dos pilotos gritou. Uma massa compacta estava ali, enchendo totalmente o espaço que, segundo os sensores do *Larkhess,* encontrava-se vazio. Uma massa que se expandia agora como um vespeiro, atrás dos destroços da doca.

Uma massa que logo se transformou em um enxame de caças TIE.

— Recuem! — Wedge disparou para o esquadrão, realizando uma manobra rápida com o asa-X para sair da frente do enxame mortífero. — Assumir formação de combate. Atacar!

E quando os caças se agruparam para enfrentar o inimigo, ele se lembrou das palavras do capitão Afyon. Ele se equivocara. O Esquadrão Rogue faria por merecer o salário.

Começara a batalha de Sluis Van.

Eles passaram pelo sistema externo de defesa e enfrentaram a burocracia lenta que fazia de Controle em Sluis Van nos dias movimentados. Han acabava de localizar a área de pouso a ele destinada quando ouviu o alerta de emergência no rádio.

— Luke! — gritou, virando-se para o corredor. — Uma nave explodiu. Vou verificar. — Olhou para o mapa da órbita, tentando encontrar o ponto V-745, girou ligeiramente a nave para a direção correta...

E pulou no assento quando o tiro de laser acertou a traseira do *Falcon.*

Ele já iniciara a manobra evasiva quando o segundo disparo passou raspando na carlinga. Acima do ruído dos motores, ele ouviu a voz de Luke, seu grito surpreso. Depois de desviar do terceiro tiro, ele finalmente teve uma chance para acionar os sensores da popa e ver o que acontecia.

Preferia não ter descoberto. Bem atrás deles, as baterias cuspindo fogo contra uma das estações de combate no perímetro de Sluis Van, encontrava- se um destróier estelar imperial.

Praguejou e acelerou mais ainda. A seu lado, Luke venceu a aceleração forte, não de todo compensada, e chegou ao assento do co-piloto.

— O que foi?

— Estamos em meio a uma ofensiva imperial — Han rugiu, os olhos fixos nos instrumentos. — Tem um destróier estelar na nossa cauda, e outro a estibordo. Além de várias naves que os acompanham
— Eles vão atacar em massa — Luke disse, a voz fria e calma. Estava bem diferente do garoto histérico que Han salvara em Tatooine, há alguns anos. — No total, são cinco destróieres estelares e vinte naves menores.

Han bufou.

— Pelo menos sabemos por que eles atacaram Bpfassh e os outros sistemas. Queriam que reuníssemos muitas naves aqui, para justificar um ataque em massa.

Mal pronunciou estas palavras e o canal de comunicação de emergência foi acionado novamente.

— Emergência! Caças imperiais TIE na órbita da doca. Todas as naves em posição de combate.

— Parece a voz de Wedge — afirmou Luke, acionando o comunicador.

— Wedge? E você mesmo?

— Luke? Estamos encrencados. Pelo menos quarenta caças TIE e cinqüenta coisas que nunca vi antes, parecem cones truncados...

Parou de falar, e o som da aceleração do caça cobriu a transmissão. Em seguida, prosseguiu:

— Espero que tenha trazido alguns esquadrões de caças com você. Estamos em desvantagem.

Luke olhou para Han.

— Lamento, mas vim apenas com Han, no *Falcon.* A caminho.

— Venha depressa.

Luke desligou o comunicador.

— Existe algum modo de me levar até o asa-X?

— Rápido, não — Han disse, balançando a cabeça. — Precisaremos abandonar a nave aqui e seguir em frente.

Luke concordou, levantando-se da poltrona.

— Melhor verificar se Lando e o dróide estão bem presos, e depois cuidar da artilharia.

— Use o canhão de cima — Han gritou. Os escudos defletores da parte superior forneciam mais proteção, e Luke estaria mais seguro lá.

Se é que alguém poderia se considerar seguro, enfrentando quarenta caças TIE e cinqüenta cones truncados.

Por um momento ele se retesou, atormentado por um estranho pressentimento. Não poderiam ser os cinqüenta mineradores perdidos por Lando. Nem mesmo um Grande Almirante cometeria a loucura de usar uma nave daquelas em batalha.

Aumentando a potência dos defletores, tomou fôlego e foi em frente.

— Todas as naves, iniciem o ataque — Pellaeon ordenou. — Posição de combate imediata.

As naves confirmaram o recebimento da mensagem, e ele se voltou para Thrawn.

— Todas as naves em ação, senhor.

Mas o Grande Almirante aparentemente não o escutou. Ele olhava pelo visor, para as naves da Nova República que se preparavam para enfrentá-los, as mãos juntas nas costas.

— Almirante? — Pellaeon chamou cauteloso.

— São eles — Thrawn disse, enigmático. — Aquela nave, bem à frente, é o *Millenium Falcon.*. E reboca um caça asa-X.

Pellaeon franziu a testa. O brilho do motor mal podia ser visto no meio dos relâmpagos dos canhões-laser em pleno combate, tentando acertar a nave que se afastava de seu alcance. Como poderia identificar a nave?

— Sim, senhor — concordou, em tom neutro. — Líder do escudo relata sucesso na penetração, e a seção de comando do cargueiro escapou para a periferia. Eles encontraram alguma resistência dos veículos de escolta e um esquadrão de caças asa-X, mas, no geral, a reação tem sido fraca e desorganizada.

Thrawn tomou fôlego e desviou o olhar da escotilha.

— Isso vai mudar — avisou a Pellaeon, recuperando o equilíbrio. — Lembre-se de que eles não devem avançar demais, nem perder tempo excessivo nos alvos. E que as naves mineradoras com a tropa de assalto devem se concentrar nos cruzadores estelares calamari. Eles devem levar o maior número de tripulantes. — Os olhos vermelhos brilharam. — E informe que o *Millenium Falcon* está a caminho.

— Sim, senhor — Pellaeon disse, olhando novamente pelo visor, para a nave distante. Rebocando um asa-X? — Não acha que... Skywalker?

O rosto de Thrawn endureceu.

— Logo saberemos — comentou secamente. — Neste caso, Talon Karrde vai se dar mal. Muito mal.

— Cuidado, Rogue Cinco — Wedge alertou quando um disparo de laser passou por ele e atingiu a asa de um caça adiante.

— Um deles nos pegou por trás.

— Já vi — o outro falou. — Pinça?

— Espere o meu sinal — Wedge disse, e outro tiro passou por ele. Bem na frente, um cruzador estelar calamari tentava desajeitadamente se afastar da zona de combate. Uma cobertura perfeita para o tipo de manobra planejado. Juntos, ele e Rogue Cinco mergulharam debaixo dele...

— Agora! — Forçando a aceleração, ele girou bruscamente para a direita. Rogue Cinco fez o mesmo, para o lado esquerdo. O caça TIE que os seguia hesitou entre os dois alvos que se dividiam, por uma fração de segundo. Quando resolveu seguir Wedge, Rogue Cinco o mandou para o espaço sideral com um disparo certeiro.

— Belo tiro — Wedge elogiou, checando a área no monitor. Os TIE estavam por toda parte, mas no momento nenhum deles se encontrava próximo o suficiente para causar problemas.

Cinco também notou isso.

— Estamos livres, por enquanto, Rogue Líder — ele comentou.

— Fácil demais para ser verdade — Wedge comentou. A inércia o levou à frente do cruzador estelar que lhes dera cobertura. Manobrando a nave, iniciou um movimento de espiral para retornar à área principal de batalha.

Ele passava pela fuselagem do cruzador estelar quando notou a pequena nave em forma de cone presa ao casco enorme do cruzador.

Procurou ver melhor. Era um dos cones que acompanhavam os caças TIE, sem dúvida. Preso à ponte do cruzador estelar, como se tivesse sido soldado.

Uma batalha sangrenta se desenrolava adiante. Uma batalha na qual pessoas lutavam e morriam. Mas a intuição alertou Wedge sobre a importância deste fato.

— Fique por aqui mais um pouco — instruiu Rogue Cinco.

— Quero checar uma coisa estranha.

Já se encontrava próximo à popa do cruzador estelar. Ele descreveu uma curva, em espiral...

E repentinamente o espaço se iluminou com o brilho de um canhão-laser, e o asa-X pulou como um cavalo bravio.

O cruzador estelar disparara contra ele.

No seu ouvido, Cinco gritou algo ininteligível.

— Mantenha distância — Wedge alertou, lutando contra a súbita perda de potência e consultando os instrumentos. — Fui atingido, mas não é grave.

— Eles dispararam contra sua nave!

— Sim, eu sei — Wedge disse, tentando realizar uma manobra evasiva com o que lhe restava de controle do asa-X. Felizmente os sistemas voltaram a operar, graças à rápida compensação do dróide R2. E o cruzador estelar parou de disparar contra ele. Ainda bem.

Mas qual o motivo do primeiro tiro? A não ser...

Seu R2 estava ocupado demais com os problemas de navegação para cuidar de qualquer outra tarefa no momento.

— Rogue Cinco, preciso de uma leitura rápida do sensor — pediu. — Onde estão os outros cones?

— Espere, vou conferir. Os monitores mostram... Gozado, eles mostram apenas quinze naves daquelas. A mais próxima a dez quilômetros, em um- um-oito, ponto quatro.

Wedge sentiu um peso no estômago. Quinze, dos cinqüenta que surgiram junto com os caças TIE. E onde estava o resto?

— Vamos verificar isso — ele disse, seguindo uma rota de interceptação.

O cone mais próximo se dirigia a uma fragata de escolta similar ao *Larkhess,* protegido por quatro caças TIE, que tentavam criar uma interferência. Nem precisariam se preocupar, a fragata contava com uma tripulação mínima, como o *Larkhess,* e não reagiria.

— Vamos tentar pegá-los antes que notem nossa presença — disse a Cinco, tentando uma aproximação.

Abruptamente, os quatro caças TIE moveram-se para combatê-los. Nenhuma surpresa.

— Cuide dos dois da direita, Roque Cinco. Eu cuido dos outros.

— Entendido.

Wedge esperou até o último segundo para disparar contra o primeiro alvo, girando para evitar a colisão. O caça passou por baixo dele, e o asa-X pulou ao levar outro tiro. Ele viu que o TIE voltava para pegá-lo...

E, de repente, algo passou por ele, cuspindo fogo de laser e girando numa manobra insana, variação da evasiva que imitava o andar de um bêbado. O caça TIE levou um tiro certeiro e explodiu numa nuvem de gás espetacular. Wedge terminou a curva, e o segundo caça foi atingido por Rogue Cinco.

— Tudo bem, Wedge — uma voz familiar ecoou na cabine. — Foi atingido?

— Estou bem, Luke — ele garantiu. — Obrigado pela ajuda.

— Lá vai ele — Han interrompeu. — Para a fragata. E mesmo uma das naves mineradoras de Lando, sem dúvida.

— Estou vendo — Luke disse. — O que pretende fazer lá?

— Vi um grudado no cruzador estelar que ficou para trás — Wedge disse, seguindo na direção da fragata. — Este aí vai fazer a mesma coisa. Não me pergunte o motivo.

— Vamos impedir, seja lá o que for — Han disse.

— Certo.

Seria uma corrida apertada, mas o minerador venceria, Wedge percebeu. Já começava a virar a base para se unir à fragata.

E pouco antes de completar a manobra, notou o lampejo brilhante entre as duas naves.

— O que foi aquilo? — Luke perguntou.

— Não sei — Wedge respondeu, tentando raciocinar. — Forte demais para ser disparo de laser.

— Era um jato de plasma — Han resmungou, encostando o *Falcon.* — Bem no alto da saída de emergência. Era por isso que desejavam capturar as naves mineradoras. Para furar os cascos...

Ele parou. E, abruptamente, soltou um palavrão.

— Luke, entendemos tudo errado. Eles não querem destruir as naves. Vieram para roubá-las.

Por alguns segundos, Luke apenas olhou fixo para a fragata... e depois as peças do quebra-cabeças se encaixaram. As naves mineradoras, as naves de combate — sem armas nem tripulantes suficientes que a Nova República fora forçada a usar no transporte de carga —, a frota imperial, que não se empenhava em penetrar nas

defesas do sistema...

E o cruzador estelar da Nova República, com o minerador firmemente preso à fuselagem, recém disparara contra o asa-X de Wedge.

Ele percorreu o céu com os olhos. Movendo-se lentamente em meio à batalha furiosa, algumas naves começavam a se retirar.

— Precisamos impedí-los — ele disse aos outros.

— Boa idéia — Han concordou. — Como?

— Existe algum modo de subir a bordo daquelas naves? — Luke perguntou. — Lando disse que era pilotadas por dois homens. Os imperiais não conseguiriam instalar mais do que quatro ou cinco soldados da tropa de assalto dentro delas.

— Quatro soldados seriam suficientes para dominar nossas naves, com a tripulação que as conduz no momento — Wedge declarou.

— Sim, mas eu poderia cuidar deles — Luke disse.

— Em cinqüenta naves diferentes? — Han contestou. — Além disso, se abrir uma escotilha no vácuo, os sistemas de segurança se fecharão em toda a nave. Levará séculos para chegar à ponte.

Luke apertou os dentes. Han tinha razão.

— Precisamos avariá-las, então. Anular os motores ou os sistemas de navegação. Se eles saírem do perímetro e se aproximarem dos destróieres estelares, não teremos mais chance alguma.

— E lá estão eles — Han resmungou. — Bem atrás de nós. Tem razão. Nossa melhor opção é avariar o máximo possível de naves, jamais conseguiremos deter as cinqüenta.

— Ainda não somam cinqüenta — Wedge lembrou. — Doze naves mineradoras não se prenderam a seus alvos, por enquanto.

— Bom. Vamos derrubar estas primeiro — Han disse. — Tem a localização de todas elas?

— Passei a informação para o seu computador.

— Muito bem. Vamos logo. — O *Falcon* girou e mudou seu curso. — Luke, acione o comunicador e alerte o Controle de Sluis Van para o que está acontecendo. Diga para não permitir que nenhuma nave deixe o estaleiro.

— Certo. — Luke acionou os controles do comunicador. E, ao fazê-lo, notou uma ligeira alteração na cabine do *Falcon.* — Han? Está tudo em ordem?

— Como? Claro que sim. Por quê?

— Não sei. Você está diferente.

— Quase tive uma idéia — Han disse. — Mas não sei ainda. Vamos logo, faça o contato. Quero tê-lo de volta nos canhões quando chegarmos.

O contato com o Controle de Sluis se encerrou quando se aproximavam da nave mineradora.

— Eles agradeceram pela informação — Luke avisou os outros. — Mas disseram que não podem enviar auxílio por enquanto.

— Provavelmente não podem mesmo — Han concordou. — Vejo dois caças TIE na escolta. Wedge, você e Rogue Cinco, cuidem deles enquanto Luke e eu derrubamos o minerador.

— Entendido — Wedge confirmou. Os dois asa-X dardejaram pelo visor de Luke, separando-se para interceptar os TIE, que deixaram a formação para enfrentar os atacantes.

— Luke, tente explodir a nave sem desintegrá-la. Vamos ver quantos soldados os imperiais colocaram a bordo.

— Certo — Luke disse. A nave mineradora estava na mira. Diminuindo a potência do canhão, ele disparou.

O cone truncado pegou fogo, e parte da nave se vaporizou. O resto parecia intacto. Luke se preparava para o segundo disparo quando a escotilha se abriu de repente.

E, pela abertura, uma figura monstruosa, como um robô, surgiu.

— O que é?

— Um membro da tropa de assalto em traje espacial — Han revelou. — De armadura antigravidade. Segure-se.

Ele manobrou o *Falcon* para afastar-se do soldado, mas um relâmpago saiu da protuberância existente na parte superior do traje espacial, e o casco da nave de Luke tremeu. Han prosseguiu com a manobra, bloqueando a visão de Luke, quando sofreram novo impacto.

E em seguida afastaram-se, lentos, lentos demais. Luke engoliu em seco, preocupado com os danos.

— Han... Luke... Estão bem? — Wedge estava ansioso.

— Sim, por enquanto — Han respondeu. — Pegou os caças TIE?

— Sim. Mas a nave mineradora escapou, por enquanto.

— Bem, acabe com ela — Han disse. — Não vacile. Arrebente com a nave. Cuidado com o soldado da tropa de choque em traje espacial. Ele usa torpedos de próton em miniatura, ou algo assim. Estou tentando atraí-lo para uma cilada. Não sei se morderá a isca.

— Não vai morder — Wedge disse sério. — Permanece preso ao minerador. Seguem para uma nave de passageiros, e pelo jeito vão conseguir pegá-la.

Han praguejou.

— Deve haver alguns soldados normais lá dentro, também. Bem, só resta um modo de acabar com isso. Segure-se, Luke, vamos atropelar a nave.

— O quê?

As palavras de Luke se perderam no ruído assustador dos propulsores. Han acelerou para dar impulso ao *Falcon,* manobrou com precisão e se colocou na frente da nave mineradora com o soldado em

traje espacial no topo...

Wedge se enganara. O soldado não estava mais agarrado ao minerador. Afastava-se dele. As duas protuberâncias nas costas brilharam novamente, e em segundos o *Falcon* recebeu o impacto de outro torpedo de próton.

— Prepare-se — Han gritou.

Luke agarrou-se à poltrona, tentando não pensar no que aconteceria se um dos torpedos atingisse o ponto da artilharia, nem na possibilidade de Han atropelar o minerador e no processo trombar com a nave de passageiros que estava atrás dele. Ignorando os torpedos de próton, o *Falcon* avançou...

E, sem avisar, Han mergulhou, passando por baixo da nave mineradora.

— Wedge, agora!

Atrás de Luke surgiu o asa-X, disparando alucinadamente seus canhões.

E a nave mineradora foi desintegrada.

— Belo tiro! — Satisfeito, Han passou por baixo da nave de passageiros, quase perdendo o disco do sensor principal do *Falcon* na manobra. — Vamos lá, rapaz, aproveite a visão privilegiada da batalha.

Luke entendeu.

— Ele estava captando nossas transmissões. Você só queria afastá-lo da nave mineradora.

— Claro — Han disse rindo. — Calculei que ele nos escutaria. Os imperiais fazem isso sempre que podem.

Ele parou.

— O que é? — Luke perguntou.

— Não sei — Han respondeu. — Tem algo errado, pressinto isso. Esqueça. O sujeito em traje espacial não vai poder fazer mais nada. Vamos pegar outra nave mineradora.

Ainda bem que eles estavam ali apenas para distrair o inimigo. Os sluissis e seus aliados da Nova República lutavam furiosamente, pensou Pellaeon.

No monitor do *Quimera,* uma seção do escudo mudou para vermelho.

— Ponham o escudo de estibordo em ação novamente — ele ordenou, olhando para o céu naquela direção. Havia meia dúzia de naves de guerra ali, todas disparando alucinadamente. Se os sensores mostrassem que o escudo de estibordo do *Quimera* apresentava problemas...

— Turbolasers de estibordo, centrem o fogo na fragata de assalto, em trinta e dois ponto quarenta — Thrawn falou calmamente. — Concentrem-se no setor de estibordo da nave.

Os artilheiros do *Quimera* obedeceram, despejando toda a potência dos canhões. A fragata de assalto tentou manobrar, mas a lateral a estibordo não escapou. Todo o armamento do setor, que disparava furiosamente, silenciou.

— Excelente — Thrawn comentou. — Equipes de tração: prendam a nave e a tragam para perto de nós. Mantenham a fragata entre nossos escudos danificados e o inimigo. Conservem a face estibordo deles voltada para nós. O lado bombordo ainda deve ter armas e homens ativos.

Contra sua vontade, a fragata de assalto começou a se aproximar. Pellaeon a observou por um momento, depois concentrou-se nos aspectos gerais da batalha. Confiava que os sistemas de tração e seus operadores agiriam com competência. Eles demonstraram, nos últimos tempos, um aumento sensível da performance.

— Esquadrão de caça TIE Quatro, persiga o grupo de caças asa-B — instruiu. — Canhão de íons de bombordo, aumente a pressão sobre o centro de comando. — Ele olhou para Thrawn. — Alguma instrução específica, almirante?

Thrawn balançou a cabeça.

— Não, a batalha se desenrola conforme o planejado. — Fixou os olhos brilhantes em Pellaeon. — Algum comunicado do líder do escudo?

Pellaeon consultou o monitor.

— Os caças TIE ainda enfrentam as naves de escolta. Quarenta e três naves mineradoras conseguiram sucesso na tentativa de capturar os alvos. Destes, trinta e nove foram dominados, e as naves seguem para o ponto determinado. Quatro enfrentam resistência interna, mas calculam que a vitória não tarda.

— E os oito restantes?

— Foram destruídos — Pellaeon informou. — Incluindo dois com homens em trajes espaciais. Um deles não responde ao chamado, deve ter sido alvejado. O outro ainda resiste, no espaço. O líder do escudo ordenou que se junte ao grupo para atacar as naves de escolta.

— Altere esta ordem — Thrawn disse. — Sei que a tropa de assalto é eficiente, mas os trajes espaciais não foram feitos para combate contínuo. Peça ao líder do escudo para destacar um caça TIE para escoltá-lo de volta. E informe que os caças devem recuar.

Pellaeon franziu a testa.

— Agora, senhor?

— Isso mesmo, agora. — Thrawn apontou para fora. — Nossas novas naves começarão a chegar em quinze minutos. Assim que estiverem protegidas, a força-tarefa baterá em retirada.

— Mas...

— As forças Rebeldes dentro do perímetro não importam, capitão

— Thrawn disse satisfeito. — As naves capturadas estão a caminho. Com ou sem cobertura dos caças TIE, não há nada que os Rebeldes possam fazer para recuperá-las.

Han aproximou o *Falcon* dos propulsores da fragata ao máximo, sentindo os trancos na nave, conforme Luke disparava os canhões.

— Conseguiu? — perguntou, quando passaram para o outro lado.

— Está meio difícil — Luke disse. — A blindagem é muito forte nos dutos de refrigeração.

Han olhou para a fragata, praguejando. Eles se aproximavam demais da área de batalha.

— Isso não vai dar certo. Deve haver um outro modo de pegar uma nave deste porte.

— O único jeito é usar outra nave de grande porte — Wedge disse. - Você tem razão, não vai adiantar nada insistir.

Han ficou tenso.

— Artoo? Ainda está no ar? — chamou. O dróide bipou no corredor.

— Analise os sistemas novamente. Veja se encontra algum ponto fraco.

Artoo bipou outra vez, pessimista.

— Ele não vai encontrar nada, Han — Luke disse. — Não creio que tenhamos outra escolha. Serei forçado a sair e usar o sabre-laser.

— Isso é loucura, e você sabe. Sem um traje espacial, debaixo de uma chuva de líquido do sistema de refrigeração...

— E se usarmos um dos dróides — Wedge sugeriu.

— Nenhum deles seria capaz de fazer isso — Luke falou. — Artoo não tem a destreza necessária, e não confiaria uma arma a Threepio. Principalmente com as manobras bruscas que estamos realizando.

— Precisávamos de um braço manipulador com controle remoto — Han disse. — Algo que Luke pudesse usar aqui dentro...

Ele parou. Um lampejo de inspiração o atordoou. Sim, esta era a resposta, a intuição que o atormentava desde o início daquela batalha maluca.

— Lando — chamou pelo intercomunicador da nave. — Lando! Venha já até aqui.

— Eu o amarrei — Luke lembrou.

— Então vá até lá soltá-lo. Agora! — Han disparou. Luke não perdeu tempo com indagações.

— Certo.

— O que foi? — Wedge perguntou aflito.

— Estávamos em Nkllon quando os imperiais roubaram as naves mineradoras de Lando — Han contou. — Precisamos reordenar nossas comunicações para evitar o embaralhamento.

— E daí?

— Por que eles interferiram em nossas comunicações? — Han perguntou. — Para evitar que pedíssemos ajuda? Para quem? Não interferiram em nosso rádio aqui, percebeu?

— Desisto — Wedge disse, soando impaciente. — Por quê?

— Porque precisavam. Porque...

— Porque as naves mineradoras em Nkllon eram operadas a distância, pelo rádio — uma voz cansada completou, atrás dele.

Han virou-se e viu Lando, que entrava na cabine, cauteloso porém decidido. Luke estava atrás dele, segurando seu braço.

— Ouviu isso? — Han perguntou.

— A parte interessante, com certeza — Lando disse, acomodando-se na poltrona do co-piloto. — Lamento não ter pensado nisso antes.

— Eu também. Lembra-se dos códigos de comando?

— Da maioria — Lando disse. — O que pretende?

— Não temos tempo para truques muito sutis — Han disse, apontando para a fragata abaixo deles. — As naves mineradoras estão grudadas nas naves de guerra. Vamos acioná-las.

Lando o encarou surpreso.

— Acioná-las? — repetiu.

— Isso mesmo — Han confirmou. — Nós as usaremos perto da ponte, ou do sistema de navegação. Se derreterem o equipamento ou os cabos, a naves principais serão suficientemente avariadas, e não poderão prosseguir.

Lando suspirou audivelmente, balançando a cabeça, confuso. Mas aceitara a idéia.

— Você é quem manda — disse finalmente, posicionando-se no controle. — Espero que saiba o que está fazendo. Pronto?

Han preparou-se.

— Pronto.

Lando digitou o código...

E debaixo deles a fragata tremeu.

Não tremeu muito, no início. Mas, conforme os segundos transcorreram, ficou claro que havia algo errado. Os propulsores principais falharam, antes de apagar. Os auxiliares pegaram fogo. A nave diminuiu a velocidade, as luzes piscaram, e ela mudou a rota, perdida no espaço, quase parando.

De repente, o casco do lado oposto do minerador se rompeu em chamas.

— Foi cortada de lado a lado! — Lando exclamou, sem saber se deveria ficar contente ou desesperado com o resultado. Um caça TIE, talvez em resposta a um chamado da tropa de assalto, passou direto pela torrente de plasma superaquecido. Saiu do outro lado, em chamas, e explodiu.

— Funciona — Wedge disse, espantando. — Olhem.

Han olhou para o cenário da batalha. Por toda a parte, na área de órbita das docas, as naves que seguiam para o espaço exterior começaram a se desviar, e parar como animais metálicos nos estertores da morte.

Em todas elas, línguas de fogo projetavam-se pelas laterais.

Por um longo tempo Thrawn permaneceu em silêncio, consultando os monitores, obviamente alheio ao desenrolar da batalha. Pellaeon prendeu a respiração, esperando a inevitável explosão de fúria e orgulho ferido com a inesperada reversão de expectativas. Imaginava que forma assumiria aquela explosão.

Abruptamente, o Grande Almirante ergueu os olhos para o visor.

— Todos os caças TIE do escudo retornaram às naves, capitão? — perguntou calmamente.

— Sim, senhor — Pellaeon respondeu, ainda aguardando a fúria do almirante se manifestar.

Thrawn balançou a cabeça.

— Ordene que a força-tarefa inicie a retirada.

— A... retirada? — Pellaeon repetiu cauteloso. Não era a ordem que antecipara.

Thrawn o fúzilou com o olhar e um leve sorriso.

— Esperava que eu ordenasse um ataque maciço? E procurasse ocultar nossa derrota com uma fútil demonstração de heroísmo frenético e inútil?

— Claro que não — Pellaeon protestou.

Mas no fundo ele sabia que seu comandante percebera a verdade.

Thrawn conservou o sorriso, e disse friamente:

— Não fomos derrotados, capitão — ele comentou em voz baixa. — Nossos planos sofreram um ligeiro atraso, apenas. Temos Wayland, e os tesouros do depósito do Imperador. Sluis Van representou apenas a fase preliminar da campanha, e não a campanha propriamente dita. Enquanto contarmos com o monte Tantiss, nossa vitória final está assegurada.

Olhou pelo visor, pensativo.

— Perdemos esta presa, capitão. Mas foi só. Não desperdiçarei nossas naves e homens tentando mudar o que não pode mais ser mudado. Haverá outras oportunidades para capturar as naves que precisamos. Cumpra as ordens.

— Sim, almirante. — Pellaeon concentrou-se nos comandos, aliviado. Não haveria ataque de raiva, afinal de contas. Sentindo-se culpado, admitiu que deveria ter previsto isso desde o começo. Thrawn não era um mero soldado, como tantos outros comandantes a quem Pellaeon servira no passado. Tratava-se de um guerreiro de verdade, com a mente voltada para os objetivos finais, e não para sua glória pessoal.

Dando uma última olhada pelo visor, Pellaeon emitiu as ordens de retirada. E imaginou, mais uma vez, qual teria sido o desfecho da Batalha de Endor, se Thrawn estivesse no comando.

32

Mesmo depois da retirada da frota imperial, ainda demorou um certo tempo para que a batalha se encerrasse oficialmente. Mas a partida dos destróieres estelares não deixou margem a dúvidas quanto ao desfecho.

Os soldados da tropa de choque regular foram mais fáceis de derrotar. Muitos já estavam mortos quando Lando ativou os mineradores, rompendo o isolamento das naves, e os expôs ao vácuo. Os restantes não ofereceram muita resistência. Sobraram os oito que usavam trajes espaciais, com armaduras que lhes permitiam combater mesmo depois da destruição das naves. Estes deram mais trabalho. Ignorando todos os apelos para que se rendessem, eles zumbiram pelas docas, dispostos a causar o máximo de danos antes do inevitável. Seis foram caçados e abatidos; os outros dois acionaram seus mecanismos de autodestruição, e um deles avariou uma Corveta no processo.

Deixaram para trás uma imensa confusão no estaleiro e nas docas... além de grande número de naves importantes danificadas.

— Eu não diria que obtivemos uma vitória espetacular — o capitão Afyon resmungou, observando os danos na ponte do *Larkhess* pela escotilha selada, ajustando o capacete ajustado à sua cabeça. — Precisaremos de pelo menos dois meses para reparar apenas a fiação dos controles.

— Preferia que os imperiais os tivessem levado intactos? — Han perguntou atrás dele, tentando ignorar os sentimentos contraditórios quanto ao desfecho. Sim, eles conseguiram... Mas e o custo?

— Claro que não — Afyon retrucou calmamente. — Vocês agiram do modo correto. E eu aprovaria o gesto, mesmo que meu pescoço não estivesse em risco. Só repito os comentários gerais. Danificar as naves para salvá-las não foi a solução ideal.

Han olhou para Luke.

— O senhor fala como o conselheiro Fey'lya — Han acusou. O outro concordou.

— Exatamente.

— Bem, felizmente Fey'lya não passa de uma voz isolada — Luke opinou.

— Uma voz estridente, porém — Han lembrou acidamente.

— E uma voz que começa a penetrar na mente de muitas pessoas — Wedge completou. — Inclusive de muitos militares importantes.

— Ele dará um jeito de usar este incidente para obter dividendos políticos — Afyon resmungou. — Esperem e verão.

Han foi interrompido por um sinal do intercomunicador. Afyon deu um passo à frente e acionou o interruptor.

— Afyon falando.

— Controle de Sluis — retrucou a voz. — Temos uma mensagem

de Coruscant para o capitão Solo. Ele está aí?

— Bem aqui — Han respondeu, aproximando-se do comunicador. — Prossiga.

Depois de uma pequena pausa, uma voz familiar, saudosa, disse:

— Han? Aqui é Leia.

— Leia! — Han falou, um tanto envergonhado pelo amplo sorriso que se estampou em sua face. Logo em seguida, porém... — Espere aí! O que você está fazendo em Coruscant?

— Resolvi aquele nosso problema, acho — Leia explicou. A voz, ele notou, soava tensa e preocupada. — Pelo menos por enquanto.

Han trocou olhares com Luke.

— Você acha?

— Bem, agora isso não tem importância. Vocês precisam voltar para cá imediatamente.

Han sentiu um peso no estômago. Se Leia estava preocupada assim...

— O que aconteceu?

Ele ouviu quando Leia tomou fôlego.

— O almirante Ackbar foi preso e removido de seu comando. Acusado de traição.

A sala mergulhou num silêncio mortal. Han olhou de novo para Luke, Afyon e Wedge. Mas eles não disseram nada.

— Voltarei assim que puder — disse a Leia. — Luke está aqui conosco. Quer que ele nos acompanhe?

— Sim, se ele puder. Ackbar precisará do apoio de todos seus amigos.

— Certo — Han disse. — Entre em contato com o *Falcon,* se houver alguma novidade. Vamos voltar para Coruscant.

— Estou esperando. Eu te amo, Han.

— Eu também.

Ele desligou o rádio e dirigiu-se aos outros:

— Bem, lá vamos nós outra vez. E você, Luke? Luke olhou para Wedge.

— Seu pessoal já consertou o asa-X?

— Ainda não — Wedge respondeu. — Mas já foi oficialmente colocado no topo da lista de prioridades. Estará pronto para decolar em duas horas. Mesmo que eu precise emprestar os acionadores da minha nave.

Luke olhou para Han.

— Irei para Coruscant em minha própria nave, portanto. Preciso apenas tirar Artoo do *Falcon.*

— Certo. Vamos, então.

— Boa sorte — Afyon disse em voz baixa, atrás deles.

E lá iam eles de novo, pensou Han enquanto corria pelo corredor,

em direção ao *Falcon*. Se Fey'lya e sua facção agissem além da medida... E, pelo que conhecia de Fey'lya, era isso que iria fazer.

— Estamos à beira de uma guerra civil — Luke murmurou.

— E, mas não vamos deixar que isso aconteça — Han disse com uma certeza que não sentia. — Não ganhamos uma guerra só para deixar um bothano ambicioso estragar tudo.

— E o que faremos para detê-lo? Han sorriu.

— Sei lá. Vamos pensar em alguma coisa.

Continua…